ERNANI SÁTYRO

OBRAS COMPLETAS

4/25

O QUADRO-NEGRO

Romance

3a. edição

Estudos de Virgínius da Gama e Melo, Pessoa de Morais, Almeida Fischer, Adonias Filho, José Lins do Rego, Temístocles Linhares, Olívio Montenegro, Joel Pontes.

Biografia do Livro "O Quadro-Negro" por Ernani Sátyro.

1994
Fundação Ernani Sátyro
Patos - Paraíba

Edição comemorativa do quadragésimo aniversário do lançamento de **O Quadro-Negro**.

ESTADO DA PARAÍBA
SECRETARIA DA EDUCAÇÃO E CULTURA

Governador do Estado
Cícero Lucena Filho

Secretário da Educação e Cultura
Sebastião Guimarães Vieira

Sub-Secretária da Educação e Cultura
Elizabeth de Figueiredo Marinheiro

Fundação Ernani Sátyro
Instituía pela Lei n. 5.048, de 21 de junho de 1988

Presidente
Emília Longo da Silva Fernandes

Secretária Executiva
Maria de Lourdes de Oliveira

Diretora do Departamento de Programação Cultural
Maria Gorete de Almeira Pereira

Diretora do Departamento de Pesquisa
Josecira Maria Gomes Agripino

Diretora da Biblioteca
Maria de Lourdes Torres

Diretora do Arquivo
Maria dos Anjos Meira dos Santos.

Cronologia de Ernani Sátyro

Flávio Sátiro Fernandes

1911 - Nasce a 11 de setembro, na cidade de Patos, Estado da Paraíba, filho de Miguel Sátyro e Sousa e Capitulina Ayres Sátyro e Sousa.

1915 - Ano da campanha epitacista,em que o futuro Presidente da República retoma a chefia política do Estado."Dessa campanha datam as minhas primeiras recordações da infância", diria, adulto, Ernani Sátyro.

1916 - Inicia os estudos primários em sua cidade natal, durante os quais é aluno, entre outros, dos professores Alfredo Lustosa Cabral, Maria Nunes, Renato de Alencar, Severino Correia de Oliveira e de Rafael Correia de Oliveira,que será, anos depois, seu colega na Câmara dos Deputados.

1924 - No dia 19 de março, parte para João Pessoa, em companhia do pai, a fim de estudar, como interno, no Colégio Diocesano Pio X.

1927 - Matricula-se no Liceu Paraibano, onde faz os chamados estudos preparatórios.

1929 - Em nome dos alunos do Liceu Paraibano, saúda, em 30 de outubro, a caravana de universitários da Aliança Liberal, que percorre o país, em campanha política.

1930 - Ingressa na Faculdade de Direito do Recife.

1932 - Inicia-se no jornalismo, atuando na redação do Diário de Pernambuco, em que passa a publicar ensaios.

1933 - É eleito Presidente do Diretório Acadêmico, tomando posse em 23 de maio.

- Conclui o curso de Bacharelado em Direito, colando grau em 7 de dezembro.

1934 - Em 21 de junho, morre Miguel Sátyro e Sousa, seu pai.

- Elege-se Deputado à Assembléia Constituinte Estadual, na eleição de 14 de outubro, pela legenda do Partido Libertador.

1935 - Instalação, em 24 de janeiro, da Assembléia Constituinte Estadual.

- Casa-se, em 27 de julho, com D. Antonieta Agra Cavacalcanti, da sociedade campinense, filha de Horácio de S. Cavalcante e Sidrônia Agra Cavalcante.

1936 - Através de carta ao deputado Antonio Botto de Menezes, desliga-se do Partido Libertador, pelo qual fora eleito Deputado à Assembléia Constituinte Estadual.

- Sofre um atentado, à bala, em uma das ruas da cidade de Patos.

1939 - É nomeado Chefe de Polícia, tomando posse em 1º de julho.

1940 - É nomeado Prefeito de João Pessoa, tomando posse em 10 de julho e exonerando-se em 29 do mesmo mês, com a queda do Interventor Argemiro de Figueiredo.

- Com a exoneração do cargo de Prefeito de João Pessoa e desligamento das hostes governistas, fixa residência em Campina Grande, onde monta movimentada banca de Advogado.

1943 - Publica a plaqueta intitulada *O Novo Conceito da Legítima Defesa.*

1945 - A 2 de dezembro, elege-se Deputado à Assembléia Nacional Constituinte, pela legenda da União Democrática Nacional, quando obteve 6.759 votos.

1950 - A 3 de outubro elege-se, pela segunda vez, Deputado Federal pela Paraíba, obtendo 12.365 sufrágios.

- Inicia intensa atividade literária, publicando numerosos ensaios em suplementos literários de jornais cariocas, notadamente, Tribuna da Imprensa, Diário Carioca e Diário de Notícias.

1954 - A 3 de outubro elege-se, pela terceira vez, Deputado Federal, com 13.010 votos.

- A Livraria José Olympio Editora publica seu primeiro romance, *O Quadro Negro.*

1958 - Elege-se, a 3 de outubro, pela quarta vez, Deputado Federal.

- A Livraria José Olympio Editora publica seu segundo romance, *Mariana.*

1961 - Elege-se Secretário-Geral da União Democrática Nacional (UDN), na Convenção Nacional do Partido, realizada em Recife, na qual é escolhido Presidente da agremiação o deputado Herbert Levy.

1962 - Elege-se, pela quinta vez, a 3 de outubro, Deputado Federal, obtendo 9.899 sufrágios.

1963 - Assume, em 3 de agosto, a cadeira de nº 32, da Academia Paraibana de Letras, que tem como patrono Carlos Dias Fernandes, sendo saudado pelo Acadêmico Ivan Bichara Sobreira.

- Morre, a 17 de outubro, D. Capitulina Ayres Sátyro e

APRESENTAÇÃO

O ano de 1994 assinala o quadragésimo aniversário do aparecimento do romance *O Quadro-Negro*, de Ernani Sátyro, tão auspiciosamente recebido pela crítica especializada.

O acervo de apreciações feitas em torno do livro, na ocasião de seu lançamento, é vasto, valendo assinalar as manifestações de Olívio Montenegro, Temístocles Linhares, Adonias Filho, Joel Pontes, José Lins do Rego, Carlos Drumond de Andrade, João Guimarães Rosa, Sérgio Milliet, João Clímaco Bezerra, Luiz Delgado, Mauro Mota, Nilo Pereira, Amando Fontes e tantos outros.

Quando do surgimento da segunda edição do romance, outros pronunciamentos foi possível ler na imprensa, sem falar na primorosa Introdução escrita por Virgínius da Gama e Melo para a 2a. edição.

No instante em que se comemoram os 40 anos deste livro, a Fundação Ernani Sátyro decide reeditá-lo, desta vez incluído nas OBRAS COMPLETAS do autor, as quais, por solicitação da Presidência da entidade, cabe-me organizar.

A terceira edição de *O Quadro-Negro* não poderia ser uma edição normal. A ela, segundo entendo, haveriam de se juntar algumas das apreciações feitas por eminentes críticos que o saudaram quando de seu aparecimento e quando do surgimento de sua segunda edição. Daí, deliberei fazer preceder o romance dos textos assinados por Adonias Filho, José Lins do Rego, Temístocles Linhares, Olívio Montenegro, Joel Pontes, além de Virgínius da Gama e Melo, Pessoa de Morais e Almeida Fischer. Estes três últimos assinalam, sobremodo, a permanência de *O Quadro-Negro*, como romance capaz de resistir ao tempo, o que, com certeza, pode ser reafirmado, hoje, decorridos quarenta anos de seu lançamento.

Finalmente, incluí nesta edição um texto escrito por Ernani Sátyro, especialmente para os ARQUIVOS IMPLACÁVEIS, de João Condé, e publicado na revista **O CRUZEIRO,** narrando a "biografia" do livro.

O QUADRO NEGRO

Virgínius da Gama e Melo

O TEMPO, "o grande mestre de verdade", agora já passados quase vinte anos do seu aparecimento, situa *O Quadro-Negro* em níveis de permanência próprios apenas de obras marcantes. É livro dos mais sérios em feitura, intenção e análise.

Não será talvez daqueles que se projetam em outras obras, que dão origem a outros romances, a exemplo dos livros de Alencar ou dos contos regionais de Afonso Arinos, perniciosamente criadores de imitações. Falta a *O Quadro-Negro*, ou melhor, faltou, essa projeção extensiva.

Fica-lhe a outra, entretanto, que tudo na vida é compensação. Fica-lhe a importância de ser um dos melhores romances de nossa literatura, do grupo dos que resistem com vigor a uma crítica, a uma depuração de valores. Poucos romances terão, entre nós, um tal nível de arte e construção.

Isto, como todo resto, afinal, vem de sua atitude, sua posição no momento em que é concebido, criado. O romance de Ernani Satyro surge quando há um absoluto domínio do romance nordestino, em sua fase mais nitidamente documentária e paisagística. O próprio crítico do Nordeste, autoridade completa na vivência do assunto, que foi Olívio Montenègro, falava, a propósito do livro de Ernani, que ele abandonara as "vidas secas" que estavam asfixiando, pela repetição, a literatura nordestina.

O romance nordestino foi, antes de tudo, panorama. Quase sempre rural, mas também urbano. A mata de José Américo e a cidade de Areia se confundem em *A Bagaceira*. Os personagens de José Lins do Rego preparam-se no campo, reúnem forças e dramas para explodir na cidade. Como atores que deixam os bastidores e entram no palco. A repercussão na cidade cria o tom épico de suas figuras. Graciliano Ramos utiliza, embora de forma diferente, os mesmos planos. Amando Fontes, leva *Os Corumbas* pelas ruas de Aracaju. E Rachel de Queiroz faz, quase tudo em Fortaleza, um romance da seca. Jorge Amado começa em *O País do Carnaval*. Não somente urbano, também cosmopolita.

O caráter social do romance nordestino, aquela visão da pobreza ambiente, mais pobre ainda quando rural, passou a lhe dar uma característica geográfica aceita geralmente como exata quando era apenas acidental. A verdade é que se o romance dessa época e dessa área tinha vinculações mais ou menos rurais, não lhe era isso a

qualidade dominante. Os personagens transitavam do campo para a cidade.

Ocorria apenas que a cidadezinha do interior era um primeiro passo para a capital. Veja-se Jorge Amado, quando não é Salvador, é Ilhéus; campo mesmo só em *Cacau* e parte de *Terras do Sem Fim*. E é romancista de obra mais numerosa. Em Amando Fontes leva-se todo o interior, coletivamente, para Aracaju. O mesmo na Fortaleza de Rachel de Queiroz.

O paisagismo desses romances, ou melhor, sua visão panorâmica, o descritivo excessivo, a insistência na apresentação do meio ambiente, objetivava um retrato fiel da terra. Um território que o modernismo paulista, sem falar na literatura convencional anterior a esse movimento, leva para dois caminhos falsos ou falsificadores - para um primitivismo impossível e, em parte, ridículo, pelo exagero de concepção um tanto anárquico; e um cosmopolitismo inventado em São Paulo como se estivéssemos em Paris, Londres.

Ora, o que se fazia, no Nordeste, era a apresentação do território brasileiro. Um território que, curiosamente, se contrapunha ao realismo dos personagens. As criaturas, embora diminuídas, isto é, selecionadas entre os grupos mais rudes, possuem suas tonalidades românticas. E o território, que lhes serve de palco, se engrandece de beleza - seja para emoldurar suas ações, seja para contrastar com o desenvolvimento da ação. Uma natureza, não somente existente, muitas vezes atuante.

Havia, então, uma predominância do panorama, da visão territorial, numa amplitude que levava à definição duma característica ruralista. Um processo de origem, de formação, que se transformava, quando analisado, em tendência fulminante. E havia mesmo. Havia esse panorama de interior, rural, como eterno pano de fundo que se não colocava apenas como suporte dos personagens, absorvia-os também.

Era o predomínio da literatura sociológica. Uma última conquista da terra - sua vingança. Descoberta, colocada no realismo de sua existência, para ainda mais se destacar, artisticamente, era freqüentada e vivida por seres, embora homens, os mais primitivos, quase como à sua imagem e semelhança. Daí que ela fosse imagística, grande, literariamente grandiosa. Os homens, reduzidos a uma existência quase vegetativa, equiparavam-se aos bichos como surgirá vibrante no Graciliano Ramos de *São Bernardo* e *Vidas Secas*.

Não eram os bichos que se elevavam aos homens, estes é que se aproximavam daqueles, bestializavam-se pelo menos em relação às formas de vida mais vegetativas. *Vidas Secas* deixavam de ser matéria para título de romance. Coletivizavam-se definidoramente para uma existência sem graça, com plena e progressiva redução do humano. Este cada vez ficava menos individualizado, menos característico da personalidade, refletindo as qualidades apenas do grupo.

O processo de criação de um novo romance, em termos lógicos de evolução literária, estava naturalmente no exercício, ou melhor, na

escolha de um novo tipo de romance que, desligando o homem da terra, de sua influência avassaladora, pudesse examiná-lo e vivenciá-lo como homem, com suas paixões, virtudes e defeitos humanos. Nào mais como projeção ecológica, reflexo duma situaçào geográfica. Para isso teria que diminuir seguramente a presença da terra, pelo menos naquilo que fora a base, o pano de fundo do romance nordestino - o panorama.

Um desligamento total com a imagística de Euclides da Cunha, a natureza ainda em fase de criação, criando o homem, a terra, a vida. Aquela natureza e aquele homem que se derramavam no romantismo épico de Jorge Amado ou no romantismo melancólico, até trágico, de José Lins do Rego. Aqueles personagens marcados pelos seus mundos e portadores desses mesmos mundos.

Não que o romance nordestino estivesse esgotado. Não estava. Como não está. A evolução natural da literatura, o ciclo artístico, que não pára, exigia, entretanto, a renovação. E esta só poderia vir (como veio) através de caminhos mais ou menos exatamente opostos ao que se vinha fazendo até então.

Se o que se vinha fazendo era literatura sociológica, cumpria fazer a psicológica. O grande passo, em virtude do predomínio do panorama, era evitar o descritivo paisagístico. E, dentro da paisagem, reduzir os elementos ecológicos, libertando o homem para uma dimensão além de sua região.

Outra posição não tinha o romance *O Quadro-Negro*, e numa entrevista a Murilo Melo Filho, para jornal carioca, Ernani Satyro esclarecia que o seu interesse, ao escrever o livro, fora o ser humano. Era o que lhe interessava - o homem. Mas não o homem apenas homem - o ser humano. Eis o que faltou acentuar, embora claro, no romance.

A própria estrutura do romance, a escolha da forma do diário, era um recurso para fugir ao sociologismo paisagístico que se tornara uma constante do romance nordestino. Talvez não apenas dele, mas de toda litaratura sobre o Nordeste. Euclides da Cunha, nesse sentido, é um oceano.

Explica Ernani Satyro noutra entrevista:

> O meu romance, em forma de diário, foi para fugir à tirania das paisagens do Nordeste. Não encontrei outro meio de esquivar-me à sugestão do descritivo, para o qual me sentia arrastado, com sacrifício talvez de tudo quanto eu precisava dizer da natureza de meus personagens.

Interessavam, portanto, os personagens, a natureza do ser humano, além de sua dimensão sociológica, ecológica, regional. O que se buscava era a análise desse ser múltiplo, contraditório, bem mais vivo e palpitante que o esquema de reações coletivas já consagrado pela literatura anterior. Nem o homem-grupo, nem o homem-indivíduo. Somente o ser humano.

O próprio elemento exterior - terra, paisagem, pequena cidade, gente, bichos - tudo se subordina ao espírito do ser personagem que se narra e se analisa:

> Para mim só tem importância o que acontece dentro de mim mesmo.

No outro romance, o que tinha importância era o que acontecia do lado de fora do personagem, o que ocorria no mundo exterior - a seca, principalmente. Ou o desequilíbrio econômico criado pela introdução de novas formas de produção - a usina substituindo o engenho, a fábrica atraindo os rurais para o proletariado. A existência determinada pela forma do trabalho, condicionado por razões materiais. Eram "filhos do chão nutridos do chão", como diziam os gregos.

Anos antes, *As Confissões do Meu Tio Conzaga*, de Luís Jardim, tinham aberto o caminho do romance psicológico na área do Nordeste. E como o livro de Ernani Satyro, passava-se quase todo em cidade pequena. Mas Jardim é um paisagista. A terra, em sua visão panorâmica, leva-o a descritivos de rara beleza e funda ternura. A terra molhada, fecunda, a festa das árvores, da grama brilhante. Luís Jardim espraia o olhar nesses festejos. E também descreve a invasão das águas, a cidade empapada, virada lama.

O descritivo de Ernani Satyro procura ser o mais seco e contido. Uma sua descrição de inverno é menos pincelada que riscada. São traços, linhas, as rotundidades desaparecidas. Até o rio não o prefere na cheia, pulando das margens, espalhando-se pelos campos, indo longe em seu poder de ser despertado dum repouso tão longo. Não, o seu rio é o depois da cheia, o que apresenta a água calma, o leito lavado, de espumas escamadas.

Não há, entretanto, uma insensibilidade para com a natureza, o que seria impossível para um nordestino. Apenas uma disciplina de estrutura em virtude da manifestada intenção - "para mim só tem importância o que acontece dentro de mim mesmo".

Daí a forma do diário que lhe proporciona a melhor medida para a auto-análise e para a análise dos outros, que só valem pelo que lhe significam ou provocam. A forma preferida, assim, constitui uma filosofia de vida, uma posição racional que procura racionalizar a vida, embora reconhecendo, afinal, sua soberania:

> Não nos adianta indagar se a vida é boa ou má, quando estamos, de qualquer modo, dispostos a vivê-la.

O diário entretanto, é uma paralisação indireta da vida. O registro, a anotaçào do que houve, é uma parada no ato de viver. E tanto que, em certas ocasiões, o memorialista apressa-se em registrar o acontecido, a buscar no papel uma forma de fazer história, marcando o tempo que se esvai.

Até *que ponto*, entretanto, esse memorialista poderá fazer história? É nesse sentido que o romence de Ernani Satyro caminha para uma categoria superior, através da dubiedade inicial, aquela ambigüidade que se verá depois intencionalidade disfarçada. Machadiano, lembraria a indecisão das opiniões, num jogo de contraponto, em que o homem das *Memórias Póstumas de Brás Cubas* era mestre. Convém recordar que, certa vez, organizando uma lista dos dez melhores livros brasileiros, Ernani Satyro colocou aquele romance de Machado de Assis em primeiro lugar.

Um escritor, afinal, tem suas fontes, seus amigos de espírito que lhe marcaram muitas noites e ficaram na alma. As nossas leituras nos acompanham toda a vida e nos deixam essa marca sensível dos autores preferidos. Ernani Satyro, em uma entrevista, fez indicação de alguns deles - Cervantes, Dante, Dostoiévski, Stendhal, Machado de Assis, Eça.

Do Eça, no seu romance, aparece uma citação. Dos outros, talvez a malícia da frase lembre Machado de Assis. A malícia dubitativa. O dito por não dito. Mas só. Pois que Machado se ficava na linguagem enquanto em *O Quadro-Negro* a dubiedade é eliminada pela seqüência dos acontecimentos.

Aqui, o comentário, soberano em Machado, é reduzido pela seqüência, pelo passo que se vai dar adiante. O passo atrás, característico do mestre sutil de Brás Cubas, não aparece em *O Quadro-Negro*. Aqui não há sutilezas virtuosísticas, o que pretende Ernani Satyro é a luminosidade meridiana. Tudo claro, racional, positivo, lógico. Bacharel em Direito e, considerando-se a época de sua formação cultural, lembra a simples pureza clássica dos ensaios de Montaigne. Mas de um Montaigne posterior a Stendhal, ao romance psicológico, a tudo que se vem criando como revelação do mistério em torno da natureza do homem.

A natureza do homem... e aqui o personagem Paulo Márcio, sem prejuízo de sua tessitura particular, do específico que há nele, teria de sua tessitura particular, do específico que há nele, teria um caráter simbólico. Talvez mais que isso, seria um campo de experimentação, em que experimentava os outros e experimentava a si próprio. Senhor dos cordões. Nesse poderio de senhor dos cordões penetrava em plena ficção. É uma das anotações finais, na *Quarta-feira, 2 de julho*. Informa:

> Já resolvia a situação fianceira de Fábio Noronha. Resolvia na minha imaginação, é claro. Eu agora estou assim. Posso não ter capacidade de ação para dirigir os acontecimentos, mas transformo, cá no meu palco interior, as realidades humanas em fantoches, e haja poder. É o poder do senhor dos cordões. Já se pensou bastante na felicidade de ser o senhor dos cordões?... É só fechar os olhos e abrir a imaginação.

As soluções imaginativas são, evidentemente, a matéria-prima da ficção. Às vezes as situações, que se supõem criadas pela seqüência ou pelas exigências narrativas, são apenas resultantes de palavras, das circunstâncias de continuidade da linguagem. E é isso o que separa efetivamente a ficção literária da realidade da vida. Quando o processo literário se desprende da vida vivida e entra para aquela "experiência de vida imaginada", matéria essencial da ficção.

Em *O Quadro-Negro* a experiência da vida vivida, quer dizer, os termos reais do romance, como seus episódios e acontecimentos, está permanentemente reduzida pela análise do personagem narrador, o comentário, verdadeiras anotações à margem ou ao pé de página, logo seguida da análise do próprio comentário e, não raro, da crítica da própria linguagem. Nisto, chega a soluções pitorescas para o desenvolvimento narrativo, a exemplo da que ocorre na anotação da parte *Noite do Domingo*, 30, que termina com as seguintes palavras: "não vou, está decidido". A página que se segue do diário, evidentemente, é o *Primeiro de Outubro, Segunda-feira*. Começa desta maneira: "Ficam valendo as palavras finais do dia de ontem, tirada a negativa. O certo é que vou à casa do major Gabriel". Na parte da *Noite* do mesmo dia, escreve: "não fui".

A linguagem, aqui, dosada com habilidade, sintética e precisa em sua simplicidade, acentua a crítica da vontade que se faz o próprio personagem. Claro que nessas anotações, continuando-as, ele acrescenta suas razões, suas justificativas. Mas não serão elas mais reveladoras que os três inícios quanto à personalidade do narrador Paulo Márcio.

Vale, agora, entender o personagem em sua função de auto-crítica e auto-análise. Ele exerce essas duas funções com uma amplitude que se não restringe, evidentemente, ao seu mundo interior. A forma do diário - um relato distante dos acontecimentos, desde que os mesmos deixaram de ser vividos e passam a escritos, já disciplinados, emocionalmente, quando postos no papel - coloca, sem dúvida, o personagem naquela posição reflexiva. Mas, no caso de Paulo Márcio, a reflexão é uma constante de seu espírito. Uma reflexão que é o foco, poderíamos dizer, narrativo, do seu romance.

O personagem, antes que digam, ele mesmo está dizendo. Aquela disciplina da emoção, aquela reflexão indiscutível, para o ato de escrever, no qual ele encontra uma possibilidade de catarse, de depuração, afirmando que escrever é "um ato de pureza" e que só coloca no diário o que pode dizer.

A reflexão, vez por outra, está apresentando o contraponto com o "outro" interior e até na concretização pitoresca do possível diálogo com o gato Mourisco, que lhe dá oportunidade para uma ótima notação estilística em relação ao tempo, ao gato, à cidade, quando diz que o gato Mourisco "bateu meio-dia no peitoril da janela".

Às vezes nem precisa dessa representação e a depuração se faz de imediato, não só quando afirma, como também quando silencia:

É melhor calar. Existem as palavras de dizer e as de sentir.

A disciplina reflexiva é o grande recurso para a continuidade seqüencial da narrativa. Um diário sempre situa um romance num passado, se bem que um passado próximo. Qualquer jornal íntimo, entretanto, vai firmando, através dos fatos, uma permanência que vai durar enquanto durar a personalidade. Eles fazem, constroem a personalidade. Fixando-os no papel, o personagem está se construindo.

Daí que o romance em forma de diário, como este *O Quadro-Negro*, apaixona e envolve. Mantém o clima de expectativa, de suspense, a ânsia de vir a ser.

Mas como se trata dum romance psicológico, um romance de evolução criativa da personalidade, ele depende menos da seqüência dos fatos. Estes, naturalmente, têm sua importância, seu conteúdo criador de ação, mas estão sempre subordinados ao julgamento da personagem narradora. Começa pela seleção que ela, evidentemente, faz dos episódios e fatos narrados, ou melhor, registrados. Nesse sentido, o escritor Ernani Satyro firma logo uma teoria do romance psicológico em forma de diário, daí em diante tudo o mais sendo principalmente técnica e intenção - "só tem importância o que acontece em mim".

Então, não é matéria romanesca em si o que atrai e conquista, mas a figura do personagem, "senhor dos cordões", que - ao tempo em que se analisa e analisa aos outros - se revela. Mais que o fato determinando a seqüência, o que temos é a apresentação das características do personagem.

Kenneth Burke, em sua *Teoria da Forma Literária*, considerava uma "progressão silogística", isto é, "a forma de um argumento perfeitamente desenvolvido, a avançar etapa por etapa". É a forma do conto de raciocínio de Poe. É a forma de uma demonstração de Euclides; já na "progessão qualitativa", o desenvolvimento é mais sutil. Em vez de um incidente da intriga (como a morte de Duncan por Macbeth nos prepara para a morte deste), a presença de uma *qualidade* nos prepara para a introdução da *outra* (a grotesca seriedade da cena do assassínio a preparar-nos para a bufonaria da cena do porteiro).

O Quadro-Negro rege-se por essa "progressão qualitativa". O episódio, nele, é uma revelação de qualidade, seja do personagem, seja da natureza humana. É por isso que, não raro, coisas mínimas estão levando a grandes conseqüências, dentro daqueles "padrões de experiência repetitivos", que aparecem comumente, a exemplo da juventude de Fausto, a psicologia de Judas, tanto na vida quanto na literatura. No caso brasileiro, foi deles que Machado retirou seus bons pásses de técnica.

Um detalhe coincidentemente pitoresco entre *O Quadro-Negro* e a classificação dos "padrões repetitivos", universais, apresentados por Kenneth Bruke: é que ele fala como exemplo característico das "pequenas causas levando a efeitos desproporcionalmente graves" como "O Pedaço de Fio". Ora, o personagem narrador do romance de Ernani Satyro resolve tudo por cordões imaginativos, considerando-se "senhor dos cordões".

"O Pedaço de Fio", no livro, apresenta-se tanto no enovelamento da tessitura quanto no simbolismo dos motivos restores, dos motivos criadores de ação. O processo seqüencial, às vezes, perde sua nitidez meridiana, tanto o episódio se carrega de virtualidades criadoras. Elas estão aqui tanto na fala - consciência - quanto na visualidade. Em Machado, as intenções se traduziam apenas em palavras.

Um exemplo, ao acaso. É uma cena da cada-grande da fazenda, o velho Cazuza Mamede no balanço da rede do alpendre, observado por Paulo Márcio. É gordo e imenso, como gordas e imensas são as suas terras, o seu mundo. Senhor mesmo e a pincelada visual tem mestria:

> A rede balançava ao imperceptível movimento do pesado corpo, como se lhe adivinhasse a vontade, em vez de ser impulsionada. Brusco, o Velho pulou no meio do alpendre e a rede, aliviada, ainda foi e veio duas ou três vezes, e aquietou-se.

Chamado o mundo, o Senhor ergueu-se, e a rede, natureza-morta, foi perdendo o vigor aos poucos. O verbo empregado é "aquietou-se" e essa "maiúscula", como precisão intencional de linguagem, são autênticos achados.

Não quer dizer - e vamos deixar bem claro - que o romancista Ernani Satyro tenha, no momento de escrever, pensado em tudo isso. Talvez mesmo não tenha pensado em nada disso, nessas minúcias criadoras. Elas surgiram, é claro, por uma lógica interior da obra de arte, talvez uma busca de harmonia imanente ao conjunto literário, do qual ainda não conhecemos as leis. Esse processo de construção, instintivo diríamos, só se revela depois de realizado, depois de erigido o edifício.

Mas o processo de levantamento da tessitura dramática do romance, este é de pleno domínio intencional do romancista. E nesta mesma cena de *O Quadro-Negro*, surge aquela "progressão qualitativa" de que falava Kenneth Burke. É a continuação:

> Meu pai olhou para longe, fez assim um movimento de quem coloca um dos ouvidos em melhor posição de ouvir e disse:
>
> - Escute. É o boqueirão da serra que está roncando. Quando ele dá aquele sinal, podem preparar o roçado. É chuva na certa.
>
> Sorri da simplicidade daquela vida.

A equação dramática está plenamente armada. O velho, senhor da Terra e do Mundo, vivendo a descoberta dos seus segredos; o filho, educado por outro mundo, dissociado da Terra e afastado do pai. Este lhe parece gordo, pesadão, de agilidade impossível. Espanta-se quando o vê pular da rede e acha graça, irônico, quando ele lhe esclarece o motivo - "sorri da simplicidade daquela vida". A confrontação dramática entre os dois mundos, em síntese, e que já fora sendo revelada, passo a passo, anteriormente, aqui se acha explicitada numa ação sem conversa, mas cheia de falas. Fala um, no íntimo, e fala o outro, abertamente, sem obter resposta.

A equação dramática, em continuação, é uma antevisão de mau agouro. Vejamos:

> Sorri da simplicidade daquela vida.
>
> Mas foi breve. Uma sombra pesada desceu sobre o meu espírito. Talvez ainda a explique, se eu mesmo vier a compreendê-la. Se não...

Na reticência, termina a anotação da *Quinta-feira, 4*. E somente quatro dias depois, no dia 8, é que o diário prossegue. Trata da audiênciado Caboclo e conclui:

> E cada vez mais me convenço de que não cederemos um palmo de nossa terra. É um roubo o que pretende o Caboclo.
>
> A pesada sombra, de que falei há poucos dias, parece-me agora mais leve.

Mais leve, é exato, porém permanece como sombra e, agora, é que é importante, esclarecido que está incorporada ao personagem Paulo Márcio desde a anotação anterior. Aquela "sombra" é a antevisão do "destino romanesco". Estamos diante duma anunciação. Mas esta anunciação já apresentou todas as suas preliminares, todas as suas premissas. A equação dramática já está definida, as pilhas carregadas. É o confronto entre dois mundos.

A essa altura ainda não se definiu o problema amoroso, embora apresentada a moça logo na segunda anotação do diário. O romancista dá uma visão do seu mundo através do encontro de figuras antigas, já diferenciadas pelos anos de ausência e, em seguida, após manusear as cartas desse baralho usado, registra o encontro da moça. Vai reencontrá-la na quarta anotação. Ela é, claramente, o elemento novo da equação dramática. Fica vaga, indistinta, subjacente, aqui e ali aflorando, ainda com indecisão de mistério. Até que se desencadeia o drama amoroso, dando a impressão que determina o desfecho.

A verdade é que ele teria, no máximo, uma função de fagulha, centelha, a provocar a descarga. O velho Dr. Johnson, no seu "Prefácio a Shakespeare", tem uma reflexão que se enquadra admiravelmente à participação do amor em *O Quadro-Negro*. Surpreende-se com a importância que se dá comumente ao amor e esclarece:

Mas o amor é apenas uma dentre muitas paixões... não tem nenhuma grande influência sobre o conjunto da vida.

O amor, da mesma maneira que os outros sentimentos, apresenta-se em *O Quadro-Negro* como um processo de experimentação de eprsonagens. Uma grande linha divisória a apresentar e separar as criaturas à luz dos sentimentos - suas modificações pelo amor, pelo ódio, pela covardia, pela consciência do dever; culmimando na cena belíssima do juiz Adriano, num ato heróico, para quem era incapaz dos atos mais rotineiros por preguiça invencível.

O desencanto inicial de Paulo Márcio, no primeiro encontro com os seus personagens, pouco a pouco vai se modificando, ora descobrindo-lhes defeitos, ora verificando-lhes qualidades. As pessoas nunca são efetivamente apenas o que se vê. Cumpre assistí-las nos atos decisivos, nos momentos mais agudos.

Não raro as pessoas surpreendem ao memorialista Paulo Márcio. O que era ontem, deixa de ser hoje. O juiz, o delegado, o escrivão, o pai, o chefe político, o médico, quer dizer todo o elenco da pequena cidade e de seu âmbito doméstico, inclusive Pacatonha, esta escondedora de mundos, todos enfim são mutáveis de acordo com as circunstâncias.

E tudo isso vai anotado no diário, registrado por Paulo Márcio que, subitamente, passa de personagem a observdor. E o que se vinha constituindo um romance de personagem avança para a construção de um romance dramático. O personagem se constrói, é exato, mas ao mesmo tempo os comparsas ou circunstantes se modificam. Essa transição entre dois tipos de romance, participando de ambos, é outra das características curiosas de *O Quadro-Negro* que o singularizam na literatura brasileira.

A própria apresentção dos personagens naturaliza-se pela forma do diário mas é uma apresentação dramática. Dramática, no sentido teatral, são criaturas que entram em cena, fazem seu papel, retiram-se. Dostoiévski também trabalhava assim suas criaturas. Elas entravam e saíam de cena, como no teatro. No caso de Ernani Satyro elas entram em cena e ficam enfocadas. Vão agir. Agir e revelar. Quem as observa não é a platéia, auditório. É um analista. Um pesquisador da natureza humana. Nesse momento em que o personagem Paulo Márcio observa a ação dos comparsas, sofrendo-lhes os efeitos, dependendo deles, confirma-se o romance dramático em que o "personagem é ação e a ação, personagem". A cena é a mesma, as pessoas que se modificam.

Mas as pessoas se modificam, na verdade, apenas, digamos, em relação aos atos exteriores. Permanecem, entretanto, os motivos desses mesmos atos, que são motivos idênticos. Daí que possam agir interativamente uns e outros. No enredo do romance dramático - esclarece Edwin Muir - nada é omitido ou presumido. Pode conter

antíteses *mas não contém* meras contradições. Será lógico na medida em que os personagens possuem algo inalterável dentro de si, que determina suas reações uns aos outros e à situação. Terá uma progressão que é, ao mesmo tempo, espontânea e lógica, visto que os personagens se modificarão e a mudança criará novas possibilidades. Esta lógica progressiva e espontânea é o verdadeiro aspecto distintivo do enredo do romance dramático. Tudo de fato deriva de fatores declarados e inalteráveis no início, mas, ao mesmo tempo, os termos do problema sofrerão alterações.

No caso específico de *O Quadro-Negro* a ação e a omissão dos personagens têm os mesmos motivos. O chefe político recua e avança pela mesma razão; Adriano, o juiz, age heroicamente pelos mesmos motivos ou, talvez mais preciso, pela mesma natureza com que atrasa os processos; será também pela mesma natureza que Cazuza Mamede contemporiza ou discorda abertamente. Ora, essa mesma natureza é, justamente, o que constitui o "substrato dramático", se é possível a expressão.

Romance dramático, sendo de oposição, conflito, contraste, logicamente impõe o desfecho, aquele mesmo desfecho anunciado desde o princípio. Entenda-se: não é tanto um anúncio de solução, mas o anúncio da tensão dramática, quer dizer que as coisas evoluirão dentro daquele plano conflitante até a ruptura, isto é, o desfecho.

A interação dos personagens se faz dentro do ânimo de Paulo Márcio com severas tonalidades de deterioração. A auto-análise que ele se realiza quando se julga, e prejudicada pela idéia inicial de indecisão, exposta desde o princípio. Mas a sua indecisão, afinal, sendo eminentemente analítica, se dissolve diante das "resistências moles". É o que o cerca - "resistências moles". Os personagens se deterioram desde o princípio. Não o convidam à afirmação pois que não existe aquela armadura, aquele contexto íntegro para o desafio.

Quem mais se deteriora na interação dramática com Paulo Márcio é Maria Augusta, isto é, o amor. O destino da moça, o casamento sobre o resultado. Mas o grande valor do romance - como se sabe - é manter em expectativa, em angústia de vir a ser, o que já se sabe, desde o princípio, que acontecerá. Nesse caso, *O Quadro-Negro* tem uma construção enérgica.

O que é evidente, entretanto, se torna emocionante. E vem, então, com habilidade admirável, Ernani Satyro deteriorando a personagem Maria Augusta. Um incidente, outro incidente, até Paulo Márcio confessar:

> Quantas coisinhas, quantas mentirinhas insignificantes, desnecessárias, eu suspeito nela.

Ainda na mesma anotação, um pouco depois, afirma em conclusão:

E como lhe incham as veias do pescoço, quando ela calunia: uma serpente não deve engrossar mais, ao dar o bote decisivo sobre a sua presa.

A busca da justificativa para o abandono vai centralizar-se no temperamento da moça que, encolerizada, "se manifesta pela ânsia incontida de mentir, de injuriar, de caluniar".

Daí em diante, a deterioração da personagem, quer dizer, sua interação no ânimo de Paulo Márcio, vai fazendo-o esquecer o amor e se apegar às fórmulas do contexto, quer dizer, ao anunciado do romance, e aceitar a solução que lhe apresentam.

Mas, deixa que *O Quadro-Negro* é um romance dramático, uma peça literária que se compõe de vários conflitos, um estudo da natureza humana e um estudo da vida. Claro que tudo se anuncia e delimita nele, desde o princípio, mas como atmosfera, clima, nunca solução. Haverá desfecho, sabe-se. Mas atente-se que, para o romance dramático, segundo Edwin Muir:

As linhas de ação devem ser formuldas, mas a vida deve inundá-las perpetuamente, deve torcê-las e produzir as "erosões de contorno" que Nietzsche louvara.

Essas "erosões de contorno", tão expressivas, fazem uma transposição do pretendido, do anunciado e ajustado, e o que se estipulava provável para a moça é o que acontece ao rapaz.

O ângulo amoroso, afinal, reduz-se ao que era, permanecendo o conflito dramático nas anunciações iniciais, integrando-se o personagem Paulo Márcio ao conjunto e desintegrando-se pelo mesmo motivo.

Pouco atuando dentro do livro, com raras aparições, e essas mesmas limitadas ao mínimo de ação, é, entretanto, o Caboclo uma chave para o entendimento de *O Quadro-Negro*, o veeiro de suas camadas mais profundas. Um personagem que se transforma em centro do mundo, acompanhando o destino de Paulo Márcio.

Naquela mesma cena da fazenda, já citada, aparece a anunciação. Diante da simplicidade da vida do campo e do entusiasmo do pai pela chuva, Paulo Márcio sorri, mas sente uma sombra descer sobre si próprio. Não se sabe o que é. Na anotação seguinte, porém, depois da audiência contra o Caboclo, quando sente que irá derrotá-lo, aquela sombra se torna mais leve. E o Caboclo, a ação, o crime que se segue, a notícia do ataque à fazenda, tudo vai sustentando Paulo Márcio.

Quando o Caboclo morre, morrem muito mais coisas também. E que fora o Caboclo?

Tudo para ele era provocado por uma sensação - a sensação da posse. Possuir a terra ou possuir a mulher, eis a corrente que o arrastava. Talvez ele nem

pressentisse *as origens informes*, o campo longínquo onde trabalhavam essas duas forças, obscuras e poderosas.

E, logo adiante, conclui o romancista:

> Quase todo criminoso pratica, no momento do crime, um ato de legítima defesa putativa. Pode ser uma deformação emocional, mas nem por isso deixa de ser sincera. [...] É este um aspecto da natureza humana que ninguém ainda estudou.

A hora de reflexão perdoa ao Caboclo ainda sem o entendimento da magnitude de sua presença no romance. Mas recorde-se que, quando Paulo Márcio se alivia um pouco da sombra que lhe caiu na fazenda, é depois da audiência do Caboclo, e sua frase é:

> Acho que não lhe cederemos um palmo de terra.

A presença do Caboclo chamava-o para a vida, o combate, a utilidade. A morte do Caboclo faz morrer e nascer muita coisa. Maria Augusta sentira, de certa forma, a ligação dos destinos: - "Então, ele não ataca mais a fazenda?" - indaga ao saber-lhe da morte. Poderia ser a libertação, a sua libertação.

Há, de fato, por ela, outras libertações, cumprindo-se outros destinos. E fazendo-se, implicitamente, outras absolvições. E, de certo modo, as duas ânsias de posse do Caboclo se renovam, se justificam, se absolvem. A uns e a outros.

O Quadro-Negro, significando isto e tanto, em estudo da natureza humana e em construção artística, se constitui, ao mesmo tempo, por uma densa consciência artística, um romance de personagem e também um romance dramático, dos mais sutis e profundos de nossa literatura, na aparente simplicidade de seu enredo e de seu relato. A leveza atraente do seu texto, suave e limpo, reveste, afinal, amenizando, a intensidade dramática do conflito que envolve, abissalmente, suas criaturas.

João Pessoa, janeiro de 1973.

Um romance que surpreende

Pessoa de Morais

Não conhecia a primeira edição, publicada há vários anos, do romance **O Quadro Negro**, de Ernani Sátiro. Agora, com a recente saída de nova edição do livro pela José Olympio coloquei em minha exaustiva pauta de trabalhos intelectuais a leitura desse livro que mereceu incisiva atenção de eminentes figuras intelectuais em nosso País.

Assim, abri exceção em meus absorventes estudos e leituras de livros e mais livros científicos e de filosofia, na fase mais importante de toda a minha carreira intelectual, quando trilho a meta culminante de minha maior realização como pensador, para sentir e examinar esse livro que apresenta uma feição singular no romance contemporâneo brasileiro.

Confesso, de início, que, com raríssimas exceções, a carência de bons romancistas no Brasil ultimamente, sobretudo de escritores que possuam alguma coisa para dizer ou literariamente transfigurar e transmitir, a falta de real vocação para incursões menos superficiais e autênticas, me fizeram olhar com natural reserva os chamados ficcionistas, tão numerosos a despeito disso.

Por isso me surpreendi com a leitura do livro de Sátiro que, ao meu ver, não deve se enquadrar, absolutamente, nas estereotipações do que em crítica literária se vem chamando de romance psicológico ou de romance social ou sociológico, por exemplo. Aliás, o que tem sido chamado de romance psicológico, não se ajusta, de modo algum ao autor de **O Quadro Negro.** É um clichê que não pode ser aplicado com justeza ao que ele realizou. A expressão romance psicológico é - conforme creio - o que em filosofia se chamaria uma **petitio principi**, ou seja, uma ambigüidade completa.

Assim, a catalogação literária romance psicológico, segundo meus estudos, foi o resultado de uma profunda contradição conceitual, na medida em que a cultura do Ocidente descobria de modo analítico, porém tardiamente, certas dimensões múltiplas e amplas nos subterrâneos do mundo interior humano, a se juntar a outras dimensões que também um tremendo erro de perspectiva fez emergir: um sociologismo abstraído da imprescindível visão de verticalidade íntima, cindindo ou fragmentando a imagem de um ser humano já superficial e mutilado, que equívocos científicos e filosóficos fizeram projetar na perspectiva literária, de maneira quase inevitável.

Desse modo, todo verdadeiro romance que procure fazer incursões nos subterrâneos da alma humana e que analise motivações ou contradições mais internas e profundas, terá de tecer esses elementos na trama das experiências vivenciais concretas. De tal maneira que a cisão entre um sociologismo de superfície ou um psicologismo fragmentado, pretendendo estereotipar o que se convencionou chamar de romance sociológico ou psicológico, foi apenas um equívoco .- aliás muito disseminado - de pseudosociólogos ou pseudopsicólogos, dentro de uma mutilada metodologia científica que influenciou a crítica literária, esta recebendo de segunda mão uma incorreta classificação da realidade humana correspondente, por sua vez, a uma perspectiva filosófica deformada.

O Quadro-Negro é livro que revela uma invulgar capacidade de romancista brasileiro para penetrar nos sulcos menos ostensivos das motivações humanas de uma certa fase do que eu chamaria de patriarcalismo comunitarista do Nordeste. Patriarcalismo por efeito da influência muito nítida, no romance, da comunidade interiorana como todo um complexo mandonismo autoritarista na tessitura das relações humanas, já permeado, porém, da presença comunitária na vida municipal dos anos 30. Por isso já exibindo nas motivações e atitudes dos personagens do livro tendências psicológicas para um tipo de autoritarismo mais acomodatício, mais amoldável, mais pactualista, para usar expressão sociológica que elaborei em minha fase de sociólogo e que se tornou conhecida entre estudiosos no Brasil.

Torna-se claro, agora, que o comunitarismo do romance corre por conta do seu deslocamento para uma dimensão psicológica, antropológica, histórica e sociológica do tempo. Nele o puro e simples esboço patriarcal ruralista sofre os inevitáveis efeitos da acomodação de uma experiência interior ou psicológica, projetada na conduta, de modo a associar os rasgos mais unilaterais do modelo anterior a um estilo já marcado decisivamente pelo complexo municipal da urbe em formação e suas matrizes de conflitos, tendências, impulsos e emoções. Tudo a se resolver num tipo de experiência psicológica muito singular.

Em Ernani Sátyro, porém, há uma especial verticalidade no sentido de que o romancista de **O Quadro-Negro** mostra real vocação para uma literatura onde o pitoresco pelo puro pitoresco, a sátira pela pura sátira cedem lugar, por efeito dessa incursão mais profunda a conjecturas ou análises bem esboçadas em torno mesmo da problemática humana entrelaçada com os elementos objetivos das tramas vivenciais já referidas. Daí ter dito que o romancista tem o que dizer, isto é, sai da pura superficialidade do chiste pelo puro chiste ou do picaresco em si mesmo, tão ao gosto de certo público e até de críticos.

Dentro de certa dimensão incorpora a experiência comunitária ou os esboços do incipiente urbanismo patriarcal comunitário pois, em sua estrutura ostensiva, carrega essa tessitura básica. O psicológico nele se intercruza subterraneamente com o deslocamento do eixo de polarização romanesca do densamente rural nordestino para o que eu chamaria o densamente comunitário. Completa, deste modo, a trajetória - noutro sentido porém ressalte-se aqui - de outros bons romancistas brasileiros como José Lins do Rego, que não é a pura projeção do apenas social para a forma literária do romance, mas uma transubstanciação psicológica de matrizes da experiência coletiva para o plano ou a dimensão das introspecções carregadas de dramática indagação interior em livros como **O Moleque Ricardo**, talvez um dos romances menos compreendidos da literatura brasileira. Nele, aqueles monólogos psicologicamente ambivalentes, cheios de evocativas e não raro conflitantes interrogações em torno do reencontro mesmo do personagem central com o Santa Rosa, com as pessoas, com as águas do rio de sua infância, se reveste do que caracteriza fundamentalmente o mundo psicológico do inconsciente humano: a ambigüidade conflitual eivada de evocações, conjecturas, indagações, certezas e incertezas. Um universo humano pleno de densidade e tensão interna, misturado a um mundo de reminiscências.

Em Ernani Sátiro há a transposição desse quadro para outro nível da experiência do Nordeste, para as categorias da comunidade patriarcalista existindo, porém, paralelamente, a intensificação de certas conjecturas e uma reflexão crítica que ultrapassa o apenas evocativo ou psicológico no sentido comum. Há nele marcos bem nítidos dos esboços de uma estrutura filosófica a se corporificar, muitas vezes, em bem urdidas análises sobre o fenômeno da existência ou da vida humana. Esses elementos se interpenetram porém de uma estrutura ficcionista onde a fabulação às vezes chega a fundir o satírico, o burlesco ou o cômico com raros cortes de densa e penetrante humanidade, amalgamados, assim, de toda uma complexa moldagem de traços sutis na problemática do Homem.

A figura do personagem Adriano Pereira, por exemplo, ganha, no conjunto, os difíceis matizes literários dessa argamassa filosófica e às vezes o próprio Paulo Márcio, Maria Augusta, o velho Cazuza ou o major Gabriel Soares principalmente.

É nesse nível mais sutil, mais densamente humano e profundo que o livro de Ernani Sátiro adquire sua maior verticalidade literária. Isso através inclusive de uma linguagem expressiva, porém sóbria, adequada às motivações estéticas da obra, às suas incursões nesse terreno complexo, onde se nota o encontro de suas várias tendências confluentes: a sensibilidade vivencial, a aguda perscrutação de sentimentos e emoções de nível menos corriqueiro, o gosto da manipulação literária, o cultivo da arte de se exprimir, o convívio

com *bons autores*, a experiência da transfiguração formal e sobretudo ainda a vocação analítica que o poderia tornar ensaísta tanto como romancista.

É precisamente esse caráter analítico, no nível por vezes de complexa experiência humana que torna, ao meu ver, **O Quadro-Negro** livro que, de maneira alguma, poderá ser estereotipado como romance apenas social ou psicológico, para se tornar uma literatura a caminho do que eu chamaria de romance integral. Apenas distingo no romance integral diferentes níveis de sua identificação com modalidades de tempos vividos ou ainda por viver, de experiências desconcertadamente múltiplas no campo de todo um imenso território humano sentido, entrevisto, descoberto e sobretudo ainda por descobrir. Em suma: uma literatura capaz de sair da dimensão epidérmica, em que se move o fenômeno da vida nos termos habituais, para exprimir matizes não apenas convencionalmente psicológicos, porém capazes de extrair do que se tem como humano, dimensões mais penetrantes e literariamente autênticas. O que é alcançado também pela adequação formal dessa inventividade estética no sentido multidimensional do termo.

Por isso mesmo **O Quadro-Negro** é portanto romance de autor brasileiro contemporâneo que, de modo muito surpreendente, tem literariamente o que dizer e exprimir. E de quem espero a continuidade da obra romanesca através justamente desses traços mais significativos salientados aqui.

(Jornal de Letras, Fevereiro/Março-1974)

Ernani Sátiro e o romance 20 anos depois

Almeida Fischer

Quase 20 anos após o lançamento de sua primeira edição, o romance **O Quadro Negro**, de Ernani Sátiro, reeditado agora, não perdeu nenhuma das virtudes que justificaram os elogios que recebeu em 1954, de Guimarães Rosa, Carlos Drumond de Andrade, José Lins do Rego, Adonias Filho, Temístocles Linhares e outros. Talvez supreenda um pouco os leitores de hoje a sua construção romanesca, processada sob a forma de **diário,** atualmente desusada, não por ultrapassada ou obsoleta, mas pelas dificuldades maiores que oferece, a nosso ver, para a elaboração ficcional. O romance resistiu bem o passar de tantos anos, conservando todo o seu poder de comunicação e o frescor e vivacidade de sua linguagem. Também a história que nos transmite continua válida e atual, nada obstante as grandes transformações havidas na última década, em face dos incentivos fiscais, no cenário sócio-econômico de todo o Nordeste. As pequenas cidades do interior nordestino não serão hoje muito diferentes de Lagoa no passado, com seu marasmo, com sua vidinha sem novidades, com suas intrigas e fuxicos.

O Quadro Negro narra, de início, o retorno à terra natal do filho de próspero fazendeiro do interior paraibano, que fora mandado estudar no Recife. O jovem chega com o diploma de bacharel em Direito debaixo do braço e muitos sonhos e ilusões na cabeça, além de um extremo ralamento nas partes próprias, causado pela longa viagem, durante quatro dias no lombo de um cavalo. A chegada do novo doutor, em terra de pouquíssimos titulares de curso superior, desperta o interesse e a curiosidade de toda a população, transforma-se no assunto dos comentários gerais por muitos dias. Novidade da terra, recebe logo a visita de figuras de prol daquela comunidade: o juiz de Direito, o prefeito, o chefe político, o médico, todos compadres de seu pai. Em poucos dias, surge o conflito entre a formação e o temperamento do jovem bacharel e o ambiente acanhado e retrógrado da pequena cidade. Esse conflito estará presente em todo o romance, como um permanente problema de inadaptação. O Dr. Paulo Márcio deseja realizar-se na profissão como advogado honesto e competente, que coloca a Justiça acima de quaisquer condicionamentos. O moço revolta-se porque os feitos não andam, arrastam-se penosamente em virtude da preguiça do juiz de Direito, que detesta despachar papéis.

A personalidade indecisa e vacilante da figura central do romance está fixada, desde os primeiros capítulos, com inexcedível perfeição. O jovem advogado não sabe o que deseja, não se define em sua linha de conduta em face do meio, em seus pensamentos e sentimentos. Combate os arreglos políticos, a interferência do compadrismo na solução das questões de interesse da coletividade, mas logo se acomoda aos costumes da terra. A paixão pela filha do dentista viciado no jogo e mau pagador também é oscilante: num dia, está disposto a enfrentar o veto paterno e da sociedade a essa ligação e às perspectivas de um próximo casamento; noutro dia, busca elementos e pretextos para um rompimento. Fraco e tíbio, emaranha-se nessa luta íntima de todo dia, nessa luta consigo mesmo que não termina senão nas últimas páginas do romance.

Maria Augusta, a paixão do jovem advogado filho de rico fazendeiro, é afinal sacrificada aos hábitos da terra: não pertencendo à classe mais alta pela fortuna e pelo mando, pode ser-lhe namorada e amante, mas não esposa. A sociedade se tranqüiliza com o rompimento, a ameaça de um casamento que lhe afrontasse as normas fora afastada. O pai se dispõe a pagar o justo preço pela aventura sentimental do ilustre filho.

Ernani Sátiro se apresenta, nesse romance, como um admirável criador de tipos. O caráter indeciso e vacilante da personagem central está fixado convincentemente tanto em suas crises de inadaptação, quanto nas oscilações de seu sentimento amoroso. A principal figura feminina, de temperamento forte e resoluto nos momentos cruciais da história, está traçada com bastante correção, mesmo quando deixa de ser a moça amorosa e compreensiva dos instantes felizes para se defender pelo ataque, ofendendo e caluniando.

Em seus primeiros capítulos, na fase de locação, digamos assim, do universo do romance, **O Quadro Negro** cai, por vezes, em sua força criativa. As anotações do jovem advogado em seu **diário** tornam-se amiúde discursivas e por demais intelectualizadas. Mas, logo o romance retorna ao seu ritmo nervoso, de cenas rápidas e comunicativas. Resta dizer, talvez, que o romance, escrito em linguagem limpa e principalmente correta, pouco tem de regionalista no sentido da fixação dos problemas da seca e das disputas dos coronéis com ou sem seus jagunços, da crendice e dos hábitos e costumes da gente sertaneja, embora isto tudo nele apareça num segundo plano.

(Jornal do Brasil, 12.01.1974)

O quadro negro

Adonias Filho

Entre os romances brasileiros que li nestas últimas semanas - já publicados ou ainda em originais -, é indiscutível a predominância de um gênero que parece destinado a acompanhar sempre a nossa ficção: o romance de costumes. As homenagens que estão sendo prestadas a Manuel Antônio de Almeida, pioneiro e mestre no gênero, coincidem com a safra verdadeiramente impressionante. Está claro que não me referirei ao *De Pai a Filho*, de Gastão Cruls, em suas páginas correndo todo um período da vida carioca. Não me referirei também ao *Desembargador Ruival*, de Machado Florence, estréia que espero examinar amplamente, o espaço da cena gravitando em torno da aventura humana numa cidadezinha do interior paulista. Limito-me a um dentre esses romances: *O Quadro Negro*, livro de estréia do escritor Ernani Sátyro.

Escrevendo com simplicidade, numa evidente preocupação realista, situa a ação em uma cidade do interior. Mas, consciente do problema da forma - no sentido da arquitetura - aplica-a como um "diário" e a verdade é que consegue efeitos admiráveis. No seu registro, por vezes ásperos e por vezes líricos, o memorialista levanta com lentidão os aspectos do seu burgo. Como referência, apesar da distância que possa distinguir um de outro romancista, o livro que encontro é *O Amanuense Belmiro*, de Cyro dos Anjos. O tronco de origem, porém, continua sendo o velho Machado de Assis.

A referência e a filiação, entretanto, pouco importa. O que importa, e muito, é a espontaneidade com que os episódios se armam, todos se relacionando na configuração de um círculo rigoroso. Movendo-se no fundo desse círculo, ao tempo em que a mão do romancista vai contendo a narração, as personagens vivem, em carne e em sangue, como legítimas criaturas que são. Poderemos hesitar sobre a maior parte das qualidades e dos defeitos mas, no reconhecimento do romancista, uma qualidade é indiscutível: temos, com Ernani Sátyro, um raro criador de tipos.

Para a criação, porém, e resultante da própria arquitetura que preferiu, o romancista se impôs o processo dos cortes. O método clássico do lançamento das personagens por inteiro, forçando o retrato na revelação psicológica extrema, não o encontraremos em *O Quadro Negro*. A criatura, como Cazuza Mamede ou Maria Pacatonha, não se completa a não ser através do romance no

conjunto, da primeira à última página. Estruturam-se as partes com vagar, sem a menor pressa, mas, quando se estruturam, o tipo literário se converte numa aparição humana de autenticidade absoluta. Dificilmente esqueceremos o chefe político local, o oposiconista Melquíades, o juiz, a moça, o Caboclo. Juntos, nessa movimentação social que constitui o organismo da cidade, compõem o clima brasileiro que se não modifica em qualquer comuna.

A cidade vale pelos seus habitantes. Em qualquer dos aspectos - político, econômico, passional, religioso -, é através da criatura humana que a atmosfera social se traduz. Refletem-se flagrantemente as teias sociais. Tornam-se coletivos, interessando à comunidade como um só corpo, todos os conflitos, as intrigas, as reações individuais. Para um romancista sem vocação comprovada, a ameaça seria a da despersonalização, confundindo-se as personagens sem a indispensável autonomia de temperamentos. Marcando as diferenças individuais, vigilante sempre em relação à caracterização interior, Ernani Sátyro entremostra a organização social como um painel de fundo.

Mas se os costumes correm na sucessão dos episódios, a vida brasileira exposta com certa força dramática, o romancista não sacrifica no romance a posição moderna. Integrando *O Quadro Negro* no localismo, que é uma das expressões da literatura regional, não evita a permanência no que a ficção moderna tem de mais impressivo - precisamente a capacidade em apreender, na órbita de um agrupamento sociologicamente definido, os elementos de humanidade que o superam.

O ciclo, que o romancista prolonga e acrescenta uma parcela significativa, corresponde ao que, na novelística norte-americana, a crítica denominara "da aldeia". Como em Sherwood Anderson, por exemplo, também em Ernani Sátyro os dados definidamente regionais - sobretudo os folclóricos - são afastados e, para compensá-los, erguem-se os tecidos humanos sempre responsáveis pela legitimidade da ficção.

A aldeia é um pequeno mundo a refletir o grande mundo ou todos os mundos. O valor máximo está na vida, nos acontecimentos cotidianos, nos contatos humildes, na complexa engrenagem que é a experiência humana. Saber penetrá-la, percorrendo os caminhos discretos, este será um dos segredos de Ernani Sátyro como romancista. É aí que o tema aparentemente pobre se enriquece. E, em seu rude ambiente, quase primitiva como o vaqueiro Gonçalo, a personagem se extravasa sobre si mesma na representação da natureza humana.

Em *O Quadro Negro*, aberto o lastro maior sobre os costumes, a fisionomia da aldeia não cede o mínimo no espaço geral. Não a ultrapassando - e ele poderia tentar o romance de uma crise, no homem ou na família -, nela situa a figura extrema e o indiscutível

é que a vemos, em sua angústia, suas aflições e seus sonhos. No romance moderno, e Ernani Sátyro parece conhecê-lo na intimidade, esse regionalismo avançado é mais que uma tendência. Efetivamente, é um acontecimento que significa uma linha determinada. Concentram-se os debates, as conclusões, as tragédias, sátiras e esperanças nesse núcleo em que ainda são sensíveis os nervos, o coração e o cérebro. A aldeia de Sherwood Anderson, dentro da perspectiva literária, não se diferencia da aldeia de Guareschi e esta repete a de Saroyan. Nesse itinerário, agora, penetra Ernani Sátyro.

Mas, na base do itinerário, o autor de *O Quadro Negro* não se esquece de concorrer para a restauração da comédia - quase banida do romance moderno -, movendo-a simultaneamente ao lado da sátira e do drama. Seu comportamento, neste particular, é igual ao dos romancistas do círculo. O riso que escapa é espontâneo, o "humour" já não se inspirando na tradição literária britânica, mas continuando a tradição que, após Machado de Assis, decorre de condições brasileiras. Será um detalhe, não discutirei. Um detalhe, entretanto, que adquirirá enorme significação quando o entrosarmos em um exame crítico mais profundo da nossa ficção.

(in *Modernos Ficcionistas Brasileiros*, pp. 105/110)

O Quadro Negro

José Lins do Rego

O romance "O Quadro Negro", de Ernani Sátyro, é a história de um jovem bacharel que volta à cidade nativa para advogar e continuar a vida dos seus antigos. Um sertanejo de boas leituras, de boa formação moral, chega entre os seus conterrâneos e não os enche logo de orgulho, pois não era orador, porque não se dispunha a brilhar no júri. Começam os atritos do jovem com o meio do qual a sua educação, em Recife, o afastara. Mas não durou muito o nojo pelo que via e pelo que o cercava. Com pouco mais, o filho do capitão Cazuza integrava-se no cotidiano da cidadezinha perdida nos cafundós. As brigas do pai passam a ser as suas brigas. O advogado liga-se ao partido do Governo e, apesar de toda a sua educação jurídica, chega a achar norma uma eleição a bico de pena. Quando, porém, um vizinho de seu pai, o terrível Caboclo, avança em terras da fazenda Timbaúba, o sangue do jovem letrado ferve-lhe nas veias e todo o sistema patriarcal nordestino funciona magnificamente. A justiça lerda do Dr. Adriano desperta, os soldados do destacamento local entram a serviço da boa causa e o bacharel Márcio consegue o que é de direito, com a proteção do chefe político Gabriel Soares, o amigo do Governo e protetor do município.

Ao lado, porém, dos atritos e reconciliações com o meio, há a figura de uma mulher, a moça Maria Augusta, temperamento vulcânico e voluntarioso, capaz de gestos de ternura e explosões de onça ferida. O rapaz se apaixona pela mulher difícil e as suas ligações escandalizam a cidade. Há cenas de amor carnal, de choques violentos. A moça se manifesta com uma capacidade esquisita, de, em momentos de cólera, chegar aos extremos da calúnia. Não há limites para os seus desabafos de mulher perseguida pelos fados. O bacharel gira em torno daquela carne assanhada como uma pobre mariposa. Aí chegam as suas confissões entrecortadas de um refletir que nem sempre dá para abafar os seus desejos. Não é o forte do rapaz a meditação, embora insista nas inquirições e nas sondagens ao fundo da alma. O seu

forte está na vida que vive, no contacto com os outros. Pensar é o seu fraco.

XXX

É assim o romance de Ernani Sátyro, livro cheio de vida, de realidade, em sua história absorvente. O sertão nordestino não nos aparece ali na tragédia da seca. Chove com cordas de dilúvio em trechos de magnífica prosa dos seus descritivos. O rapaz se deixa tocar pelas belezas da fazenda Timbaúba na fartura do inverno. E dá largas à sua imaginação e se perde em devaneios idílicos com o florear da paisagem. Mas a força do romance está nos homens, nas suas paixões, nos seus gestos, nos seus impulsos. As figuras que Sátyro nos grava vão ficando conosco. O pobre e desgraçado pai de Maria Augusta, o inconformado Melquíades, o capitão Cazuza, o chefe Gabriel Soares, o capitão de Polícia e, sobretudo, o juiz Adriano. Admirável retrato de uma natureza derrotada pela ausência de vontade, mas natureza de homem que, no instante de perigo, revela-se de uma coragem de leão. Pode estar certo o romancista de que a cena do encontro do manso juiz com o capitão da volante é de um patético que nos enche os olhos de lágrimas. O homem desarmado, com a força de Deus nos lábios que se abrem para vencer o rifle engatilhado pela oração, nos dá o grau da força criadora do sr. Ernani Sátyro.

(*O Globo, 05.11.54*)

Romancistas Deputados

Temístocles Linhares

Há romancistas deputados e deputados romancistas. A distinção talvez já esteja se acusando entre nós, tamanho é o número de escritores existentes em nosso parlamento. Se algumas vocações têm sido reveladas, está se criando ali um tipo de escritor que lhe é inerente: o deputado-romancista.

Já se assinalou o caso de **Esperidião**, que, se não mostrou o romancista autêntico, não obstante algumas qualidades positivas, pôs em evidência esse novo espécime de romancista. Isto é, um autor que se serve do romance, sem servi-lo quase, ou antes servindo mais à sua condição de político, à sua atuação de deputado. Não era esse novo tipo de romancista que estava implícito em **Esperidião**? A carreira de um político, desde o seu início no interior até a sua ascensão aos mais altos pontos, de que o romancista se encarrega de fazer a apologia ao leitor. O romance, portanto, a serviço da vida política do deputado, como um documentário de seus méritos e de sua ação. Quer dizer, o deputado precedendo o romancista, se servindo do romance muito mais do que o servindo.

Mas há também o contrário. O romance tendo a seu serviço o deputado, a ilustração, a experiência, o pendor para as letras deste. Caso mais raro, mas que naturalmente interessa mais. Que deve interessar mais, ou até interessar exclusivamente. Pois o outro, se pode despertar interesse político, no sentido de cercar o autor de algumas características pessoais, para efeito de seu cartaz e propaganda, acaba sempre gerando suspeições e equívocos. A literatura pode estar a serviço da política que se utiliza até do próprio romance. O que não deve haver, porém, é uma literatura a serviço do político, do deputado, uma literatura **pro domo sua**.

Se os deputados estão agora gostando de escrever romances, como parece, urge estabelecer bem a distinção, separando o que é legítimo do que se inscreve sob o signo da mistificação e da sub-literatura. Toda tentativa que se faça a esse respeito, pois, é digna de aplausos.

Não foi por isso sem forte dose de prevenção que começamos a ler o romance **O quadro negro** do sr. Ernani Sátyro, deputado que agora se revela romancista. E, coisa surpreendente, romancista autêntico. Romancista tão bom que as suas qualidades e merecimentos de deputado, reconhecidos até aqui, estão correndo o risco de perecer ou ser abafados. Os seus méritos como romancista são inegáveis, tão inegáveis que seria diminuir a este dizer que ele é tão grande quanto tem sido o autor tão grande deputado.

Feita a ressalva que se impunha, cremos oportuno que nos penitenciemos de uma falta cometida em função de um suposto equívoco, deixando de falar em devido tempo de outro romancista-deputado. Foi, aliás, a benéfica influência da leitura do romance de Ernani Sátyro que nos levou a ler, meio tarde, confessemos, o livro **Água barrenta**, do deputado, digo do romancista Rui Santos, publicado o ano passado. Um romance em que também o romancista não assume a posição de deputado, nem a de qualquer turista da literatura.

A preocupação fundamental do autor se mostra logo no seu respeito pela realidade. Na seriedade com que evoca poeticamente a vida em sua região natal. É certo que se vislumbra um predomínio da região sobre o homem, mas esse predomínio não chega a ser absoluto. Se a vida de beira-rio na Bahia, em que o autor se detém, é uma decorrência da identificação completa do escritor com o seu meio, ao qual ele se prende não só pela inteligência como pela sensibilidade, é porque o seu caso obedece a um movimento de dentro para fora, nascendo da sedução que lhe despertam as formas rudimentares de vida, com todos os seus aspectos pitorescos e originais. Tão exato, tão fiel, tão objetivo, o autor parece ter se utilizado do **flash** cinematográfico, na fixação dos instantes decisivos, de mais influência na evolução dos personagens, em que o local talvez se sobreponha ao humano, mas em que este não deixa de ser acompanhado argutamente, quanto às suas relações com a conduta social, aos hábitos e costumes, à linguagem, etc.

Conquanto se trate de um tema já considerado clássico em nossa literatura, a vida de um humilde remeiro, nem assim se faz lícito julgá-lo esgotado. De qualquer modo, uma originalidade o livro apresenta, uma dupla originalidade, formada pelo ambiente e a visão do escritor. Por esse lado é que o romance chega a ser um inventário pitoresco e vivo. Mas isso não impede que se lhe faça uma restrição. Ele ganharia em veracidade - uma veracidade mais formal, acentuemos - se fosse escrito na terceira pessoa. Redigido na primeira, como se fosse o própio remeiro o narrador, não fugimos a alguma dúvida. Um simples remeiro ignorante, que não tinha vocação senão para remeiro, como ele mesmo confessa, não teria forças para escrevê-lo ou mesmo narrá-lo. É verdade que o autor, unicamente para justificar o fato, manda-o estudar no fim do livro, fazendo que ele viesse a mudar de vida apenas para isso. Deslize esse bastane notório, mas que ainda assim não elimina a espontaneidade, a simplicidade e a emoção em que o livro está vasado.

Já quanto ao romance de Ernani Sátyro, em forma de diário, o tom confessional se justifica plenamente. O personagem principal, um homem formado, que vai tentar a advocacia em sua cidade natal, depois de viver e studar no Recife, tem o privilégio, e é justo que o

tenha de escrever o próprio romance. Culto, sensível, versado em muitas leituras, é justo também que se sinta desenraizado em sua terra, que esta mesmo lhe pareça hostil, não lhe entendendo a complexidade psicológica e os traços pouco vulgares de temperamento, que se acrescentavam incessantemente na solidão em que passou a viver, agravada com a invencível tendência ao lirismo nele dominante.

A despeito disso, o livro se mantém em notável equilíbrio, sem que tal lirismo descambe para o ridículo, diante dos incidentes em que se vê implicado o diarista, inclusive diante de seu conflito amoroso, que tanto deu que falar na pequena cidade de Lagoa, não obstante o desejo de engrandecê-lo fosse perfeitamente compreensível em quem escrevia para dominar a sua natureza: "Somente escrevendo é que consigo compreender, dominar a minha natureza sensível, aproveitar alguma coisa da minha inteligência indecisa". Depois, em literatura, Lagoa podia valer tanto quanto o Recife. Talvez por essa razão também ele confessasse saber voltar-se para a natureza, quando esta tinha alguma particularidade. Mas a questão é que, após tantos esforços, ele não conseguiu voltar às origens. O Recife estava presente, continuava, era o seu presente. A sensibilidade se lhe impregnara dele. O que não quer dizer que a nota regional passe despercebida no livro, que, ao contrário, registra muitas anotações minuciosas nesse sentido. A auto-análise, porém, é que lhe dá relevo.

Original, estranho, tímido, o diarista sofria na sua solidão de Lagoa, guardando embora as aparências em contrário: "Desde muitos anos criei o mau costume de ver uma platéia dentro de mim mesmo. Tenho vergonha de certos atos que nada têm de vergonhosos, a não ser aos olhos desta assistência imaginária". E aos olhos dessa assistência urbana de Lagoa, talvez fosse preciso aduzir. O problema, todavia, não podia ser resolvido assim, nas suas desinteligências com o pai, a sociedade, a professora de que chegou a gostar. Mas, por outro lado, era ele que tinha de resolvê-lo, sabendo que não era possível esperar muito dos outros. "Somos nós mesmos que resolvemos os nossos problemas". O equilíbrio então se apossava dele, a ponto de só deixar gravado em diário o que podia: "É claro que não minto, não disfarço o pensamento, não digo o contrário do que sinto. Mas silencio o que não posso confessar."

Contudo, o livro é uma confissão. A confissão que todo homem traz consigo. E que um deputado também pode fazer, quando ele é um romancista..

(Diário de Notícias, 05.12.1954)

O quadro negro

Olívio Montenegro

O "O Quadro-Negro" de Ernani Satyro é um romance em forma de diário, um romance no jeito dos livros de memórias, e que por isto mesmo exige do romancista um talento especial - um natural absolutamente incorruptível de estilo e de espírito, a arte da mesma deliciosa "souplesse" dos grandes contistas, sob pena de sacrificar à ficção o mais típico da ficção, que é o seu caráter impessoal, e de não contar uma história, contar unicamente a "sua" história. O pronome da 1a. pessoa é um pronome insaciável, não tem em geral o pudor de nenhuma ênfase, e utilizado no romance a sua tendência é para multiplicar-se em fatos em cenas de um efeito deliberadamente grandioso atrás de fascinar a alma do leitor.

Ernani Satyro no "O Quadro-Negro" não incide nesta fraqueza. No seu livro o que antes seduz o leitor é o tom simples e vivo e natural das anotações do seu diário, e que só de raro em raro se deixa intumescer pelo gosto pueril da bela frase. No fundo, porém, um livro claro e a que não faltam cenas do maior vigor dramático. O autor, embora deputado, e desses que não fazem da tribuna parlamentar uma solidão inviolável, mantém-se no livro sem nenhuma ênfase. E antes com toda a dignidade do escritor.

Raro, quero crer, o romance sem alguma coisa de autobriográfico, sem uma impregnação do autor, daí não ser para admirar que em Márcio, o primeiro personagem do livro venham talvez se refletir certas situações psicológicas que tenham sido do próprio romancista. É possível que a atração pela carreira literária o que em Márcio foi uma das suas inquietações da adolescência, o tivesse também levado às mesmas vacilações, até se decidir por uma carreira mais prática e que se adaptasse melhor ao gosto da família - a advocacia. Se assim foi a advocacia, não só não destruiu a primeira inclinação do autor para a literatura, como forneceu a principal matéria para o seu romance, e matéria de um esquisito sabor humano.

Já tem a nossa literatura de ficção explorado tanto o que se poderia chamar "as vidas secas" dos pequenos lugares do interior que dir-se-ia difícil alguma coisa de interessante e novo poder se extrair dessas pobres vidas que se repetem com uma monotomia estúpida. Ernani Satyro, porém, prova a sua legítima inclinação literária estreiando-se com um romance que não se ocupa de outras vidas, e trazendo para ele personagens e cenbas de uma novidade deliciosa que interessa a todo leitor.

Da pequena cidade do sertão, onde Márcio passa a sua infância, e para onde havia de voltar depois de formado, os flagrantes mais expressivos fixados pela observação do autor, observação de um bem agudo fio, são os da paisagem social: são os flagrantes da vida como ela ali se desenvolve, ou antes, como ela não se desenvolve e vai de rastos.

O que é bem da atmosfera da aldeia, o autor, em certos trechos, refaz no seu livro com um perfeito senso de verdade, como homem que tivesse sentido longamente nos seus nervos os eflúvios letárgicos dessa atmosfera, as suas emanações de um invencível torpor. A sua monotonia desvirilizante.

Todos os fuxicos, as encrencas que se armam dos pequenos egoísmos de cada um, os melindres que se geram de pequenas vaidades, a maledicência em que se desafogam as imaginações contrafeitas pela rotina de uma vida sem os horizontes da vida, tudo o autor retrata em episódios de uma invenção por vezes maravilhosa.

Um personagem destaca-se neste livro que é quase um símbolo da vida da cidade; a encarnação dessa vida em homem: é a figura de Adriano Pereira, o juiz da comarca. Um juiz íntegro mas de uma preguiça que o fazia inacessível. Era forte na parte dogmática do direito; na parte da legislação, porém, um tímido. Junto a isto uma consciência quase fanática de justiça, que era imobilizada pelo seu medo de errar nas decisões, um medo diabólico. Mas desforrava-se desse medo cultivando com um refinamento maior a sua preguiça inata. Todos os processos se congelavam nas suas mãos. Não só os processos, as pessoas elas mesmas que o procuravam sofriam da mesma maneira o contágio do seu torpor. Márcio, advogado novo, doido por brilhar, não podia. O meio judiciário como o juiz Adriano o plasmou era refratário à luz. Márcio sofria no seu amor próprio, mas este próprio sofrimento o juiz amorteceu com a sua inércia doce, carinhosa.

Aliás é bem expressivo o quadro em que aparece o juiz Adriano recebendo, em casa, as pessoas que o procuram. O quadro é este: "Às vezes Adriano está deitado na rede, na sala da frente, balançando-se levemente, com o indicador no chão, um jornal sobre o grande ventre. A pessoa chega, começa a contar a sua história ou fazer a sua queixa. Quando menos espera ele está roncando fortemente. A visita espera, espera, até perder a esperança. Levanta-se e vai embora. Quando o juiz acorda fica meio perturbado e pergunta:

- Ó Nana, quem foi que esteve aqui?

Nana está ocupada lá para dentro, não ouve a pergunta. Adriano recomeça a leitura do jornal e depois, cansado, adormece outra vez. As galinhas entram na sala, devagarinho, começam a beliscar os jornais amontoados, em busca de uma aranha ou de uma

barata, e a vida continua. Lá fora, na calçada de pedra o sol canta, como uma cigarra grande e luminosa".

É um quadro este que dá bem a sensação do que é o tédio de certas vidas que não se renovam nunca, um tédio maciço, espesso e duro que projeta a sua sombra lívida por toda parte. Márcio defende-se com uma arma poderosa: o amor. O seu amor por Maria Augusta. É a parte de cenas mais dramáticas. Infelizmente o que por vezes se nota de irregular, arbitrário e confuso na criação de Maria Augusta acaba gastando o poder emocional dessas cenas. Não há uma constante de personalidade nesta figura do livro. Uma unidade psicológica básica que leve à confirmação de um tipo.

Em um estudo mais longo que pudesse fazer aqui incluiria outros detalhes que servissem para definir melhor o meu pensamento. Mas deixo à reflexão do autor essas minhas dúvidas. E nem me referiria à psicologia que me pareceu um pouco turva dessa personagem se por alguns dos seus lampejos de vida ela não se impusesse particularmente à nossa atenção.

(Diário de Pernambuco, 01.01.1955)

Estréias de fim de ano

Joel Pontes

Castro Alves, em carta de 1863, endereçada a Marcolino de Moura, falava da "insípida terra de Pernambuco"; cinco anos mais tarde, ainda em carta - desta vez a Augusto Guimarães - falava de São Paulo, aborrecido com o seu "frio da Sibéria", com as "casas que parecem feitas antes do mundo, tanto são pretas", terminando o parágrafo por dizer **malgré tout**: "inclino-me a preferir São Paulo ao Recife".Que da primeira vez achasse a terra de Pernambuco insípida, justifica-se - acabava de ser reprovado nos exames da Faculdade de Direito. Na segunda, porém, parece tornar claro que o Recife não lhe agradava mesmo. A carta era um documento íntimo onde não necessitava de turíbulo para incensar a opinião pública de que sempre foi devoto cuidadoso. Tão ligados eram os dois amigos que Augusto Guimarães se dizia um alter Castro. Tomemos, pois, como pacífico esse desgosto do Recife, para daí passar a outro raciocínio.

A despeito disso o melhor da poesia de Castro Alves se deve à exaltação da liberdade e aos amores com Eugênia Câmara - motivos que encontrou e a que se deu de modo realmente fértil, no Recife e por intermédio da sua Faculdade de Direito. Foi onde ligou-se à atriz e onde se embebeu do espírito geral da época, lendo Hugo e freqüentando sociedades abolicionistas e republicanas, misturando onde seriedade e **pose** se misturavam, marcando para sempre sua personalidade de jovem provinciano, que estreava num centro cultural de importância. Não vamos discutir aqui o valor real do Recife em relação às idéias que eram novas por esse tempo. Apenas ressaltamos a relação entre as cidades brasileiras e o seu inquestionável destaque, para frisar que embora a cidade desgostasse um tanto ao poeta, marcou-lhe a poesia e lhe deu o que de melhor haveria de tirar de si.

Se para Castro Alves o Recife teve esta importância tão grande, imagina-se facilmente a importância que tem para estudantes forasteiros que se adaptam e passam a amar a cidade como um prolongamento da sua própria terra; para os que lhe são gratos e jamais a esquecem. Estes são principalmente os nordestinos, nascidos ao contacto com doutores orgulhosos dos seus diplomas expedidos no Recife, fiéis ao estímulo intelectual recebido dos mestres, ao bafejo, quase banho de civilização que os anos de estudos representaram. Muitos dos bacharéis formados no Recife, levaram para suas comarcas um pouco da crônica da cidade, muitos

dos seus costumes (inclusive o hábito de falar **no Recife** e nunca ***em Recife***) e não raros o seu penacho. Para estes o Recife é extremista: fixa-os aos seus lugares de origem com raízes de ferro ou apossa-se deles, desambientando-os de vez. De um modo ou de outro a marca tosta a pele e não desaparece mais.

É preciso compreender-se o que o Recife, e especialmente a sua Faculdade de Direito, representava para o estudante forasteiro, para que se sinta o choque entre o ideal - os princípios jurídicos, as aulas, as discussões filosóficas, o sonho literário - e a realidade que o recém-formado encontrava ao voltar à sua terra. Na escola ele cultuara o direito, na vida prática ia defrontar-se com... os fatos - sem trocadilho, o que seria um exagero. É quando começava uma luta séria, não raro terminando pelo abandono da carreira. Ao lado desta uma outra, igualmente íntima e profunda: a adaptação do jovem doutor às condições sociais mais primitivas da terra de onde veio. Destas duas situações, trata, de modo apaixonante , o romance com que estréia Ernâni Satyro: **O quadro negro** (Livraria José Olympio Editora - Rio de Janeiro, 1954).

Tem-se discutido se se trata ou não de obra autobiográfica, levando-se em conta as origens do autor; a forma de diário, literário demais; seu curso no Recife; sua volta à cidade natal; seu contacto com a política de coronéis e eleições a bico de pena; seu pendor literário, etc; acontecimentos comuns ao personagem principal do romance. Paulo Márcio não chega a deputado - mandato que o autor exerce - mas uma clara insinuação nos diz que a isto chegaria no futuro; o romance termina antes de qualquer resolução neste sentido. Serão argumentos respeitáveis para quem faça do problema motivo apenas de curiosidade, porque, encarado como tal, o romance já nos oferece uma compreensão bastante vasta da personalidade do autor e tão profunda que talvez a vida pública somente não possa oferecer.

Sirvo-me de Unamuno, que achava o romancista mero pretexto para que a história do personagem chegasse ao mundo e o primeiro tão real quanto o segundo. Em **Três novelas ejemplares y su prólogo**, o quixotesco escritor cita o americano Oliver Wendell Holmes - **The autocrat of the breakfast table - III** - que afirma haver seis personagens conversando quando conversam João e Tomás: 1) o João real, conhecido por Deus. 2) o João ideal de João. 3) o João ideal de Tomás. 4) o Tomás real. 5) o Tomás ideal de Tomás. 6) o Tomás ideal de João. Unamuno acrescenta dois outros personagens: o que cada um deles deseja ser. Para uso do esquema, ao estudar **O quadro negro**, creio que tudo se pode resumir em 1) Paulo Márcio como o romancista o fez. 2) Paulo Márcio como desejaria ser; se bem que ambos os objetivos e todos os de Holmes e Unamuno sejam no fim um só: o personagem como o crítico o vê. Aceitemos, porém, o resumo, por uma questão de método e vamos à dissociação.

Paulo Márcio como o romancista o fez: "só tem importância o que acontece dentro de mim". (pág. 280). "Minha coragem só se encontra no isolamento, com meus pensamentos, minha pena e meus livros". (pág. 143). "Às vezes procuro fugir de meus problemas, refugiando-se na leitura ou mesmo em estudos mais sérios. Mas há momentos em que o dever e a coragem consistem, não em estudar nos livros, mas em nos debatermos, em campo raso, com os nossos próprios pensamentos". (pág. 38.) Por aí se constata, em várias alturas do romance, afirmações de um introspectivo, analista da própria alma que deveria se remoer em pensamentos que a nada mais conduzissem senão à auto-suficiência, como ponto final. A forma de diário que tem o romance e certa aproximação com Machado de Assis, indicam a presença do romancista em um trabalho consciente de dirigir o seu personagem com a inteligência, mais do que com a sensibilidade ou - quem sabe - com a memória. O que lhe falta é a graça, a perfídia e a finura - o mais delicado de Machado não foi atingido. Ficou somente um processo, onde ainda um importante pormenor de técnica existe a separá-los.

Augusto Meyer, que escreveu a melhor síntese sobre Machado, diz que seus personagens "se movem como fantasmas num ambiente irrespirável de pura análise. O autor nunca lhes dá um momento de folga para que possam viver a sua vida". Em contraposição cita Charlus e Francoise, de Proust, e os personagens de José Lins do Rego, que **vivem**. O Paulo **vive**, apesar de certas pausas para que ele se analise; de outras para que monologue com disfarce de diálogo, servindo um gato como elemento machadiano; (é preciso estudar a importância da fábula e do apólogo na sua obra) e de certas frases, espécies de roteiro que o personagem nem sempre seguiu. Nesta revolta está a luta entre o personagem e o autor, o rompimento de cadeias, a libertação de uma criatura que tem uma vida romanesca e se evade ao cerceamento do seu criador. Quando Ernâni Satyro fá-lo escrever: "Só tem importância o que acontece dentro de mim" está riscado o círculo de giz fora do qual o personagem não deve pisar; mas preocupado com a primeira pessoa não conseguiu conter as outras: o pai, o juiz, a moça, o chefe político, o dentista bêbado, o fazendeiro ladrão - que rodeiam Paulo Márcio e não lhe permitem o eterno analisar-se que parecia o ideal do autor. É neste ponto que voltamos a Oliver Wendell Holmes, para encontrar, pelo menos, dois Paulo Márcio: o ideal de Ernâni Satyro e o ideal de Paulo Márcio, que ama e admira seu pai, admira o chefe, o juiz, odeia e teme o fazendeiro Caboclo, etc. A ação de todos eles sobre Paulo Márcio, que naturalmente tem que reagir por sua força de personagem, tira o romance dos seus roteiros, dá-lhe vida e grandeza. Então, já podemos voltar a Unamuno em sua afirmação categórica - o romancista é tão real quanto o agonista (personagem) - e contrapor em definitivo Ernâni Satyro e Paulo

Márcio. Se este pudesse discutir com aquele como na peça de Pirandello ou no pequeno conto de Guareschi "**O autor e o personagem**", teria, decerto, mágoas a desfiar. Diria, por exemplo, que "é tremendamente difícil escrever o que se sente" (pág. 129). Com isto se revoltaria contra a forma de diário dada ao romance. O registro dos acontecimentos à medida que se realizam, dificulta muito retorno ao passado, principalmente ao passado mais remoto. Quando se torna necessário que Paulo Márcio recorde, o romance sofre um corte em sua continuidade. Como romance, de forma narrativa comum, tal não aconteceria e como misto de narração e diário, podia ter sido mantida melhor unidade, por meio de cortes inteligentes - cortes em que Ernâni Satyro se revela muito hábil em certas ocasiões. Pode-se argumentar que o romance perderia em paixão, desabafos de momento... o problema é do romancista, não do personagem - que conclui sua reivindicação neste setor; outras se seguem: "Não estou aqui para falar de amores. O amor é para se amar, e não para se dizer". Isto: um pouco mais de ação para Paulo Márcio. Faz pena vê-lo **contar** ou divagar sobre ações do juiz, do chefe político ou do coronel Cazuza, quando ele próprio poderia agir muito mais. "Mas tenho que ser fiel em minhas informações. Ou dizer tudo quanto for importante na minha vida, ou silenciar de todo. E silenciar também não me é possível. Já vou tomando amizade a este caderno, que aumenta cada dia. Direi, pois, apenas a verdade, com os babados indispensáveis a quem conta história. Depois, talvez ainda volte a esta teoria dos babados. Agora o que me interessa é a história da moça." (pág. 78). A história da moça, propriamente, não: a moça, que Paulo Márcio ama ardentemente e que deixa de amar e despreza, de modo estranhamente repentino. Para um homem de tantas repercussões espirituais, o desenlace do caso de amor deveria requerer um processo mais lento, pelo menos de acordo com as flutuações que acompanharam o agitado namoro. Como aliás, exigiria mais veemência o choque entre o "espírito do Recife" e a realidade do Direito no sertão de que temos notícias **contadas** e quase nenhuma **vivida.**

O romance acaba de chofre e de certo modo fica incompleto. Não é possível que Ernâni Satyro deixe para sempre esquecidos personagens como o juiz, Cazuza, Maria Augusta, Fábio ou Gabriel. São tão humanos, tão ricos de conteúdo literário que bem merecem ser retomados, cada um de **per si** em futuros romances. Ernâni Satyro é romancista e seu mundo de ficção já está criado. Chega a parecer até estranho falar dele como estreante, porque sua segurança, seu estilo e sua técnica tem a chancela de um romancista feito e dos melhores da moderna literatura brasileira. É um consolo saudá-lo confiantemente no momento em que sua cidade natal - Patos, Paraíba - perde outro escritor - Alírio Meira Wanderley - que se dispersou em várias atividades e nunca chegou a escrever o

romance que poderia ter escrito. Ernâni Satyro pode conciliar o conhecimento dos problemas sociais do sertão paraibano e a literatura, dando-nos os romances que ainda estão se escrever sobre a política minúscula, pitoresca e trágica que até hoje se pratica por todo o interior. Pela inteligência, pelo nascimento e pela experiência está capacitado a assumir esta responsabilidade.

(Diário de Pernambuco, 6.2.55)

BIOGRAFIA DO LIVRO

O QUADRO-NEGRO (*)

Ernani Sátyro

Não é fácil dizer como nasce um romance. Ele se vai formando lentamente, antes mesmo de começar a ser escrito. De um certo modo, cada ato de nossa vida, cada leitura, cada experiência é uma célula do novo ser que vai surgir. Assim foi o meu livro. Sempre tive os sentidos abertos para qualquer coisa que existe além das pessoas e dos objetos. Em minhas atividades de advogado, por exemplo, os incidentes dos feitos em que me vi empenhado não bastavam para satisfazer a minha curiosidade. Uma inquietação, uma angústia, - qualquer coisa diferente e estranha - me agitava o sangue e a sensibilidade. Eu percebia, embora sem muita clareza, que aquelas lutas eram estéreis, que minha vida se consumiria inutilmente, se eu não transfigurasse aqueles seres humanos. Era como se precisasse recriá-los para que eu mesmo pudesse compreendê-los. Parecia-me que as vidas reais que me cercavam eram vidas de mentira. Que tudo não passava de uma fantasia. Que a existência real das pessoas era a que se agitava dentro de mim. E assim descobri que era romancista. Bom ou mau romancista, pouco importava. Desde que as criaturas humanas, os objetos, as paisagens, exigiam outra forma, de acordo com a minha própria concepção, eu estava no dever de escrever um romance. Mas adiava sempre. Advogado e político, estas atividades não me deixavam tempo para cuidar de meus mitos.

Até que um dia a mudança violenta de uma situação política, ou seja o ostracismo inesperado, deixando-me mais livre, atirou-me à sonhada aventura. Fiz uma novela de 179 páginas dactilografadas, em 20 dias. Não podia prestar. Sei que não há regra fixa para se fazer nada. Cada um trabalha e produz, segundo seu próprio temperamento. Mas assim também era demais. Terminado o trabalho, mostrei-o a alguns amigos, Uns gostaram, outros não, embora todos achassem que havia qualquer coisa aproveitável. Mas, quem menos gostava era eu, e isso bastou para jogar o pequeno volume no fundo da mala.

Passam-se os tempos. Mais de dez anos. De vez em quando voltavam aquele vultos, ora moderados, ora insistentes. Até que um dia - esse dia sempre chega - eu estava novamente a rever a minha pobre história. Não, não era de todo imprestável. As figuras retomavam sangue e vida, exigiam liberdade. Meu dever era

libertá-las. E fui escrevendo, escrevendo, agora devagar, sem qualquer compromisso com o tempo. Os amigos com quem conversava ou a quem mostrava trechos - Luís Jardim, Amando Fontes, João Condé - demonstravam interesse por minhas criaturas, perguntavam pela solução dada a certos incidentes. E o romance aí está, 338 pág. impressas.

Se me perguntarem se é autobiográfico, responderei que é e não é. Quem porventura me conheça e leia aquelas páginas, verificará que a história de Paulo Márcio não é a história de minha vida. Mas ele pediu muito de meu sangue, e eu lho dei de bom-grado. Dei-lhe minhas experiências e meus sonhos - minhas pobres experiências e meus ricos sonhos. Toda ficção há de ser retirada de dentro de nós mesmos, inclusive as coisas que vemos pelo avesso, que descrevemos de modo inteiramente contrário daquele como desejaríamos que elas tivessem acontecido. Mas os personagens se rebelam, todos sabem isso. Arrebentam as linhas com que os prendemos. A própria natureza se revolta, as paisagens estremecem e tomam vida. Nem sempre se conformam com os figurinos, com as descrições bem arranjadas, tão próprias para os cromos de parede.

Sei que o arquivista implacável quer saber mais coisas. Mas não posso ir adiante. Ou o livro se explica por si mesmo, ou nada vale. Não há esclarecimentos posteriores que possam salvar um romance.

(*) Especial para os "Arquivos Implacáveis", de João Condé.

(*in* Revista ***O Cruzeiro***, *11.12.54*)

O QUADRO-NEGRO

A meus pais

MIGUEL SATYRO E SOUSA

E

CAPITULINA AYRES SATYRO E SOUSA

JUNHO

Domingo, 3

Enfim, eis-me de volta à cidade natal, com uma carta de bacharel, alguma literatura e nenhuma experiência.

Poderia continuar aqui o diário que desde muitos anos venho escrevendo, com interrupções mais ou menos prolongadas, como acontece com todos os meus empreendimentos. Mas não quero. Para uma vida nova, uma encadernação também nova. Isto importa muito, por motivos que sinto interiormente, embora não os saiba explicar muito bem.

Procurarei dizer as coisas tão simplesmente como as sinto. Nada de linguagem arrevezada e preciosa. Creio possuir, entre os poucos dons que a natureza me confiou, esse de escrever com naturalidade. Que depois se melhore a frase e corrija a gramática, endireite-se o pensamento, até onde ajudem as próprias forças, isso é até uma obrigação. Mas nada de exageros e torturas. O que vale é o que sai no primeiro impulso, sem artifícios e violências. Pensamento e forma são como corpo e alma. Só sabemos dizer o que realmente temos a dizer.

Sei que às vezes me torno discursivo. Quero reagir, mas não há remédio. Existem impressões que nos habituamos a transmitir em tom de discurso, como há outras que só sabemos traduzir em voz baixa, quase sussurrando. E não é possível mudar, nesta altura da vida, o sentido de certas inclinações.

Pelo meu gosto só falarei do essencial. Mas fica esclarecido, para evitar confusões, que o essencial muitas vezes se encontra nas pequenas coisas. Sou um sujeito exigente a este respeito. Só considero importante o que ocorre dentro de mim. Os acontecimentos lá fora, por mais extraordinários que eles sejam, não merecerão de minha pena os três pingos de uma reticência, se não repercutirem nos meus nervos e no meu sangue.

Só não posso ser insensível à natureza. Em torno de suas oscilações também varia a nossa existência, numa terra em que os homens vivem de cara para cima, a consultar um céu mudo e enigmático. Apenas acontece - quero insistir nisto - que mais do que esse espetáculo celeste me importam as pessoas, e nestas, principalmente, os retratos que me ficam cá dentro.

Minha conversa será curta ou comprida, conforme as necessidades do espírito e o limite das energias físicas. Hoje, por exemplo, estou muito cansado da longa viagem que fiz a cavalo, para alcançar a cidadezinha do meu nascimento.

É possível que amanhã volte mais lépido e disposto.

Vou fazer o possível para que este diário não tenha o mesmo destino do outro, ou dos outros, que não passaram de tentativas. Não é que não goste do ofício. Gosto. É que sou volúvel até para aquilo que me inspira mais paixão.

Não valem as intenções. Vale apenas o que eu conseguir captar, para satisfação de minha sensibilidade. Até mesmo um diário íntimo deve ter preocupações de arte.

Ou isso ou nada.

Terça-feira, 5

Fiquei de voltar ontem, e não voltei.. É que, mesmo fatigado com estava da longa caminhada - quatro dias no lombo de um cavalo, de Vila Nova até Lagoa - tive de atender ao convite de moças e rapazes da terra, para assistir a um baile no Conselho Municipal.

Fique para trás a notícia da festa desinteressante. Apenas u'a moça me despertou a atenção. Se não foi um equívoco, e resistir à segunda olhadela, voltarei a falar no assunto, por menos interessado que anda pelas mulheres.

O dia de ontem foi um tormento para mim. É o dia de feira da cidade. Tive de receber as visitas de todos os amigos da família, pobres e ricos, residentes nas fazendas. A princípio me pareceu divertido. Velhas fisionomias familiares - fazendeiros, vaqueiros, comadres, afilhados - tudo isso me trouxe a renovação de uma paisagem, de que eu estava separado há tantos anos, apenas com breves interrupções.

Mas, já para o fim, aquilo me foi cansando. Sempre as mesmas perguntas para responder: se vinha ficar em Lagoa, se já era noivo, quando ia rever as fazendas, etc.

O velho Cazuza Mamede compreendia por vezes o meu enfado e ia respondendo como podia. Ainda não estava nada certo. Seu desejo era que o filho ficasse, advogando e tomando conta do que era seu. Mas não estava nada resolvido, havia tempo para pensar. Com estas e outras conversas, foi passando o dia. E logo que a noite pesada caiu sobre a cidade sem iluminação, também o sono desceu sobre mim, com todo o encanto de sua misericórdia.

Quarta-feira, 6

Estão-me chegando, aos poucos, as visitas da cidade. Esqueci-me de dizer que fizera questão de não haver festa na minha chegada. Foram inúteis os apelos do velho Cazuza. Cheguei dois dias antes do esperado. E em carta já o notificara de minha decisão.

Tinha para isso uma razão particular. É que já não vive minha mãe, que tanto desejava ver o filho formado e recebido com festas.

Se ela não podia participar dessa alegria, ninguém também haveria de experimentá-la.

Essa resolução, cômoda por um lado, trouxe-me complicações por outro. Em lugar de rever o povo da cidade logo de vez, e satisfazer, talvez num discurso à curiosidade geral em torno de minha vida, tenho agora que destilar, gota a gota, minhas notícias, meus planos e impressões, como uma espécie de bebida nova, para uma gente tão ansiosa de novidades.

A primeira visita foi do juiz de direito, Dr. Adriano Pereira. Alto e barrigudo, eternamente cansado e respirando pela boca, sempre me pareceu um santo homem, apesar do atraso com que dizem despachar os seus papéis.

Veio depois o velho Melquíades, com seu cavanhaque e sua irritação, reclamando contra tudo e contra todos. Ao ver o Dr. Adriano, logo lhe perguntando por que não realizava as sessões do júri, pois os réus estavam, há quase um ano, "apodrecendo na cadeia". O juiz fingiu que não ouvia, porém Melquíades insistiu, acrescentando que o carcereiro estava comendo as diárias dos presos, enquanto estes se alimentavam da caridade pública, recebendo de famílias caridosas.

Adriano Pereira não teve o que responder. Disse que ninguém podia com a língua de Melquíades - "nem Nosso Senhor escapa"- e saiu sem mais conversa. Melquíades retrucou que nunca falara de Nosso Senhor, mas apenas de uma imagem horrorosa de Nossa Senhora da guia, que custara metade do dinheiro arrecadado e servia mais para espantar os fiéis da matriz, do que para receber a sua adoração.

Ao despedir-se, o velho disse que tinha muito o que conversar comigo. Havia muita coisa para consertar na terrinha e eu era o sangue novo que estava faltando.

O velho Cazuza não gostou da conversa. Logo que Melquíades deu as costas, foi me dizendo:

- Olhe, meu filho, não vá atrás das intrigas desse velho. Para ele só é certo o que ele faz. Você tem de ser amigo dos amigos de seu pai. Nada de se meter contra o compadre Adriano, o compadre Gabriel, o Dr. Gouveia ou o vigário velho. Estes é que são os homens da terra. Melquíades às vezes é engraçado, mas não tem futuro para nada. Não dá conta nem da bodega dele, que se acaba dia a dia.

Meu pai sempre gostou de agradar as autoridades. Meu padrinho, por exemplo, é um promotor que serviu aqui há muitos anos, homem dado à oratória e às palavras difíceis, segundo a tradição que deixou. Foi ele que me deu esse nome de Paulo Márcio. Deve tê-lo encontrado em algum folhetim, pois também gostava de ler romances, se é que não fez alguma combinação de personagem de novela com nome de imperador romano.

Quero ver agora se não me vou interessar muito pelas tricas da aldeia. Tenho cá os meus planos, meio confusos, é verdade, mas bem diferentes desses conflitos locais. O diabo é que, apesar dos nossos propósitos interiores, os fatos lá fora existem e às vezes impõem pelo menos um registo.

Domingo, 10

Vi hoje na missa a moça de que falei há alguns dias. Chama-se Maria Augusta, é filha do dentista Fábio Noronha. Tem um irmão preso na Bahia, por assassinado um homem. Segundo Melquíades, que me contou tudo sem que eu nada lhe perguntasse, o crime teria ocorrido por questões ligadas umas dívidas do dentista.

A moça é realmente bonita. Alta e forte, cabelos negros e ondulados, pele clara e fina. Dizem que é "o homem da família".

Tem um certo ar de superioridade, de que não gostei. Afinal, eu ainda sou a novidade da terra, e era natural que ela me olhasse com maior interesse.

Mas não estamos aqui para falar de mulheres.

Quase que já conheço todo o povo da cidade. Falo dos mais novos, é claro, dos que chegaram na minha ausência. Pois é certo que, nos últimos cinco anos, estive aqui uma única vez e quase não demorei nada.

Terça-feira, 12

Estou na fazenda desde ontem. Quase nenhuma mudança na paisagem. Apenas alguns roçados novos e duas ou três casas de taipa que ainda não existiam, quando aqui estive a última vez.

Sinto por toda parte a presença de minha mãe, dando suas ordens à criadagem, informando-me da produção do leite, rezando no quarto do oratório para que as chuvas não faltassem.

Francamente, não esperava que as saudades me assaltassem assim de modo tão brutal.

Quando nos morre uma pessoa querida, temos a impressão de que ela nos acompanha ainda por muito tempo. Aos poucos, a imagem se vai apagando, apagando, até tomar a forma de um véu transparente. Quase nada.

Que grande, porém, não é a nossa surpresa, ao verificarmos que essa figura, já quase volatilizada, retoma o vigor da imagem antiga, quando voltamos ao ambiente onde ela viveu! Vem-nos então uma espécie de remorso, como se o vulto querido nos cobrasse os momentos em dele nos esquecemos.

No caso de minha mãe, essa cobrança seria impossível, porque, ao se aproximar, toda ela é perdão. Mais do que isso, vejo-

lhe até nos olhos, vagamente perceptíveis à minha imaginação, um gesto de súplica por me ter deixado tão cedo, para atender ao chamado dos céus.

Na falta de palavras dignas de tua bondade, ó meiga criatura, aqui ficam as minhas lágrimas.

Quinta-feira, 14

A imaginação é caprichosa. Por mais que queira voltar à infância, durante os meus passeios pelo campo, em que revejo lugares tantas vezes percorridos, o pensamento só me puxa para os tempos acadêmicos, com o Recife pregado em minha memória, como se fosse pintado a óleo.

Ainda ontem, pensando estar só, deixei escapar a exclamação:

- Ah! Recife velho!

- Ainda bem não chega em casa e já está com saudade de uma terra que não é a sua!

Era o velho Cazuza que falava, da sua rede do alpendre, onde tem a impressão de que está governando o mundo.

Apanhado de surpresa, não pude responder com segurança. Disse apenas, meio gaguejando:

- Não é... não é saudade... meu pai; apenas umas recordações da Faculdade, de alguns colegas bons...

- Por que não conta essa história direito? - insistiu o Velho. - Isso já está me cheirando a casamento. Se quiser, resolva logo. Comida que dá para dois, chega para três.

- Ora, meu pai, eu ainda bem não cheguei; não acertei nada de minha vida. Como posso pensar em casamento? Só se o senhor me arranjar a noiva.

- Ah, isso lá não é comigo. Se fosse uma filha, vá lá. Mas um mandrião da sua marca, não.

O Velho já estava gracejando. Mas, ainda, assim, a voz era a mesma, trovejante e grave.

Enrolei a toalha no ombro e fui tomar banho no açude.

O Recife transportou-me novamente para o meu pensamento. Mas não eram apenas os seus sobrados, as suas pontes e as suas praias. Era a cidade inteira, inclusive o Direito, cheirando a séculos e falando latim. E dentro da cidade, hesitante e só, o estudante mal chegado de outro Estado, alojado na primeira pensão que lhe indicaram, sem um conselho de mãe que mostrasse certos perigos, que somente as mães sabem ver. Os conselhos de pai são diferentes. Eles mandam ter cuidado com os gatunos, segurar bem o dinheiro, estudar muito. Somente isso, como se a vida não tivesse emboscadas muito mais graves, de que a gente se livra, muitas vezes, por instinto ou por acaso.

Com a lembrança do Recife, voltaram-me também as dúvidas da vocação. As solicitações da literatura, por um lado, e o chamamento do direito, por outro.

Se encontrasse dificuldades mais sérias em qualquer dessas atividades, a solução seria muito fácil. Era somente abandoná-la e abraçar decididamente a outra. Mas, não. Ambas me surgiam com sugestões encantadoras, direi até brilhantes. Ainda me falta bastante perspectiva para julgar com segurança até que ponto era verdadeiro aquele brilho, num caso ou noutro.

O problema - necessário não perder de vista este ponto - não consistia em saber se devia ou titular-me. Quanto a isso, eu estava bastante certo. Um grau de bacharel ou de médico tem bastante prestígio social, para que um moço cheio de aspirações possa hesitar em conquistá-lo.

O meu problema, pois, era diferente. Tratava-se de saber se me consagraria inteiramente à ciência jurídica ou me lançaria no mundo das letras, com toda a sede de leituras de que estava então possuído.

Poder-se-ia de fora julgar essa causa com extrema simplicidade, dizendo que uma idéia não tinha incompatibilidade com a outra. Que se podia perfeitamente ser um advogado e um literato.

Ora, grande solução! Era disso precisamente que eu queria fugir. Não se tratava de conciliar coisa alguma. Tratava-se de escolher, e escolher o melhor: o melhor para mim, o mais condizente com a minha própria natureza. Tomada a decisão, o tempo seria meu. Eu é que o aproveitaria em todas as suas reservas, ao invés de ser consumido por ele, lenta e irremediavelmente.

Eis, portanto, a escolha que não fiz. E assim me venho arrastando até hoje, sem me julgar incapaz de vencer na vida, no seu sentido mais exterior, porém já quase me desenganando de me encontrar a mim mesmo, de me integrar na essência do meu ser.

Às vezes me pergunto se a incapacidade daquela escolha não teria como causa a própria ausência de uma vocação mais profunda. Em termos mais claros: a ausência de uma força interior.

Ah, se me pudesse convencer disso! Eu atiraria, então, sobre os ombros da natureza inconsciente, a culpa de minha dúvida destruidora.

Mas não tenho o direito de enganar-me a mim mesmo. Sinto que tinha alguma coisa a dizer. Pouco importava que não fosse grandiosa, desde que fosse justa. Sei que os outros ajudam pouco. Mas uma palavra teria podido salvar-me.

Essa palavra não veio.

Será que virá um dia?

E o tempo, então, estará esperando por mim?

Não sei bem quais as causas que contribuíram, de modo mais decisivo, para esta minha formação hesitante, como de resto para toda a minha personalidade.

Em geral, quando crianças, quase nada sabemos de nossos pais. Não participamos de seus assuntos mais profundos. O pouco que nos chega ao conhecimento é apenas entrevisto, através de flagrantes descontínuos.

Quanto a minha mãe, não alcançou sequer a minha adolescência. E meu pai pouco tem convivido comigo, pois desde menino que vivo fora estudando.

Poderei apenas falar de meu próprio passado, mas, mesmo assim, sem tirar nenhuma conclusão definitiva, apenas como sugestão, nesta tentativa de responder a certas indagações de minha curiosidade. Com isto vou enchendo tempo e papel, enquanto não tomo rumo certo.

Nada tenho a dizer do meu nascimento. Nasci normalmente, como nasciam todas as crianças, numa época e num meio em que pela precariedade dos recursos da ciência, ou se vinha ao mundo assim ou se voltava do meio do caminho, levando a pobre mãe e tudo.

Posso esclarecer alguns fatos de meus primeiros meses, apoiado nessa segunda memória, que todos nós temos, formada das informações de nossas mães, nossos irmãos mais velhos, nossas amas e nossos conhecidos. É u'a memória diferente, enriquecida ainda por certas marcas, que ficam impregnadas no corpo e no espírito.

Pois me diz essa segunda memória que meu primeiro ano de vida foi uma luta tenaz contra a morte. Disenteria, furunculose, convulsões, tudo isso trazia meus pais, não apenas aflitos, como até conformados com a minha morte. Ainda hoje conservo alguns vestígios dos vinte e um tumores que me assaltaram de uma só vez. Não é muito fácil vê-los. Às vezes depende de um jeitinho de olhar, de espichar a pele diante do espelho. Mas lá estão as marcas. Elas que não me deixem mentir.

Quando meus pais se desenganaram de curar-me, em casa, entregaram-me a uma preta, que nascera escrava de meu avô. Diz o marido dela, sujeito dado à cachaça e a contar histórias, que a primeira providência a tomar foi juntar todos os frascos existentes em minha casa e jogá-los numas grutas, para que não ficasse por perto nem cheiro de remédio de farmácia. A mulher contesta em parte essa versão. Afirma que ele, depois de derramar os remédios, sob protestos dela, lavou cuidadosamente os vidros e foi revendê-los na botica, tomando, por sinal, um dos maiores porres de sua vida.

Por muitos motivos, prefiro acreditar na palavra de minha ama-de-leite, que não era Guilhermina, como a de Augusto dos Anjos, porque era Benedita, nem furtava moedas, que estas nenhum Doutor me dava. E quanto ao Dr. Gouveia, se suas receitas não me salvaram daquela vez, salvaram-me de outras, em condições que não deixam qualquer sombra de dúvida.

A verdade é que, na estação de cura para onde me levou - o seu pequeno sítio, que ficava próximo de nossa fazenda - a preta Benedita repartiu comigo o leite de sua filha Joana. Afirma ela, ainda hoje, que me deu somente isso. Mas o marido, irritado com a história dos frascos vendidos na farmácia, assegura que ela me impingiu quanta mezinha extravagante havia - inclusive chá de casca de barata e água de chocalho, esta para recuperação da voz, que andava um tanto sumida.

Ainda desta vez prefiro acreditar em Benedita, porque esse chá me repugna, até mesmo como hipótese. Lembra-me bem que o pessoal de casa, quando eu era criança, costumava admoestar-me, sempre que eu elevava a voz estridente: "Fale baixo, menino! Você parece que bebeu mesmo água de chocalho!".

A verdade é que me curei e aqui estou contando a minha história.

Dos acontecimentos de que tenho lembrança própria, o mais remoto foi uma queimadura na barriga, vasta e profunda, produzida por uma tigela de água quente. Não sei reconstituir os detalhes. Lembro-me, porém, de que, no momento, minha mãe aplicou vaselina, o único remédio que havia na fazenda. Mandaram com urgência um portador à cidade e ele voltou com um líquido para lavar a queimadura, todas as manhãs, e uma pomada amarela para passar em cima.

Por muito tempo fiquei com um pavor enorme de que me tocassem na região abdominal, e qualquer contrariedade chegava mesmo a provocar-me uma espécie de cólica externa, se assim me posso exprimir, à falta de outra explicação mais adequada. Minha mãe corria então a dar-me chás e pequenos glóbulos de homeopatia.

Mas a doença estava rendendo muito. Meu pai de vez em quando dizia:

- Esse menino o que tem é manha.

Até que minha mãe acreditou e, pegando uma chinela - Deus lhe perdoe, que de mim já está perdoada - pôs termo às cólicas com uma homeopatia diferente.

Por muito tempo, no entanto, os efeitos da queimadura me acompanharam. Sempre que eu tinha necessidade de brigar, meu primeiro gesto de defesa era amparar o ventre, enquanto deixava desguarnecido o rosto para os bofetões. Talvez por isso sempre preferi a queda de corpo, em que poucas vezes fui vencido.

Outra recordação inapagável é de uma das enchentes do rio Espinheiro. A calçada alta da Casa da Câmara ficou como uma espécie de cais do porto, ou de palanque, de onde o povo olhava o "espalho d'água", transpondo barreiras, invadindo casas e arrastando árvores enormes.

Não sei por que, estávamos na cidade nesse dia.

Um rapaz alto e forte tirou a camisa, arregaçou as calças, olhou para os lados e disse:

- Vou atravessar. Quem duvida?

Ninguém duvidou. Correu novamente os olhos no ajuntamento de pessoas que ali estava e repetiu a pergunta:

- Quem duvida?

- Eu duvido! - gritei sem me sentir.

O homem atirou-se às águas, não sem se ver livre antes, num movimento rápido, das calças que amarrou na cabeça.

Foi um protesto geral. Aquilo era uma loucura. Mas todo mundo sabia que tinha o compromisso de não recuar nunca diante daquele rio, companheiro de infância, rio irmão.

Era o melhor nadador da cidade. Parece-me ainda divisar-lhe a cabeça bem longe - aquele pontinho preto, no meio das águas barrentas. Nunca mais o vi, nem eu nem ninguém. Dias depois, quando o rio baixou, cansado do grande esforço, o corpo foi encontrado, espetado nuns garranchos, a algumas léguas da cidade.

"Quem duvida?" - tive a impressão de ouvir ainda por muito tempo. Receei que na cidade me considerassem culpado da morte do nadador. Temi enfrentar as pessoas. Mas parece que ninguém deu maior importância às minhas palavras. De resto, ele haveria de atirar-se às águas, de qualquer modo. Era o que todos pensavam, certamente, embora isso não abafasse, no meu espírito, o eco de meu grito imprudente: "Duvido!"

Não gosto de exagerar os fatos e as impressões, mas, duvidar tem sido a minha maior atividade na vida.

Ainda hoje conservo em casa uma fotografia dessa enchente, apanhada por um fotógrafo que por aqui passava, num momento de rara felicidade. Eu achara aquilo tão bonito que minha mãe me dera o retrato de presente. Mas não pude olhá-la por muito tempo, porque via sempre o nadador se afogando, com uns olhos enormes para mim.

E aqui parece que termina a parte mais confusa de minha existência, aquela em que os fatos constituem uma espécie de paisagem desmontada, como se fosse um brinquedo mal armado, faltando um pedaço aqui, para sobrar outro adiante. E então ficamos hesitando, para saber onde foi que a retentiva falhou, gerando a descontinuidade e a incongruência.

Sei que um acontecimento desses - a morte do nadador - não constitui um marco preciso e definido, limitando fases diferentes de

nossa vida. Mas é muitas vezes o ponto mais visível, o que de boa vontade se presta para uma referência. Seu maior valor está nessa espontaneidade com que se apresenta.

Como já disse, não quero tirar conclusões nem exagerar, mas não posso ter dúvidas hoje de que aquele espetáculo do afogamento vem influindo, em toda a minha vida, para que eu tenha verdadeiro pavor das águas, principalmente as águas em movimento - os rios e o mar.

E, se as águas em movimento - os rios e o mar - por que não também tudo o mais que seja perigo e aventura, ação e coragem?

Que sabem os homens da teia misteriosa que compõe a sua vida?

Terça-feira, 19

Regressei ontem da fazenda. Não direi que o passeio me desagradou. A sensação não foi propriamente de desagrado. Direi com maior propriedade que não conseguiu prender-me. Com todas as atenções voltadas para dentro de mim mesmo, não tive olhos nem ouvidos para as coisas exteriores. Passei todo o tempo a pensar no meu passado, quando não consultava dois ou três livros que levara, sem nenhum objetivo mais definido.

Fiz alguns passeios a cavalo, breves caminhadas sem maior interesse. É inútil nos querermos embeber na poesia do campo, gozar o espetáculo da natureza, se o nosso espírito espontaneamente não se oferece para isso.

Atualmente, a minha paisagem está em mim mesmo, na retrospectiva de minha vida. É mais uma diversão do que uma especulação. Agora mesmo, quando pego na pena para escrever estas notas, sinto-me arrastado à escola primária onde dei os primeiros passos em busca da ciência, porque o alfabeto eu já tinha. Onde apanhei os primeiros bolos de palmatória. Onde travei conhecimento, pela primeira vez na vida, com a injustiça e a covardia dos homens.

Meus pais ficaram na fazenda e eu vim para a cidade, estudar na casa de uma tia. Era desejo de minha mãe que se contratasse um professor para continuar, lá mesmo, o ensino das primeiras letras, que ela começara. Infelizmente esse professor não foi encontrado e ela teve de se conformar com a separação. Separação que de certo modo seria definitiva, porque tempos depois viria o meu internato e a morte dela.

Se tivesse de responder a um questionário, em que perguntassem qual a pessoa que mais me impressionara nessa época, responderia prontamente, sem qualquer intenção de fazer graça, que fora a palmatória. Sim, ainda hoje ela significa para mim uma aparição dos infernos, uma figura demoníaca, não tanto pela injustiça

e crueldade dos sofrimentos físicos que infligia, como pela humilhação e vingança de que era instrumento.

Não eram os bolos dados pelo professor, quando perturbávamos a ordem ou nos descuidávamos das lições, o que mais me feria e ainda agora me fere a sensibilidade. Seria até uma hipocrisia vir sustentar hoje que uma criança de oito a onze anos de idade - que esse foi o meu período na escola local - já considerava irracional e errado esse método de correção e ensino. Não, o problema não era esse. O que me abalava o instintivo senso de justiça, e ainda me revolta, era a falta de responsabilidade com que o professor atirava os alunos uns sobre os outros, ou, para melhor dizer, os mais fortes contra os mais fracos.

Esses episódios mereceriam, somente, eles, um capítulo especial.

Havia na escola pública três ou quatro meninos - um deles quase rapaz - que dominavam inteiramente a classe. Eles se revezavam na direção das aulas, enquanto o professor ficava displicentemente decifrando charadas ou permanecia lá no interior da casa, tratando de seus passarinhos. E então a aula se transformava numa espécie de pelourinho, em que as vítimas eram arrastadas, uma a uma, para expiar faltas que não cometeram.

As matérias eram divididas por horário, sendo que o "argumento" era feito duas vezes na semana. "Argumento"! Palavra monstruosa. Formava-se uma fila de meninos, aos quais se iam fazendo perguntas para que respondessem sem pestanejar. Os tais donos da classe nunca erravam. Pois se eram eles próprios que examinavam e combinavam lá fora as perguntas de gaveta para nos martirizar!

Como havia os donos, havia também os burros de carga, os escravos da classe. Eu era um deles. Eu e Sobralzinho, sobrinho do professor e por este profundamente antipatizado. Havia ainda Titico, filho do sapateiro, que trabalhava como bicho bruto para sustentar o filho na escola. São os dois cuja lembrança mais me ocorre. Titico enlouqueceu, em conseqüência de uma febre, mas creio que também de tanto apanhar.

Era inútil qualquer esforço nosso, preparando lições ou decorando todas as perguntas e respostas da História do Brasil. Parece que os desgraçados adivinhavam, para maior perfeição do seu regime de humilhação e crueldade. Se era dia de argumento de História, para que nos preparáramos, eles gritavam ao professor indiferente:

- ...'fessô, História, não, eles não estudaram. Melhor tabuada.

O professor assentia com os olhos e continuava indiferente, decifrando charadas ou limpando as gaiolas dos passarinhos.

E lá vinha a tabuada de multiplicar, casa de 7 ou de 8, que ninguém, senão eles, havia estudado.

Um dia ocorreu a injustiça maior. Titico, não sei por que ironia do acaso, respondeu acertadamente a uma pergunta de Geografia que enrascara o grandalhão da turma. Foi um acontecimento. Titico iria dar um bolo em... não me recordo do nome. Todo mundo sorria. Era aquela a nossa pálida oportunidade de vingança. O Barbatão - demos-lhe esse nome, porque ele parecia um garoto selvagem - estendeu a mão, com um riso que então não compreendi bem, mas agora suponho ser ao mesmo tempo de desprezo e ameaça de vingança.

Titico hesitou. Olhou para o professor, olhou para os colegas.

- Vamos! - gritou o mestre, mestre das injustiças terrenas.

Titico pegou a mão de Barbatão, levantou a palmatória e ficou com ela no ar, inteiramente apalermado.

- Vamos! - insistiu Sobral.

- Não quero dar, professor, não quero dar.

Foi então que Sobral levantou-se. Tomou a palmatória e disse para o Barbatão:

- Dê aí meia dúzia de bolos bons nesse covarde, para ele aprender comó se comporta no argumento.

Se bem ele disse, melhor fez o miserável. E Titico saiu para casa com as mãos sangrando.

Quarta-feira, 20

É inútil querermos dizer tudo de uma vez. Pelo menos comigo acontece isso. Existem idéias ou impressões que só se entregam aos poucos, caprichosamente, quando querem. São assim as impressões de minha vida.

Poderia dar por encerrado, com o martírio de Titico, o retrato da escola pública de Lagoa, no tempo em que a freqüentei. Mas quero acrescentar uma nota, sem a qual não estaria completo nem sincero o meu depoimento. É que só houve um remédio, para mim, no sentido de deixar de ser vítima. Foi passar para o partido dos algozes. Não sei se acontece sempre isso na vida, mas na minha escola aconteceu. Ou escravo ou senhor. A lei ali era essa.

Pensará quem acaso me leia este diário íntimo que minha promoção se deu por merecimento. Nada disso. É que, queixando-me a meu pai, num dos dias em que ele viera à cidade, o Velho foi ao chefe político, major Gabriel Soares, que, por sua vez, falou com o professor. Este tremia diante dos poderosos.

Não sei como se processou a combinação. Sei dizer apenas que, no dia seguinte, ao chegar à escola, Barbatão me chamou e disse:

- Amanhã o argumento é Geografia, página 25 a 28. Estude bem.

Eu estudei. Estudei e me acomodei na nova posição, sem nada mais perguntar.

Não quero engrandecer-me, mas também não me devo rebaixar injustamente. Passando ao grupo dominante, não fui dos mais cruéis. Executei mediocremente o meu papel covarde.

Meditando hoje sobre esses acontecimentos, vejo como seria fácil ao major, melhor informado do regime de nossa escola, pôr termo àquela miséria. Mas a sua atenção foi chamada apenas para o meu caso. Foi isso que ele recomendou ao professor. Este, por sua vez, não acredito que orientasse ou pactuasse dolosamente com o grupo da miséria. Mas a indiferença, a preguiça, a falta de noção do dever, os passarinhos e as charadas, permitiam que se criasse, sob as suas vistas complacentes, aquele pequeno Terror.

Às vezes pergunto, meu Deus, como é que de crianças tão mal formadas, ainda podem sair homens de valor?

É que a natureza humana, no íntimo de sua tessitura, talvez seja mais resistente do que supomos...

E como é elástica a alma da criança!

Quarta-feira, 27

Deixei as animações da cidade e vim passar o São João e o São Pedro com o Velho.

A paisagem de sempre, as comidas de sempre, as adivinhações de sempre.

O Capitão alegrou a meninada de Timbaúba, com foguetes que fez vir da cidade. Dizem os moradores que ele não costuma praticar esses gestos. Foi, certamente, a presença do "filho Doutor" que o inspirou.

Voltarei amanhã à cidade, e lá prosseguirei no relato de minhas aventuras de menino. Hesitei se devia terminá-las, e resolvi que sim. Não há dúvida de que estou gostando do diário e, se o encosto alguns dias, volto com maior interesse.

JULHO

Quarta-feira, 4

De meus tempos de internato muito teria o que dizer, se estivesse preocupado em registrar fatos e estabelecer uma ordem cronológica nos acontecimentos. Claro que não o farei. Como já

disse, para mim só tem importância o que se refletiu em meus nervos e no meu sangue, aquilo que ainda hoje me produz febre ou frio, alegria ou pavor. Refiro-me, é natural, aos episódios passados, porque, quanto aos sucessos de cada dia, ainda faltam os elementos necessários para julgar de sua intensidade.

Direi, pois, que a impressão mais viva de grande parte daquele tempo não me veio das pessoas, nem dos livros em geral, mas apenas de um livro. De um livro só. Esse livro era a "Antologia Nacional", de Carlos Laet e Fausto Barreto. Durante os primeiros tempos de internato, que se prolongou por cinco anos, aquilo foi a súmula da literatura universal. Nada eu sabia, fora dali, mas creio que ali terminei sabendo muita coisa. Castilho, Vieira, Bernardes, Herculano - para falar nos portugueses, que apesar de tais, figuravam no livro dito "nacional", depois da competente explicação dos antologistas; João Francisco Lisboa, Castro Alves, Álvares de Azevedo, Gregório de Matos, Gonçalves Dias, José de Alencar - toda essa gente se constituía para mim em donos de um mundo privilegiado, quase divino, somente inferior ao céu, como eu então o concebia, com Deus ao centro e ao alto, imponente e luminoso, cercado pelo coro dos anjos. Somente depois destes é que apareciam, lá embaixo, os pobres pecadores, salvos do fogo do inferno e devidamente envernizados no purgatório.

Qual Napoleão, qual nada! O corso glorioso tinha importância apenas porque entrara na "Antologia Nacional", conduzido pelas mãos do poeta.

Quem era Antônio Vieira? Apenas o homem que escrevera a "Apóstrofe Atrevida". E Gregório de Matos? O autor do "Anjo Bento". Fora disso, o mundo não existia.

Itaboraí, a hoje quase esquecida cidade do Estado do Rio, era uma das cidades mais importantes do mundo, porque também lá estava, numa descrição que jamais me sairá da cabeça, feita pelo visconde do mesmo nome, se não me falha a memória. Se não falha a memória, sim, porque faço questão de não consultar qualquer apontamento, ao escrever estas reminiscências. Não estou escrevendo um tratado, em que os autores se escoram uns nos outros, como muletas recíprocas, quase sempre sem nenhuma originalidade. Estou apenas rabiscando um diário e, dentro dele, à falta de coisas mais importantes nas águas que correm, escuto o rumor longínquo de águas que passaram.

Bem sei que elas não movem mais moinhos. Mas movem meu coração. Fiquem as máximas para outro. Para mim elas não valem. Sancho Pança, que Deus conserve em bom lugar, as despejava em cachoeira, apesar dos protestos do seu amo. Elas se prestam a tudo e existem em todos os sentidos, uma até revogando as outras. E para ver como as sentenças falham, ao pretendermos com elas retratar as pessoas, basta esta: "Seja, porém, como for,

venha logo [a comida] que o trabalho e peso das armas não se pode levar sem o governo das tripas". De quem seriam estas palavras? De Sancho Pança, dir-se-ia. Mas seria um erro, pois foi Dom Quixote que falou - o mesmo Dom Quixote que diria mais tarde: "Come, Sancho amigo, sustenta a vida, que importa mais que a mim...; eu, Sancho, nasci para viver morrendo, tu, para morrer comendo". Por onde se vê que as verdades variam, não apenas de acordo com as pessoas, como ainda, na mesma pessoa, de acordo com as ocasiões.

Este pulo foi somente para esmagar uma possível objeção, porque afinal eu falava do meu internato, quando a "Antologia Nacional" era o cofre da literatura universal, e portanto não havia lugar para Cervantes, que só apareceu depois, quando se rompeu naturalmente, independentemente de qualquer esforço meu, aquele círculo de peru.

Creio que aqui não fica mal uma nota de amor ao torrão natal. Como desejei, naquela fase de minha vida, a que poderia quase chamar o tempo da Antologia, como desejei que minha Lagoa ali também figurasse, numa descrição eloqüente, escrita pela mão... Ah, meu Deus!

Só no terceiro ano de internato comecei a verificar que existia outra literatura, que não a "nacional", a de minha Antologia. Uma literatura menos importante, é verdade, como se viesse ao mundo apenas para fazer companhia à outra. Essa literatura - ancila e ministra, para usar uma expressão saudosamente antológica (quem porventura não a conhece?) - era apenas a literatura francesa! E o livro revelador, grandiloqüente e pomposo, outro não era senão Chateaubriand. Quem não se lembra da serpente dançando diante da flauta?

É verdade que o primeiro livro de francês fora o Halbout: "*Gramática* deriva-se de um vocábulo grego que significa, letra, literatura". Vale a vírgula, depois de "significa", valem as letras geminadas, e tudo o mais que seja do autor.

Gramática, Letra, Literatura! Eis as chaves do mundo. Tudo mais era secundário. O Halbout vinha esclarecer o que antes eu não compreendera: Gramática é letra, letra é literatura. Isto, a Antologia se esquecera de ensinar-me, mas eu lhe perdôo, em sinal de gratidão pelo cabedal de conhecimentos que transmitiu a muitos estudantes daquele tempo, embora não tanto quanto a mim, que era cá no meu modesto entender, o dono da Antologia. Não tenhamos dúvida, ela fora feita para mim. Quantos livros ainda hoje não existem assim? Ah, como é importante o *livro que estou lendo*! Talvez ainda volte a este ponto. Não vamos atropelar demais os assuntos. Mas, antes de deixar em paz a antologia, no meu espírito, que em paz vive ela na minha estante, quero lembrar aqui um colega - a pessoa, e não o nome - que ainda hoje, quando se sente arrastada pela eloqüência, de que tanto gosta nos seus discursos, não tem cerimônia: "De todas as

artes, a mais bela, a mais difícil, a mais expressiva, é sem dúvida a arte da palavra... Da estatuária...". Se não for exatamente assim, a diferença será pequena.

Somente mais tarde viria o La Fontaine e eu compreenderia que havia alguma coisa no mundo, além da literatura nacional e portuguesa; e, na língua francesa, também alguma coisa além de Halbout e Chateaubriand. Tive de descobrir tudo por mim mesmo, pois os mestres, não só não orientavam, como atrapalhavam.

Mas o verdadeiro conceito de literatura, diferente do trinômio de Halbout, enraizado nas origens gregas - Gramática, Letra, Literatura - eu só o encontraria nos últimos tempos de Colégio.

Ainda aqui, por uma coincidência real e não pela preocupação de fazer espírito, direi que a revelação me veio por intermédio de uma gramática... perdida.

Eu tinha minha coleção de gramáticas: Júlio Pires, Maximino, Alfredo Gomes, Grivet... Não as citarei todas, nem é necessário. Mas eu tinha, tantas quantas pude adquirir. Amava o estudo e a coleção. Sabia quase todas as regras. Nisso não vai nenhuma ufania porque era uma simples questão de memória. Somente depois viria a compreender que a língua não era apenas aquilo, embora aquilo também tivesse, como tem, a sua importância.

Pois bem, emprestei, embora a contragosto, minha gramática de Grivet a um colega externo, que morava numa república. Ele era louco pelas gramáticas - mais do que eu. Porque eu, afinal, embora sem ter consciência disso, o que amava era a literatura, através da gramática. Só faltava quem me encaminhasse e me abrisse os olhos. Ele, não amava a gramática em si mesma, como fim, como coisa sagrada.

Levou, pois, o meu Grivet emprestado, num sábado, para trazer na segunda-feira. Ele estava ensacando uma nova divisão da gramática. Nisso consumia o melhor do seu tempo, sem encontrar solução para certas dúvidas.

Pobres de nós, divisores do mundo, divisores dos assuntos e das ciências! Também tenho sofrido meu dramas, que não quero antecipar agora.

O certo é que meu amigo não veio na segunda-feira, não veio na terça. O padre, professor de português, que era zeloso, foi ele próprio à república do rapaz, ver se estava doente. Não estava. Haviam-lhe furtado a gramática de Grivet, e o moço não sabia como apresentar-se a mim. O furto, conforme se apurou mais tarde, fora praticado por um colega, que vendera o livro adiante, a um bibliófilo endinheirado. Meu pobre Grivet, professor dos filhos do Imperador!

Dadas as explicações pelo padre, o colega pôde aproximar-se no dia seguinte, com um livro embrulhado que me entregou silencioso.

- *Como, encontrou?* - foi minha pergunta alvoroçada.

- Leia - respondeu ele, bastante perturbado.

Abri e li: "José Veríssimo - História da Literatura Brasileira".

Dentro, um belo oferecimento, em louvor do meu caráter e da minha inteligência. E ainda uma carta, longa e minuciosa, explicando o drama.

Querido colega: perdoado estás do furto que não fizeste, mas permitiste fazer. Também eu sofri, e muito. Mas escolheste o remédio mais eficiente para sarar a minha ferida. O que prova que também tinhas inteligência e bom gosto, apesar de amares a gramática acima da vida.

De José Veríssimo não falarei muito, porque, tendo voltado a ele muitas vezes, correria o risco de confundir impressões remotas com lembranças recentes. Direi apenas que ele abriu a meus olhos um mundo que eu pressentia existir, mas de que realmente tinha muito poucas noções.

Foi por ele que vi que a literatura tinha uma história, que era quase como a própria história do país.

É verdade que me ficou uma noção exagerada da divisão das escolas literárias - classicismo, romantismo, naturalismo - como se fosse uma guerra de hegemonia! Esparta, Tebas e Atenas. Eu procurava as fronteiras visíveis da separação e não as encontrava. O que via, pelo menos em grande trecho, era uma espécie de terra de ninguém, sem aquelas lindes aparentes, em que tanto insistia o autor. Outras vezes, essas separações surgiam no meu espírito como se fossem períodos presidenciais, com dia certo de começo e fim.

Só muito mais tarde, com meu próprio esforço e observação, pude distinguir os pontos de separação e verificar que também existem, em abundância, os territórios comuns, em que se misturam, não apenas as escolas, mas, dentro de cada uma delas, até mesmo as pessoas. E, num mesmo escritor, diversas criações.

Verificaria ainda, mas também muito tempo depois, que os clássicos, em quem nos amparávamos, como fortaleza invencível, contra os ataque da impureza vernacular, também eles eram como a jurisprudência: tinham exemplos para tudo, mesmo para as construções mais condenáveis. Daí a sentir por mim mesmo o que ouvia repetir - que a língua é viva e portanto não pára - foi apenas um pulo.

Por aí se pode ir vendo que as grande preocupações que encheram a minha mocidade foram as preocupações dos livros, embora não fossem propriamente os livros do programa. História, Aritmética, Geografia, Física, tudo eu estudava como obrigação, como o operário que executa o seu trabalho com critério, mas sem entusiasmo. Esse entusiasmo só viria com o estudo do Direito, que passaria então a disputar com a literatura uma preferência que até hoje não se decidiu.

Mas não se pense que a literatura só me tenha dado alegrias. Ela me trouxe também sofrimentos. O maior deles foi não ter podido ingressar na Arcádia Leão XIII, que era o templo literário do meu colégio. Pertencer à Arcádia era ser dono da literatura, fazer parte da nobreza intelectual do educandário. Como o padre presidente do sodalício fosse um espírito liberal, os árcades tinham o direito de fumar, durante as reuniões, e arranjavam saídas extraordinárias, para assistir a sessões do Instituto Histórico e solenidades no Teatro Santa Cecília. É verdade que muitos se escapuliam para atividades não muito literárias, chegando ao colégio, às vezes, até no outro dia. Mas eram árcades, homens de letras; ninguém podia dizer nada contra eles. Além do saber, que muitos deles não tinham, desfrutavam a posição social da literatura. E eu, pobre de mim, ficava com os olhos compridos a espiar para as duas estantes altas, onde se encontravam livros por cuja leitura eu sacrificaria até minha saída mensal, enquanto os árcades perambulavam pela cidade. Eis, pois, um grande posto a que aspirei, mas não consegui alcançar.

Consegui, em compensação, tocar o tambor do batalhão do colégio e ser um dos encarregados da Casa das Armas, cheia de espingardas simuladas, para as exibições patrióticas, em certos feriados nacionais. Ali por uma espécie de contraste que condenei nos árcades, mas não posso condenar em mim, eu não limpava as armas, como os companheiros, mas ficava, durante todo o tempo a isso destinado, a ler certos livros proibidos, arranjados com sacrifício, já que a grande literatura da Arcádia não chegava até a minha insignificância.

Outra grande impressão dessa época foi a igreja de São Francisco, que fica ao lado do colégio. Não tanto pelos azulejos e altares, que dizem figurar entre os mais belos do Brasil, mas pelo mistério de um grande porão que existe no centro e, segundo velhos empregados do seminário, também vizinho, iria dar numa fortaleza a algumas léguas de distância. Acrescentavam esses antigos sabedores de coisas que, tanto a igreja quanto o túnel, foram construídos pelos holandeses. E nossa imaginação aceitava tudo isso. Chegamos mesmo, um certo grupo, a projetar uma excursão subterrânea, que nunca foi sequer iniciada. Ainda hoje não consigo esquecer o absurdo da igreja dos holandeses, com um túnel que desembocava na fortaleza dos portugueses. Isso, além de outras heresias históricas, da erudição dos cozinheiros, que nem vale a pena rememorar.

Sexta-feira, 06

Passei o dia de ontem com os livros de Direito, numa espécie de preparação para a vida profissional, que já estou a temer. Pois essa preparação, segundo começo a suspeitar, deve ser não só de

conhecimentos, como de espírito. Para esquecê-la um pouco, voltemos aos velhos tempos, que isso está me divertindo. É possível que muitas destas impressões estejam já anotadas nas tentativas anteriores de diário. Mas não importa. O que escrevo agora é o que sinto agora. Não somente cada pessoa, mas também cada momento tem a sua verdade.

Passou um menino, agora, pela minha porta, apregoando a sua vendagem: "Coentro verde!" Como apregoam mal, no sertão! Como apregoam bem, nas capitais! A gente geralmente não compra, mas gosta de ouvir aquela voz musicada, que a princípio não sabe o que significa, mas depois se incorpora, não só à fisonomia da cidade, como à paisagem acústica de nosso próprio espírito. Até nos sentimos donos daquelas palavras cantadas.

Foi uma dessas vozes - a voz de um menino - que implantou no meu espírito, para não mais se apagar, a sensação da liberdade. Era um gazeteiro, talvez menor do que eu, e que gritava todas as noites, em frente ao colégio, o pregão do seu jornal. "Rebate de hoooje!" As vezes acrescentava: "Noticia do incêndio do Capriiiicho". O padre Pedroso descia as escadas externas do edificio, com seus passinhos miudos, para comprar o jornal. Isso acontecia diariamente, exceto aos domingos e feriados, entre oito e oito e meia da noite. Minha cama, no dormitório que ficava no pavimento superior, dava bem cima do portão central, de onde saia o padre. Isso durou muito tempo, embora eu não possa precisar quanto.

Os pregões da manhã não tinham a mesma poesia. Eram muitos os jornais, os gazeteiros eram vários. Somente à noite, quando tudo era silêncio, apenas interrompido a espaços pelo bonde moroso, que fazia curva exatamente em frente ao colégio, eu desfrutava toda a maviosidade daquela voz, que cantava tão bem e tão barato. Meu sentimento era um misto de prazer e tristeza, porque, se a voz me encantava, também me relembrava que lá fora havia um mundo e que nesse mundo as pessoas eram livres, movimentavam-se como queriam.

Ah, quantas vezes desejei ser o menino do "Rebate"! Ele, de preferência, ou mesmo outro, desde que fosse livre.

Chegava a perder o sono, quando não ouvia o pregão do "Rebate". E notava também que o padre Pedroso subia para o seu quarto com a fisionomia transtornada. Parece que aquele era o único fio que o ligava ao mundo exterior. Quando saía até a calçada, para comprar o jornal, dava-me a impressão de um animalzinho preso pelos pés, que tivesse o direito de ir até aquele ponto.

E mais não direi do internato. De todas as outras coisas, belas ou sórdidas, medíocres ou extraordinárias - a fome, a prisão, os castigos, os prêmios justos, as condecorações imerecidas, a inveja e o raro desprendimento - de tudo isso falem quantos o sentiram no corpo e na alma.

Quero acrescentar apenas, para encerrar, que somente hoje, quando olho mais friamente, por força mesmo da distância, os fatos e as pessoas, meus antigos professores me aparecem como criaturas humanas. Antigamente, eles eram entidades. Uns representavam o bem, outros o mal. Este encarnava a justiça e a consciência, aquele simbolizava a injustiça e a vingança.

Em relação a alguns, a impressão foi mais complexa. A princípio me pareceram sábios transviados num educandário do Nordeste. Logo depois, com as irreverências do externato, passei a classificá-los como burrotes carregados de livros. Só tinham memória, só sabiam datas e regrinhas. Foi necessário que o tempo corresse, para que eles assumissem, no meu espírito, o seu contorno real, e voltassem às dimensões da humanidade. Essas dimensões com que começo a julgar os meus semelhantes e com que tenho o direito de também ser julgado.

Sábado, 07

A fase do externato foi relativamente curta. Mas foi uma mudança radical, porque, além de trocar a reclusão de um internato pela anarquia de uma república, troquei também o Colégio pelo Liceu. Dentro das rivalidades locais dos dois estabelecimentos, passei precisamente para o campo oposto. Era como se mudasse de pátria, em plena guerra. Se não me foi difícil adaptar-me a certas diferenças do ensino, não me foi fácil aceitar a nova posição moral. Havia entretanto, um refúgio, e este eu o procurei. Era não tomar parte nas hostilidades, nos insultos e nas difamações. Admirava-me ver como alunos de ontem, do colégio, eram os mais extremados na prevenção contra os antigos colegas.

Uma circunstância veio favorecer essa acomodação do meu espírito. O diretor do colégio, que era também professor do liceu, e por sinal meu amigo, lecionava na série que eu estava cursando. Isso abrandou de certo modo o antagonismo, não direi exterior, que este não me estava preocupando, mas do meu espírito. Aquele salto brusco, de um modo de vida para outro tão diferente, foi de certo modo amortecido pela existência de uma companhia amiga. Eu encontrava, assim, uma ligação, entre a nova existência e o lado bom da outra. Sim, falo do lado bom, porque as coisas ruins não precisam de pontes: elas vêm por si mesmas, em qualquer veículo, agarradas até em nossa imaginação. E as coisas imaginadas são mais poderosas.

Um efeito, pelo menos, teve a mudança: serviu para que eu lesse tudo quanto quisesse, de bom e de mau, de sério e de frívolo. E depois, como me viesse um certo cansaço das leituras, em que na

realidade não aprendia muito, porque não eram bem dirigidas, deu-me vontade de ser homem, de conhecer o mundo.

Conheci-o, e é tão pequeno!

Terminado o curso de humanidades, na pequena capital do meu Estado, rumei para o Recife.

Não sei por que estou me tornando tão descritivo, relatando minha vida como se falasse para estranhos. Mas a descrição é meramente interior. E não é ainda uma análise. Quero primeiro me reidentificar. O ato de escrever é para mim um ato de pureza. Somente escrevendo é que consigo compreender e, muitas vezes, até sem compreender, dominar a minha natureza sensível, aproveitar alguma coisa de minha inteligência indecisa. Também sei voltar-me para a natureza, quando esta tem qualquer particularidade a dizer-me. Mas isso é outra questão.

Do Recife não poderei falar assim de um jato, porque o Recife ainda continua. Ele para mim ainda é o presente. Dele está impregnada toda a minha sensibilidade.

Esta nova vida, que vou levando aqui, de certo modo ainda é o futuro. É uma espécie de penumbra, de transição demorada e incerta. Como é que posso confiar nela? Prefiro ficar com o presente - o presente que ainda sinto dentro de mim, como uma solicitação violenta e não como um artifício da imaginação. Esse presente é o Recife, em todas as suas formas. Pouco importa que outros lugares tenham trabalhado a matéria bruta, imprimindo-lhe até certos traços imutáveis. O Recife foi a maior parte da construção e o acabamento. Foi o deslumbramento da escola superior.

Como se fora o artesão que, terminada a encomenda a ela se afeiçoasse e não quisesse entregá-la ao dono, a cidade me prendera ainda longos meses.

Esta imagem não traz qualquer ponta de vaidade. É apenas uma escaramuça da imaginação vadia. O objeto fabricado é que se acomodou na oficina, bebeu-lhe a alma e não queria mais deixá-la.

Até que um dia chegou o telegrama insistente:

"Venha urgente. Manoel Josias espera em Vila Nova domingo. Abraços

Cazuza".

Quem tinha coragem de dar maçada em Manoel Josias, o velho vaqueiro afobado, espécie de dono espiritual da fazenda, que passa carão em todo mundo e fala alto até para Cazuza Mamede, a quem carregou nos braços?

Arrumei minhas malas e parti. Parti, mas não sem antes rever quase todos os pontos onde deixara pedaços do meu espírito.

Não havia nenhum amor em particular. Mas, entre os últimos que restavam, um deles, talvez o menos expressivo, tomou

proporções de um idílio, com surpresa da própria amada e, já hoje, principalmente de mim mesmo. É que a certeza da separação, a ameaça indisfarçável e visível da mudança, iluminara a pálida criaturinha a quem dantes eu reservara apenas os meus momentos mais disponíveis. Era a mais próxima, a mais fácil de encontrar. Foi a ela que me apeguei, como um abrigo sentimental e emergente, no desespero de minha erradicação.

Era o Recife que eu amava em Violante. Somente por isso, pela esperança de regresso que encarnou, pelo imprevisto do sentimento que provocara, é que seu nome merece figurar aqui.

Como um meio de enganar a mim mesmo, já que ninguém estava particularmente interessado na minha pessoa, deixei na pensão onde morava um caixote cheio de livros. Não vai nisso nenhuma intenção simbólica. Deixei-o como um pretexto para voltar. E, por uma precaução instintiva, ficaram obras que provavelmente não virei a necessitar. São restos de livros didáticos, na maioria do curso de humanidades.

Durante toda a viagem de trem, do Recife a Vila Nova, vim lendo o "Brás Cubas". Bela leitura para quem necessita de um impulso de coragem!

Mas, como sou nesse ponto um imprevidente, estou sempre a ler os autores que menos podem ser úteis a meus objetivos de luta e ação. E, talvez porque associo sempre, involuntariamente, os livros que leio aos lugares onde os leio, o "Brás Cubas", ainda agora, me faz lembrar uma viagem de trem, com muita fumaça e poeira, muitas paradas, e a mesma frase musical, sempre repetida na trepidação das rodas.

E aqui me encontro, pronto para a vida nova.

Da caminhada a cavalo, de Vila Nova até aqui melhor falarei dizendo que foi uma só raladura, profunda e extensa. Havia muito tempo que não andava a cavalo. Cheguei moído, quebrado, como mais não teria sofrido o meu amigo Sancho Pança, no triste episódio do seu manteamento.

Domingo, 8

Fui à missa com o velho Cazuza.

Está acabado o vigário velho que me batizou. Mas é vaidoso - de uma vaidade ingênua de criança. Não cede o posto a ninguém. O bispo também não quer praticar uma violência, dando-lhe substituto contra sua vontade. Mas não vai longe, o bom velho.

Depois da missa, fomos à casa do chefe, major Gabriel Soares. Homem simpático, simples e inteligente. Dizem que tem suas manhas políticas. Disso não sei, nem estou interessado no assunto. Sei que me livrou dos martírios da palmatória.

- E agora, meu "Nabuco"? Que é que porventura te falta?

Esta, a pergunta que me faço, através do outro sujeito que tenho dentro de mim, sempre pronto a interpelar, a duvidar e troçar. Às vezes também ajuda, mas isso é mais raro. É muito perquiridor, e o excesso de pensamento quase sempre lhe prejudica a ação.

Essa história de Nabuco vem de longe. Foi em certa fase dos tempos escolares, quando a dificuldade de minha fantasia estava apenas em saber, entre os grandes homens de nossa pátria, qual aquele que estava à altura de ser o meu modelo. A princípio pensei em Rui. Mas o baiano me pareceu carregado de palavras. Onde diabo iria eu arranjar tanto sinônimo para o que queria dizer. Passei em revista outras figuras, maiores ou menores, até que meu companheiro invisível lançou a pergunta, desta vez oportuna: "E Nabuco?" Analisei o pernambucano, elegante na figura e na palavra, beijado pela sorte e adorado pelas multidões. Pelo menos é essa a sua legenda.

"Bem, este serve", pensei comigo. Mas não pensei tão baixo que não fosse ouvido. E daí por diante, toda vez que a realidade demonstra quanto estou longe do modelo, lá vem o meu amigo com a sua pergunta infernal: "E agora, meu Nabuco?".

"Agora é começar" - digo para mim e para ele, como se à força de repetir a resposta, terminasse por solucionar a crise.

A verdade é que as dificuldades até agora encontradas são bem diferentes daquelas que eu contava enfrentar.

Devo confessar claramente toda a minha ingenuidade. Eu esperava encontrar à minha espera, como se o tempo tivesse parado especialmente para mim, grandes causas a escolher, preferindo o melhor direito, o instrumento mais próprio para brilhar. E, não fora essa distância tão grande, entre meus sonhos e a realidade, de nada me poderia ainda queixar. Porque, desde minha chegada, não me têm cessado as consultas e os convites para patrocinar feitos. O que se dá apenas é que essas demandas são questiúnculas mirradas, meros incidentes de posse de terra ou crimes vulgares, sem qualquer margem para um estudo ou uma especulação.

Dentro de minhas apreensões, conto felizmente com uma qualidade que não me canso de agradecer a Deus. É a facilidade com que, em face da vida, retifico a linha de minhas ilusões. De modo que as situações imaginadas, quando desfeitas, não chegam a constituir para mim uma tragédia. Fica-me, se assim me posso exprimir, um resíduo especulativo, uma ruminação romanesca. Sei que só é possível acontecer isso porque não tenho a preocupação da luta pela subsistência, a necessidade de ganhar para viver. Mas, se a idéia fosse persistente, se não soubesse fugir, como restos de sonho,

ao entrar o sol pela janela, nem sei mesmo como poderia tomar pé na minha vida.

Agora mesmo, no momento em que escrevo, vejo sobre a mesa de trabalho os apetrechos da profissão: os códigos, a caneta, o tinteiro, a pasta de couro, os cartões de visita, com a indicação do título. Era a minha bagagem para a viagem triunfal. Ainda embrulhada, dentro da mala, está a placa. Decididamente, não a pregarei na parede. Quem não sabe, nesta terra, onde mora o Dr. Paulo Márcio da Silva Lima, filho do capitão Cazuza Mamede?

Poder-se-ia perguntar a razão destas minhas indagações quase prematuras. Pois, se o exercício da profissão nem sequer começou, como já estabelecer distinções entre a vida sonhada e a vida a ser realizada?

A resposta é muito fácil. Quando entramos num navio para viajar, não é necessário que ele se faça ao mar, para sabermos que deixamos a terra firme. O que tem de vir dá logo o seu sinal.

Além disso - e este -e o ponto fundamental - a luta agora é comigo mesmo. As hesitações e as dúvidas trabalham dentro de mim. Valerá a pena, se é só isso? Não seria melhor fazer como a maioria, arranjar um lugar de promotor ou juiz municipal, para começo de carreira?

Não, empregado, nunca! É preferível vegetar na fazenda Timbaúba.

Afinal, não sou obrigado a resolver a situação neste minuto.

O diabo é que, tendo o poder de adiar sempre esse problema, não tenho forças para fazê-lo voltar em cores diferentes.

Terça-feira, 24

Uma situação desagradável, com a qual dificilmente me acostumarei, é essa de me sentir uma espécie de ator, em toda parte onde passe. E muitos dos observadores chegam mesmo a falar alto, como se quisessem ser ouvidos e receber a minha gratidão:

- É o Dr. Márcio, filho do capitão Cazuza. Dizem que fala bem.

Ora, eu nunca falei nesta terra. Talvez não venha nunca a falar. Por que não me deixam em paz?

A verdade é que me sinto asfixiado. Eis o que faz uma cidade pequena. Não posso nem me virar. É o meu sapato, a minha gravata, o meu lenço. Já não quero falar nas roupas - nas casemiras quentes que trouxe para este calor opressivo.

Se me ouvissem estas impressões, diriam que tudo é efeito de minha vaidade. Que ninguém está se preocupando com a minha pessoa nem se incomodando com a minha vida.

Não sei se é possível chamar de vaidoso a um homem que vive permanentemente a queimar ilusões, antes mesmo de se bater por elas. A um homem que confessa constantemente as suas fraquezas e, se porventura levou muito alto as suas aspirações, foi por um erro de visão que ele é o primeiro a retificar.

O problema não é este. É que me sinto alvo das vistas de todos, nesta pequenina cidade do meu nascimento. Uns certamente esperam ver o meu triunfo; outros, a minha desgraça. Mas ninguém é indiferente. Não porque eu propriamente seja tão importante, mas porque sou a novidade da terra, numa terra onde não se tem o que fazer.

E o mais grave para mim é que, à força de tanto fugir à "representação", de não me subordinar a essa condição de ator, termino perdendo o meu ar próprio e representando para pior. Às vezes sinto que perco até o jeito de andar e me atrapalho com meus próprios passos.

Fico a sofrer, quase a detestar minha terra natal, sem que esta me tenha feito qualquer mal. Tento descrevê-la e não posso.

Creio esclarecer melhor meu pensamento dizendo que o problema, para mim, não consiste em analisar a cidade, interpretar os seus costumes ou esboçar as suas ruas. Não. O grande problema é antes o de um homem nessa terra estreita, limitado pelos seus muros, tiranizado pelos pequenos fatos. E, por contraste, nela se anulando. É como se uma voz oracular me dissesse: "Se queres, podes ser grande, mas de acordo com as coisas pequenas que te cercam".

Ora, a minha questão, já agora, não é ser grande, mas ser feliz.

Por mais estranho que seja, sei que peço o mais difícil, embora aparentemente mais simples.

Às vezes procuro fugir de meus problemas, refugiando-me na leitura ou mesmo em estudos mais sérios. Mas há momentos em que o dever e a coragem consistem não em estudar nos livros, mas em nos debatermos, em campo raso, com os nossos próprios pensamentos. Em enfrentarmos as nossas dúvidas e os nossos anseios.

A lição dos livros, bem que tenho procurado bebê-la.

Eles dão muito, mas não dão tudo.

Domingo, 29

Coisa difícil, começar. À primeira vista parece ser o mais fácil. E talvez o seja, para o que é ruim. Para os empreendimentos sérios, é como um abismo. A palavra fica presa na língua, a ação não tem forças para nos fazer elevar o braço.

Às vezes peço a Deus que apresente a meus olhos um caso urgente, em que esteja em jogo a liberdade humana, ou um direito tão sagrado como este, a fim de que não me possa furtar de agir. A

não ser assim, creio que não darei o primeiro passo. Mas o destino não me tem concedido esse favor.

Chego a invejar a medicina, a sorte do jovem médico, lançado no meio do sertão, assim como estou. Não se daria ao luxo de escolher doentes. O primeiro perigo de vida que lhe surgisse, haveria de arrebatá-lo, sem perguntar se haviam chegado o dia e a hora designados para sua máquina começar a trabalhar. Seu estorço seria apenas o de arregaçar as mangas para disputar uma partida contra a morte. Não teria tempo de pensar nessa coisa terrível, que aparece com as frases "vou começar", "estou começando", "é necessário começar". Avaliem se se tratasse de grandes coisas! A gente se ilude muito...

E o pior é que sou obrigado a guardar o meu segredo. Se soubessem na cidade o que se passa comigo, haveria de largar-me pelo mundo, para nunca mais me verem. "Não tem coragem" - é o que me parece ouvir de cada uma das pessoas que me perguntam se já "estreei". Por que não se retira essa palavra da língua? Deus louvado, a minha sensação é a mesma de uma virgem a quem se perguntasse - "Você é mulher? Já perdeu a virgindade?" Tenho vontade de gritar - "Não, ainda estou puro!"

Estrear, para eles, é principalmente defender um réu no júri. É encantar o auditório com figuras de retórica, fazer as moças chorar, conseguir a absolvição do criminoso que cometera um assassínio com todos os requintes da arte de matar. É ser, pois, o herói do dia. "O Dr. Márcio estreou. Fez uma defesa formidável. Quase todo mundo chorou". Mas, se eu fracassar, dirão com a mesma naturalidade, talvez até com maior prazer: "O filho do Cazuza Mede é um cavalo. Engasgou-se não sei quantas vezes. O promotor levou o pobre rapaz ao canto da cerca."

Pois saibam vocês todos que não estrearei. Se é esta a palavra que lhes agrada, eu a usarei, porém com a negativa. "Não estrearei"- eis o meu grito de guerra. Começarei - se começar - com um caso inteiramente diverso.

Bonita batalha! Se tivesse de escrever u'a memória comemorativa, eu não trataria decerto da arte de trabalhar, de iniciar a profissão, de aplicar o direito. Nada disso. O grande feito é o de não fazer nada, de ficar embasbacado, como o operário a quem se entregassem os instrumentos de uma arte e se ministrassem todos os conhecimentos a ela referentes. O rapaz não se saíra mal, no seu aprendizado teórico. Respondera de memória a todas as perguntas, até raciocinara em face de certas hipóteses formuladas. "Vai ser um grande artista", dissera o seu mestre na hora da despedida.

Ah, mas se esqueceram de fazer a ligação entre a teoria e a prática. É como se quisessem que o recém-nascido, por ter o aparelho digestivo completo, começasse a mamar por si próprio, sem qualquer auxílio de sua mãe.

As faculdades de Direito deveriam ter as suas aulas práticas, como as de medicina têm os seus hospitais. Sei que a maior parte dos casos fica por saber, porque os segredos da natureza e do mundo não se entregam assim, de pés e mão atados, a esses campos de experimentação. Mas, pelo menos, se aprende a compeçar. Eis a minha exigência. Eis o meu fantasma.

A quem porventura goste de catar contradições, espontaneamente aqui deixo as minhas. Esperava encontrar sugestões grandiosas, na vida profissional. Antes de iniciá-la, decepciono-me com a pequenez e estreiteza do horizonte. E, quando menos poderia esperar, sinto-me desanimado, incapaz de enfrentar até esse mundo reduzido. Como são poderosas as pequenas dificuldades!

AGOSTO

Sábado, 04

Continuo... a não começar.

Às vezes fico a revolver meus conhecimentos juridicos, para avaliar, se possível até contar, todas as noções que tenho. Impossíyel. Impossível, não porque sejam muitas.

É que certos assuntos ficam escondidos lá dentro, só aparecem quando chamados pela solicitação direta, pelo caso concreto. Inútil querer exibi-los em combates simulados. No momento, para o impulso inicial pelo menos, sinto que não me falta muito, mesmo sem contar com aquelas reservas adormecidas.

Falta-me apenas... Eu tenho até vergonha de confessar. Sei formular uma petição de "habeas-corpus", contra qualquer detenção ilegal; para derrubar uma prisão preventiva, a que faltem os requisitos essenciais; para anular um processo, por defeito de citação; para desfazer até uma condenação, se ocorrerem as hipóteses, que me fervilham na cabeça. Ação possessória, divisão e demarcação, indenização, desquite, anulação de casamento. O que me falta na cabeça está nos livros, e bem que sei consultá-los. A questão é somente dosar, em cada caso, os centigramas de cada fórmula.

Sem querer, estou voltando à medicina, ou à farmacologia, que é um de seus ramos. Como seria bom se eu fosse um médico! Já teria matado alguém, lá isso é certo, mas também já teria começado.

Para não me fazer de rogado, vou voltar ao assunto principal.

Que falta, então?

Falta apenas saber o que se faz, depois de realizada a citação do réu.

Nada de pressa. Eis aqui a verdade, em toda a sua tragédia, em todas as suas letras: eu não sei como acusar uma citação. Acho uma coisa tão sem lógica, tão sem sentido, que não existe na minha compreensão um lugar para ela. Acusar o que? Pois se é o autor quem cita, como vai ele acusar o seu próprio ato? Se ao menos fosse o réu que o acusasse, que o contestasse, ainda bem. Mas a parte que o pratica, não!

Sei que se poderá encontrar, nos refolhos do vernáculo, uma sinonímia bolorenta que dê sentido á expressão. Mas eu cuido é da vida, e o Direito, ou a acompanha ou perece.

Se meu espírito fosse menos especulativo, talves esta dificuldade não existisse.

Esta semana, encontrando-me com o chefe Gabriel Soares, ele me perguntou mansamente:

- E então, já estamos na luta?

Louvado a Deus! Este pelo menos não veio com a tal história de estrear. Minha resposta levaria uma mensagem de gratidão que o espantaria, se eu lhe tivesse dado. Eu estimei menos o seu interesse por minha situação do que a omissão da palavra incômoda.

O major Gabriel cruzou as mãos nas costas e acrescentou.

- Se não quiser tentar a advocacia, pode-se arranjar uma promotoria ou um juizado municipal. De vez em quando está havendo vaga.

- Muito obrigado, major - respondi sem maior convicção. - Não posso deixar mais o Velho. Tenho de ficar por aqui mesmo.

O chefe começou a fazer então as suas perguntas, a que eu respondia pacientemente. Eu estava doido por uma oportunidade que me levasse ao assunto desejado.

- Já praticou alguma coisa no Recife? - perguntou Gabriel.

- Nada, major, mas estudei o que pude.

- Eu sei, lá isso eu sei. As informações a seu respeito são as melhores possíveis.

Íamos chegando à casa do chefe. Casa de mau gosto, de fachada feia, como quase todas as contruções do sertão, mas de salas amplas e grandes janelas.

O major convidou-me a entrar, tomar um cafezinho. Aceitei.

- Pois olhe, meu amigo, se tiver alguma dificuldade, aqui estou às suas ordens. Não sei lá muita coisa. Estudei por aqui mesmo, por minha conta. Era obrigado a sustentar o partido e não tinha um advogado à minha disposição. Tive de defender, senão os outros me embrulhavam.

Com pouco tempo chegou o café. Parece que a chaleira, ali, estava permanentemente no fogo. Gabriel é um homem prudente e bondoso, mas ao mesmo tempo impaciente para esperar. Quando

pede *qualquer* coisa, quer que lhe tragam logo. Se demoram, ele não reclama, não faz barulho, mas se retira mansamente. Foi essa a primeira contradição que notei no seu temperamento. Parece que, de tanto tolerar as maçadas de seus eleitores, as queixas, as rixas, as reclamações, sente necessidade pelo menos de ser servido com pressa. Precisa descontar do tempo o que recebe das pessoas.

Findo o café, ele insistiu:

- Se quiser tomar um conselho, vá ao cartório e veja os autos das questões mais importantes que têm aparecido aqui no foro. As demarcações de Malhada de Boi e Lagedo, as possessórias de Várzea Alegre. Não é porque eu tenha funcionado em algumas delas, não. É porque estão cheias de incidentes de vulto. Vieram advogados ilustres de fora. Sei que o senhor quer examinar essas coisas mais raras. Requerer uma vistoria e acusar uma citação, isso todo mundo sabe. Até um oficial de justiça.

"Até um oficial de justiça", ruminava eu. Como desejei possuir, naquele momento, o cabedal de conhecimentos do oficial de justiça de fala fanhosa, que costuma apregoar os nomes dos réus, de ano em ano, quando há sessão do júri: "Por libelo crime acusatório, diz a justiça pública, como autora, contra o réu..." etc.

Como desejei encarnar-me na sua pessoa!

Não, não podia. A imagem do pobre homem carregando água, ele mesmo, para sua casa, matou o entusiasmo nascente. Não era necessária aquela metamorfose. Bastaria ler os autos, como aconselhava Gabriel Soares. Homem providencial, esse chefe. Salvou-me da palmatória, vai salvar-me certamente dessa nova dificuldade que me aflige.

Uma sutileza do meu temperamento: por mais que deseje conhecer uma solução, quando o momento realmente se aproxima, procuro retardá-lo, como a dosar o prazer da descoberta.

Adiei, pois, adiei mais do que devia, a minha satisfação de examinar os três processos cíveis recomendados por Gabriel Soares. Todos os dias fazia o propósito de pedi-los e todos os dias deixava para amanhã. Ontem, porém, cruzando na rua com o escrivão Florêncio, este me disse solenemente:

- Tem lá uns autos que o major Gabriel mandou separar para o senhor. Uma das ações não era no meu cartório, mas eu fui buscar no colega. Está tudo lá em casa.

Olhou-me de cima a baixo e perguntou:

- Vai renovar todas aquelas questões velhas? É pior do que mexer em casa de maribondos.

Fui buscar os processos, esforçando-me por disfarçar o alvoroço que me invadia. Ia encontrar, afinal, naqueles papéis velhos, o que meu Regulamento 737 e meus praxistas não me souberam ensinar.

Quarta-feira, 08

Há quatro dias que estou com os três grossos volumes em casa. São realmente processos do mais alto interesse. Boas iniciais, belas contestações. Há uma exceção de suspeição que fez o juiz derramar vasta soma de conhecimentos jurídicos e desenvolver um raciocínio seguro e enérgico. O incidente está nos autos da divisão de Lagedo.

Atraído pelas questões importantes que foram debatidas nesses processos, ia-me esquecendo de meu problema fundamental: aprender a acusar a citação. Vou a ela.

Inutilmente procuro essa peça valiosa. Viro e reviro folhas, começo a impacientar-me.

O juiz Adriano passa pela calçada e me vê curvado à mesa.

- Oh, meu jovem advogado. Como vai esse talento? Que autos são esses?

Era a questão de Várzea Alegre, a ação possessória onde ele proferira uma sentença magistral.

O juiz é modesto, mas o seu interesse cresceu. Falei do seu trabalho. Ele, perguntou satisfeito:

- Viu o acórdão? Confirmou a sentença por unanimidade.

Eu tinha visto tudo. O que não tinha era oportunidade a perder. Perguntei bruscamente, antes que a coragem fosse embora:

- Só não vi aqui a acusação da citação. Parece que falta essa peça.

- Como?! - admirou o juiz. - Deve estar aí, no primeiro termo de audiência. Deixe ver os autos.

Adriano foi em cima da página.

- Olhe aqui.

- Bobagem! - disse eu. - Uma coisa tão simples.

O juiz passou a me inquirir sobre os pontos mais importantes da demanda. Foi aí que me reabilitei. Pareceu surpreendido com o meu conhecimento dos autos e com as observações marginais que eu fazia sobre o instituto da posse. O velho é da escola de Savigny, o que eu já vira claramente na sua sentença. Estávamos de acordo, nesse ponto. Eu conheço regularmente a doutrina e com isso parece-me haver conquistado maior simpatia do magistrado.

- É, mas tudo isso não compensa, meu amigo - disse ele por fim, matando o meu entusiasmo. - É uma trabalheira que não acaba mais. A doutrina é bela, não resta dúvida, mas, aqui no foro, é uma grande maçada.

Com estas palavras, retirou-se.

Corri para os autos, e, lá no fim do termo de audiência, encontrei um segredo: "... compareceu o advogado F. e por ele foi dito que, nos autos da ação de força velha espoliativa, que neste

juizo movem S. e sua mulher, contra B. e sua mulher, acusava a citação e dava por proposta a ação ..." etc.

Meu Deus, era só aquilo?! Como teria sido fácil, se eu houvesse comparecido a uma só audiência, em que se acusasse citação. É verdade que, se não tenho assistido a elas, é porque realmente não vêm sendo realizadas.

Fui à minha "Praxe Forense". Não era possível que aquilo não estivesse lá. Estava, sim, mas de tão pequeno o trecho, eu não lhe dera a menor atenção.

Perguntar-se-á: "E teu mestre, não te ensinou isto?"

É uma dessas coisas que não sei explicar. Estudante aplicado, mais ou menos senhor do meu programa, sabia responder a todas as perguntas referentes à citação, aos meios de fazê-la, aos seus efeitos: "Evita a prescrição, torna a coisa litigiosa", etc. Parece que estou ouvindo a voz do meu professor, que vinha às aulas numa bicicleta, para escândalo dos calouros.

Sim, ele me ensinara tudo, e tudo também eu estudara. Mas não vira - juro por Deus! - não vira nunca aquelas palavras sacramentais, que agora me parecem tão simples e tão inexpressivas.

SETEMBRO

Quinta-feita, 13

Faz pouco mais de um mês que não escrevo neste diário. Ora na cidade, ora na fazenda Timbaúba, passei todo esse tempo com os livros nas mãos. Com os livros e os autos que tenho retirado dos cartórios. O velho Cazuza não se conforma com isso. De vez em quando reclama, com sua voz de trovão:

- Vive aqui este homem a estudar o que já devia ter estudado lá na Academia, em vez de trabalhar logo. A cadeia cheia de presos, as questões de terra aí em quantidade, e o homem agarrado com um livro cheio de fotografias do Inferno ou dando gargalhadas com um tal de Sancho Pança. Não acho graça nessa bobagens.

Há realmente um exagêro no Velho. É certo que tenho voltado algumas vezes ao Dante e ao Cervantes. Mas o meu principal esforço tem sido no sentido de me preparar para a luta. Essa luta, que, antes de começada, já me enganou duas vezes.

Parecendo que iria ser uma batalha grandiosa, vai-me saindo uma guerra contra insetos. Este, o primeiro engano. O segundo é que os insetos, por vezes, e não poucas, parecem mais poderosos do que eu.

Vejamos, porém, no fim, o que acontecerá.

A primeira providência a tomar é voltar ao diário. Já me estava fazendo falta. Afeiçoei-me a ele, como se fora uma pessoa. Creio que não mais nos separaremos. Já li bastantes autos e livros.

Sexta-feira, 14

Resolvo aceitar a primeira causa. Não é uma defesa no júri (afinal, vai haver júri e Melquíades está contente), mas uma ação de indenização. O direito do constituinte pareceu-me bom.

Li e reli o Código Civil, consultei leis e fórmulas processuais, estudei a tabela dos selos e taxas; consertei a petição uma dúzia de vezes.

Foi tremendo de emoção que me dirigi à casa do juiz.

" O Dr. Adriano vai ficar entusiasmado com o meu trabalho", dizia comigo mesmo.

Ele me recebeu com ar paternal e com o seu eterno cansaço.

- Que há de novo, meu jovem advogado? Vem trazer-me um pouco de suas luzes?

- Uma petiçãozinha, Doutor - respondi, quase sem poder falar.

Já desaparecera a confiança com que eu transpusera a porta. E cismava: "Terei pedido a citação? Parece que esqueci a residência do réu".

Quando Adriano Pereira colocou os óculos e lançou o olhar sobre a petição, eu estremeci. Era como se trinta anos de experiência e cultura jurídica desabassem sobre minhas frágeis alegações, no ímpeto de esmagá-las. Evidentemente, devia estar tudo errado.

Peguei ao acaso um jornal e fingi ler. Mas o que fazia era olhar por cima, inquieto, a estudar a fisionomia do magistrado.

A atitude de Adriano, porém, do começo ao fim da leitura, fora absoluta frieza. Pondo a petição na mesa de mármore, bastante empoeirada, voltou-se para mim, afetuoso:

- Está bem, menino, deixe isto aqui, que depois verei.

- Mas, Doutor, deve ter visto que há uma certa urgência, pelo menos nas medidas preliminares e na citação.

Arrependi-me destas palavras, mal acabara de pronunciá-las. Se o Dr. Adriano não despachara a petição, é porque devia estar toda errada. Não o dissera por delicadeza. E eu a sair-me com aquela insistência.

O magistrado não se pertubou. Tivesse eu um pouco de paciência. Ele ia ver o caso, devagar.

Saí entontecido. Era um desastrado, não dava para aquilo.

Corri para os livros, reli a cópia da inicial. Parecia tudo direito.

Depois de algumas horas, voltei à casa do Dr. Adriano. Certamente a petição já estaria despachada. Afinal, examinei bem, o trabalho estava certo.

- Ainda, não vi, menino. Tenha um pouco de paciência. Depois eu vejo isto direitinho.

Desta vez foi simplesmente furioso que desci as escadas de pedra do juiz da comarca.

Sábado, 15

Por mais que relutasse, fui obrigado a ouvir Melquíades sobre seus planos políticos. Quer ser conselheiro municipal. Acha que tudo vai mal no município. A iluminação a carbureto há mais de um ano que não funciona, não existe uma carroça de lixo, não há progresso de qualquer especie.

Procuro explicar-lhe que o prefeito é um homem muito bom, que quase não cobra impostos de ninguém.

- Pois cobre! - gritou o velho, puxando o cavanhaque. - De boas intenções vive cheio o mundo. O que não pode continuar é essa podridão na cidade, com a rua cheia de monturos. Hei de candidatar-me, queiram ou não queiram os grandes.

Para me ver livre, prometi falar com o major Gabriel, homem manso e inteligente, como já disse, mas que não gosta muito de inovações. Para ele, o ideal é continuarem as coisas como estão: o Dr. Gouveia na prefeitura, mesmo sem cobrar impostos, para não desgostar os eleitores; Adriano Pereira como juiz, sem despachar requerimentos, e o vigário velho rezando suas missas, sem festas nem sermões.

E Lagoa, é realmente uma terra pacífica, exemplo de moderação, na paisagem das lutas sertanejas.

Apenas acontece que sou advogado e estou decidido a trabalhar.

O velho Cazuza é outro esteio desta situação. Presidente do Conselho, ninguém toque nos seus amigos e correligionários.

Vou chamar o Velho às falas. Ou ele faz o compadre Adriano despachar as petições e deixar que o foro se movimente, ou eu solto Melquíades nas costelas de todos, e vou divertir-me a valer.

Sei que vou rir, e muito.

Domingo, 16, 8 horas

Como faz todas as semanas, chegou Cazuza Mamede. Assiste a missa do domingo, passa o dia na feira (amanhã) e volta depois para a fazenda.

Já colocou na cabeça o chapéu do Chile, ajeitou no colete a corrente grossa do relógio enorme e largou-se para a cidade.

Enquanto não souber das novidades, contadas pelo compadre Gabriel, não quer conversa com ninguém. E o curioso é que as novidades são quase sempre as mesmas.

Mas desta vez, eles se enganam. Temos novidades mesmo.

Noite

Adriano Pereira é conhecido no Estado como um de seus juizes mais cultos. Na mocidade, firmou renome de orador e compulsou as Institutas com a mesma facilidade que tem de percorrer a vida dos santos todos do céu. As Ordenações do Reino não guardam segredos para ele.

Fala-se, é certo, desde muito, do seu comodismo ou, para ser mais franco, de sua imensa preguiça. Preguiça, não, que aquilo já chega a ser doença. Mas nunca pensei que fosse tão séria.

Logo que o velho Cazuza voltou da missa, falei do que estava acontecendo. E disse, passeando de um lado para outro da sala:

- Vou representar ao Tribunal de Justiça. Isso não pode continuar. O tempo correndo e o direito de meu constituinte prejudicado.

- Era o que eu queria ver, você representar contra o compadre Adriano! Era o que eu queria ver!

- Pois então o senhor faça-o cumprir o seu dever.

- Ele sabe cumprir.

- Se soube, já esqueceu.

O velho Cazuza, nesse momento, já tinha tomado toda a força dos pulmões:

- Não esqueceu coisa nenhuma. O senhor é quem está esquecido do respeito que todos nós devemos a ele. Nossa família, ainda queimada, não paga os favores que deve àquele homem.

E, já se acalmando, pelo meu silêncio:

- Vou ver se o compadre assina o tal papel. Mas se não assinar, fica por isso mesmo, e o senhor não vai representar a coisa nenhuma.

O Velho ganha sempre as discussões, porque grita tanto que os outros desistem de fazer-se ouvir.

Largou-se para a casa do compadre. Fiquei até desejando que ele nada conseguisse. O que eu queria já era voltar para o Recife. Mas, momentos depois, chegava o Capitão, com a petição despachada.

- Está aí, era só isso que o senhor queria?

- Só isso, e demorou tanto. Não posso me conformar com estas soluções. Para obter um despacho a que tenho direito, ser preciso pedir um favor.

O velho Cazuza, com a autoridade da vitória obtida, voltou-se para mim, conselheiral:

- Meu filho, você ainda é moço, passou muito tempo fora daqui. Não conhece as coisas da terra. Ouça bem o que vou lhe dizer. Parece até mentira que exista um lugar como este, no meio do sertão. Por aí afora só se vê sangue e vingança. Aqui é diferente. Eles só não gostam muito de progresso, mas são ordeiros e amigos de todos. E Adriano é um dos melhores homens que eu conheço. Tenha paciência com ele e tudo correrá bem.

Prometi acalmar-me. Mas estou evidentemente decepcionado. Como posso continuar aqui, com o foro inteiramente parado, recebendo despachos do juiz, como quem recebe esmolas? Afinal respondi para o Velho:

- Vamos ver se isso melhora.

Segunda-feira, 17

Nada de importante. O velho Cazuza já seguiu para a fazenda. Passou o dia despachando moradores das outras propriedades. Aos de Timbaúba ele atende lá mesmo, no sábado à tarde. Ou a qualquer hora, conforme a necessidade, pois lá vive ele.

Eu, por minha vez, dei algumas consultas. Fiquei com o ladrilho da sala todo riscado. Os homens simples do campo sósabem expor suas querelas, principalmente as de terra, riscando limites no chão. É inútil dar-lhes papel e lápis. Parece até que a força da terra os atrai, para lançarem na sua própria face os sinais da posse e do domínio.

Vou descansar. Um dia de feira, numa cidade do interior, é um dia brabo.

Quarta-feira, 19

Hoje, sim, tivemos novidades.

Quem haveria de vir à minha casa?

Outra pessoa não foi, senão Maria Augusta. Nunca me comprimentara, nunca me concedera a generosidade de um olhar. E hoje, sem mais nem menos, bate palmas, entra, senta-se e conversa.

Veio fazer uma consulta sobre a situação do irmão. Pelo menos, foi esse o pretexto. Pouco pude adiantar, por falta de elementos, que ela ficou de trazer depois. Pelo que diz, o rapaz já está condenado há alguns anos.

Mas bonita do que nunca, com vestido branco e levemente transparente.

Trouxe em sua companhia uma mocinha, que não sei quem é. Sei apenas que não proferiu uma palavra.

Quinta-feira, 20

Escândalo na cidade. Uma moça na casa de um "rapaz solteiro", morando sozinho, era coisa que ainda não se vira em Lagoa. Sou um dos dois alvos da curiosidade pública. O outro alvo é ela.

Pouco importa que tenha vindo acompanhada. A companhia era outra moça, sujeita às mesmas maliciosas suspeitas.

Uma retificação: Creio que ela quer mesmo ajudar o irmão. Retiro a suspeita de pretexto, que insinuei antes.

Sexta-feira, 21

Volta Melquíades. Quer saber em que vão as minhas providências, se já acertei a candidatura dele.

- Prefiro ser conselheiro por bem, com auxilio do senhor e do major Cazuza. Mas, por bem ou por mal, hei de ser.

E, em tom de confidência:

- É verdade que vai se queixar ao Tribunal, contra o Dr. Adriano?

Respondi que não. Apenas falara nisso, em momento de maior irritação, porque não podia ficar com uma petição sem despacho. Mas o velho não se deu por vencido:

- É, mas, cedo ou tarde tem de se queixar. Isso não pode continuar. O homem não resolve nada. Não despacha nem os inventários, que rendem custas. Os escrivães estão morrendo de fome. O senhor me ajude na eleição, e veremos como tudo isso endireita. Eu espero até o fim da semana. Só faltam dois meses para a eleição. Não temos tempo a perder.

Prometi falar ao velho Cazuza, no próximo domingo. E é o que vou fazer.

Sábado, 22

Maria Pacatonha é a preta supersticiosa e serviçal que mora aqui em casa, num quartinho dos fundos do quintal. Vai buscar, todos os dias, minhas refeições no Café Brasil. Fala só e zumbe como um besouro. E anda agora impressionada com a notícia, cada vez mais insistente, de que vai chegar a Lagoa o primeiro automóvel do sertão. A preta não se conforma:

- Quando eu era menina, ouvi Frei Henrique dizer que tivessem cuidado com o cavalo preto, porque, depois que ele viesse, não havia mais descanso no mundo. Cavalo preto vem aí. Ave Maria cheia de graça...

Pobre Pacatonha. Há muitos anos que se instalou em nossa casa vazia. Sua vida oscila entre as cadeiras que empalha e a religião que pratica. Religião confusa e contráditória, porque não perde missa, mas anda ao mesmo tempo com certas bruxarias, rezando em espinhela caída, curando no rastro e atrapalhando casamentos alheios, com auxílio de seus mitos.

Dizem que antes da minha chegada, quase não podeia sair à rua. Era com ela que se divertiam os desocupados da cidade, a insultá-la de longe e até a atirarem pedras e bombas na porta. Tem um medo terrível de qualquer explosão, porque diz que é a voz do Inferno.

Hoje, chegou impressionada. Disse que um espírito mau está me perseguindo e é preciso tirá-lo do meu caminho. Faço-me de desentendido, pergunto se é o delegado Francisco Justino, que não gostou de um "habeas-corpus" que requeri em favor de um pobre diabo, preso ilegalmente. Desnecessário dizer que Adriano não despachou o pedido. Mandou chamar o delegado e disse que soltasse o preso. Não tinha tempo para estar julgando bobagens.

Diante das minhas evasias, Pacatonha foi incisiva:

- O diabo que persegue meu branco é um diabo de saias. É a vizinha do lado direito, essa sem-vergonha, que devia estar rezando para o marido morto.

- Ora, sinhá Maria, você não vê que essa senhora só se ocupa em criar os filhos? Não diga mais isso.

- Que filhos, que nada - insiste Pacatonha - Pois o senhor é quem está cego para não notar que aquela espírita vive aqui toda se peneirando, como galinha atrás do galo do terreiro. Mas deixa estar, meu Doutorzinho, que eu dou jeito aquela endimunhada.

Não insisto. Em verdade, quem devia "dar jeito" era eu, se não fosse tão tímido com as mulheres e se realmente tivessem procedência as suspeitas de Pacatonha. Mas não há nada, nada, absolutamente.

Domingo, 23

Hoje não veio o Capitão Cazuza. Mandou um bilhete pelo negro de sua confiança, o Gonçalo. Que eu aparecesse na terça-feira, lá pela Timbaúba. Tínhamos muito o que conversar. Gonçalo não acrescentou nada. Só o capitão sabia o que era.

Depois da missa, fui à casa de Fábio Noronha. Maria Augusta recebeu-me à porta, apresentou-me à mãe, que é paralítica

e passa o diá numa cadeira de braços. Ficamos os três conversando, enquanto mandavam chamar o dentista. Devia estar jogando, no bilhar de Gasparino.

O homem não demorou. Confessou-se muito grato à minha visita, que deste muito esperava. Gostava muito da terrinha. E foi logo narrando a sua vida. Era paulista, casara no Rio. Ao descansar da primeira filha, a mulher ficara paralítica, sofrendo muito. Não havia clima em que se desse, era um martírio. Viviam assim, como judeus errantes, a mudar-se constantemente. Aqui em Lagoa, até iam bem. O clima era quente, mas saudável.

A moça fez um gesto de enfado. Queria dizer ao pai que aquilo não me interessava, deixasse também os outros falar. Mas Fábio Noronha não lhe deu atenção. E prosseguiu. Tinha dois filhos. A mais velha era Maria Augusta, que ensinava pintura e trabalhos manuais. Não faltavam discípulas, onde a moça chegava. O segundo filho, coitadinho, era um belo rapaz, que não tivera muita sorte num incidente. Estava enrascado na Bahia, como eu já sabia.

Enquanto falava, o dentista balançava o bigode ralo, que devia ter sido castanho, a julgar pelos cabelos, mas era agora uma exposição de nicotina. Em alguns pontos chamuscado, mostrava logo o fumante inveterado que o conduzia. Os olhos, claros e miúdos, tinham a mesma facilidade e despreocupação das palavras. Olhavam com ou sem proposito, não se fixavam em coisa alguma. Como sempre, estava de calça de listras e paletó de alpaca preta.

Terça-feira, 25

Apenas saltei do cavalo, o velho Cazuza foi logo se levantando da rede, armada no alpendre largo, e dizendo com a sua voz de trovão:

- Temos novidade, seu Doutor, e grande. Mandei botar uma broca ali por trás do Alto Pelado, que sempre foi meu, e o Caboclo mandou empatar o serviço.

- Quando foi isso, meu pai?

- Foi na sexta-feira de manhã.

- E por que o senhor não mandou logo me dizer?

- Porque não quis. Dei ordem a Gonçalo e aos moradores para não falarem no assunto. Queria ver se resolvia o caso aqui mesmo. Fui à casa do Caboclo, ele fastou o pé atrás, me ameaçou até de bacamarte.

- E o senhor?

O velho Cazuza levantou a voz:

- O senhor, o que! Está pensando que eu tenho medo daquele tuberculoso? Eu estava na casa dele, sozinho, e ele cercado de cabras. Fui falar com a voz da razão e o homem saiu-se com quatro

pedras. Havia de brigar, para ser morto, e deixar ao Dr. Márcio uma bonita herança, a obrigação de me vingar?

Na verdade, não era isso o que eu queria dizer. Apenas perguntara se o Velho tinha tomado uma atitude firme no caso. E ele parece que me apanhou o pensamento no ar.

- Firme, você sabe que eu sou. Pago para não entrar em briga, mas, depois que entro, pago para não sair.

Perguntei-lhe então o que pretendia fazer. Se queria juntar gente e continuar no serviço ou tentar uma medida judicial. O Velho aí não se conteve:

- Ora, essa é muito boa. Tem-se aí um filho formado em leis, e ele vem me perguntar o que se deve fazer neste caso! Essa é muito boa, hein, Gonçalo?

O negro estava riscando o tijolo com um carvão, e soltou uma risota muito sem graça. É o seu modo de confirmar as palavras do velho Cazuza, sempre que este invoca sua opinião, em circunstâncias iguais. Não chega a ser uma resposta, é uma ressonância.

Afinal, conseguindo refazer-me do aborrecimento, respondi que ia estudar o caso. Pedi as escrituras de nossas terras e tranqueime no quarto com elas.

Ao escrever estas notas, tenho de confessar a minha hesitação. Não sei bem o que vou fazer. Sei que o remédio legal é uma ação possessória. E isso afinal não constitui coisa do outro mundo. É um dos assuntos que mais tenho estudado, desde que me decidi a ficar mesmo no sertão. Mas o problema ainda não é este. Custa-me muito engolir esta, calado. O desgraçado do Caboclo mandar proibir um trabalho do velho Cazuza, e ficar proibido mesmo, como se não fossemos donos da terra.

Além do mais, como esperar qualquer solução da justiça, nas mãos boníssimas, porém paradas, do juiz Adriano Pereira?

São estas as minhas dúvidas. Dúvidas, não de diaristas, mas de advogado e proprietário. Só não gostei desta esperteza do Velho, aguardando que eu terminasse os estudos, para armar a sua encrenca. Espertalhão!

Quarta-feira, 26

Continua minha hesitação. O Capitão me perguntou, logo cedo, que é que eu havia resolvido. Não fiz mistério de minhas dúvidas:

- Só temos dois caminhos a seguir. Ou recorrer à Justiça, o que será tempo perdido, nas mãos do Dr. Adriano, ou nós mesmos resolveremos o caso aqui. E é isto que me dá mais vontade de fazer.

Esperei que meu pai estourasse. Mas o Velho é surpreendente. Nos momentos em que mais se espera sua reação impulsiva, ele vem sereno e tranquilo.

- Pois eu já sei o que vou fazer, meu filho. Vou á cidade falar com o compadre Gabriel. Ele é o chefe do município, todo mundo aqui é eleitor dele. Eu sou do Partido, presidente do Conselho, não posso dar o mau exemplo. Minha vontade era também juntar o pessoal e acabar com aquele Caboclo de uma vez. Mas não posso fazer isso.

Confesso que me senti humilhado. Afinal de contas, eu deveria ter uma atitude resoluta, como advogado ou como homem do sertão. Mas sinto que, no meu espírito, uma situação está prejudicando a outra. Nem tenho bastante confiança na Justiça, para entregar-lhe o primeiro caso em que sou realmente interessado, nem sinto o impulso que devia sentir, de acordo com a minha idade. E isso me faz sofrer. No fim de contas, nem advogado, nem homem. Não sei dizer quanto isto me humilha.

Ingênuo, eu supusera haver armazenado recursos para todas as eventualidades que surgissem. As dificuldades estaria apenas em começar. Comecei, e as inibições prosseguem. Mas, felizmente, uma coisa pelo menos estou compreendendo. É que cada caso arrasta os seus próprios obstáculos. Inútil nos querermos premunir de comprimidos contra todos os males. Cada ataque pede o seu específico. E quase sempre temos de fabricá-lo na hora, quando somos capazes de fabricá-lo.

Vai, vida velha, continua me ensinando e me matando.

Quinta-feira, 27

O velho foi para a cidade, eu fiquei. Fiquei com a consciência de minha inutilidade, no primeiro choque decisivo. E para fugir um pouco às meditações que me incomodam, vou descrever, tão fiel e resumidamente quanto possa, que é esse afoito Paulino Caboclo.

Seu nome verdadeiro é Paulino Correia. O apelido lhe vem da mistura de indio que deve ter no sangue, pois o tipo não engana. Sua fazenda, Desterro, é vizinha da nossa. Quem vai de Timbaúba para a cidade, tem de passar forçosamente ao lado de sua casa. Salvo se quiser dar uma volta de léguas. Dizem que bebe diariamente, mas não chega a embriagar-se. Casado, a mulher não o suportou, porque Desterro é um harém.

Quando fala, as primeiras palavras são perdidas, e a acentuação como que se transfere para a ultima. Se quer olhar para alguém, fita primeiro o chão, espia para os lados, como quem se certifica do terreno, para os golpes da traição. Homem rico,

possuidor de centenas de cabeças de gado, a sua casa de residência é uma vergonha. De taipa e mal construida.

E este o homem com quem estamos pegados.

Quinta-feira, noite

Já começo a achar o jogo divertido. Estou decidido a enfrentar a luta, qualquer que seja.

Prometi ao velho Cazuza só regressar à cidade quando ele voltar à fazenda. Por isso vou mandar um portador lá, para que ele não queira conciliação. Temos de enfrentar a luta.

Sexta-feira, 28

Sigo para a cidade, encontro, no meio do caminho, o Capitão Cazuza.

- Tudo encaminhado, seu Doutor. O compadre Gabriel marcou uma reunião para segunda-feira, na casa dele. Gonçalo vai levando uma carta para o Caboclo.

- Mas, meu pai, isso é uma humilhação, o senhor participar de uma reunião com aquele insolente. Vamos para a Justiça, resolver a questão.

- Ora essa! Por que o senhor não disse isto há mais tempo? Agora, já entreguei o caso ao compadre Gabriel e não vou voltar atrás.

Despedimo-nos. Nada tenho a fazer, no momento. Mas hei de empregar todos os meios para que não resulte, dessa reunião, uma solução humilhante para nós.

Dizem que o major Gabriel não gosta de Paulino Caboclo. Apenas o tolera. Mas, como não quer agitações no seu município, tolera mais do que devia. Tem-se a impressão de que, para o nosso chefe, todo mundo deve viver em paz, até os criminosos.

Vamos ver em que dá tudo isso.

Sábado, 29

Vou ao cartório do escrivão Florêncio de Albuquerque. Alto, magro, calças sempre muito bem engomadas, dizem que é um filósofo. Há muito que pretende expor-me a sua filosofia, mas ainda não me dispus a ouvi-lo. Invoco, ora um pretexto, ora outro. Bem posso avaliar o que vai sair daquele bestunto.

A primeira pessoa que encontro é Melquiades. Já me preparo para lhe dar uma explicação. Ainda não pude falar sobre o pedido

dele. Mas o velho não quer explicações. Dá um puxavante no cavanhaque, puxa as calças, sempre presas por um cordão, e larga-se para a rua. Nem sequer me cumprimenta.

Florêncio então me explica. O homem há dois dias que está em franca propaganda. Viera ao cartório pedir-lhe o voto para conselheiro municipal. Arrisco a pergunta:

- E o senhor, seu Florêncio, prometeu votar?

- Eu disse a ele que, sendo de acordo com o major Gabriel, podia contar comigo. De outro modo, não era possível.

- E ele, que respondeu?

- O velho danou-se - esclareceu Florêncio. - Disse que esta é a resposta que tem recebido de todo mundo. "Mas estão enganados. Desta vez eu vou ao Governo do Estado, denuncio todas as misérias desta terra. Ou me aceitam por bem ou por mal".

Ao passar em frente à igreja velha, de patamar alto, encontro um grupo conversando. A cidade foi tomada, de assalto, por dois assuntos importantes. A candidatura de Melquíades e a invasão de nossas terras por Paulino Caboclo. Já diziam que, num primeiro choque, haviam morrido dois moradores de um lado e três do outro. Esclareço que não houve nada disso. E passam logo a falar na política.

- O Melquíades está furioso com o senhor - diz o dentista Fábio Noronha, sempre apressado para chegar ao bilhar. - Disse que "aquele Doutorzinho prometeu me ajudar, mas não teve coragem. Não quer desgostar o major. Mas deixa estar, que o Caboclo toma conta dele. Para ele, basta o Caboclo".

Saio realmente aborrecido. Afinal, que fiz a Melquíades? Apenas não pude ou não quis pleitear a aceitação de sua candidatura pela situação dominante. Não me parece que isso seja uma ofensa.

Mas o velho é assim mesmo. Bem que meu pai me avisou.

Domingo, 30

Maria Pacatonha traz a bandeja de café.

Pergunto-lhe pelas novidades do dia. Ela não se faz de rogada:

- Dizem que seu Melquíades quer ser prefeito.

- Prefeito, Pataconha?

- Prefeito ou deputado, ou não sei lá o quê.

Soltei uma gostosa gargalhada, como há muito não soltava.

A velha aproximou-se, olhou para um lado e para outro, como se temesse os olhos dos matos e os ouvidos das paredes e segredou:

- Na cidade tem gente com saudades... Diz que o Doutor Márcio é um ingrato de marca maior.

E, metendo as mãos no seio:

- Mandou até isto para o senhor.

Era uma rosa. Não entendi nada. Mas Pacatonha esclareceu tudo:

- Lá da casa do dentista. Está embeiçadinha pelo senhor. O meu branco parece que está cego. A moça esta emagrecendo a olhos vistos.

Era só o que me faltava, sair-me Pacatonha uma grande alcoviteira.

- Mas não vá dizer nada. - adiantou a preta - senão a moça fica com vergonha. Essas coisas, a gente recebe e fica calado, até o negócio pegar.

Não compreendi bem o mistério de sinhá Maria. Em todo caso, prometi não dizer nada. Acrescentei que não estava pensando em amor, nem em casamento.

- E que tem isso? - respondeu Pacatonha, com vivacidade. - Quem está falando aqui em casamento? Também, com aquele pai...

E foi para dentro, com uma risada abafada.

Noite

Amanhã é o dia da audiência, na casa do chefe. Estou disposto a não ir. Já posso prever o que sairá dali. O velho é bom, tem certo sentimento de justiça, mas afinal não é Salomão. Ele quer trazer o seu eleitorado intacto e não deseja também molestar o Caboclo. Existe ainda outra razão. É que o juiz não quer demandas, que dão sempre trabalho, e o chefe gosta de satisfazer o compadre. Daí as soluções amigáveis, para quase todos os litígios. Eu é que não estou por isto. Nada posso fazer, mas reajo com o meu silêncio e minha ausência.

Não vou, está decidido.

OUTUBRO

Segunda-feira, 1º

Ficam valendo as palavras finais do dia de ontem, tirada a negativa. O certo é que vou à casa do major Gabriel. Capitão Cazuza exigiu, nada tenho a fazer. Meu próposito é ouvir tudo calado, apenas dando opinião no fim, para discordar do acordo. Não há contradição nisso - *discordar do acôrdo*. Este seria de Cazuza Mamede e Paulino Caboclo: a discordância é que é minha.

Para que são feitas as palavras, senão para a gente misturá-

Noite

Não fui. A audiência deixou de realizar-se, porque o Caboclo não veio, nem mandou qualquer explicação.

Soube, agora, que há muitos anos ele não vem à cidade. Mas hoje se tratava de um chamado do chefe político.

O major Gabriel mandou nova intimação. Se Paulino não vier na próxima terça-feira, sem falta, o caso será entregue à Justiça. E o chefe, sem nenhuma dúvida, tomará o partido de Cazuza Mamede. Pelo menos é o que me explica este, com a sua prática e o seu modo de compreender as situações.

Terça-feira, 2

Minha ação de indenização vai marchando bem. O processo até já me parece um organismo, ou uma pessoa, cuja cabeça é a petição inicial. A contestação, a réplica e a tréplica são outros tantos órgãos, ou membros, como queira a imaginação de cada um.

Por vezes, os autos também me parecem a construção de um edifício. A inicial seria então o alicerce. É verdade que, sendo minha a construção, o adversário também trabalha nela, com as suas alegações e diligências. Isso me faz achar não muita graça na comparação, que jogo fora pela janela.

A outra idéia, do organismo, sofre do mesmo defeito, e por isso também o abandono. Autos são sempre autos. Autos e nada mais.

O que vale é que a causa marcha bem. Não quero tomar uma sova do rábula que figura como meu antagonista.

A causa é boa, e pretendo ganhá-la.

Quarta-feira, 3

Deixo meu negócios de advocacia em ordem e vou a Timbaúba. O escrivão Florêncio prometeu avisar-me de qualquer novidade que apareça. Para isso deixei um portador de prontidão. O escrivão acha graça no meu desvelo, e até o louva. Mas diz que não me preocupe, a Justiça aqui não anda assim tão depressa.

Levo em minha companhia o estudante Cláudio Maia, que está prestes a terminar o curso de humanidades. Parece que não pode ir à Capital este ano, por falta de recursos financeiros. Pretende formar-se também em Direito e começa a freqüentar minha casa. "para ir aprendendo". Logo com quem, penso eu sarcasticamente,

vem aprender esse moço. Sé ainda não posso nem com a minha carga!

Depois de caminharmos algum tempo, o estudante, apontando para uma porteira próxima, perguntou o que era aquilo. Estranhei a pergunta e também perguntei, por minha vez, se ele não conhecia um urubu.

- Conheço - disse o rapaz - mas achei diferente.

- Eu também. Sempre acho diferente, quando fica assim, pousado e triste. O urubu não devia nunca pousar. Perde toda a sua majestade. E dizer que, em menino, desejei ser um urubu, para ver toda a cidade, e as fazendas, e as serras, tudo de uma vez!

Estas últimas palavras, disse-as mais para mim mesmo do que para o meu companheiro. Mas ele as ouviu. Ouviu e respondeu:

- Podia ser um urubu orgulhoso. Não pousaria para ninguém ver.

- Desse modo não me interessa voar. Para que ir às nuvens e voltar ao mourão?

- Não já disse? - insistiu o estudante, que gosta de discutir. - Pousaria escondido.

- Não quero assim. Não faço nada escondido.

O estudante fez um gesto meio canalha e retrucou:

- Todos os homens fazem coisas escondidas.

- Mas as coisas que são feitas para o segredo.

- E também as que não são feitas para o segredo.

Irrito-me:

- Você com a eterna mania de discussão.

- Quem sou eu para discutir com um advogado?

Isso foi uma punhalada. Íamos chegando ao pátio de Paulino Caboclo, e por isso o punhal ainda entrou mais.

Não havia ninguém à porta. Apressei a marcha do alazão, e o estudante me acompanhou com o galope do seu burro.

Sentei a mão na cancela, quando ouvi uma voz rouquenha pelas minhas costas:

- Olhe, seu Doutor, diga ao capitão Cazuza que eu compareço à audiência do chefe na segunda-feira. Vamos ver se resolvemos isso amigavelmente, como bons vizinhos. Só não posso perder o que é meu. Isso é que não.

Que podia eu responder? É provável que houvesse muitas respostas, enérgicas ou espirituosas. Elas não me faltam agora, mas já é tarde. A única que encontrei para dar, no momento, foi a que dei:

- Transmitirei o recado, seu Caboclo.

Foi nesse momento que o meu cavalo entendeu de parar e urinar, e eu fiquei por algum tempo apalermado, esporando-o inutilmente. Trágico e ridículo!

O resto da viagem foi silêncio. Silêncio e humilhação.

É possível que eu mesmo esteja exagerando as proporções dos fatos. Mas, não. A estas horas já devia estar com a questão no foro ou com os moradores no bacamarte. Ou advogado ou sertanejo.

Em verdade, nem uma coisa nem outra. E é com tal pensamento que me tranco no quarto, enquanto o velho Cazuza conversa com o estudante sobre as novidades da cidade.

Quinta-feira, 4

Durmo mal, levanto-me tarde e indisposto.

O Velho se balança na rede do alpendre, enquanto o estudante prepara uma espingarda para atirar nos passarinhos. Convida-me, não vou.

E fico a observar por instantes a figura do meu pai. Alto e gordo, alvo, porém queimado do sol, deve arrastar seus cem quilos de ossos, carnes e banhas, e mais que se sabe.

Depois da morte de minha mãe, fiquei sendo a única aspiração de sua vida.

A fazenda Timbaúba é metade do seu mundo. A outra metade é a cidadezinha próxima, com sua Igreja Velha de patamar alto e cruzeiro à frente, sua Igreja Nova, grande e feia, sua iluminação de carbureto, que quase não se acende nunca, os compadres e os amigos.

Não gosta de outras fazendas que possui. Apenas as visita de longe em longe. Administra-as através de recados e bilhetes para os vaqueiros de confiança. Também a agricultura é pouca, apenas o suficiente para a manutenção dos moradores. Diz ele que uma dessas fazendas é minha. Nunca tive a curiosidade de ver o inventário.

A rede balançava ao imperceptível movimento do pesado corpo, como se lhe adivinhasse a vontade, em vez de ser impulsionada. Brusco, o Velho pulou no meio do alpendre e a rede aliviada, ainda foi e veio umas duas ou três vezes, e aquietou-se.

Meu pai olhou para longe, fez assim um movimento de quem coloca um dos ouvidos em melhor posição de ouvir e disse:

- Escute. É o boqueirão da serra que está roncando. Quando ele dá aquele sinal, podem preparar o roçado. É chuva na certa.

Sorri da simplicidade daquela vida.

Mas foi breve. Uma sombra pesada desceu sobre o meu espírito. Talvez ainda a explique, se eu mesmo vier a compreendê-la. Se não...

Segunda-feira, 8

Realizou-se, afinal, a audiência do major Gabriel. Não é só a lhaneza do trato, a simplicidade das palavras e a mansidão da voz. É o interesse humano por todas as pessoas. A cada uma pergunta pelo assunto mais particular: pelo filho querido, pelo cavalo de estimação. A um dos rapazes, que lá apareceu hoje, indagou até do resultado de uma briga de canários.

Somente hoje vi o Paulino Caboclo vestido como gente. Parecia sentir-se mal com as botinas, as calças e o paletó engomados.

Deu-me a impressão, a princípio, de ser um resto de homem. Mas, à proporção que a conversa se animava, ia mostrando sua audácia, sua má-fe na discussão e seu propósito de nos espoliar a qualquer preço.

Por mais de uma vez levantou a voz - uma voz um tanto rouquenha e difícil, que parece exigir muito esforço das entranhas para sair. Chegou a fazer ameaça, embora um tanto vaga. O chefe retrucava com mansidão, porém com firmeza.

Nada ficou resolvido. Depois de três horas de discussões, em que o piso da sala do chefe, de ladrilho comum, ficou todo riscado de ponta de faca, deliberou-se uma vistoria no local. Iremos todos, na quarta-feira.

Confesso que me distraí um pouco com a reunião. Antes de voltar à cidade, percorrera bem o local da demanda, com o velho Cazuza e o estudante. Assim pude sentir-me mais útil e conhecedor do assunto. E cada vez mais me convenço de que não cederemos um palmo de nossa terra. É um roubo, o que pretende o Caboclo.

A pesada sombra, de que falei há poucos dias, parece-me agora mais leve.

Terça-feira, 9

Encontro Maria Augusta, em casa do escrivão Florêncio. Procurei-lhe no olhar uma alusão à lembrança da rosa, enviada por Pacatonha, mas não encontrei nada. Olhei-a muito insistentemente. É realmente bela. Principalmente os braços e - por que não confessar? - as pernas. O vestido não deixa ver muito, mas o suficiente para avaliar o que vai lá por cima.

Estou apaixonado.

Não sei se já disse que me apaixono com extrema facilidade. Se não disse, fica dito agora. Dito e repito - estou apaixonado.

Noite

Cláudio Maia acaba de me contar que Melquíades interpelou o chefe no meio da rua. Dava-lhe dois dias (falta menos de dois meses para as eleições municipais) para decidir se o apoiava ou não. Já estava com a eleição garantida - acrescentou o candidato - mas queria evitar a luta.

O major Gabriel teria respondido que a chapa estava completa, todos os conselheiros deviam ser reeleitos. Pelo menos, os sete do seu partido. Restavam os dois da minoria, mas isto era lá com os chefes da oposição, o Dr. Portela e o capitão Guimarães.

Melquíades deu um puxavante no cavanhaque e saiu "vendendo azeite às canadas". É o que me conta o estudante, que passou aqui somente para isto.

Quinta-feita, 11

Realizou-se a vistoria, ou a audiência de campo, como queiram.

O Caboclo levou uns cabras armados, o chefe mandou retirá-los na mesma hora Não era possivel tratar-se de um acordo daquele modo.

O major Gabriel percorreu todos os terrenos, calado, apenas ouvindo as informações das partes. A certa altura, voltando para mim, perguntou:

- Agora, Doutor Márcio, onde estão os marcos que o senhor falou?

Era o que eu queria. Toquei o alazão na frente, o chefe seguiu-me de perto, no seu cavalo pedrez.

- É aqui... Não... É ali... Mas, não é possível! Ainda no domingo estavam aqui!

Não havia nem sequer sinal dos marcos de pedra, que dividem as duas propriedades e constam das próprias escrituras.

Voltei-me para o Caboclo. Ele baixou os olhos, tartamudeou dois ou três sons ininteligíveis. Por fim, conseguiu refazer e disse:

- Os senhores procuram os marcos no lugar onde eles não estão. Venham que eu mostro.

Era inominável. As estacas de pedra estavam fincadas na terra, cerca de cem braças além do seu local primitivo.

Quis protestar, mas não houve tempo. Alguém pulou de cima de um animal, quase pelas minhas costas.

Olhamos todos. Era Gonçalo, o negro lerdo e calado, de confiança de meu pai.

- Nem roubarem eles sabem, seu major. Vejam mercês que serviço mal feito.

E mostrou punhados da terra frouxa, recentemente cavada.

Saindo não sei de onde, um dos cabras de Paulino apontou o rifle para Gonçalo. Um estrondo encheu o ar e uma nuvem de poeira ergueu-se do chão.

No meio da confusão, apenas a voz de Gonçalo foi nítida:

- O primeiro tiro você já errou, seu olho torto. E se disparar o segundo, o seu patrãozinho aqui vai fazer a viagem junto comigo.

Gonçalo segurava as rédeas do Caboclo e encostava-lhe a faca no pé da barriga.

O major Gabriel olhou para Gonçalo e disse:

- Largue o homem. O cabra já correu.

E, dirigindo-se agora ao Caboclo:

- Seu Paulino, nada mais temos a fazer aqui. O seu procedimento foi uma vergonha. Não conte mais comigo para acordo, nem para nada. Agora, é com a Justiça.

Aí foi que conheci a verdadeira alma do Caboclo. Desmanchou-se em explicações. Que estavam todos enganados. Ele não era capaz daquilo. Eram esses cabras safados que o estavam sacrificando. Não iria para a Justiça, não queria questão. O que o major fizesse, estava feito. Ficava nas mãos dele.

O chefe foi firme. O acordo era voltarem os marcos para o lugar primitivo, e cada um respeitar os limites de suas escrituras.

Não foi difícil encontrar as escavações do terreno, de onde tinham sido arrancadas as pedras. Cazuza Mamede, depois de ligeira busca, localizou os buracos, disfarçados sob ramos de pereiro. Uma obra-prima da imperfeição.

De volta para a fazenda, confiei minhas impressões ao velho Cazuza.

- Só agora pude conhecer o Caboclo, com a sua covardia.

- Ainda não o conhece - trovejou o Capitão. - Agora foi que a guerra começou. Ele vai sempre assim, avançando e recuando, preparando sempre novas traições.

O chefe voltou para a cidade com o carcereiro Antonio Fagundes, que o acompanha sempre nas suas raras viagens.

Notei que o bom homem ia acabrunhado. Nem era para menos. O desacato foi mais a ele do que a nós.

Começo a afeiçoar-me ao chefe. Ele está sofrendo como eu.

O incidente esmagou-me também. Pretendia derramar no papel, em forma de palavras, toda a minha amargura, toda a minha perplexidade. Mas não posso. Certos acontecimentos me provocam inibições invencíveis, enquanto ninharias me sugerem idéias e reflexões.

Não posso alongar-me, estou atordoado.

Muitas sugestões, têm de ficar mesmo sem resposta. Isto é um diário e não um sistema. Um registro de fatos e emoções, nunca

um tratado, em que eu fosse obrigado a explicar tudo, às vezes até o inexplicável.

Sábado, 13

Bilhete do Major, para o velho Cazuza não faltar amanhã, na cidade. Tem novidade para conversar. "Que o Doutor também esteja presente", acrescenta o bilhete.

Domingo, 14

Fomos à casa do chefe. O Caboclo veio à cidade. Quer que não se processe o seu capanga, e tudo ficará encerrado. Cazuza Mamede pode continuar com as brocas do baixio, os limites antigos serão respeitados. Assim, tudo voltará à paz anterior.

- E você, que acha, compadre? - perguntou meu pai ao major Gabriel.

- Acho que devemos aceitar. Afinal, o tiro não atingiu ninguém. E com isso nós compramos a nossa tranquilidade.

Não posso concordar, e intervenho.

- Oh! major Gabriel, uma tentativa de morte! Como é que podemos fazer acordo numa coisa destas? É um crime de ação pública.

- Foi uma tentativa - replicou o chefe. - Só uma tentativa. Esses processos dão sempre em nada. O criminoso vai sempre para a rua...

- Vai, se você quiser - interrompeu o velho Cazuza. - Aqui só se faz o que você quer.

O chefe começou a cantar baixinho, passeando pela sala, com os óculos na testa.

Depois de algum tempo, bateu no ombro de meu pai e disse:

- Pois bem, compadre Cazuza, faça-se o processo. Mas não sou eu quem vai pedir ao Adriano para despachar os papéis. Ficam aí mofando, como outros. E o Caboclo, nem favor fica lhe devendo.

O velho Cazuza não tem vontade diante do chefe e compadre. Foi colocando o grande chapéu do Chile na cabeça e dizendo:

- Está bem, compadre, você tem razão. Isso sempre dá em nada...

Eu ainda quis reagir, mas era tarde. A combinação estava feita.

Domingo, noite

Estou aniquilado. Melquíades já percorreu toda a cidade, para apregoar que foi feito um acordo, pelo qual o velho Cazuza ficava com a terra da questão, e mais um pedaço que pertencia a Paulino Caboclo, em troca da impunidade de uma tentativa de morte, praticada contra um homem que nos servia como escravo.

Foi o dentista Fábio Noronha quem me transmitiu a notícia, acrescentando que a candidatura do velho está ganhando terreno. Dizem que o chefe da oposição, Dr. Portela, está disposto a dar um dos dois lugares ao velho do cavanhaque. Isso me diverte um pouco, mas logo volto ao meu aniquilamento.

Cada vez mais me convenço de minha inutilidade

Olho pela janela o céu estrelado. Ainda bem que tenho dentro de casa o meu pedaço de firmamento, com estrelas conhecidas e amáveis.

Mas logo verifico, com amargura, que uma delas não está no seu lugar.

Segunda-feira, 15

Dia de movimento em minha casa. E isso aumenta meu sofrimento. Vejo em todas as fisionomias um gesto de censura à minha conduta. Afinal, que mal pratiquei? Não fiz acordo nenhum, tive apenas de aceitar uma situação resolvida pelos outros. Não sou juiz, delegado, promotor nem funcionário da Justiça. Não permutei terra com impunidade de crime. Mas as coisas valem por sua aparência, e contra isso não tenho remédio.

Ou tudo isso será efeito de minha imaginação?

Veremos. Descancei o almoço, vou continuar a atender aos clientes que me consultam, embora me sinta sem autoridade para isso. Se não tenho forças para resolver os meus próprios problemas...

Noite

O velho Cazuza somente chegou depois do meio dia.

Ainda montado, foi logo dizendo que estivera muito ocupado estes dias, prosseguindo nos trabalhos da broca, na terra da questão.

Ao apertar-me a mão e olhar-me, disse com espanto:

- Que é isto, rapaz, está doente?

- Não, meu pai, estou aniquilado.

- Então, diga logo de que se trata. Por que não mandou me chamar?

Confiei-lhe os meus sofrimentos. Estava sendo injustamente julgado pela cidade. Eu não fizera nenhuma transação indigna.

O velho que é impaciente, não deixou que eu terminasse. Mandou Gonçalo puxar-lhe as botas (só então eu vi Gonçalo) e largou-se para a casa do chefe.

- Não estou entendendo nada disso - explicou ao sair. - Parece que tudo é impressão sua. Em todo o caso, vou falar ao compadre Gabriel. Volto logo.

Procurei evitar Gonçalo, como se eu é que tivesse tentado matá-lo. Mas o negro, como sempre, veio alegre e humilde para o meu lado:

- Tudo por lá vai bem, patrãozinho. O serviço está aumentando. Acho que agora o Caboclo não se mete mais não.

Quis dar-lhe uma explicação da minha conduta, mas logo vi, às primeiras palavras, que o homem não entendia nada. O problema não existia para ele.

- Precisa não, seu Doutor. O negrinho escapou, pra que processo? Nhôr não.

Boa e inocente alma, o Gonçalo. Inocente e brava.

E com esta homenagem que lhe presto, encerro as anotações de hoje. Deixo para amanhã o relato dos outros sucessos que me encheram o dia.

Terça-feira, 16

O velho não voltou logo. Dentro de poucos minutos, mandou chamar-me à casa do chefe. Este me recebeu com um abraço e um sorriso que, no momento, não pude bem compreender, mas agora vejo que era ao mesmo tempo de ironia e comiseração. Sim, nos sorrisos também se misturam sentimentos. E, quando estes são diversos, e até contraditórios, a mistura é de risos com sorrisos. Deixo aos espíritos especulativos a missão de formular a teoria correspondente ao que digo. Apenas repetirei que nos sorrisos também se misturam sentimentos. E o Major começa a revelar-me a ponta de sua ironia e da sua finura.

Devo confessar aqui que, ao atender ao chamado, fui-me preparando para a reação. Não concordaria, de modo algum, como uma transação que me parecia indigna.

Diante da ironia do chefe, desnorteei-me um pouco, mas logo recobrei o equilíbrio. E fui dizendo, sem esperar qualquer explicação:

- É inútil, major Gabriel. Não concordo com isto. O processo

tem de *se mover*. Se o Caboclo quiser, que prossiga na questão. Hei de enfrentá-lo perante a Justiça.

A atitude do chefe me surpreendeu:

- Está muito certo, meu amigo. Nada queremos aqui que venha diminuí-lo. O senhor está imaginando uma situação que não existe. Afinal de contas, não fizemos acordo nenhum. Nem podíamos fazer. O caso ficava aí aberto, para em todo tempo se processar o Caboclo. Porque ele tem dinheiro e se livra. Em todo caso, já mandei chamar o delegado para fazer o inquérito. E a questão da terra é lá com os senhores.

Não sei por que, senti-me atraído para o velho Cazuza. O pobre do meu pai suava como uma bica. Essa história de voltar a questão, com os serviços já tão avançados e tão tranqüilos, decerto não lhe estava agradando.

Pouco depois, chegava o delegado. Apresentou-se ao chefe e este lhe disse:

- Chico Justino, é para fazer o processo do Caboclo. Ouça hoje mesmo o Gonçalo, o compadre Cazuza e o Dr. Márcio. Mande intimar Paulino Correia, para quarta-feira.

- E o cabra que atirou quem foi? - perguntou o delegado.

- Isso é a polícia quem vai descobrir, se puder - disse o chefe.

Cazuza Mamede levantou-se, ainda enxugando o rosto, e ponderou:

- Mas, compadre, isso não será uma precipitação?

- Seja ou não seja - replicou o Major - há de fazer-se o processo. Não temos o direito de estragar a carreira aí do rapaz. Desta doença ele só se cura na Justiça.

O delegado pegou o chapéu, foi-se afastando de costas, sempre curvado para o chefe:

- Mais alguma coisa, major?

- Não, Chico Justino, obrigado.

O delegado parou um pouco, hesitante. Depois ainda disse:

- Está muito bem, major Gabriel. Vamos ao tal processo. Mas devemos estar preparados para uma guerra, ainda maior do que a da Europa...

Gabriel foi incisivo:

- Que guerra, que nada! O Caboclo é um covarde. Aí o compadre Cazuza e o Doutor Márcio que se livrem de um tiro pelas costas. O resto não há de ser nada.

Saiu o delegado.

O chefe colocou-me o braço no ombro, paternalmente:

- Meu amigo, eu compreendo esta terra e ela me compreende. Meu segredo é acomodar, sempre que posso sem desonra para as partes. Porque é que todo município aqui no sertão vive cheio de encrencas, questões de família e de política, e aqui não acontece nada? O meu orgulho é este. Nada mais eu quero na vida.

Procurei explicar a minha atitude. Não pretendi quebrar essa paz e esse sossego. Apenas pedi a punição de um crime. Mas não precisei insistir. O Major foi entregando meu chapéu e dizendo:

- Não há de ser nada, meu Doutor. Também não somos nenhuma florzinha, para não agüentar os repuxos do Caboclo. O senhor ainda há de ser o homem da terra, e é bom não se queimar assim no primeiro fogo.

Agradeci-lhe como pude, e procurei o velho Cazuza para sairmos.

Meu pai desaparecera, sem que o notássemos.

E aqui, paro mais uma vez.

Quinta-feira, 18

Somente hoje tenho tempo de liquidar as histórias da segunda-feira.

Quando voltei a casa, encontrei nada mais nada menos que o meu constituinte da primeira causa, da ação de indenização.

Levantou-se, estendeu-me a mão prazenteiramente e me disse:

- Sabe, Doutor? Fiz um acordo com a outra parte. Ele me indeniza metade do prejuizo causado lá pelo fogo e tudo fica resolvido. Não convém intrigas com vizinhos, o senhor sabe disso...

Não sei se esclareci nestas notas que a demanda resultara de um incêndio no cercado de um fazendeiro, provocado pela imprudência do vizinho, que mandara queimar um capim-de-planta, sem as devidas precauções. As terras são limitrofes, e o fogo lambeu todas as pastagens e cercas dos dois lados. Mais teria devorado, e se alastrado por muitas léguas, se os contra-fogos não fossem feitos a tempo e o vento não se abrandasse a certa altura da noite.

Não é muito usado se moverem ações por aqui, nestes casos. Mas, desta vez, a imprudência foi tamanha, e tantos haviam sido os avisos do vizinho prejudicado, que o outro não tinha explicações a dar.

- Não sei de nada - respondi, voltando-me para o constituinte. - Só sei que o senhor fez um acordo sem me consultar. E, portanto, não tenho mais nada com o caso.

- Mas, Doutor, o senhor não tem prejuízo com isto. Vim aqui para pagar o serviço feito até hoje.

Ora, era precisamente em que menos eu estava pensando naquele momento. Meu problema era outro, era uma reação brutal, quase instintiva, contra esse regime de acordos, que paralisa o foro e cria um ambiente de desconfiança na Justiça. Fui pensando nisso e dizendo:

- Uma ação ajuizada tem sua existência própria. Não depende mais de mim, nem do senhor. Daí por diante ela tem de prosseguir, até chegar ao fim. Tem vida própria. O senhor compreende isso? O que o senhor fez foi um estrangulamento, compreende:

- Não compreendo nada, Doutor, sou um fazendeiro ignorante. Mas, nesse caso mesmo do Caboclo, ouvi todo mundo dizer que fizeram acordo, para o capitão Cazuza ficar com a terra e dispensarem Paulino do processo.

Quis responder, mas o velho Cazuza foi quem respondeu, aos gritos, por trás de mim:

- É mentira, uma grande mentira! Ainda há pouco mandamos chamar o delegado, para perguntar pelo processo. Comigo é assim ouviu? Comigo é na Justiça!

O homem ficou atrapalhado, sem saber o que dissesse. Enfim, conseguiu falar:

- Bem, Doutor, o senhor é quem sabe. Já ouvi dizer que o pior acordo é sempre melhor do que a melhor questão. Lá essa história de estrangulamento, eu não entendo, o senhor é quem sabe.

- O que o senhor fez, está feito. A questão era sua, o interesse também seu. O senhor não me deve nada, e passe muito bem.

- Ah, isso não! - atalhou o velho Cazuza. - Os honorários do advogado são sagrados. Isso é que não pode ser.

Deixei-os conversando, enojado de tudo.

Ora, essa! Saír-me o capitão Cazuza a dizer que mandou chamar o delegado, e que com ele tudo era na Justiça. Querido velho, não te posso querer mal por essa fraqueza, mas como ela foi grande!

Sexta-feira, 19

Se estivesse fazendo de cada um destas anotações um capítulo, e dando títulos a todas, a nota superior se chamaria - *Estrangulamento*. Sim, porque sinto essa sensação, não apenas quanto ao feito, que foi sufocado por um entendimento prejudicial, quando a vitória seria certa e completa. Estrangulado também estou eu, nos melhores sonhos, nos propósitos com que abracei a profissão de advogado.

Logo agora, que o escritório começa a movimentar-se, e os clientes a aparecer de toda parte.

Foi com dificuldade que consegui trazer o juiz Adriano Pereira para as primeiras audiências. Quando a sineta se fazia ouvir do largo da Rua do Comércio, onde fica a Casa da Câmara, além da

Igreja Velha, o povo perguntava logo se era dia de júri. Há muito tempo que se estava desabituado das audiências ordinárias.

Mas o certo é que o bom homem já ia pegando o hábito. Há pouco mais de um mês que começamos, e tudo ia marchando como era possível. Somente agora as coisas se complicam, pelo menos para mim. Sinto-me desestimulado e aborrecido. Espero que tudo passe. Se não passar, tenho dois caminhos a seguir. Ir embora daqui, cuidar de minha vida noutra parte, ou internar-me nas fazendas, virar matuto de uma vez. Espero tomar em breve a minha resolução.

Meu desapontamento é tão grande que não tenho expressões para lançar no papel.

Sábado, 20

Ia-me esquecendo de dizer o restante do que houve, no caso do Caboclo. O velho Cazuza e Gonçalo foram ouvidos na segunda-feira. Eu só prestei meu depoimento no dia seguinte.

O Caboclo não veio na quarta-feira, como o intimara o delegado, por ordem do chefe. Dizem que está doente. O Doutor Gouveia, chamado para atendê-lo, atesta que realmente está passando mal. É possível que o delegado espere, se não quiser ouvi-lo na própria fazenda.

Domingo, 21

Relendo algumas das notas anteriores, verifico que há o espaço de um mês e cinco dias - 8 de agosto a 13 de setembro - no qual não escrevi nada. É verdade que esclareci nada haver acontecido de mais importante. Apenas leituras e passeios. Da cidade para a fazenda, da fazenda para a cidade. Mas isto não basta. Vou fazer um esforço para dar uma idéia do que foi minha vida naquele tempo.

É claro que não posso dar uma informação tão rigorosamente cronológica como a que presto nestas notícias quase diárias. Mas fica bem assim, para ver se o outro método é melhor, se me acomodo mais com ele.

Ora, muito bem. Amanhã à noite, se as fadigas do dia me permitirem começarei esse trabalho retrospectivo.

Mas não haverei de torturar-me, porque há momentos em que não sou lá muito amigo do passado. Ele me faz sofrer, e por isso fujo-lhe como posso.

Agora, vou à missa, vou ver Maria Augusta. Deus me perdoe. Não posso ser infiel ao meu coração. Vou à missa para ver a moça. É o único lugar da cidade onde se pode namorar

tranqüilamente. Enquanto o padre reza ou prega - realmente prega muito pouco - e os verdadeiros fiéis acompanham, também com suas preces, o santo sacrifício, as moças e os rapazes trocam olhares, sob a proteção do Senhor.

Quanto a mim, por enquanto ainda estou olhando sozinho, e o mais discretamente que posso. Mas olho. É o único meio que encontro de curar-me dos aborrecimentos desta vida. É abrigar-me nos olhos grandes e escuros da filha do dentista, se ela consentir. Parece que consente. Tive, há poucos dias, um ligeiro sinal. E depois, também já me mandou uma rosa. É verdade que lhe procurei a confirmação no olhar e não a encontrei. Mas não tem a menor importância. São mistérios de namoradas. Certamente sentiu vergonha de haver-me provocado, e retraiu-se. Hei de apurar tudo, e dizer o que for possível.

Estão batendo no portão do quintal. Deve ser o velho Cazuza. Vou abrir.

Era realmente o Velho. Entrou alegre e bem disposto, assobiando. Desta vez não veio o Gonçalo. Ficou lá, reparando os trabalhos. Veio Zé André.

Tudo sem novidades, esclareceu o Velho. Está hoje satisfeito, repito.

Troca de roupa e vai à missa. Eu me atraso de propósito. Quero ir sozinho e ficar em lugar diferente, no corredor da igreja. É aí o *namoradouro*.

Domingo, 10 horas

Outro desastre da semana. A moça não me olhou. Deu até a impressão de torcer-me a cara. Não creio que tenha feito isso. É tão gentil e bem educada. Deve ser defeito de minha imaginação.

Estava hoje de amarelo - um amarelo suave, com uns bordadinhos brancos. Dizem que costura os próprios vestidos, além de pintar e ensinar outros trabalhos, como já esclareci.

Vou almoçar. O capitão já me chama, impaciente.

Meio dia

Isto não é possível, deve haver qualquer confusão. Pacatonha, logo depois do almoço, e mal o velho Cazuza largou-se para a casa dos compadres, veio novamente com uma rosa vermelha.

- Vou colocar neste jarrinho, perto do retrato de sua mãe, que Deus tenha em bom lugar. Foi a moça mesma quem pediu.

- Olhe, sinhá Maria, leve suas flores para o inferno, que eu não compreendo nada disso.

A velha saiu-se benzendo e gesticulando. Tive receio e preveni:

- Mas não vá conversar nada com a moça, nem com ninguém. Acabe com este assunto.

Vou dormir a tarde toda, o mais que puder.

Noite

Dormi muito, o mais que pude. À tardinha, como se me sentisse atraído para o abismo, fui à casa do escrivão Florêncio. Maria Augusta devia estar lá, e de fato estava.

Não estou aqui para falar de amores. O amor é para se amar, e não para se dizer. Mas tenho que ser fiel em minhas informações. Ou dizer tudo quanto for importante na minha vida, ou silenciar de todo. E silenciar também não é possível. Já vou tomando amizade a este caderno, que aumenta a cada dia.

Direi, pois, apenas a verdade, com os babados indispensáveis a quem conta história. Depois, talvez ainda volte a esta teoria dos babados. Agora, o que me interessa é a história da moça.

Está dito que a encontrei na casa do escrivão. O mesmo vestido, os mesmos bordados. De perto ainda são mais bonitos. Devem ter sido feitos também por ela, pensando em... Não, isto é pretensão minha.

O escrivão tem duas filhas, nem muito moças, nem muito velhas. Aí seus vinte e muitos, para cada uma delas. Como são feias, já se podem considerar solteironas. Sim, meus amigos, a feiúra abrevia e facilita o trabalho dos anos.

Uma se chama Adélia. É a mais moça. A outra é Josefina.

Não tendo pretendentes, transferem para outras os seus sonhos de amor. Vêem na felicidade das amigas a sua própria felicidade.

É comum dizer-se na cidade: este casamento saiu da casa dos Albuquerque.

Ultimamente, andam um tanto retraídas, não sei se por causa de uns fuxicos com a filha do prefeito, que andava namorando, em casa delas, um caixeirinho da Farmácia, ou se porque apareceu uma viúva muito divertida, também dada ao esporte de ajeitar namorados.

O que sei é que Maria Augusta vai sempre à casa das Albuquerque, principalmente aos domingos, à tarde, e para lá eu fui também.

As três moças trocaram olhares significativos. Maria Augusta corou, logo se refez, e começamos todos a conversar. Conversa comum: o calor, que já estava chegando, o Evangelho, mal explicado pelo vigário, a notícia de que o automóvel - o primeiro da

cidade e do sertão - deveria chegar até o fim do ano. A estrada já estava sendo preparada, adiantou Josefina.

- Pois é - acrescentei eu, quando o assunto já se esgotava.

Maria Augusta, perturbada por meus olhares insistentes, sugeriu o violão, mas foi inútil. Josefina, que é quem toca, apesar de mal, respondeu definitivamente que não. Era melhor conversar.

- Pois é - respondi pela segunda vez, já revoltado comigo mesmo. Era possível que me faltasse o resto do vocabulário?

Foi nesse momento que Adélia, mais atirada, voltou-se para mim e disse:

- Doutor Márcio, Maria Augusta quer ver uma coisa.

Maria Augusta levantou-se, perturbada.

- Você é louca, Adélia, eu disse que queria ver nada?!

- Disse, disse e não pode negar. Ainda há pouco, antes do Doutor Márcio chegar, você disse que queria ver o retrato da noiva dele.

Eu quis falar, mas não tive tempo. Desta vez, foi Josefina quem tomou a palavra, encorajada, decerto, pela audácia da irmã:

- Pois se você não quer, Maria Augusta, nós queremos. Mostre, Doutor Márcio, por favor.

- Mas as senhoritas estão completamente enganadas. Eu não sou noivo, nem nunca fui. Que história é essa?

Ia falando e olhando para a filha do dentista. Não sei se é engano, mas lhe notei, alternadamente, na fisionomia, sinais de dúvida e alegria, de remorso e satisfação.

- Isto não tem importância, Doutor Marcio - disse ela afinal. - O senhor não tem compromisso aqui com ninguém. Que mal havia em ser noivo no Recife?

Havia mal, e ela bem sabia. Haveria mal, digo melhor. E melhor ainda o sabe ela.

- Dona Josefina - disse eu para a filha mais velha do escrivão, que me inspira mais confiança - agora me faça o favor de dizer: quem inventou isto?

- Ora, Doutor Márcio, toda a cidade já sabe. Ainda ontem seu Melquíades disse ao Dr. Fábio. Disse e não pediu segredo, não foi, Maria Augusta?

A outra confirmou, acrescentando que "nada temos com isso, o Dr. Márcio é livre, não é, Josefina?"

Josefina também disse "sim". Somente eu, por ora, estou dizendo "não".

Chamei Melquíades velho mentiroso, despeitado, intrigante e mais que pude em frente das moças.

O assunto ia morrendo, mas Adélia, ainda desta vez, não o consentiu:

- É por isso, Doutor Márcio, que Maria Augusta não tem

aceitado as rosas que o senhor manda. O senhor sabe, não ficava bem para ela.

- Mas eu não mandei rosa nenhuma, - disse irrefletidamente - ela foi quem já me mandou duas, por Maria Pacatonha.

A moça levantou-se, vermelha e ofendida. Nunca eu a vira tão bonita e tão senhoril. É certo que poucas vezes a vejo. E não é menos certo que somente agora passadas as horas, recompondo sua expressão, consigo avaliar quanto ficou bela. Bela e senhoril - gosto de repetir. Há impressões que só se deixam dominar e guardar através da repetição. Vá mais uma vez: ela ficou vermelha, ofendida, bela e senhoril.

Naquele momento, porém, eu era todo perturbação e arrependimento. Por que diabo não calara, não dera como verdadeira a alcovitice de Pacatonha?

Não sei. Responderam os deuses, ou alguém por eles. A resposta de Maria Augusta, esta eu a ouvi, clara e cortante como... Não sei bem. Basta de comparações.

- O senhor acha mesmo que eu seria capaz de uma leviandade desta? - foi a resposta da moça. - O senhor me conhece muito pouco, e por isso eu lhe perdôo. Mas deixe estar que aquela velha sem...

Respondi assim, cortando-lhe o resto das palavras:

- Dona Maria Augusta, eu peço realmente perdão. Vejo que em tudo isso existe um grande equívoco. Aquela velha deve andar desequilibrada. Já por duas vezes me entregou rosas, dizendo que foram mandadas pela senhora.

- Pois a mim já entregou mais de dez vezes, dizendo que foi o senhor.

- Por aí a senhora vê. Por mais que eu tivesse prazer em mandar-lhe flores, não havia de ter tão insistente, sem qualquer correspondência de sua parte...

- Mas eu havia de corresponder a um rapaz noivo, ainda... ainda... que quisesse?

A voz agora já não era firme. Era perturbada e trêmula.

Adélia então falou:

- Ela quer, Dr. Márcio, ela quer!

- Adélia, - disse Maria Augusta, novamente com firmeza e domínio - se você continuar, eu vou embora. Não gosto de brincadeiras.

- Cala a boca, Adélia! - interveio Josefina. - Quando é que você quer criar juízo?

E tudo terminou em paz. Ficou esclarecido que não sou noivo, e Melquíades é um mexeriqueiro, na sua frustração política e comercial. Ficou mais esclarecido... Não, isto ainda não. Acho que a moça cede mas ainda não cedeu. Em certas situações, elas não

chegam *de uma vez*. É até contra o ritual. E nada mais desolador do que um amor sem ritual.

Não é por isso, porém, que estou narrando o caso deste modo. Antes, o fato é que me sugeriu a doutrina.

Coisa medonha, o amor! Pois não é que já estou elaborando minha teoria, segundo a conduta de minha amada?

Amanhã acertaremos contas com Pacatonha.

Ou é melhor deixar assim? Veremos.

Segunda-feira, 22

Maria Pacatonha traz o café.

Preparo-me para interpelá-la. O estudante Cláudio Maia está comigo.

- Dr. Márcio, eu hoje fiz uma tapioquinha de coco para o senhor. Esse café de Chica Brasil está muito magro. Não sei como o senhor suporta.

E, já mudando de assunto:

- Padre, Filho, Espírito Santo! Valha-nos Deus, Dr. Paulinho, cavalo preto vem aí. Frei Henrique já dizia...

- Já sei, sinhá Maria; dizia que, quando o cavalo preto chegasse, não havia mais descanso. Já sei. Mas o que deve chegar é um automóvel, sinhá Maria, não é cavalo nenhum.

- É cavalo preto, meu senhorzinho, sem tirar nem botar.

Está visto que fiquei desarmado. Que podia dizer à pobre criatura?

Neste momento, ela volta:

- Sim, Doutor Paulinho, outra lembrancinha, lá da casa do dentista...

Desta vez, era um bogari. Não me contive:

- Sinhá Maria, acabe de vez com essas mentiras, ouviu? A filha do dentista não me mandou rosas, nem bogari, nem coisa nenhuma. A senhora é que anda aqui inventando coisas.

A velha quis falar, mas eu não consenti:

- A senhora também chegou lá dizendo que eu mandava rosas. Onde está arranjando essas flores, sinhá Maria?

- Seu Doutor, pelo amor de Deus, não me levante falso testemunho! Credo, cruz! O senhor mandou, quero dizer, a moça mandou; o senhor não mandou não, Oh! meu Deus, antes uma boa morte! O senhor há de se pagar no outro mundo. Pela hóstia e o cálice.

Tive então uma idéia, agora já querendo divertir-me com o caso:

- Se eu trouxer o Livro, a senhora jura que a moça mandou as rosas e que nunca a senhora deu recado a ela em meu nome?

- Juro, meu Doutorzinho, pelas chagas de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Fui à estante, trouxe o dicionário de Valdez, livro grande e vermelho.

- Olhe aqui, jure.

A velha ajoelhou-se, fez uma cruz com os dois indicadores e beijou o livro.

- Não, sinhá Maria, jure.

Então a cena é patética. A pobre velha oscila a cabeça, de um lado para outro, como um pêndulo de relógio. De repente, levanta-se, faz um semicírculo, e cai sentada numa cadeira próxima, olhos fechados e mãos no coração, toda trêmula.

- Olhe ela abrindo os olhos, bem devagarinho - grita Cláudio, que não continha a risada.

Nesse momento, acordou em mim o estudante há tempos adormecido. Tomei um copo d'água fria e joguei-o na face da velha.

- Água benta, sinhá Maria, para tirar o espírito mau.

Pacatonha passou a mão no rosto, agitada, sacudiu a saia e correu para dentro.

- Deus tome conta - ainda bradou, já na cozinha - deste falso testemunho!

Tive vontade, nessa hora, de sair molhando o mundo todo, como no entrudo. A rua pareceu-me um grande lago, para molhar os homens...

- Que é isso, minha gente, temos louco em casa?

Era o velho Cazuza, que vinha chegando da rua.

- Parece que sim, meu pai.

E, com sacrifício, consegui narrar-lhe o que acabava de ocorrer.

Noite

Ora, meu Deus, mal acabo de sufocar a onda de riso que me assaltou, e já tenho que dar notícias de Paulino Caboclo. Pois o certo é que o homem melhorou e veio à cidade prestar depoimento. Disse que não sabia bem o nome do cabra, pois era morador novo. José de Tal - acrescentou. Viera já à audiência sem ordem dele. Nada mais adiantou, senão que desaprovava o gesto, bem como a fraude dos marcos.

O inquérito prossegue, como é natural. O Caboclo parecia doente e acabrunhado. Foi o que me disse o delegado Francisco Justino.

O velho Cazuza voltou para a fazenda. Prometi aparecer por lá, na quarta ou quinta.

Terça-feira, 23

Estou com um caso sentimental: Pacatonha não fala mais comigo. Não deixa de trazer as refeições nem de arrumar a casa. Não me dá, porém, uma palavra sequer. Nem eu posso tomar a iniciativa da reconciliação, porque, só ao olhá-la, quero desmanchar-me em risos.

Fui hoje à casa do dentista, a pretexto de examinar um dente. O homem estava no bilhar, mandaram chamá-lo às pressas.

Não vi a moça; devia estar fora, ou não quis aparecer, por qualquer motivo.

Paciência.

Quarta-feira, 24

As eleições para conselheiros municipais serão a 20 de novembro, em todo o Estado. Aqui em Lagoa, a única atração é a candidatura de Melquíades. O velho anda com um caderno já cheio de compromissos. Diz que será o mais votado.

Vou a casa do major Gabriel e pergunto-lhe, à falta de assunto, se não receia uma surpresa no pleito.

- Ora, menino, a eleição já está combinada com a oposição. Nós damos sete conselheiros e eles dois. Onde é que vai haver lugar para Melquíades?

- Major Gabriel, essa é a combinação dos senhores, eu sei. Mas o que se teme é uma surpresa, sendo Melquíades mais votado do que algum dos candidatos combinados.

Gabriel fez um arzinho irônico e disse:

- Só se ele desbancar o compadre Cazuza, que anda meio descuidado do eleitorado dele, brigando com a vizinhança...

Percebi bem a alusão e retruquei:

- O Caboclo não é amigo de meu pai, nem do senhor, nem de ninguém. É um criminoso. E, além disso, queria tomar a nossa terra. Isso não era possível. Só me arrependo de não haver logo movido a ação. Hei de arrepender-me enquanto viver.

O chefe pôs-me a mão no ombro, carinhosamente, como costuma fazer, e deu por encerrada a conversa com estas palavras:

- Tenha calma, Doutor. Isso é ímpeto da mocidade. O Caboclo voltará à carga, logo que se livrar do processo, e o senhor moverá sua ação. Tenha calma; e cuidado com a traição. Se o processo ficasse em suspenso, teríamos o homem pelo beiço por muito tempo.

Quinta-feira, 25

A caminho da fazenda, solto a rédea e o pensamento. E, à pisada macia do alazão, rumino recordações da infância.

Lembro-me a princípio de minha mãe, morta há tantos anos, sem ter a alegria de ver-me já homem e assistir a minha formatura.

Estou a vê-la, preparando a roupa muito alva que eu tivera de levar para o colégio. Cada dobra do enxoval guardava suas lágrimas e seus sonhos. Mas era para o bem do filho, ela que se sacrificasse.

Procuro recordar carinhos que não fiz ou aumentar as proporções de algum beijo fugido, que mal tocava sua face lívida, quando dela eu conseguia uma graça qualquer. Atenuo, assim, o travo de meus próprios remorsos.

Depois, vêm outras recordações. De minha cidadezinha de outrora, onde iniciara os estudos primários, se aquilo podia ter esse nome: uma cantilena coletiva, à batuta da palmatória, em que se media o conhecimento dos números pelas modulações da voz. Disso já falei bastante.

E a lembrança da escola traz-me inquietações incuráveis, de atos que não eram meus, mas de cuja responsabilidade jamais consegui eximir-me. Quantos colegas mais vivos, mais capazes de triunfo, voltaram para o cabo da enxada ou a bodega de sabão, mal lhe meteram na cabeça a tabuada de orquestra e, na mão, uma assinatura de eleitor!

E tudo isso em meu favor, de mim e meia dúzia de privilegiados, usufrutuários do sacrifício comum.

Nunca tive inclinação para as soluções radicais. Sou um tímido - eis o que sou. Já disse um pensador que os tímidos são os mais cruéis. Pouco importa. Não sou obrigado a confirmar pensamento de ninguém. Sou apenas tímido, e acabou-se. Esta ultima reflexão eu a estou fazendo agora, ao descrever minha viagem de ontem à noite. Direi, pois, que mal os pensamentos me conduzem para pontos extremos, eu os contorno. Não é uma atitude, é uma inclinação natural. Ainda ontem foi assim. Levantei os ombros e tranqüilizei-me.

- Afinal, se eu não usufruir a situação que a vida me deu, que lucrará com isso a humanidade? Quem é que pode consertar o mundo?

Mas, de novo, as acusações me assaltavam. Desta vez, era um ato meu, de que não conseguia fugir. Foi no tempo em que os meninos brincavam da vaca de osso. Os monturos da cidade viviam escavacados de todos os lados. Nós éramos os inconscientes e espontâneos auxiliares da limpeza pública. Havia fazendeiros de centos e tantas, de duzentas cabeças de gado. Cachorros, touros, bezerros, para tudo se prestavam os mocotós do gado verdadeiro. O

bezerros, para tudo se prestavam os mocotós do gado verdadeiro. O comércio desenvolvia-se à base de cédulas de cigarros. As notas eram de cinco a quinhentos mil réis, conforme a raridade do cigarro empregado. Era proibido usar o dinheiro de verdade, pena de expulsão da sociedade dos criadores.

Nunca tive faro de encontrar esses curiosos animais soterrados. Era dos mais medíocres fazendeiros. Mas o menino Gil, coradinho e sardento, pobrezinho e esperto, bem que se insinuava para passar-me, por qualquer pratinha de mil réis, o seu imenso rebanho.

Gil farejava as vacas de osso, como os cachorros bons farejam as caças e as vacas vivas.

E assim se foram passando os dias. Gil insinuando, eu resistindo. Até que não pude mais. Tão rápido quanto a idéia, corri à minha banca de estudos e fiz uma carta para minha mãe, na fazenda. Ainda me recordo do endereço: "Mamãe". A tia, em casa de quem eu estava, consertou: "Dona Maria da Silva Lima - Sua residência, Fazenda Timbaúba".

Minha mãe não se fez de rogada. E uma nota de dois mil réis, nova, estalando, veio num envelope, enrolada numa nuvem de beijos.

Tuco - o alazão tropeça numa pedra e quase leva a venta própria, e a do dono, à terra de onde viemos e para onde todos havemos de voltar. "Memento homo", são as palavras que me vêm à mente, e mais as restantes, que já sabemos. Olho para baixo. A terra estremece ao peso do luar.

Logo volto à meninice. Ah! quanto valia uma nota de dois mil réis naquele tempos! Não quero dizer minha idade, nem ninguém está perguntando, mas esse fato ocorreu há muitos anos.

A verdade é que consegui subornar alguns fazendeiros, provocar uma crise na moeda e anarquisar o comércio de vaca de osso. Dissolveu-se a sociedade e, portanto, perdi os meus ricos dois mil réis.

E é esse crime que agora me assalta, impedindo-me de ver toda a beleza deste luar, que parece estar pregado no chão e pertencer, não à lua de onde vem, mas à terra, de onde se ajusta. "Memento homo", etc. Ora, meu Deus, para que isso? Eu estou lembrando, Senhor e Deus meu!

Quero insistir: o luar parece estar pregado ao chão. Deve pertencer à terra e não à lua. É como se a luz branda e fria, fosse independente, existisse por si mesma.

O alazão agora marcha firme, macio como de seda. Ele bem sabe para onde vai, e o belo trato que o aguarda.

* * *

Com conversa e cavalo bom não existe caminho comprido. E eu venço as léguas nesta conversa com o passado. Nesta conversa que até parece um pouco diferente do meu própio estilo. Mas não é. O que acontece é que não tenho estado em contacto com o campo. Como ele faz a gente diferente! Além disso, não tenho jeito para as descrições clássicas; digo as coisas como as vejo.

Agora, a lua corre para trás, com medo de se unir ás nuvens. E as nuvens também têm pressa de atravessar o céu sem estradas.

O cavalo espanta um pássaro, e o pássaro prateia as asas ao luar. Para mim só tem importância o que acontece dentro de mim. Já o disse, e repetirei sempre que julgar conveniente. A paisagem está se dissolvendo no meu sangue.

Quero agora voltar à infância, mas a infância não me quer mais. Outras cogitações me assaltam. Interrogo-me?

- Sou eu que governo meus pensamentos, ou são meus pensamentos que me governam?

Os pensamentos não respondem e continuam.

Agora é o problema religioso. Problema, não, porque nunca tive a preocupação de resolver as questões eternas. É a lembrança da crença que minha mãe me introduziu no coração, sem hesitações nem dúvidas, sem as interrogações que ela mesma jamais conhecera. E só agora vejo que a melhor catequista é a que ignora o sentido de certos mistérios. Neste momento as duas imagens - a de minha mãe, muito pálida e tranquila, e a religião, cheia de insensos e de chagas - continuam a habitar-me o espírito.

Por vezes, e não raras, chego a duvidar da existência de Deus. Que ele me perdoe, na sua infinita misericórdia, pois agora, neste momento em que escrevo, creio firme e sinceramente. Mas, curioso, mesmo naqueles momentos de decrença, não deixo de ser piedoso e católico. Tudo na Igreja me inebria os sentidos. Até os fatos mais simples. A esmola na porta da Igreja, aos cegos e aleijados em fila. A missa do altar e a dos corações.

E por que, meu Deus? Porque, através de tudo, como uma imagem transparente, vejo sempre a efígie de minha mãe.

Tende-a perto de vós, Deus e Senhor meu, porque nesses momentos, somente por ela é que me não afasto de vosso convívio. Ela é o caminho que me leva até vós.

Ainda ontem à noite foi assim. O pensamento já ia descendo, atingindo pontos escuros dos dogmas, esses que se afastam da lógica do proprio Criador, ou sacrificam a natureza ao capricho da disciplina. Mas minha mãe, muito pálida e muito meiga, desceu sobre mim, passou-me a mão pela fonte. Logo me acalmei. Quem não se convence com um argumento tão doce?

Ela me cura e se afasta, deixando-me no coração a sombra de seus passos tranquilos.

* * *

A rã, eterna profetiza da obra feita, coaxa na lagoa.

Arrisco ainda um olhar para a lua. Já estou até com medo de tantas recordações. Mas a lua, desta vez me chama para o presente.

São minhas lutas que me invadem o espírito. Não por serem grandes, que isso elas não são. É por serem estéreis. Lutas no foro, em que eu esperava vencer, vendo a Justiça movimentar-se, indiferente á seda e ao trapo, olhos vendados, tal qual é mostrada nas figuras. Eterno perguntador, pergunto ao vento que passa:

- Quem mandou a Justiça confiar-se aos homens?

E o vento, nada.

Não incrimino juízes nem tribunais. Minha experiência do foro ainda é muitíssimo pequena, para saber julgar esse fenomeno estranho, que é a distribuição da Justiça aos homens, feita pelos próprios homens. Cristo disse - "Não julgarás". Qual o verdadeiro sentido destas palavras? O julgamento eterno, dirão todos. Mas tenho as minhas cismas. Deveríamos encontrar o meio de aplicar o princípio aqui mesmo.

Para que se preparam os advogados? Para fazer sempre de sua causa a mais justa. Afinal, certos ou errados, estão no papel. E eu nem para isto sirvo. Deixo que se afoguem em acordo as demandas em que intervenho, as minhas próprias demandas!

A princípio uma vontade devoradora de vencer, de fazer nome. Agora, medo de mim mesmo, consciência da própria incapacidade.

É verdade que tudo isso me sai de modo um tanto desordenado, por vezes até contraditório. E digo, sem me sentir:

- Sei que não presto para nada. Nem para fazer punir Paulino Caboclo.

E assim prossigo, dúvidas sobre dúvidas, interrogações sobre interrogações.

Busco o esquecimento na lua, mas ela agora é que me chama, para falar também dos seus problemas, para mostrar, na face limpida o santo montado no seu cavalo.

Vou chegando à fazenda, sem me sentir. Ainda sem me sentir, deito-me na rede branca, de longas varandas que está sempre pronta a minha espera.

O diabo é essa lua, agora entrando por um buraco da telha, olhando-me como se eu fosse um criminoso. É o mesmo olhão, que me assombrou certa vez, quando eu era criança.

Enfrento-a, porque afinal ainda sou um homem.

- Vamos, lua amiga, lua de todos os diabos; vamos dormir, que a imaginação está cansada!

Agora, a imagem que ela me mostra é uma imagem cruel. Em lugar de santo, está Paulino Caboclo, de botas e esporas. Em vez de

cavalo, Gonçalo, ao mesmo tempo bravo e humilde, na sua triste condição de cavalgadura.

O Caboclo esporeia furiosamente a sua besta - porque o corpo é de besta, vejo bem - e solta o seu grito para mim:

- Desgraçados dos fracos! Desgraçados dos fracos!

Depois, tudo aquilo se foi transformando numa montanha, que eu tinha de subir. A montanha vai-se desmanchando, à proporção que eu subo. Desmancha-se até ficar a lua novamente com a face muito alva e muito limpa.

Súbito, umas manchas horríveis, como eu vira na "Medicina Legal".

Levanto-me a gritar, como se, defendendo a lua, defendesse a alma:

- Quem foi que atirou vitríolo na lua?!

Sexta-feira, 26

Não estaria completo o assentamento anterior, se eu agora não desse dois esclarecimentos.

Primeiro, que a página de ontem, se eu estivesse de fazer capítulos e dar-lhes nomes, teria o título de "Vitríolo". Não há nisso nenhuma intenção sutil. É o nome que lhe cabe.

Segundo, que não sei dizer bem onde começou o pesadelo. Sim, houve um pedaço de pesadelo. Pequeno, é verdade, mas houve. Lembro-me bem quando me deitei. Até aí, tudo está claro. O resto, é a fronteira entre a vigília e o sonho. Ou entre a lucidez e a loucura, se me quiserem considerar um tanto desassisado, direito que não nego a ninguém.

Sábado, 27

Desisto do propósito de narrar o que me ocorreu durante o mês em qeu nada escrevi neste caderno. Se os fatos tivessem maior importância, impor-se-iam por si mesmos. Nada de forçar a natureza dos acontecimentos.

Saí hoje a passear pelas roças e pelos campos. Fui bem cedinho, mal o sol havia clareado. Levei Gonçalo para conversar comigo. O mesmo riso humilde e sadio, revestindo uma natureza bravia.

De vez em quando ele se transformava, soltando então, disfarçadamente, a sua risota irônica, pelo interesse com que eu olhava tudo. Um intesse - ele bem o devia estar sentindo - que não era propriamente de dono, em sua preocupação econômica. Era mais

um cuidado de poeta ou de namorado. De poeta frustrado, pouco importa. Isto não me priva de sentir a poesia da natureza.

Vi tudo: restos de safra nos algodoais, o capim panasco amarelecido, beijado pelo vento. O açude plantado na terra, como se fosse, não uma porção d'água armazenada pelo homem, mas uma variedade do próprio solo, tão bem acomodado estava na paisagem.

Tudo isso já foi visto - bem o sei - mas não do modo particular como eu vejo.

Quando o sol esquentou muito e a paisagem começou a cansar-me, dei para fazer perguntas a Gonçalo.

A todas ele respondia com o seu jeito simples. Se eu duvidava ou contestava, ele apenas dizia:

- Sei não, seu Doutor, quem sabe é vossa senhoria mais o capitão Cazuza.

Perguntei-lhe pelo Caboclo. Então seu olhos brilharam:

- Está lá na casa dele, com a tísica e tudo. Há muitos anos que dizem que o homem está pra morrer, e nada. Parece que quanto mais seca, mais forte fica.Não, nunca vi!

De repente, Gonçalo mudou de tom e indagou com interesse:

- Seu Doutor soube o que aconteceu por lá esta semana?

- Não. Que foi?

- Dizem que chegou o pai duma mocinha, que o Caboclo tinha derrotado há tempos. Como essa, são muitas. Cada chalezinho daqueles que o senhor vê ali do Desterro, é uma "espingarda" de seu Paulino.

Mas, com toda essa fúria sexual, o desgraçado é estéril. Parece que a natureza não gostou da obra.

Gonçalo cuspiu para o lado e fez o seu riso característico.

- E quem é o pai dessa moça, Gonçalo? - perguntei, quando ele acabou a sua risada sem graça:

- É um homem do Pajéu, que andava pelo Amazonas. Dizem que veio endinheirado. A filha tinha ficado com o avô, um velho besta que não soube guardar direito a bichinha, coitadinha. Dizem que se chama Creusa.

- Esses homens do Pajeú parece que são fortes, Gonçalo.

- Vejo dizer. Eles não levam desfeita pra casa, não. Resolvem logo ali no lugar.

O preto chupou com força o seu cigarro de fumo bruto e palha de milho. Tentou duas ou três vezes, mas nada conseguiu. Puxou pelo corrimboque de chifre de boi, ajeitou a pedra e tirou fogo com o pedaço de ferro. Fazia aquilo sempre com o mesmo ritual. Soprou a lã chamuscada, encostou o cigarro e começou a sugar o seu prazer. Depois, calmamente, guardou os apetrechos no bisaco a tiracolo, aprumou-se na sela e voltou-se para mim:

- Pois é, meu patrão, mas o homem lá, se quiser vingar a

honra da filha, tem que ser ligeiro. Porque se ele se descuidar, vai primeiro do que o Caboclo.

- Mas ele não há de querer se vingar pelas próprias mãos, Gonçalo. Deve recorrer à Justiça.

Mal eu havia pronunciado estas palavras, vi-me assaltado pelo mesmo sentimento de vergonha, que vinha experimentando, em presença de Gonçalo, e que já ia desaparecendo.

Evitei-lhe o olhar, mas a sua simplicidade me reanimou.

- Que justiça, que nada, meu Doutorzinho. Essas coisa são lá para os senhores, que são grandes. A gente resolve é cá entre nós mesmo. Depois, pede a proteção dos homens para se livrar.

Tirou uma última baforada, jogou o cigarro fora e concluiu:

- Sei não. Como dizem que o homem veio endinheirado, pode ser...

Esporeei o cavalo, que galopou até a casa já próxima.

O velho Cazuza, que balançava na rede do alpendre o seu grande corpo, foi logo dizendo, com a voz de trovão.

- Vá almoçar com Gonçalo. Eu não agüentei mais. Já passa do meio dia.

Segunda-feira, 29

Descansei o mais que pude, na fazenda, depois daquele passeio com Gonçalo. Hoje voltei à velha luta de todos os dias. Continuam as consultas e as causas que escolho com cuidado. Não por excesso de escrúpulos, que estes a gente tem até um certo limite. Mas porque não quero expor-me a derrotas comprometedoras.

O fato mais importante do dia é que me apareceu o pai de Creusa, a mocinha deflorada por Paulino Correia. Convidou-me para mover o processo. Aceitei sem pestanejar. Parece que era uma coisa que estava dentro de mim, fazendo mal ao sangue, com necessidade de sair. Agora, sinto-me outro.

Quando o velho Cazuza, chegando da rua, soube da novidade, contada por mim mesmo, limitou-se a perguntar:

- Já sabe com que está pegado, não é, seu Doutor?

- Sei.

- Com quem é?

- Com um criminoso. É o que me interessa.

A firmeza de minha atitude cortou qualquer possibilidade de réplica.

Procurarei resumir amanhã a descrição que o pai da moça fez da fazenda Desterro e do seu sultão. É interessante. Fiquei até intrigado por ignorar tantos fatos, morando tão perto.

Terça-feira, 30

Antes de mais nada: fui à casa do dentista! Desta vez ele estava, e a moça também. Como seu olhos, negros e profundos, acolheram meus súplices olhares! Mil graças vos dou, ó meu Deus, por ter afinal encontrado aqueles lagos de ternura.

Se bem me olhou, melhor me falou.

- Oh, Doutor Márcio, naquele dia em que o senhor esteve aqui, apressei-me para vir falar com o senhor. Mas quando cheguei, já o senhor havia saído.

- Quem perdeu fui eu, Dona Maria Augusta, que queria contar-lhe uma história engraçadissima.

E, sem que ela perguntasse, narrei todo o episódio do juramento de Maria Pacatonha.

- Oh, Doutor Márcio, por que fez isso com a pobrezinha? Afinal, ela teve boa intenção... quer dizer, pensou que o senhor...

- Quanto a isso pensou muito bem. Mas, afinal, nos expôs a uma decepção, principalmente existindo àquela história do noivado no Recife.

Não contarei o resto de nossa conversa, que, aliás, não foi longa. Só sei dizer que saí com vontade de ir gritando pela rua: "Os olhos são lindos e são meus".

Encontrei o escrivão Florêncio, sempre grave e engomado. Ele quis falar de uns autos que estavam com vistas para mim, mas eu não quis saber de nada.

- São lindos e são meus.

- Que é isso, Dr. Márcio?

Era o estudante Cláudio, que estava na minha mesa de trabalho, olhando um livro, enquanto me esperava.

- Oh, não é nada. É um versinho antigo, de que me lembrei agora.

O Cláudio, que é dado às letras, e tem uma memória prodigiosa, repetiu a meia voz:

- São lindos e são meus... São lindos e são meus.

Depois voltando-se para mim, acrescentou, sem maior interesse:

- Francamente, Dr. Márcio, não tenho a menor idéia de já ter visto isso.

E a conversa tomou outro rumo - o rumo da fazenda Desterro.

Quarta-feira, 31

Vou tentar agora explicar o que é a fazenda Desterro. Não falarei de sua geografia física, que neste ponto pouco há que dizer. Prefiro esclarecer o seu clima moral, aproveitando, tanto quanto possível, a narrativa do pai de Creusa, que se chama Damião Gualberto, e é um pajeuseiro de quatro costados. É certo que está meio artificializado, de dente de ouro e bigode aparado. Mas ninguém se engane: por baixo da pele, ao mais leve arranhão, está o pajeuseiro, "com toda a soberba do Pajeú", como eles lá dizem. Essa soberba não é um sentimento mau. É apenas um exagero dos próprios brios, uma certa ostentação da bravura de que, de um modo geral, eles são portadores.

Segundo, pois, Damião Gualberto, a desgraça de sua filha ocorreu num domingo, há poucos meses. Quando ele viajou para o Amazonas, deixou a família, composta da mulher, Creusa e um menino, em companhia do avô, o velho Libório, num "pedacinho de terra" que possuíam no Pajeú. Morrendo a esposa, em conseqüência do parto de um filho que Damião lhe deixara no ventre, o resto da família desgostou-se e rumou para Lagoa. Libório entregou o sítio e umas criações que restavam a um parente de confiança, e veio tentar a sorte noutra ribeira. Sua família agora era aquela, os dois netos que a ausência do genro e a morte da filha largaram nas suas costas.

Por desgraça minha e talvez também do miserável desse Caboclo - disse Damião - foi no Desterro que veio parar a minha familinha.

E continuou sua história, que vou resumir, como puder. Se houver algum acréscimo ou omissão, é natural mesmo a quem conta história.

Foi numa tarde de domingo. Com a latada de oiticica cheia de moradores, Paulino Correia fazia as contas da semana. Calculava mais com os lábios do que com o lápis. Um zumbido de besouro numa alma de caboclo. Quando ele fala, as primeiras palavras como que são provisórias, de tal modo a acentuação se transfere para a ultima. Creio que já disse isto, mas não faz mal que repita. É até um atestado de minha fidelidade. E uma prova de como vou casando bem a narrativa de Damião Gualberto com minhas próprias observações.

Também ja disse que o Caboclo não olha bem para a gente. Primeiro olha para baixo e para os lados. Quando menos esperamos, lança um olhar rapido para nós, e dificilmente encontramos esse olhar. Já estamos vistos e acabou-se.

Só agora consigo fazer melhor, mentalmente, o contorno de sua figura física e moral. Parece que, de tanto olhar para as pernas das mulheres, já se acomodou nas paisagens baixas e não quer outra atitude. Isso, ao lado da dissimulação e da covardia. Nunca existe,

para coisa alguma, uma razão única. Não esqueçamos pois, que as raízes daquele olhar mergulham na covardia e na traição.

Naquela tarde, o velho Libório, não se sabe por que tentação dos demônios - oh! infiel tesoureiro! - levou o tesouro de Damião Gualberto para assistir à tomada de contas. Não quero pensar mal de ti, ó fino Libório, mas também não serei teu defensor. Não soprarei mais o vulcão que lavra na alma do pajeuseiro. Direi apenas que levaste Creusa, morena e bonita, com as pernas grossas e lustrosas, como se fossem envernizadas. Levaste-a para onde não devias, ó descuidado Libório, mau e imprudente guardador.

Novamente aqui me detenho. É o meu jeito de escrever, não há remédio. Detenho-me para dizer que vi a mocinha, aqui na minha casa, antes de ir a exame na delegacia de polícia. Mal atingira a puberdade. Não era difícil perceber, pelos traços apressados, que fora mulher quase à força, arrastada pela excitação prematura, como um fruto colhido ainda verde e amadurecido depois no carbureto.

Findos os cálculos, Paulino Caboclo lhe disse, mais com gestos do que com palavras, sob as vistas do complacente Libório, que mais tarde queria falar-lhe.

Honório, um rapazinho vermelho, trabalhador de pouco tempo em Desterro, e que ainda não conseguira morada, aproximara-se da janela, enquanto o Caboclo, Libório e a neta entravam para fazer as contas. Observava os fatos com maior cuidado do que os outros, que permaneceram na latada. Ou por ser bisbilhoteiro, ou por não estar habituado aos usos e costumes locais, o certo é que espreitava. E, sabendo o que Libório produzia na semana, verificava agora que o velho se saíra muito bem nas contas, muito melhor mesmo do que devia. Mas enguliu sua matemática, como se engole a saliva.

Esta parte, como outras, me foi narrada pelo próprio Honório, que é testemunha do inquérito. Talvez seja um namorado sem ventura, ou homem honrado, que queira dizer a verdade. Lá Deus é quem sabe. Também parece que o Caboclo não foi muito honesto com as contas do rapaz.

A verdade é que, à noite, a mocinha entrou na "casa velha" como a novilha entra no curral. Entrou, nessa e nas noites que se seguiram.

Dois meses depois, um chalezinho novo se levantava nas terras de Desterro. E o velho Libório, envergonhado ou satisfeito, ninguém sabe, tornava às plagas do Pajeú.

E aqui eu paro, que não sou lá muito amigo das estiradas.

NOVEMBRO

Quinta-feira, 1º

Dia de Todos os Santos. Além da missa, nada de novo na cidade.

Vamos ao resto da história e do perfil do Caboclo para não atropelar os assuntos.

Direi para resumir que o instinto de Paulino Correia só se sacia nas carnes virgens. Seu amor - chama-se amor por uma licença do sexo - prolonga-se até o último gemido das entranhas laceradas.

E ai daquela que, abanDonada, procurar defender em outros braços os direitos da espécie. As que o tentaram, foram espancadas brutalmente, com os amantes, pelos cabras do Caboclo. Algumas delas, mais precavidas, "anoiteceram e não amanheceram".

É assim, pois, o fazendeiro Paulino Correia, conhecido por Paulino Caboclo, ou simplesmente o Caboclo.

Para qualquer dor ou problema mais sério, o sedativo infalível: carnes virgens.

Uma das faculdades, entretanto, já se embotou: o recurso masculino da conquista. Hoje, basta-lhe a fama. O morador que cruza, com sua família, o cepo da "casa velha, já sabe à sombra de que código vem viver. Paulino concede, de acordo com o caso, algumas vantagens no sistema das rendas. E tolera o uso, não o abuso, de certas ocultações.

Vistas da "casa velha", as terras da fazenda alcançam de três lados o horizonte. Apenas ao poente, que fica nas traseiras, os limites são mais curtos. Terra, muita terra para tão poucos sonhos.

O curral fica cheio pelo inverno. Mas o leite também tem pouco valor. Distribui-se quase todo pelos moradores sem honra.

Testa fugidia e cabelos abundantes, mãos para trás e passos apressados - caboclo na cor e no espanto - eis os traços mais vivos do seu perfil e seu meio.

Há mais duas linhas que não podem ficar esquecidas: a garrafa de aguardente, amarrada na forquilha que sustenta o pote de barro, na sala da frente, e o pigarro insistente, característico da tísica, que o devora lentamente.

Nem a cachaça, nem a tuberculose, nem os amores ainda puderam com ele.

Vamos ver o que faz a Justiça. Eu o duvido, apesar da firmeza com que estou agindo.

Conto com duas testemunhas para o processo. O vermelhinho Honório, que conhece o fato, e o vaqueiro Manoel

Puchu, *que depõe mais* sobre generalidades, sobre os usos e costumes da fazenda Desterro.

A próposito, Manoel Puchu teve uma expressão que gravei:

- Quem entra na cancela grande de Desterro, seu Doutor, deixa a vergonha do lado de fora. Aquilo ali só presta para capanga. E esses mesmos, ele só quer rapaz solteiro, do oco do mundo, para se ver livre deles sem trabalho.

Sexta-feira, 2

Finados. Missa. Cemitério.

Cada vez mais me convenço de que a tristeza ou a alegria está nas pessoas e não nas coisas.

Sábado, 3

O inquérito do Caboclo vai marchando bem. Melhor do que eu esperava. Parece que o chefe anda mesmo enojado com os desregramentos de Paulino Correia, e fez recomendações especiais ao delegado.

Aproveitei a onda para dar também um empurrão no outro processo, o da tentativa de morte contra Gonçalo. A estar em luta, mobilizemos todas as forças.

O Caboclo veio e prestou depoimento. Disse-me o delegado que, apesar da dissimulação, o homem está furioso.

Negou o crime, atribuiu tudo a um plano do velho Cazuza "mais o tal Doutorzinho", para prendê-lo e tomar-lhe as terras. Mas Deus estava no céu e via tudo, acrescentou. Apesar de falar em Deus, observou o delegado, o homem olhava sempre para baixo.

O Dr. Gouveia não pôde dar um laudo muito preciso. Constatou, porém, o defloramento, ou melhor, o estupro, pois se trata de menor de 16 anos. Mas não pôde precisar o tempo.

Na próxima semana os autos deverão seguir para o juiz.

Coisa curiosa: nestes casos, Adriano Pereira é de um rigor exemplar. Pode atrasar um pouco os despachos, porque isso é de sua própria natureza, mas faz tudo para apurar os fatos e pronunciar o criminoso. O resto, é lá com o júri.

Domingo, 4

O velho Cazuza não veio. Virá amanhã, se puder.

Eu é que fui, não à fazenda Timbaúba, mas à casa do escrivão, onde estava o meu amor.

Conversa banal, em presença das duas filhas de Florêncio, que parecem mais felizes do que o par de namorados. Noto que cada uma delas se julga a tecelã dessa teia de amor. Nos olhares, nas reticências, percebo esse estado de espírito em ambas. Tenho até vontade de dividir as glórias e fazer de uma a minha madrinha, enquanto a outra ficará como madrinha de Maria Augusta.

A filha do dentista, estava de vermelho, mas um vermelho não muito forte, que lhe ficava bem. Mesmo assim, prefiro-a de escuro, ou de blusa branca e transparente. Tentei dizer-lhe, mas de um modo tão tímido e sutil, que penso não haver ele compreendido.

Anda apreensiva com esta questão do Caboclo. Isso foi dito francamente, enquanto os dois belos olhos acalmavam todas as ânsias do meu coração.

A certa altura, notei que Adélia, a mais nova, estava colhendo, ao meio do caminho, uma parte da ternura de meus olhos. Desvelos de madrinha, é possível que fosse. Mas também pode ser que não, e por isso arranjei um meio discreto de trocar de cadeira. E, desde esse momento, dei à minha amada todo o carinho de meus olhos e de minhas palavras.

Cheguei a tocar-lhe a mão: estava trêmula e febril.

Oh, força do amor!

Segunda-feira, 5

Não veio o velho Cazuza. Tive de despachar os moradores das outras fazendas, de acordo com as instruções trazidas por Zé André. "É bom que vá logo se acostumando", terminava o bilhete do Capitão.

De qualquer modo, foi para mim u'a maçada, além das outras. Passo o dia da feira todo a dar consultas. De duas ou três resultam realmente contratos, para defender o réu de um processo criminal ou acompanhar uma ação possessória.

Estou na expectativa de pegar uma boa ação de demarcação e divisão de data de sesmaria. O assunto começa a empolgar-me. Venho estudando os documentos com interesse. O contrato vai ser bom, nunca visto aqui na terra.

Creio que vou ver o Velho amanhã, na fazenda. Ele acha essas viagens imprudentes, e eu também. Mas tenho de enfrentar a situação. Não hei de ficar prisioneiro, com medo de Paulino Caboclo.

Terça-feira, 6

Vou a Timbaúba! Mas antes quero registrar aqui a novidade que corre na cidade. Parece que a oposição resolveu acolher a pretenção de Melquíades e dar a este um dos dois lugares que lhe tocam. Não sei se é o Dr. Portela ou o capitão Guimarães que lhe cede a vaga.

Consta que o chefe está aborrecido com o Portela e chegou, em certo momento, a perder a proverbial tranqüilidade.

Meio dia

Ainda não fui à fazenda. Quando me preparava para sair, recebi um chamado do major Gabriel.

- Doutor Márcio, quero falar com o senhor. Sei que o senhor não gosta da política, e respeito os seus sentimentos.

- É verdade, major. Realmente não gosto, mas estou pronto a apoiar sempre o senhor e a lhe prestar o serviço que depender de mim.

- Sei disso. Filho do velho Cazuza não pode mentir fogo. E o jeito do senhor não me engana. Pena é não ter gosto pela coisa, para ir logo se enfronhando e terminar tomando conta de tudo. Eu lhe arranjava lá com o Senador um lugar na Assembléia, e sei que o senhor ia longe.

O velho ajeitou-se na cadeira de braços. Era todo simpatia e bondade. Tirou uma baforada do cachimbo e acrescentou:

- Só ainda não lhe ouvi a palavra, quero dizer, o discurso. Mas deve falar bem. Pelos requerimentos que tenho visto, deve ser também um bom orador. Ainda está meio desajeitado, mas tem a queda para a coisa. Ainda não apareceu melhor por aqui, não.

- Oh, major, isso é bondade sua. O senhor é que é um mestre, todos nós sabemos. Apesar de não ser formado, tem dado aqui muita surra em bacharel.

Gabriel sorriu satisfeito, bateu o cachimbo e guardou-o numa latinha.

- Qual nada, meu amigo. Faço às vezes umas advocacias por necessidade. Tive de aprender isso, para servir aos correligionários. E mesmo para poder enfrentar os adversários, que são ladinos. Estudei por mim mesmo, nunca saí daqui, a não ser a passseio, ou no fim de ano, para os trabalhos na Assembléia. Não estou lá, agora, por causa da eleição do dia 20.

O chefe levantou-se, pôs as mãos no meu ombro e disse:

- Mas não foi para isso que mandei chamar o senhor. Preciso falar com o compadre Cazuza, com urgência. Vamos ter mesmo

eleições, e precisamos tomar todas as providências. Tem por quem mandar chamá-lo hoje?

- Estou de saída para lá, major.

- Muito bem - disse o chefe, novamente se sentando. - Então me faça o favor de transmitir ao seu pai o que vou lhe dizer. Ó menina - disse, falando para o interior da casa - traz café aqui para o Doutor Márcio.

Então o major Gabriel me narrou as ocorrências. Havia combinado com os chefes oposicionistas uma chapa unica, como já expliquei neste caderno. Gabriel daria sete conselheiros e a oposição dois, todos previamente escolhidos, ou reeleitos. A ultima hora, porém, animados por notícias vindas da Capital, Portela e Guimarães passaram a exigir três lugares, sendo esse terceiro para o velho Melquíades.

- Até parece uma pilhéria, meu Doutor. Melquíades é um maluco. Às vezes tem lá suas pilhérias de espírito. De outras é ferino e injusto. Mas vai pagando por aqui mesmo, por que tem sofrido o diabo, dos outros gaiatos da terra.

- Tem razão, major - disse eu, lembrado da última peça que pregaram em Melquíades.

- Mas, lembrarem-se desse homem para conselheiro, é uma coisa que eu nunca pensei passasse pela cabeça desses... desses meus adversários.

Confesso que, a essa altura, eu já estava interessado no assunto. E por isso apressei-me a perguntar:

- E que é que o senhor pretende fazer, major Gabriel?

- Espere - cortou o chefe. - Como já lhe disse, a eleição ia ser a bico de pena. Minhas eleições são a bico de pena, mas são as mais limpas do Estado. Faço acordo com os adversários, dou o que eles têm. Tenho dado até mais. Duas ou três vezes que não quiseram se conformar, fomos para a boca da urna e dei-lhe surras que ainda hoje estão ardendo.

Chegou o café. O major tomou o seu no pires, encheu novamente o cachimbo com o fumo da terra, enquanto eu acendia o meu cigarro Caxias.

- O que temos a fazer agora é dizer ao compadre Cazuza que prepare o portador para avisar o eleitorado no distrito dele. Ele já sabe tudo como é. A eleição é no dia 20. Diga que prepare duas matutagens, que o resto eu arranjo aqui mesmo. Não quero que falte um só eleitor. Já disse ao Doutor Portela que, desta vez, eles só fazem dezenove votos, porque mais eu não quero, com o poder de Deus. Pensam que é eleição de Presidente, que vem o fogo lá de baixo, da Capital? Aqui são as nossas forças que vão se medir.

O velho Gabriel está no seu elemento. Tanto gosta das eleições a bico de pena, sem maior trabalho, como das refregas das urnas, em que sempre sai vitorioso. Seu prestígio é realmente

extraordinário. Sua política, sem dúvida, tem os defeitos do regime. Mas estou certo de que, aqui, são menores do que em qualquer parte. Não há desordens, não há fraude nem violência. O velho sabe amaciar todos. Os próprios chefes oposiocionistas são seus compadres e amigos. Não sei em verdade o que ocorre, para estarem assim agitados e darem a mão a Melquíades. Deve ser mesmo qualquer onda vinda da Capital. Dizem que os "bacuraus" estão animados com o Presidente do Estado, que ameaça romper com o Senador e fazer um novo partido.

Prometo ao chefe transmitir o seu recado e retiro-me.

O velho insiste para que eu almoce com ele, mas não aceito.

Resolvo almoçar em casa. Antes, escrevo tudo isto. Creio que só sairei à tarde.

Tarde

Vou sair. Mas não quero deixar de registrar um fato curioso.

Maria Pacatonha só fala comigo indiretamente. Ainda está magoada, a boa velha. Hoje mesmo, ao trazer a bandeja com o almoço, virou-se para o gato Mourisco e disse:

- Quando a gente vai viajar, avisa, viu, seu fujão.

Virei-me para ela:

- Sinhá Maria, eu hoje também vou viajar.

A velha retorceu-se e saiu cantarolando:

- Como se eu não soubesse,
Vendo cavalo selado.
Como se eu não soubesse...

Noite

Chego à fazenda. Tudo dentro de seus hábitos. O velho Cazuza é que me recebeu com quatro pedras na mão:

- O senhor não tem cuidado na vida? Com que pensa que está lutando, seu inocente!

- Ora, meu pai, minha viagem foi de surpresa. Como é que o Caboclo podia adivinhar?

- Quem está na luta vive preparado a todo instante. Não precisa advinhar coisa nenhuma. Não me caia mais numa imprudência desta.

Confesso que tive receios. Logo ao sair da cidade me apercebi da imprudência. Mas não havia de recuar. Desde muitos anos criei o mau costume de ver uma platéia dentro de mim mesmo. Tenho vergonha de certos atos, que nada têm de vergonhosos, a não

ser aos olhos dessa assistência imaginária. Sei que é uma fraqueza, uma infantilidade, mas não depende de mim exterminá-la.

Ao passar em frente à casa do Caboclo, aí foi que o medinho apertou mais. Procurei convencer-me do contrário, que eu era um homem e não um covarde. Mas, pelo sim, pelo não, fui assobiando devagar, que é um sestro antigo, um meio de espantar o pavor.

A porteira grande como já tive ocasião de dizer, fica ao lado da casa, já quase ao se dobrar o ângulo do lado nascente. Ia começando a escurecer. Ao estender o braço para puxar o cancelo, tive a impressão de ver uma sombra se estirar por trás de mim. Olhei, não era nada.

Soltei a porteira, que bateu com estrondo. E, instintivamente, apressei a pisada do alazão, como se fugisse da morte.

Não confessei nada disto ao velho Cazuza. Mas vou tomar minhas precauções. Só não posso deixar de viajar. Tenha ou não tenha o que fazer, viajarei. É uma questão de honra, por maior que seja o medo.

Sábado, 10

Acaba de chegar Gonçalo, no burro grande.

O velho Cazuza pergunta, sem se levantar da rede:

- Tudo pronto?

- Tudo pronto, seu capitão. O pessoal do senhor está todo avisado. Onde não pude ir, mandei o recado por pessoa de confiança. Parece que vem mais gente do que se espera.

- Para que sobra, Gonçalo? Só se for para comer os pirões do homem.

A preocupação de meu pai, agora, é a eleição do dia 20. A todo mundo que passa no terreiro, ele pergunta o que há de novo na cidade. Duas vezes, nesta semana, mandou portador com bilhete para o major Gabriel. Numa das respostas, este assim terminava: "A surra vai ser maior do que eles pensam". Meu pai achou graça e glosou:

- Estão brincando com o majorzinho. Com aquele ninguém pode não. Só Deus. Aquele sabe arrebalhar o seu povo. Nasceu para isso.

E continuou a balançar-se na rede.

Segunda-feira, 12

Voltei hoje à cidade, com o Capitão e Gonçalo. Meu pai, logo que desceu do cavalo e descalçou as botas, correu para a casa de Gabriel.

Político engraçado. Cazuza Mamede. Não raciocina nessa matéria. Ajuda o compadre como pode, dá conta dos eleitores do seu distrito e concorre com as despesas que lhe couberem. Mas não se dá ao trabalho de resolver coisa alguma. "O compadre tem cabeça por nós todos, costuma dizer. Para que atrapalhar?"

Pouco depois ele volta.

- A coisa está fervendo. É como eu dizia. Esta fogueira está sendo soprada da Capital. Melquíades não tinha força para fazer esse movimento todo. Eu bem que dizia.

Ora, o Velho em verdade não havia dito nada. Essa é uma de suas pequenas fraquezas, que Deus há de perdoar.

- E afinal - pergunto para animar a conversa - como vai a situação? O Gabriel ganha ou perde a eleição?

- Perder o que, meu amigo! A dúvida do Gabriel é saber se eles fazem os cinquenta votos.

- Cinqüenta?! Pois outro dia ele falava em 19.

- É, mas, com essas notícias da Capital, o adversário tomou uma animaçãozinha. Eu bem que lhe dizia, rapaz. Mas não passa de cinqüenta. Sessenta, para encher a barriga.

Entra Maria Pacatonha com o café.

- Cafezinho quente, seu capitão, feito para o senhor.

E, olhando-me de soslaio:

- Quem quiser, pode tirar aqui no bule. A xícara está limpa.

Noite

Regressou o velho. Ficou de vir no meio da semana, ver como vão as coisas.

Esteve aqui em casa o delegado, que me disse estar preparando os inquéritos, para serem remetidos ao juiz. O serviço agora atrasou-se, devido às eleições. E acrescentou:

- Também ninguém esperava por essa.

- Não esperava como, seu Francisco, se as eleições estavam marcadas há tanto tempo?

- Sim Doutor Márcio, mas estava tudo combinado. O senhor sabe, não ia haver luta.

Eu já sabia de tudo e não insisti.

Quarta-feira, 14

Pacatonha começa a falar comigo, ainda sem pronunciar meu nome. De qualquer modo, já é um progresso.

Quinta-feira, 15

Fui à casa do dentista e conversei longamente com o meu amor.

A mãe, Dona Eulália, sempre na cadeira de balanço, com os pés em um pequeno banco, leva o tempo a embalar-se levemente. Uma simpatia, a mãe de minha amada. Deve ter sido muito bonita. Ainda tem traços que não enganam.

Eu sabia que Fábio Noronha não estava em casa. Vira quando ele passara. E por isso fui tratar do meu dente...

Sexta-feira, 16

Continuo com minhas causas e meus estudos.

Estou com a documentação quase toda preparada para iniciar a ação de divisão e demarcação de terra.

O estudadente Cláudio passou a manhã no meu escritório. Perguntei pela novidades da terra. Certamente o assunto eram as eleições.

- Qual nada, Doutor Márcio, o prato do dia é o namoro do advogado. É só em que se fala.

Eu quis desconversar, falar em outra coisa, mas não tive jeito. Terminei confessando a verdade, embora não toda.

- O diabo é aquele pai - disse o estudante. - Leva a vida jogando, não atende direito aos clientes, enquanto a moça trabalha para ajudar a sustentar a casa.

Respondi que não tinha nada com isso, nem tão pouco era noivo. Todo mundo sabe que sou contra o casamento.

Depois que o rapaz saiu, fiquei meditando. Já não tenho a este respeito a mesma convicção de outrora. E existe realmente, no meu espírito, uma diferença substancial. É que, atualmente, sou contra o casamento, mas não sou contra a noiva...

Sábado, 17

Encontrei hoje o major Gabriel, que me pareceu meio preocupado. Disse que tudo ia bem, que a vitória seria certa e esmagadora. Mas, mesmo assim, notei-lhe a sombra de uma apreensão.

Ia com os óculos na testa e as mãos para trás.

Logo adiante, encontrei Melquíades.

- Leia isto, Dr. Márcio, leia isto.

Fiquei surpreendido, porque o velho andava zangado comigo. Eram meus dois inimigos da cidade, ele e Maria Pacatonha.

Era um telegrama do desembargador Hercílio, chefe da oposição no Estado, para o Dr. Portela. Animava os correligionários para as lutas municipais. "Muito breve libertaremos nosso querido Estado", terminava o telegrama.

Depois de Melquíades, cruzei ainda com o professor público, todo risonho e infantil, como em geral acontece com as pessoas que convivem longamente com as crianças. Mesmo os educadores aparentemente mais sisudos, são, no fundo, de uma infantilidade comovedora. Este de que falo agora não é o do meu tempo, que já está aposentado.

Mal entro em casa, batem palmas à porta. Vou ver, é o escrivão Florêncio. Vem com a cara de que sabe coisas.

Entra, senta-se, ou melhor, acomoda-se na cadeira, para não machucar as calças.

- Dr. Márcio - disse ele, depois de hesitar um pouco - venho fazer-lhe um aviso de amigo. Mas o senhor não tem o direito de usar o meu nome. Sou seu grande admirador e não posso deixar de manifestar-lhe a minha amizade e consideração.

Levantou-se, olhou para os lados e adiantou:

- Todo cuidado com o Francisco Justino.

- Com o Francisco Justino? Por quê?

- Ora, Dr. Márcio, não se faça de desentendido. Por que há de ser, senão por causa dos processos do Caboclo? Não posso lhe dizer mais nada, mas todo cuidado é pouco. Aquele homem, por dinheiro, vai longe...

Sou obrigado a confessar a mim mesmo a minha falta de malícia. Como posso admitir que os inquéritos criminais deixem de marchar normalmente, cada funcionário cumprindo o seu dever? Além disso, o delegado é pessoa de confiança do chefe e sabe que o major Gabriel é hoje o maior interessado em reprimir os crimes de Paulino Correia. Esses crimes depõem contra as tradições ordeiras da terra.

Meu primeiro impulso é ir à casa do chefe e falar-lhe sobre o caso. Mas não o posso fazer, pois estou preso ao compromisso de gardar segredo.

Vou aguardar o velho Cazuza. Verei que sugestão ele me dá.

Segunda-feira, 19

O assunto da cidade são as eleições.

O velho Cazuza não veio no meio da semana, como pretendia. Somente ontem apareceu na cidade.

Lá pela casa do chefe, grande é a agitação. Bois mortos, enorme tigelas de barro com arroz e carne, panelas com guisados

melhores para a primeira mesa: o juiz, o vigário, o promotor, etc. Também estou convidado e tenho de ir.

O velho Cazuza exigiu, certamente a pedido do Gabriel, que eu fosse fiscalizar a primeira seção. Já li as instruções eleitorais e irei.

Terça-feira, 20

Logo cedo começaram a entrar na cidade os grandes grupos de cavalo, erguendo vivas ao Senador Epifânio e ao major Gabriel.

Passo pela casa do Dr. Portela e não vejo ninguém.

A votação devia começar às 11 horas. Às dez foi o almoço na casa do chefe. Chego um pouco atrasado, encontrando os convidados já se sentando à mesa. O almoço é uma belissima panelada, e mais galinhas, e perus, e lombo de boi. Tudo isso puxado a aguardente de cana do brejo, vinho e cerveja.

Ao meio do almoço, levanta-se o promotor, baixo, vermelho e de grade cabeleira:

" - Aqui estamos, meus nobres senhores, para celebrar mais uma grande vitória do glorioso Partido Republicano, dirigido em nossa terra pelo espírito ponderado e clarividente dessa fortaleza dos sertões, que é o prestigioso major Gabriel Soares. Nem por um instante poderíamos duvidar de sua ação dinâmica e esclarecida, em favor do povo desta terra. Para tanto conta Gabriel Soares com o prestígio inconfundível do Senador Epifânio, que paira no alto, como uma estrela de primeira grandeza, como a bússola infalível dos nossos destinos".

Gabriel não responde. Agradece, sorridente, a saudação, e ergue um viva ao Senador e à vitoria alcançada.

Intrigado, pergunto ao velho Cazuza, que está sentado perto de mim:

- Que história de vitória é essa? Não vai haver ainda a eleição?

- Ora, meu filho, que é que eu lhe dizia do Gabriel? O acordo está feito desde ontem. A oposição viu-se perdida e aceitou a renovação da chapa toda, lá com o Portela e Guimarães.

- E Melquíades? - pergunto, curioso.

O velho Cazuza, que já havia bebido meio copo de aguardente, virou-se para o chefe e disse às gargalhadas:

- Hein, compadre Gabriel, aqui o Doutor está perguntando pela candidatura de Melquíades.

Toda a mesa caiu na risada. E o promotor, para ser agradável ao chefe, repetia a cada instante:

- O bicho comeu, o bicho comeu.

A eleição realizou-se de qualquer maneira, desde que a despesa estava feita. Mas o resultado estava previamente conhecido.

Melquíades não teve sequer um voto. Nem o seu, porque perdeu o título e não pôde votar. Passou o dia pelas seções eleitorais, a protestar e ameaçar lutas futuras.

Sabe-se agora que o velho ficou furioso, quando o Dr. Portela lhe comunicou a inutilidade de qualquer esforço. Se fossem às urnas, o resultado seria pior. Perderiam todos os lugares na Câmara, pois Gabriel dominava inteiramente a situação. As notícias da Capital também eram ruins; os chefes entendiam que se devia aguardar outra oportunidade, numa luta mais decisiva.

Melquíades gritara, puxara o cavanhaque:

- Estão enganados. Tenho todos os nomes anotados aqui no caderno. Vamos ganhar, e longe. Pelo menos, eu me elejo brincando.

Dizem que o velho se retirou da cidade, ainda com o sol. Viu o resultado da primeira seção, não quis mais insistir.

Quando após o almoço, deixamos a mesa do chefe, o velho Cazuza ainda me perguntava:

- Eu não lhe dizia? Eu não dizia?

- O senhor não me disse nada, meu pai, nem que havia esse acordo.

- É verdade. Esqueci-me completamente, meu filho. Foi feito ontem à noite. Também o senhor não se interessa pela política.

Domingo, 25

O assunto da cidade, agora que passou a eleição, é a chegada do automóvel. Dizem que Walfredo Feitosa, que o encomendou no Recife, seguirá dentro de poucos dias, para trazê-lo até aqui. A estrada vem sendo preparada por particulares, nos pontos mais acessíveis. O Governo, como sempre, ainda não tomou conhecimento do problema.

Parece que o automóvel descerá a serra em carro de boi, pois não há recursos financeiros para fazer uma estrada satisfatória.

Aqui na cidade também já se tapam buracos nas ruas principais e arrancam tocos nas mais afastadas.

Creio que há de ser uma grande festa.

Soube estes detalhes em casa do escrivão, aonde fui ver a minha amada. Ela é toda doçura, embora às vezes se ruborize muito, quando não gosta de qualquer assunto. Mas sabe conter-se para não ofender os outros.

Segunda-feira, 26

Cláudio Maia entra em minha casa, correndo:

- Mataram um homem na barbearia de Manoel Severino.

- Quem foi?

O estudante não entendeu se eu perguntava pelo assassino ou pela vítima. Mas, como desconhecesse um coisa e outra limitou-se a dizer, com um gesto, que não sabia.

Logo depois chegavam os detalhes. A vítima era o vermelhinho Honório que depusera no processo do Caboclo. A melhor testemunha. Fora apunhalado pelas costas.

Confesso que não previa uma coisa desta. Pensei que Paulino Correia estivesse melhor esclarecido pelo seu advogado. Ele tinha todas as probabilidades de se livrar, mesmo que chegasse até o júri.

Na barbearia era intenso o movimento. Quase todo o povo da feira acorrera ao local. O criminoso, prevalecendo-se da confusão, fugira pelos fundos da casa.

O velho Cazuza foi ao quintal da barbearia.

- Olhe aqui - disse, mostrando uns rastros. - Me arranjem uns tijolos e umas tábuas.

Alguém providenciou e, dentro de alguns instantes, dois rastros eram guardados em casinha de tijolos, improvisadas pelo velho.

- Agora - ordenou o capitão - ninguém toque aqui.

Todos obedeciam. Fora ele quem tomara a iniciativa de mandar.

Momentos depois chegava Gonçalo. Cazuza disse-lhe que não havia tempo a perder. O rastro fora guardado no fresco. Não desmentisse a sua fama.

O delegado Francisco Justino também chegou e garantiu que tomaria as providências legais. Mas Cazuza Mamede estava firme:

- Tome as suas, que eu tomo as minhas. Ninguém me impede de ajudar a descobrir este crime.

Gonçalo não dizia nada. Limitou-se a pedir com um gesto que ninguém o acompanhasse. Olhou demoradamente os rastros. Foi ao fundo do quintal e pulou o muro. Ninguém diria que aquela lesma tivesse tanta agilidade.

No salto deixou cair o chapéu de couro, mas não voltou para apanhá-lo. Esticou o braço e uma pessoa lho devolveu.

Atrás do muro, a terra estava esfarelada. Rastros de toda a espécie. De bichos, de homens, de meninos.

Ninguém viu mais o negro. De lá mesmo se internou no mato.

Enquanto isso, os soldados ainda se preparavam para sair em diligência.

Noite

O crime enchia a cidade. Saía de todas as bocas, entrava em todos os ouvidos. Na feira de fumo, acendia os cachimbos.

Apontou-se logo, sem discrepância, o seu responsável. Fora Paulino Correia. A vítima tivera a audácia de depor contra ele.

Comecei a meditar sobre o caráter de Paulino Correia. E procurava, nos meus conhecimentos de criminologia, qual o tipo em que devia incluí-lo. Mas logo me irritei com essa divagação acadêmica. O que tinha a fazer era lutar, com armas eficientes, enquanto os cientistas discutiam, nos seus gabinetes, a classificação dos criminosos.

O velho Cazuza, na hora do jantar, me perguntou com certa intranqüilidade:

- Já pensou nessa vidoca?

- Ainda não, mas vou pensar.

- Pois eu já mandei o meu recado ao Paulino Caboclo. Uma cabeça por outra. Se eu for primeiro, o senhor deixa esses códigos de lado e honra a minha palavra.

- Está certo, meu pai.

Respondi sem maior convicção, mas era a única resposta que o momento comportava.

O velho pediu-me o revólver, para ver se estava bem azeitado e com boa munição. Procurei-o na cintura, embora sabendo que não estava ali. Não podendo mais simular, fui à gaveta e o entreguei, coberto de poeira.

Uma trovoada dominou a casa. Assim, não. Era melhor desistir, correr logo. Nisso era que ele não consentia, uma luta desigual dessa natureza. Nunca fora cangaceiro, não me indicaria o caminho do crime. Mas a defesa, essa era natural.

Procurei tranquilizá-lo. Um homem não podia prevalecer contra a lei. Meu pai atalhou, descrente:

- E você pensa que esses códigos vencem o Caboclo?

- Penso, não, hão de vencer.

- Não duvido. Mas, de que lhe servirá a vitória, depois de morto?

Prometi novamente ao Velho todas as precauções.

Terça-feira, 27

Realizou-se o enterro do Vermelhinho, que por sinal estava pálido no seu caixão modesto. O velho Cazuza, embora não seja dos mais amantes do esbanjamento, fez a sua figura. Deu o esquife e andou pagando outras despesas. Gostei de ver a ação do Velho, eu que sou

uma negação para isto, menos por amor ao dinheiro do que por falta de iniciativa.

O cadáver de Honório passou a noite na Cadeia Pública. Fui vê-lo, ontem e hoje, na hora do sepultamento. Parecia sorrir, um sorriso desbotado de quem não estava gostando daquela brincadeira da morte.

Grande foi o acompanhamento. À hora de sair o féretro, ouviu-se uma voz nervosa, que não me era desconhecida:

- Espere aí.

Era Maria Pacatonha. Tirou do bolso fundo da saia uma moeda de prata, colocou-a debaixo da língua do defunto e disse:

- Agora, pode ir com Deus. Fique descansado, que quem te matou, há de aparecer e ser castigado.

Confesso que não conhecia este capítulo da técnica policial.

Quarta-feira, 28

Faço um grande sacrifício para me acostumar com o revólver. É como se procurasse acomodar o peso do mundo. Quando o deixo, sinto o mesmo alívio que o finado Brás Cubas sentia, quando se via livre de suas botas. Apenas há uma diferença: o finado bendizia as botas, pelo prazer de descalçá-las. Eu não louvo o revólver, e até acho que, em determinadas circunstâncias, não adianta nada. O vermelhinho Honório, com dez revólveres, teria tomado a mesma punhalada mortal que recebeu pelas costas, na barbearia de Manoel Severino.

De qualquer modo, vou juntar mais esse fardo aos muitos outros que estou acumulando na vida.

Na cidade, encontro o major Gabriel. O homem está acabrunhado. O seu grande orgulho na vida é o conceito de paz que seu município desfruta em todo o sertão. Não é que não haja crimes. Em toda parte eles existem. Mas este último, pelo seu caráter de afronhamento às autoridades e desrespeito à lei, chocou profundamente o nosso chefe.

Ele me disse, reservadamente, que pediu ao Governo um delegado militar. E, não sendo possível, a mudança de Francisco Justino por outro civil, que indicou. Não adiantou mais nada. É homem de poucas palavras, nas suas resoluções.

Quinta-feira, 29

Voltei, uma dessas noites, a pensar na minha vida e a verificar a falta de sentido de minha existência. Nem estou sendo o advogado que realmente imaginei, nem me dediquei também às atividades literárias. Sempre foram essas as alternativas do meu espírito. Parece que a natureza, em lugar do prêmio de uma vocação, única e forte, resolveu

brincar comigo, confiando-me várias aptidões - tão várias como incompletas.

Os próprios planos de trabalho eu os vou deixando pelo caminho, como criança que arrumasse sua casinha de brinquedos e durante dias seguidos os esquecesse no recanto da sala onde os deixara.

Nem adianta estabelecer horários de estudos, separar livros para ler. Até a febre da leitura está desaparecendo - aquela febre que, até há pouco, aquecia a minha existência. É verdade que fui sempre um leitor desordenado, sem melhor critério de seleção, sem nada sistematizar ou preestabelecer. Mas lia, lia muito, algumas noites até o amanhecer, trocando os dias pelas noites.

E não lia somente nos livros. Lia também nos homens e nas coisas, no silêncio e nos sons, nas cores e na treva. Sim, a treva também tem suas imagens particulares, seus desenhos revolucionários, que um pintor de gênio ainda transporá um dia para a tela.

Estava eu, pois, uma dessas noites, pensando em tais coisas, quando uma tímida estrela entrou pela minha janela. Fiquei a olhá-la longo tempo. Parecia ainda uma menina, extraviada do grupo onde estivera brincando. Continuei a olhá-la, até que cansei a vista.

Quis então esquecê-la e fixar outro ponto no firmamento. Foi pior. Um pedaço inteiro do céu entrou-me na sala, agora com estrelas desabusadas e arrogantes, dançando em torno de mim. Um astro maior desceu até o meio do firmamento, mas logo recuou, como se tivesse medo da terra.

Às vezes, todas desapareciam. As estrelas também brincam de esconder.

E, quando voltavam, era com maior alvoroço.

Procuro refugiar-me na sala - lavar na treva os olhos manchados de luz. Mas a sala também estava habitada. Bonecos de várias formas e tamanhos brincavam no palco improvisado pela escuridão.

Passo uma esponja no ar mas, de cada figura apagada, rebenta uma multidão de títeres.

Agora, são crianças espancadas por um gigante brutal e envelhecendo de repente.

- Gigante, como é teu nome?

- Tempo! Tempo ou Crime; como queiras. Minha missão é devorar tudo. Aproveita, que termina já. Não durmas. Quando despertares, serás outro.

Procurei limpar os olhos, mas os olhos se me desmancharam em crianças. Reconheci, em algumas, fisionomias familiares.

Que era aquilo? Minha cara também?! Ainda criança, e já de cabelos brancos!

Corri para o candeeiro e, ao clarear do fósforo, os bonecos se recolheram, apavorados.

Voltei para as estrelas, e as estrelas sorriam.

Quis sair para a rua. Ia perguntar ao primeiro transeunte se eu estava louco. Tentei andar, mas as pernas não me transportaram.

Gritei e despertei pela própria voz.

Como de outras vezes, não consigo distinguir bem em que ponto adormeci. Só divisava uma fronteira confusa, uma espécie de terra de ninguém.

Um pesadelo traz sempre outro pesadelo.

Agora, minha barriga era o mapa da Europa, cortado e recortado. A guerra se alastrava no continente e minhas entranhas eram rasgadas, tanto no solo da Alemanha como no da França.

Canhões, fuzilaria, arma branca. A laceração e o sangue.

O estômago era uma fortaleza que doía.

A sentinela estava morta e sorrindo. Reconheci bem a fisionomia do vermelhinho Honório.

No dia seguinte, engulindo uns comprimidos que o Dr. Gouveia me trouxera, eu troçava com ele:

- Doutor, o senhor me desculpe, mas, de outra vez, quem formula minha receita sou eu mesmo.

- E qual é? - pergunta o médico.

- Abaixo as estrelas!

- Principalmente depois de um jantar pesado - concluiu ele, para ficar com a última palavra.

Privado de ler, comecei a garatujar no primeiro papel que encontrei.

Quando vi, havia escrito isto:

Minha consciência já está cansada de responder por todos os erros do universo.

Cada gota do meu sangue contém sua percentagem do sangue de todos os santos e criminosos, de todos os gênios e idiotas do mundo.

Há um cansaço da espécie, como existe um esgotamento do indivíduo.

As verdades profundas têm as mesmas vestes das mentiras extremas. Somente as vestes? Talvez mais. Quem sabe se a verdade e a mentira não se encontram no Infinito?

- "Elas se encontram é aqui mesmo"- diz o gato Mourisco, tirando toda a gravidade de minhas indagações.

Sexta-feira, 30

Ontem, alta noite, fui acordado por umas pancadas na janela do oitão, bem perto de minha rede. A princípio, fingi não ouvir. Mas as pancadas agora vinham misturadas com uma voz que me parecia conhecida:

- Não tenha sobrosso, Doutor, pode abrir que sou eu.

- Eu, quem? - insisti, sempre intrigado com esse "eu", que nunca tem nome.

- Eu, seu Doutor, o vaqueiro do capitão.

- Gonçalo?

- 'Nhôr sim.

Abri a porta cautelosamente. Era impossível ver o negro, porque ele e a noite pareciam apostar pretume. Além do mais, Gonçalo usava uma mescla escura, que ainda mais contribuía para fechar a sua cor. Era um vago vulto escuro, dentro da mancha enorme da noite. Quando eu lhe quis dar passagem, já ele estava dentro de casa.

Fechei a porta, acendi a vela.

Não tive tempo de perguntar nada. Gonçalo foi logo dizendo que descobrira o homem. Minha surpresa foi maior do que o meu interesse. Só alguns instantes após, refeito do próprio espanto, crivei-o de perguntas. As respostas foram breves e sem minúcias. O criminoso estava "nas Marrecas", lá por trás da serra do Cajueiro. Paulino Correia tem lá uma pequena fazenda, o que eu até então não sabia.

- Vá logo, Gonçalo, desembuche tudo.

- Logo eu conto, seu Doutor. Não sei quem é o cabra. Só sei que conheço o rastro dele até debaixo d'água. Onde ele pisar, eu dou com ele. Pode andar até com as mãos, que o rastro delas eu também vi, onde ele descansou.

Gonçalo respirou profundamente, levantou um dos pés e descansou-o na parede. Eu achei graça e ele prosseguiu:

- Foi um serviçăo, meu majorzinho. O cabra é sabido. Deu voltas de todos os diabos. Andou por cima dos lagedos, do capim, de todo canto. Andou a pé, de apragata, de todo jeito. Mas ele não sabia que eu estava com sede nele. Olhe, meu amigo - e neste momento Gonçalo baixou-se, para melhor ilustrar as palavras - o danado andou até de quatro pés, com as mãos fechadas, que nem casco de animal. Eu juro que aquele também é rastejador. E tem oração forte. Desmanchei não sei quantos nós.

- E agora, que é que se faz? - disse eu, falando mais para mim mesmo do que para o vaqueiro.

- Lá isso eu não sei - respondeu Gonçalo. - Agora é com vossimicês. Meu serviço eu já fiz. Eu estou pronto p'ra provar.

Ofereci uma rede a Gonçalo. Era tarde, devia estar cansado. Mas ele recusou. Estava há quatro dias fora de casa, "longe dos moleques". Era saudade muita. Perguntei se queria comer. Aceitou um pedaço de rapadura e novamente confundiu-se com a noite.

Consultei o relógio: quase uma hora da manhã. Por mais que acreditasse em Gonçalo, não podia deixar de ter minhas dúvidas. Estaria sonhando?

Comecei a balançar-me na rede. Novamente olhei o relógio de parede. Os ponteiros parados, paradinhos de tudo. Recordava-me agora

de que o velho Cazuza costumava narrar umas proezas de Gonçalo. Nunca perdera o rastro de uma rez. Também pelo rastro conhecia muitas delas. É o que diz o velho Cazuza. Em algumas oportunidades, o negro também tem ajudado a polícia, no encalço de criminosos. Foi ele que deu no rastro de Zé Concriz, o criminoso mais bárbaro que Lagoa já conheceu. Ainda hoje Gonçalo conta essa história, horrorizado. Acompanhara a volante do capitão Aurélio e assistira ao sangramento do criminoso. Por muito tempo se benzeu e pediu perdão a Deus, como culpado daquele assassínio.

Olhei novamente para o relógio. Os ponteiros tinham dado um pulo de meia hora.

Só então notei que os gatos amavam ruidosamente no meu telhado.

Acordei muito cedo e fui à casa do delegado. O homem surpreendeu-se com a visita àquela hora. A que devia a honra?

Expliquei-lhe que o negócio interessava a nós ambos. E, sem mais preâmbulos, perguntei:

- O senhor quer pegar o assassino de Honório?

Francisco Justino não poderia esperar por essa. Empalideceu e sentou-se. Foi então que eu me apercebi de minha imprudência. O que eu devia fazer era esperar o velho Cazuza, aguardar com calma os acontecimentos.

O delegado levantou-se, pediu café o voltou-se para mim. Notei claramente que procurava refazer-se, como se nada houvesse acontecido. Mas era tarde. Já eu agora estava armado de todas as minhas reservas.

- O senhor ainda pergunta a macaco se quer banana? - disse ele com a sua fisionomia frouxa e a cara mais cínica deste mundo. - Onde é que está o homem?

- Está no município de Serra Grande.

O delegado novamente se traiu. Mas agora, não por sinais de aflição, e sim através de uma espantosa tranqüilidade.

- Bem, Doutor, sendo em outro município, temos de recorrer à autoridade de lá. O senhor me diga quem é o criminoso, e onde está, para eu oficiar ao colega de Serra Grande.

Mal sabia o homem que, agora, quem estava se divertindo com o jogo era eu.

Confundi-o em todos os sentidos. Disse-lhe que recebera uma carta, sem maiores indicações, apenas perguntando se estava interessado na captura do criminoso. Em caso afirmativo, e se contasse com a polícia, viriam maiores esclarecimentos.

Enquanto falava, eu mesmo quis duvidar de minha arte. Mas vi que estava inteiramente senhor da situação.

Por fim, o delegado suspirou, manhosamente:

- Ah, Doutor, eu já estava tão satisfeito com a caçada que tinha para hoje. E o senhor me sai agora com uma carta, talvez até anônima...

Respondi que não era anônima e, logo que tivesse maiores indicações, voltaria ao assunto.

Saí deslumbrado com a minha nova descoberta. Dentro de meu espírito especulativo, o mais importante não era localizar o assassino do vermelhinho Honório. Era ter descoberto uma arte nova, indispensável às batalhas da profissão e à curiosidade do meu próprio espírito.

Noite

Ao meio dia chegou o velho Cazuza. Eu tinha ido ao cartório e, quando voltei, vi Guiné, o cavalo pedrês do Capitão.

Eu estava conversando com Guiné, a quem também costumava chamar Ventania, em virtude do resfolegar profundo de suas narinas enormes, quando ouvi a voz do capitão.

- Já sei que botou a caçada no mato.

Virei-me, beijei a mão do Velho e respondi no mesmo tom:

- Eu, não; se o senhor não desgraçou tudo, lá na casa do chefe, não existe nada perdido.

Narrei então toda a minha conversa com o delegado. O velho Cazuza, depois de ouvir-me, pediu que eu reproduzisse a história. Obedeci, embora achando aquilo parecido com a escola, quando não se dá a lição certa, da primeira vez.

- Não sei - disse por fim meu pai. - O homem dever ter pegado qualquer coisa. O que é que nós vamos fazer agora?

- Não sei, o senhor é quem sabe.

- E se eu não tivesse vindo? - bradou o velho.

- Não se faria nada. Esperava-se até o senhor chegar.

Naquele momento uma dúvida me assaltava. É que a polícia não podia efetuar uma prisão baseada exclusivamente na palavra de Gonçalo, e esta mesmo incompleta. O vaqueiro não vira ninguém. No momento do crime, também não fora reconhecido o seu autor. Mas verifico que não nos podemos deter em excessos de escrúpulos jurídicos. Afinal, a detenção poderia ser feita para averiguações, enquadrando-se, assim, nos dispositivos legais, desde que não excedesse o seu prazo.

DEZEMBRO

Sábado, 1º

Desnecessário é esclarecer que o velho Cazuza fora aconselhar-se com o major Gabriel. Voltava de lá, ontem, quando me encontrou conversando com Ventania.

Gabriel Soares é seguro e lento nas resoluções. Disse que ia pensar, e pensou. Não confiando no delegado, mandou chamar

diretamente o cabo Rebolo. Este é de sua absoluta confiança. Disse-lhe que escolhesse três soldados bons, para uma diligência importante. Rebolo, que já conhece o destacamento, respondeu que confia em dois, mas um deles já está velho, quase inutilizado. É o soldado Ananias. O outro é o anspeçada Prego, fiel e valente. Os restantes não valiam nada. Andavam de cochicho com os cabras de Paulino Correia. Havia um soldadinho novato, o Inácio, da cara cheia de espinhas, que parecia disposto. Não constava que tivesse ligações na terra. Ficou combinado que Inácio também iria.

A diligência deve seguir hoje à noite. Parece que somente o cabo sabe a que vai. O capitão Cazuza já mandou chamar Gonçalo, para estar aqui "à boquinha da noite".

Encontrei o delegado na rua, todo desconfiado. Mal me cumprimentou, sem olhar para mim.

Eis uma fase de minha vida em que os acontecimentos exteriores me absorvem, tomam-me tempo e atenção. Ao seu encontro me adormecem as energias interiores.

Domingo, 2

A diligência saiu ontem à noite. É o acontecimento que está enchendo os meus dias, essa tentativa de prender um criminoso hipotético, com base exclusiva na palavra de um rastejador. Afinal, não será a primeira vez, nem certamente a última, nestas nossas paragens.

Segunda-feira, 3
Noite

O serviço foi rápido e seguro. A tropa saíra da cidade no sábado, logo que escurecera de todo. Ontem à tarde já estava de volta. O velho Cazuza arranjara animais para conduzir a diligência. O endereço era certo, não havia necessidade de despender energias em longa caminhada a pé.

Quando ia amanhecendo, a casa indicada por Gonçalo estava cercada. Pertence a Paulino Correia e fica no ocidente do município, bem pertinho da fronteira com Serra Grande.

Não houve resistência. A conversa do cabo Rebolo foi curta e decidida: "Ou se rendem ou morrem". Chorava mulher e menino por todo canto.

O criminoso é Tourão, autor de vários homicídios, um deles neste município. Disse-me o cabo, em cujas informações me louvo ao escrever esta nota, que o soldado Inácio, no momento da prisão, puxou um punhal, com o propósito evidente de atingir Tourão. O cabo evitou-

o, chegando mesmo a dizer ao soldado que, se tentasse matar o preso, seria alvejado ali mesmo.

Esse Rebôlo é um acontecimento. Se eu fosse governo, ele seria promovido a tenente. Pelo menos a sargento. Vou lembrar isto ao velho Cazuza, para falar a Gabriel.

Durante a viagem, o cabo foi desconfiando da conversa de Inácio, o soldado amarelo da cara cheia de espinhas. Estava certo de que ele queria fazer uma traição. Mas não pensou que fosse contra o preso, e sim contra os companheiros.

Efetuada a prisão, Tourão foi logo algemado. A Dona da casa mostrava-se agora mais sossegada. Chegou mesmo a agradecer ao cabo o respeito que teve ao seu lar. Devia realmente estar muito alegre, a pobre moradora de Paulino Caboclo, por se ver livre do hóspede incômodo que o patrão alojara na sua residência.

Informa o cabo, confirmado em tudo por Gonçalo, que Tourão esmoreceu, ao ouvir a voz de prisão. Não pegou sequer nas armas, que foram apreendidas. Era um rifle bem municiado, uma pistola máuser e um punhal. Depois de algemado, o criminoso pediu garantia de vida e contou a história toda, sem ninguém lhe perguntar. Matara Honório a mandado de Paulino Correia. E ficara ali escondido, porque tinha outros serviços a fazer. Não sabia em quem, aguardava a ordem de "seu Caboclo".

Na cidade, com a cadeia cheia de gente. Tourão contou a mesma história. Confessou outros crimes, parece que alguns até imaginários, cometidos lá para o Ceará.

A detenção de Tourão é ilegal. Não foi preso em flagrante, não há qualquer procedimento judicial contra ele. Deus queira que não apareça advogado para requerer "habeas-corpus". E vamos ver se Adriano apressa o processo, para legalizar a situação. É verdade que o alvo principal da justiça não deve ser Tourão, e sim o Caboclo. Mas, sem o depoimento do primeiro, sem a sua pronúncia, não se pode esperar a punição do mandante.

O delegado Francisco Justino tem recebido muitos cumprimentos, pela "diligência feliz". Mas não mostra alegria, o pobre diabo. Não é só a humilhação de quem sabe nada haver feito. É alguma coisa mais funda, talvez até receio de vingança. Quem sabe lá a quanto andavam as suas conversas com Paulino Correia?

O certo é que nosso delegado já tomou o depoimento de Tourão, do cabo, de Gonçalo e dos dois soldados, Ananias e Inácio. Este último ainda titubeou, ao ser interrogado sobre a confissão do criminoso. Adiantou-se um pouco, achando que o "major Caboclo" não era capaz disso. O delegado não mandou escrever isto, e fez mal.

Coisa curiosa: Paulino Correia, na boca de Inácio, já chegou a major. O crime deu-lhe direito a essa promoção.

Pedi ao velho Cazuza que falasse ao chefe sobre a necessidade de apressar o processo. É necessário decretar a prisão preventiva de

Caboclo e legalizar a detenção do autor material do homicído. Somente Gabriel Soares tem força para mover o nosso boníssimo juiz, assoberbado com seus jornais e seus santos.

Há no episódio da chegada de Tourão uma nota que não pode ficar esquecida. É que várias pessoas, na cidade, depois de vê-lo, começam a atestar que o reconheceram antes, no momento do crime.

Até o velho Cazuza - vejam lá quem! - veio para o meu lado com esta conversa fiada:

- Não, eu não digo que soubesse de certeza, porque também não assisti o crime, mas que tinha minhas desconfianças, lá isso tinha.

Saí da sala para não discutir nem dar uma bruta gargalhada.

Para encerrar e ir dormir, quero deixar registrado que o delegado mandou intimar o Caboclo para vir prestar declarações na quarta-feira. Como seria bom se o juiz fosse mais ativo e lhe decretasse a prisão, depois de confirmados os depoimentos em juízo!

Quarta-feira, 5

Veio o Caboclo e depôs. Como era de esperar, negou tudo. Foi acareado com Tourão. Cada um sustentou a sua história.

Parece que Tourão já está cansado dessa vida de empreitadas de homicídio. É a impressão que me deixa. Sente-se mais seguro na cadeia.

Foram expedidos telegramas para as localidades onde ele diz ter cometido crimes. Quanto ao assassínio anterior, praticado aqui no termo de Lagoa, não se encontrou nem sinal do processo. Os escrivães continuam dando busca, mas parece que inutilmente.

Noite

Fico a pensar na imprevidência dos criminosos. Não nessa imprevidência ligada aos detalhes, que sempre os denuncia e de que falam os criminalistas. Não é isto. Falo de sua inconseqüência, da desnecessidade do crime para solucionar problemas.

Se Paulino Correia se houvesse orientado, neste episódio do estupro de Creusa, pelas instruções de seu advogado, com toda probabilidade seria absolvido, ou mesmo impronunciado. A prova era difícil de fazer, mesmo com o depoimento de Honório. A justiça, aqui, como se sabe, arrasta-se lentamente. O povo, em geral, só é favorável à vítima nos primeiros momentos. Depois, o criminoso é que merece atenções. Ou é um desgraçado ou um herói.

A questão de terra, de que resultou uma tentativa de morte, também seria resolvida harmonicamente. A presença do chefe não tinha

outro sentido. Gabriel não quer brigas nem demandas, no seio do seu rebanho.

Dizem que o Caboclo se sente um tanto incomodado nas malhas de seus próprios crimes. O velho Cazuza, com a astúcia que está no seu sangue, arranjou um espião entre os moradores do inimigo. O rapaz já foi duas vezes, alta noite, levar novidades a Timbaúba. Pelas suas informações, o homem está mesmo como uma fera acuada. Leva o dia a andar dentro de casa, preocupado e iracundo:

- Agora só se fala em lei; porque a lei isso, porque a lei aquilo. Mas estão enganados. Eles têm a lei deles, eu tenho a minha. Vamos ver qual é a melhor.

De tempos a tempos vai ao pé do pote, vira um gole de cachaça, pigarreia e continua nas suas meditações em voz alta. É o que informa o espião, cujo espinhaço não me parece que esteja livre de uma boa sova. Diz ele que, ao receber a intimação da polícia para vir depor, Paulino Correia comentara:

- Aquele Doutorzinho queria era dinheiro, apesar de já ter muito, ele e o pai. Mas queria dinheiro, ou um bom pedaço de terra. Besta fui eu, por não ter compreendido logo; podia ter-lhe enchido a barriga. Agora é tarde, será o que Deus quiser.

O nosso Calabar acrescenta que a tosse do Caboclo tem aumentado muito. O escrivão da delegacia também me deu a mesma informação.

O Caboclo contratou definitivamente os serviços do Dr. Portela, juiz aposentado e chefe da oposição. Bom homem, o Portela. Simples e honesto. Só é muito ingênuo para acreditar nas histórias de seus constituintes. Também os vencimentos mal lhe chegam para viver.

Sábado, 8

Por mais que procure chamar o pensamento à realidade, meu estado de espírito é de estupefação. Não poderei dizer que me esteja saindo mal na profissão, que minha carreira resulte num fracasso. Não, o que me supreende não é isso. É que as situações, quase todas, com raríssimas exceções, me estão vindo de modo inteiramente diferente do que eu esperava.

Que é que eu esperava? Não sei bem defini-lo, mas era assim uma impressão de que o Direito, a Justiça, a Verdade, cada um desses elementos constituía um ser determinado e singular, embora não tão fácil de se revelar à primeira vista. Dependeria, então, do talento do advogado, de sua cultura e esforço, no curso da demanda, vencer o adversário na procura dessas entidades, concretas na minha imaginação.

O que vejo, porém, é diverso e desconcertante. Começa pelo juiz, que não quer trabalhar.

O primeiro feito que acompanhei em juízo, ou melhor, a primeira ação que movi - uma ação ordinária de indenização - teve o resultado

que já vimos. O constituinte fez um acordo à minha revelia, quase me destruindo todo o ânimo de prosseguir no exercício de minha profissão.

De um certo modo, só as questões de Paulino Correia contêm vida. Vida, porém, num sentido diverso daquele que eu imaginava. A noção que eu tinha dos criminosos também era diferente. Minha cabeça estava cheia das classificações "oficiais".

O criminoso para mim era como o animal selvagem. Por mais feroz que ele tivesse sido na selva, uma vez caído nas malhas da justiça, não passava de um objeto de museu, para ser punido, examinado nos seus estigmas, passivamente guardado na cadeia. Por ingênua que considerem minha concepção, era esta que estou descrevendo.

Mas, qual! Os criminosos não se dão por achados. Reagem com toda a astúcia e violência de que são capazes. Paulino Correia se julga uma vítima da justiça, principalmente "desse advogadozinho que chegou aí, filho de Cazuza barriga-de-soro". É como me trata. Na sua concepção, os criminosos somos nós, que não o deixamos tomar as terras alheias, e não permitimos continue ele a fazer de donzelas desprotegidas o pasto para voracidade de seus instintos. Desde que não pode mais, sem perigo de aborrecimentos, arrancar marcos judiciais, atirar nos empregados alheios e surrar seus próprios moradores, passa a considerar-se uma vítima.

Coisa curiosa, em que quero insistir, para depositar fielmente meu pensamento neste caderno, já hoje meu companheiro, meu amigo e meu confidente: tudo me saiu diferente, em todos os sentidos. A advocacia, em si, nos casos mais comuns, é fria e medíocre, uma convivência de papel velho, de selos e autos. Nada do frêmito poético que eu imaginava. E, contraditoriamente, os casos que têm vida, trazem obstáculos, contra os quais a justiça não dispõe de recursos.

Tremendamente difícil, escrever o que se sente. Procurarei melhor explicar-me, dizendo que fazia da luta forense uma idéia assim igual a uma competição turfística ou esportiva. Mas uma competição em que todos agissem lisamente, com bravura e galhardia, com elegância e honestidade. O mais capaz, então, dos dois contendores, aquele que conseguisse dominar o adversário, pelos seus talentos e conhecimentos jurídicos, e que também deveria ser o defensor do melhor direito, este então seria o vitorioso na causa.

Mas, qual, meus amigos! A vida aqui fora, "neste vasto mundo", como costuma dizer o velho Cazuza, é muito, muitíssimo diferente. Qualquer rábula mais astucioso, qualquer adversário de menores escrúpulos, disposto a comprar testemunhas, a arrancar marcos, a mentir e a fraudar, esse é que leva a palma da vitória. Ou melhor, leva a vitória mesma, porque os triunfos dessa natureza não têm palma de espécie alguma.

Só tenho uma alternativa. Ou anestesiar a alma, para descer também ao mundo das transigências, ou deixar tudo isso, internar-me

no campo, largar-me em disparada, como um homem fora do seu tempo.

Eu tinha, como já disse, da existência de um feito, a idéia de um organismo ou de uma construção. Não suportava o traumatismo de certas mutilações ou a falta de simetria de determinadas linhas. Reconheço hoje o disparate de minha ingênua e louca imaginação. Mas insisto pelo menos na idéia de que uma ação tem muito de uma obra de arte. Desde a autuação da peça inicial, da costura das folhas que vão acrescendo, até mesmo a contextura moral da situação, se assim me posso exprimir. A própria mentira, a astúcia, a fraude, o crime, tudo isso ficaria bem dentro do feito, porque seria afinal punido e sacrificado, em "holocausto da verdade". De tudo resultaria, afinal, o triunfo do direito e da justiça. Extraíríamos uma lição moral e um ensinamento útil, como nas fábulas de Fedro e La Fontaine.

Mas, qual, meus amigos - é necessário repetir. Se a verdade não for defendida com os mesmos recursos da mentira; se a justiça e o direito não tiverem advogados mais ágeis que o crime e a violência, estes é que passam a ditar as normas e os julgamentos. De tal modo se confunde tudo, que nem sabemos, ao final, com quem estava a boa causa.

De mim direi, sem querer ser mais puro nem melhor do que ninguém, que não pretendo praticar indignidades, no exercício da profissão. Mas também não estou disposto a ser esmagado, engulido como um cordeirinho inocente e inerme. Ah, isso não!

Sei que é difícil estabelecer essa barreira, definitiva e visível, entre os processos honestos e as chicanas. Mas me valerei, quanto possível, da luz que Deus me der.

E o que ora escrevo me fortifica nessa deliberação. O ato de escrever é para mim um ato de afirmação e pureza.

Sinto que minhas reações íntimas não têm estado à altura dos acontecimentos - dos crimes e das insolências de Paulino Correia. Mas, que fazer, neste momento, senão confessar a inibição em que me encontro? - Os fatos, ainda agora, estão mais poderosos do que a minha sensibilidade.

Quarta-feira, 12

Outra coisa que também estou estranhando em mim mesmo, no exercício da profissão, é como o advogado que sou, começa a exterminar o jurista que desejara ou mesmo começara a ser. É com medo que agora consulto alguns de meus tratados. Medo de minha própria sombra. De cada um daqueles sinais ou daquelas anotações que eu fizera à margem dos livros, salta-me uma sugestão e um compromisso. Cada traço de minha letra apressada e nervosa é a chave de idéias que me propusera desenvolver em teses ou dissertações.

Agora, quando procuro qualquer desses livros, é em busca de uma opinião ou doutrina que venha corroborar um ponto de vista preestabelecido, que venha amparar o direito de meu constituinte.

E nesses momentos, quando procuro essas opiniões favoráveis como quem procura uma caça, e até se aborrece por não encontrá-la - é nesses momentos que vou dar com os olhos, como se fora uma atração do abismo, naquelas anotações e naqueles sinais, tantas vezes em desacordo com minhas opiniões de agora.

A princípio, procurava meus cadernos, onde aqueles apontamentos são melhor desenvolvidos. E notava que, ao escrevê-los, o que me preocupava era a solução mais justa, a doutrina que melhor protegesse o interesse social. Agora, o que quero é forçar o Direito, violentar a opinião dos tratadistas, para que eu vença na causa.

Largo os livros e os cadernos.

Mas não resisto e volto a examiná-los. Até parecem galhos murchos. E galhos tanto mais terríveis para meus olhos, quando vejo que ainda conservam, por trás de sua morte aparente, reservas de vitalidade. Um olhar de simpatia e ternura os umedecesse - um olhar daqueles de que não me considero mais digno nem capaz - e rebentariam em novos e viçosos gomos.

Decididamente, a profissão matou o Direito. A profissão, apenas, ou também a terra? Ou sou eu mesmo que estou matando e destruindo tudo, e jogando a culpa para seres inocentes?

Quem responde a todas as minhas perguntas? Quem me ajuda a transpor o meu próprio abismo?

Se ao menos vencesse de verdade! Se ao menos trancasse na cadeia esse afoito Paulino Caboclo, símbolo, na minha imaginação, de toda negação do direito e da justiça!

Pensamento puxa pensamento. Palavra puxa palavra. Sinto-me acorrentado, antes mesmo de imaginar ou de falar. Sou um escravo de forças latentes. Do sangue de meus avós e dos fantasmas que carrego involuntariamente, como companheiros de existência. Deve haver uma herança do pensamento. Percebo perfeitamente, na minha imaginação e na minha memória, coisas que nunca vi com meus olhos. Tenho, assim, a impressão de que meus erros não são propriamente meus.

Sei que estou um pouco confuso. Mas não posso deixar de escrever estas palavras. Sofro uma angústia de quem é arrastado em todas as direções, impulsionado pelo passado, atraído pela terra, esmagado pela vida. Só não sigo a direção que me tracei, a minha própria direção. E, no entanto, era tão bela e tão simples.

Para não parecer um louco, direi simplesmente que meu pensamento está em convulsão. Tudo quanto pensei da vida, saiu-me diferente. Não no seu sentido material. Não no êxito da profissão. Se trabalho, é por amor ao trabalho, por uma espécie de higiene mental, de respeito a mim mesmo. Os haveres do velho Cazuza, que ficarão todos

para mim, que já estão à minha disposição, deixam-me tranqüilo quanto ao futuro. Não tenho ambição de grande fortuna.

Recordo agora certa fase da vida acadêmica, em que eu imaginara um mundo especial para mim. Um mundo em que lutasse, já certo de vencer e brilhar. O resto da humanidade seria apenas uma platéia. Meus próprios adversários não existiriam senão para realçar meus triunfos. Tudo como numa gravura, bela e colorida. E eu no plano mais alto, diante de uma assistência boquiaberta. E então, como um jurista atuado, ditaria a regra mais justa, o ensinamento mais sábio e brilhante. Toda a minha vida seria um belo discurso, perante um auditório deslumbrado. Os apartes de meu contendor seriam apenas a chave para a torrente de minha eloqüência. É verdade que minhas veleidades de glória também se confundiam com a vitória da causa mais justa.

Embora desapontado, reconheço que a vida é que está certa.

Procuro por vezes recorrer aos filósofos, mas eles também não me socorrem. Não direi que não os compreenda. Afirmarei, porém, que nem com eles consigo salvar-me. Participo de suas aflições com busca da verdade.

Deve haver pouca diferença entre o filósofo e o louco. Entre o artista e o louco. Entre o louco e todo indivíduo que procure dominar a essência das coisas.

Passo a mão pela cabeça, que me dói. Como conciliar essas idéias com outras que adoto, no esquema de convicções que me tracei? Reajo e grito:

- A coerência é uma renúncia criminosa. Tenho o dever de apreender, em cada momento, a verdade que passa.

O gato Mourisco, com um salto, bateu meio dia na minha janela. Só então notei que eu falava sozinho.

Agora, calado, comecei a ouvir a voz da fome. Mas a fome também calou-se. Quem falava era o gato:

- "Que preparaste para meu almoço?"

- Filosofia, meu amigo, e da pior espécie.

- "Ah, Filosofia! Vais fundar algum sistema?"

- Não. Todo sistema tem conclusões forçadas; pregos, meu amigo, pregos e escoras, para manterem a construção. Devo pairar acima de todos os sistemas e percorrer as escolas. Em lugar de princípios, indagações. Tenho o dever de repetir-me, como tenho o de emendar-me, até encontrar a minha verdade. Cada um de nós tem a sua verdade, ou as suas muitas verdades, de acordo com diferentes momentos.

Mourisco concordou e aquietou-se. Depois, fez um gesto assim de quem diz - "Filosofia não dá almoço a ninguém" - e, com outro salto, desapareceu.

Eu ainda quis prosseguir, mas as tripas gritavam com voz de aço.

Vi que o gato tinha razão e também fui almoçar, não sem acrescentar:

- Ó homem é escravo do pensamento e o pensamento é escravo da fome.

Quinta-feira, 13

A companhia de Pacatonha, embora me seja útil e às vezes até divertida, há dias em que se torna também incômoda. A velha só fala agora em cavalo preto. Pega-se com todo mundo para rezar, recorre a todos os santos e a todas as bruxas do seu conhecimento, para que não chegue à nossa terra esse terrível animal do inferno.

Deve ter sido muito forte a impressão do sermão de Frei Henrique, que ela ouviu em criança. O pregador falara certamente com voz cavernosa, nesse tom misterioso e obscuro de todos quantos fazem predições. E a pobre velha, rememorando aquelas palavras, agora as associa ao automóvel, de que tanto se fala na cidade e que só ainda não chegou porque a estrada não está em condições.

Precisei tomar cuidado especial com minhas pratas e níqueis, pois minha companheira de casa, ordinariamente tão honesta, apesar de avarenta, não pode ver moedas, que não surripie algumas para levar à caixa das almas. Só mesmo um estado medonho de terror a levaria a proceder assim. As vezes, faz gosto vê-la em aflição, andando do interior do quintal, onde fica seu quarto, até a sala da frente, onde está minha mesa de trabalho. Nesses momentos, parece que ela não me vê. Separa as moedas, em pedaços de pano diferentes. Tira os cobres para um lado, as pratinhas para outro. Os níqueis ficam num terceiro grupo. Mas logo desfaz a arrumação. Ouço-a então dizer: "Não, está muito: basta esta". Põe o xale na cabeça. Já no meio da rua, volta, vai ao seu quarto. E nisso leva horas.

Um desses dias, inventou que estavam me chamando no quintal. Eu fui, mas, não havendo ninguém, voltei imediatamente. Surpreendi-a então a procurar qualquer coisa nos meus bolsos. Fiz que nada via, pigarreei e entrei na sala tranqüilamente. Apesar disso, Pacatonha perturbou-se um pouco, perguntou que horas eram e saiu precipitadamente para a igreja.

Somente agora compreendi o alvoroço com que ela, alguns dias atrás, se reconciliou comigo. A velha se aborrecera desde a brincadeira do juramento. Passou dias sem me dar palavra, depois foi falando indiretamente, até que por fim se dirigia mesmo à minha pessoa. Mas só o fazia em caso de necessidade, e sempre desconfiada.

Eu não me havia percebido bem de sua mania, de seu pavor do "cavalo preto", embora a ouvisse, mais de uma vez, falar sobre isso. Também a crise não assumira as proporções atuais. Mas, como sei que o dinheiro é uma chave milagrosa, que abre as mais diversas e variadas portas, eu o aplicara em Pacatonha. Chamara-a e, dizendo que ainda não lhe havia dado nada, desde que ela me servia, passara-lhe umas

pratinhas de mil réis. A velha pegou nas moedas e me olhou abismada. Notei que ela ligava a situação a qualquer outra preocupação, no fundo do seu espírito. Abraçou-me as pernas. Tive a impressão de que ela ia levantar-me. Mas logo me soltou, olhou novamente as moedas, como que se certificando da realidade. Tudo no seu semblante era felicidade. Então agarrou-me as pernas de verdade e levantou-me com entusiasmo. Tive de tomar cuidado para não me desequilibrar. Logo depois Pacatonha dirigia-se para o seu quarto, beijando as moedas e dizendo coisas incompreensíveis!

Sábado, 15

O juiz Adriano Pereira está aborrecido comigo. Isso me choca e confrange. Tudo tenho feito para não magoá-lo, para suportar com paciência a morosidade de seus despachos. Mas soube agora que seu estado é quase de desespero. Considera-se afetado do coração, e o grande responsável, no seu entender, e principalmente no da mulher, não é outro senão eu. Alegam ambos que estou forçando o bom homem a trabalhar acima de suas possibilidades, movendo de vez em quando uma ação nova, requerendo uma diligência, etc. Isso me abate profundamente, sobretudo pela injustiça que encerra. Nada tenho feito de extraordinário, que exija do juiz um esforço tão grande.

O que parece é que o homem não é capaz de esforço algum. Em termos mais próprios, ele despende grandes energias, porém mal empregadas. É o que tenho observado em meus contatos, mais ou menos constantes, com o juiz de minha terra.

O homem começa por não ter nenhuma organização. Na sala grande de sua residência - sala ao mesmo tempo de espera e de visitas - os montes de jornais sobem como colunas por todos os recantos. Todos os dias o Dr. Adriano faz propósito de rever essas folhas, para recortar artigos de doutrina jurídica ou julgados dos Tribunais e assuntos religiosos, principalmente a vida dos santos. Mas nunca realiza seus projetos, enquanto os jornais se acumulam, aumentando as pilhas, dia a dia. São coleções do *Diário Oficial*, de *A Razão*, do *Diário de Pernambuco*, da *Gazeta de Notícias*, etc. Grande parte dos vencimentos do juiz é gasta na assinatura desses diários, afora outros jornais e revistas religiosos.

O Dr. Adriano costuma escrever, à margem dessas folhas, breves anotações: *Lido*; *a rever*; *Vida de Santo Agostinho*, pág. 7, etc. Perde com isso um tempo enorme. Às vezes se engana, chama a mulher, aflito, e ambos passam horas a procurar um jornal que está debaixo de um livro ou se extraviou mesmo, para nunca mais ser encontrado.

No centro da sala fica um grande consolo de mármore. É aí que o juiz escreve. O mármore tem constantemente dois dedos de poeira. Também os montes de jornais, pelos cantos, estão "protegidos" por

uma grossa camada de pó e mofo, o que de certo modo facilita a missão do Dr. Adriano, de se ver livre, um dia, daqueles fardos incômodos.

O curioso é que o homem tem uma grande capacidade de leitura. O que lhe falta é capacidade de trabalho, para qualquer ato de sua responsabilidade e atinente a suas funções. Nesses casos, acabou-se o juiz. É todo dúvidas e interrogações. Consulta o Dr. Portela, juiz aposentado e chefe da oposição; consulta o major Gabriel, rábula que, não tendo propriamente cultura, tem uma intuição jurídica e uma capacidade de interpretação extraordinária; escreve para desembargadores e advogados na Capital, para juízes de outras comarcas. Escreveria para o mundo inteiro, se fosse possível. E, no fim de tudo o que todos esses assessores dizem pouco adianta a Adriano Pereira, que sabe, mais do que muitos deles, os segredos da ciência jurídica. O que não sabe é confiar em si mesmo.

Algumas vezes, quando termina suas consultas a toda essa gente, o caso já está resolvido por si mesmo, pela ação do tempo ou pelo acordo das partes.

Até hoje o Tribunal não reformou nenhuma de suas sentenças. É verdade que profere poucas, e depois de uma batalha mental que deve abalar as energias de todo organismo.

Queixam-se os escrivães, amargamente, de que os feitos não são julgados, com prejuízo para eles, que se vêm assim privados das custas. Recorrem ao chefe e este vai jeitosamente ao compadre juiz. Adriano perturba-se um pouco e diz:

- Que cachorros! Já receberam as custas, duas ou três vezes, inclusive a minha parte, e ainda se queixam. Que cachorros!

Mas não vai nessas palavras nenhum sinal de rancor. Elas têm um tom paternal. É como se chamasse o filho de maroto, impossível ou traquinas.

O major Gabriel insiste, sempre cautelosamente, para não magoar o bom homem. Não são apenas os escrivães que reclamam, mas as partes, principalmente. Existem inventários prontos, há mais de dez anos, faltando apenas o julgamento da partilha. São poucas palavras: "Julgo por sentença", etc. Data e assinatura.

- Está bem, compadre, está bem. Vou começar na terça-feira. Julgarei todos, sem faltar um.

Mas essa terça-feira nunca chega, e os autos se acumulam, uns sobre os outros. O quarto onde se encontram, junto à sala de visitas, foi outrora de dormir. Mas os processos o foram invadindo, invadindo, até que Dona Nana não suportou mais o cheiro de papel velho e mudou a cama para outro quarto, junto à sala de jantar. Parece que prossegue a invasão dos bárbaros. Já atravessaram a sala de jantar, detiveram-se um pouco no pequeno corredor e quebraram à direita, em busca da camarinha.

Também perde grande tempo com as atividades religiosas. É presidente da Conferência de São Vicente de Paulo e não se contenta com a coleta de esmolas. Todos os domingos lá está, depois da missa, a fazer longas preleções sobre os dogmas da Igreja, sobre a vida dos mártires e Doutores da santa religião. O vigário velho, que não articula duas palavras em público - e dizem até que, na mocidade, ainda era pior - não deixa de fazer por fora o seu comentário despeitado:

- Bobagem do Dr. Adriano, bobagem. Diz a mesma coisa que eu digo. Só tem diferente as palavras bonitas. Mas isso ele tira dos livros. Qualquer um, querendo, também pode tirar.

O nosso herói também gosta de conversar. Qualquer pessoa que vá à sua casa, não sai senão depois de dar uma prosinha. Às vezes Adriano está deitado na rede, na sala da frente, balançando-se levemente, com o indicador no chão, um jornal sobre o grande ventre. A pessoa chega, começa a contar a sua história ou fazer a sua queixa. Quando menos espera, o homem está roncando fortemente. A visita espera, espera, até perder a esperança. Levanta-se e vai embora. Quando o juiz acorda, fica meio pertubado e pergunta:

- Ó Nana, quem foi que esteve aqui?

Nana está ocupada lá para dentro, não ouve a pergunta. Adriano recomeça a leitura do jornal e depois, cansado, adormece outra vez. As galinhas entram na sala, devagarinho, começam a beliscar os jornais amontoados, em busca de uma aranha ou de uma barata, e a vida continua. Lá fora, na calçada de pedra, o sol canta, como uma cigarra grande e luminosa.

Com todo esse envelhecimento precoce, o homem ainda não tem cinquenta anos de idade. Creio que lhe falta um regime, não apenas alimentar, mas também um regime mental, que suprima de sua vida pelo menos metade das atividades supérfluas, quase que diria infantis.

E, no entanto, como sabe Direito, principalmente Civil! ainda não está muito familiarizado com o Código. Mas, em torno dos grandes institutos - Posse, Domínio, Obrigações, Prescrição - o homem disserta, como melhor não fazem muitos dos professores do Recife. Tenho-o provocado algumas vezes, para satisfazer minha curiosidade, menos em torno de seus conhecimentos, de que não duvido, do que de sua personalidade, tão cheia de surpresas. O jurista está sempre pronto na réplica. Às vezes a memória parece falhar. Vai a uma das estantes, altas e envernizadas de amarelo, tira o volume exato. Abre, examina. Raramente leva mais de cinco minutos nisso. Fecha o livro e prossegue na preleção.

O menor caso concreto, porém, que dependa de um despacho seu, o aflige cruelmente. Tudo para ele é dúvida e abismo. Não consegue encontrar o livro apropriado, teme que o tachem de injusto. Mais do que isto: teme mesmo praticar a injustiça. Parece ser este um dos segredos de sua personalidade.

Tenho a impressão de que Adriano Pereira não nasceu para juiz, advogado ou promotor. Não tem vocação para nada que implique, propriamente, na prática e na aplicação do Direito. Deveria ser um grande professor, a extrair das leis, com a perícia de um artista requintado, toda a sutileza do preceito, todo o espírito da norma. Mas, nada de contato com o concreto, com o choque de interesses, com o sangue das vítimas ou a fúria dos criminosos.

Presidindo o júri, faz por vezes longas explanações sobre as origens e os fundamentos do tribunal popular, sobre o dever do cidadão convocado para julgar seu semelhante. Invoca as opiniões contrárias, analisa-as e contesta. Falando para quem? Certamente para si mesmo ou para o auditório de estudantes que ele talvez imagine, na frustação do seu sonho de professor.

Há muitos anos que planeja ir à Capital, fazer umas roupas e comprar uns livros novos. Poderia pedir os livros pelo correio, mas não quer. Seu grande desejo é ficar o dia inteiro numa livraria, escolhendo à vontade.

Creio que não irá nunca. Morrerá aqui mesmo, aposentado, se chegar até lá.

Começo a inquietar-me com as preocupações do meu juiz. Afinal, por que ele não se aposenta, ou não tira uma licença para tratamento de saúde? Vou vê-lo, logo que possa. E depois conversarei com meu pai, com o chefe e com o Dr. Gouveia. Só não posso admitir que atribuam a mim uma culpa que não tenho. Então, somente porque exerço minha profissão, requerendo em juízo, estou matando o Dr. Adriano Pereira? Ah, isso não. Vamos esclarecer este caso, de uma vez por todas.

Quarta-feira, 19

Converso diariamente com Maria Augusta, em sua própria casa. Fui suprimindo aos poucos as intermediárias - as filhas do escrivão - e estas começam a queixar-se. Por uma espécie de gratidão, marcamos de vez em quando um encontro em casa delas, e isso dá imensa felicidade a Josefina e Adélia.

Minhas conversas com a minha amada, no ponto a que chegou o nosso amor, são menos fontes de alegria que de sofrimento. Não é que ela procure contrariar-me em nada. Antes, é toda bondade e ternura. Não direi que procura adivinhar os meus desejos, porque os adivinha naturalmente, independente de qualquer esforço.

Mas entre nós existe um abismo. Esse abismo é Fábio Noronha. Não me posso conformar com o pensamento de ser genro de um jogador, já cheio de dívidas na cidade. É um profissional que se desmoralizou perante seus clientes. Nada vale a sua palavra, marcando dia para concluir um serviço. Atualmente, parece que nem mais os inicia. Não sei como consegue viver o desgraçado. parece que a filha

está provendo à manutenção da casa. O número de alunas aumenta sempre, e dizem que realmente ensina muito bem, pintura e trabalhos manuais.

O que é certo é que, nos momentos que deveriam ser de maior ternura, vejo por trás da moça, com seu bigode ralo e chamuscado, com suas desculpas de mau pagador, a figura de Fábio Noronha. Creio assumir então um aspecto de terror ou mesmo de repulsa, porque noto no rosto de minha amada uma expressão, a princípio de surpresa, mas já agora de inquietação e sofrimento.

Nos primeiros dias, ela costumava perguntar:

- Que é, Márcio, que você está vendo em mim?

- Nada, Maria Augusta, são coisas que estou pensando, a propósito de minhas lutas. É um processo complicado que tenho de estudar.

Com a repetição, porém, o seu instinto de mulher começou a compreender que não se tratava disso. Pensava ela, então, que teria abusado do pó de arroz e do corante; que estava com qualquer sujo no rosto. Às vezes, levantava-se e ia ao espelho. Não via nada. Agora não faz mais isso. Caímos em longo silêncio, ao meio do qual duas lágrimas, que ela quer mas não pode disfarçar, correm-lhe ao longo das faces. Dá uma desculpa desajeitada, e logo voltamos ao silêncio, que só se interrompe quando me despeço para vir dormir.

Dona Eulália, que geralmente se encontra na sala quando chego, conversa um pouco comigo, e depois se recolhe, auxiliada pela filha. Ficamos a sós. Esses momentos, que a princípio eram de grande felicidade para mim, começam a ser de sofrimento. São uma espécie de hora de julgamento, constantemente adiado. E no entanto, durante o dia, mesmo em meio a meus trabalhos mais importantes, anseio por que chegue aquela hora, em que tenho de explicar-me, embora também saiba que não tenho coragem de dar explicação.

Explicar o quê? Dizer à moça que a amo, amo loucamente, mas tenho vergonha de seu pai, uma vergonha e um nojo invencíveis, e portanto não posso casar com ela?

Há poucos dias, tentei falar ao dentista. Ele passava em frente a minha casa e eu o chamei. O homem sentou-se e disse que estava às minhas ordens. Notei na sua atitude que ele esperou um pedido de casamento. Por Deus, como o notei. Fiquei desarmado. O que eu queria, em verdade, era dar-lhe conselhos, pedir-lhe que deixasse o maldito vício. Mais do que isso, eu pretendia emprestar-lhe dinheiro.

Não lhe disse nada. Falei do meu dente, cujo tratamento ele iniciara e não terminara. Dr. Fábio fez assim um ar de desprezo e decepção e disse simplesmente:

- Ora, Doutor Márcio, vá lá em casa qualquer dia e terminaremos isso.

E largou-se, apressado, para os fundos do bilhar de Gasparino.

Por vezes me pergunto se não haveria um meio de eliminar-lhe a presença, sem lhe fazer qualquer mal, internando-o, por exemplo, num Hospício, como doente mental. Mas, que direito tenho de fazer isso? Como justificaria esse gesto, em relação a um homem aparentemente são? A que extravagâncias leva o amor!

Na cidade, sei que meu namoro é o assunto de todos. Quando não estão comentando as questões e os crimes do Caboclo, estão falando nos meus amores. Toda a cidade se julga com o direito de opinar.

O casamento, num lugar pequeno como este, pertence menos aos namorados do que à sociedade local. O matrimônio é uma espécie de peça, que vem compor o arranjo coletivo da cidade. Deve ser, primeiro que tudo, "igual". Certos rapazes só podem casar com determinadas moças. É só como "dá certo". Os noivos devem ser da mesma camada social. Ele há de ser mais alto e mais velho. Um dos dois pode ser mais rico ou mais pobre. Isso não tem importância. Mas, se a moça for rica e o noivo pobre, este há de ser um titulado, um Doutor. Tudo dentro de certos padrões. Nada que choque, que escandalize, que desagrade às regras do meio.

Depois, têm-se em consideração as famílias, os pais. E aí é que eu naufrago. Fábio Noronha não é um sogro à altura do Dr. Paulo Márcio da Silva Lima, advogado e filho de José Mamede da Silva Lima, o velho Cazuza, fazendeiro rico e presidente do Conselho Municipal. Pouco importa que a moça mereça o casamento e seja capaz de fazer a minha felicidade. Isso não tem a menor importância. Há o obstáculo do pai.

O mais grave, o mais acabrunhador para mim, é que vejo tudo isso com absoluta lucidez, ao escrever estas notas. Minha coragem só se encontra no isolamento, com meus pensamentos, minha pena e meus livros. É só pensar em qualquer ação, qualquer atitude de repercussão social, e logo me deixo dominar pelos mesmos preconceitos, pelas mesmas injustificáveis superstições que analiso e destruo, no fundo de meu pensamento.

De outro modo não se justificaria que eu visse sempre a sombra de Fábio Noronha por trás de minha amada, tivesse-lhe pavor, como se fosse um obstáculo moral intransponível.

Maria Augusta poderia contar em seu favor com uma situação privilegiada. Ela é uma moça "da Capital". Isso no sertão é tudo - ser da Capital. Quando qualquer rapaz da terra casa com uma moça da Capital, e desde que ela seja pessoa razoavelmente vistosa e educada, então aquele rapaz passa a ser uma espécie de herói municipal. "Casou na Capital" - é o que todos dizem, cheios de admiração e agradecimento.

No meu caso, porém, é diferente. A moça é do Rio - o que lhe devia dar maior prestígio. Mas está morando aqui, de qualquer modo já faz parte do meio. Todos sabem que é pobre e trabalha para sustentar a

casa. De modo que a vantagem, que porventura poderia levar, está prejudicada por outras circunstâncias.

Quanta coisinha miúda!

Preciso vencer esses preconceitos, bem o sei. Mas preciso vencê-los, primeiro que tudo, dentro de mim, e depois perante os outros. Preciso repelir as impugnações de pessoas, que nada têm a ver com a minha vida, mas se julgam com o direito de intervir no meu amor e no meu casamento. Elas consideram, embora sem consciência mais nítida disso, que o fato interessa a todos, pertence à vida da cidade.

Vou reagir. Isso me humilha, isso me aniquila. Não quero naufragar nesse mar de mediocridades. Só ao mencioná-lo, sinto-me invadido por ele.

Noite.

Meu conflito agora tornou-se mais sério, porque é também com o velho Cazuza. Faço tudo para não magoar meu pai. Mas também é certo que não sou senhor de meu coração. Não posso dar um desgosto ao Capitão, principalmente agora, que começamos a nos conhecer e compreender melhor. Principalmente agora, que tenho encontrado nele todo apoio e solidariedade, numa guerra nova, em que desejou não me ver envolvido. Meu pai não é homem de luta. Ainda que às vezes blasone sua capacidade de combate, ele é no fundo um comodista e um tímido. Se enfrenta a peleja, e com eficiência, é por um sentimento de dignidade que o eleva no meu julgamento. Mas, decididamente, é da paz e não da guerra.

Não era, pois, nesta hora que eu queria desentender-me com o Velho.

A princípio ele não dava importância ao caso. Tomava minhas "palestras" com a filha do dentista, para usar sua expressão, como uma simples diversão de homem solteiro, numa cidade sem distrações. Aos poucos, porém, foi cismando, fazendo alusões e soltando indiretas. É um de seus fracos, a indireta. Tenho que lançar isto no débito de suas qualidades.

Eu ia fazendo que não entendia nada, levava a conversa também na brincadeira. Até que hoje, vindo à cidade, o Velho se impacientou e me disse:

- Já é tempo de acabar com isso, meu Doutorzinho. Já está passando da conta.

- Meu pai, este assunto é meu - respondi-lhe com firmeza.

- Este assunto é seu, como é meu e de toda a cidade. O senhor não deve estar prejudicando essa moça, uma vez que não quer casar com ela.

- Como é que o senhor sabe se eu quero ou não? O Velho então se transformou. Era a voz de trovão que voltava:

- O que! Casar com uma filha de Fábio Noronha? Era só o que faltava! Ah! Ah! Ah!

A risada foi o que me ofendeu. Vi reconstituido na sua fisionomia todo o sarcasmo da cidade, todo o desapontamento da cidade, que tinha o direito de opinar no meu casamento, como um traço novo, a recompor a fisionomia social da terra.

Não respondi mais nada. Peguei o chapéu e larguei-me para a rua.

Sem qualquer decisão consciente, encontrei-me na janela do dentista. A moça estava dando aula, de avental e pincel à mão.

- O que é isso, Márcio? Voce está com a fisionomia transtornada. Diga o que foi.

Olhei para o interior da sala, duas mocinhas me fitavam, embaraçadas e curiosas.

- Não foi nada, Maria. Apenas um pequeno incidente com... com o juiz da comarca.

- Oh! Márcio, por que fez isso? O Dr. Adriano é um homem tão bom e parece tão doente... Venha tomar um pouco d'água; entre.

- Mais tarde eu volto. Preciso muito conversar com você.

Para onde ir agora? - pergunto a mim mesmo.

Encontro o chefe, que me criva de perguntas. Faço-lhe duas, é o meio de livrar-me. Gabriel não responde, sai cantando baixinho e filosoficamente.

Quando, depois de passar pelo cartório e reler uns autos, que já sei quase decorados, voltei para casa, não mais encontrei o velho Cazuza. Fora para a fazenda. Deixara um bilhete, sem qualquer alusão ao incidente. Apenas avisava que tinha muito o que fazer. Deixava-me a bênção, etc. O incidente, para ele, não tivera qualquer profundidade. Não é ele quem ama.

Sei que o Velho não gosta de magoar-me. Mas também não pode admitir a idéia de me ver casado com a filha do dentista, jogador e velhaco. Dou-lhe razão, depois lha tiro para dar razão a mim mesmo. Mas, afinal, também não sei o que é que eu mesmo quero. Meus pensamentos são todos uma grande confusão. Estou em conflito com meu pai, com a sociedade, comigo mesmo.

Não vou hoje à casa de minha amada. Mando-lhe um bilhete. Estou com muita dor de cabeça. Que ela esqueça o incidente do juiz, não diga nada a ninguém.

E agora, vou lutar contra a insônia, que é um inimigo feroz. Até a leitura, se algumas vezes o combate, outras vezes o ajuda.

Voltarei amanhã, se Deus quiser.

Quinta-feira, 20

Maria Augusta está profundamente magoada. Melhor direi revoltada.

Se eu fosse mais experimentado em analisar a natureza humana, e também não estivesse em causa, certamente lhe daria razão. Compreenderia sua situação moral com a clareza com que a vejo esta manhã. A vida é assim mesmo. Por mais que nos esforcemos para apreender certas sutilezas, elas se afastam de nós obstinadamente, com uma resistência proporcional ao nosso interesse. Mas acontece que às vezes, quando menos esperamos, o mistério se entrega por si mesmo, com uma boa vontade e um espírito de cooperação que nos deixam espantados.

É o que me acontece agora, num momento de privilegiada nitidez pelo menos para o meu entendimento.

A situação de Maria Augusta, o seu desapontamento e a sua mágoa são perfeitamente explicáveis. É porque nem sempre queremos ver as razões alheias, os pontos de vista dos outros.

Essa moça, mais cedo do que supunha, foi assumindo responsabilidades com os compromissos da casa. Mas a decadência do pai, seu apego ao jogo, não foi obra de um dia. Ela se veio acostumando gradativamente com a situação. Como filha, ainda inexperiente, nem podia prever toda a extensão do mal, nem tinha o direito de reclamar. Esse cuidado, de resto talvez inútil, devia caber a Dona Eulália. Mas esta é toda doença, bondade e silêncio. Não abre a boca para contrariar ninguém.

Por outro lado, o vício das pessoas queridas é quase sempre, a nossos olhos, um vício atenuado. Não passa de uma extravagância, de um capricho, de uma fantasia. Quantas vezes não falamos dele com certa graça, quase com elogios!

O viciado também não deixa ver todo o desastre de uma vez. Tem sempre uma mentira, uma desculpa. Se é jogador, às vezes ganha, às vezes perde. Mas faz sempre uma certa confusão.

Penetremos mais fundo na situação. Apareci eu na vida dessa moça. Ela não me procurou, mesmo que tivesse porventura vontade de fazê-lo. Fui eu quem tomou a iniciativa. Sou um advogado, moço e abastado, sem qualquer defeito visível. Ora, as moças neste mundo casam muitas vezes até por casar, sem maior futuro ou necessidade. Que dizer de uma possibilidade de casamento que lhe parece vantajoso?

E não é só isso. Como que se criou, na cidade inteira, uma expectativa de casamento. São as felicitações antecipadas de uns, são as indiretas de outros. É a alegria ou a inveja. O certo é que se gerou um clima próprio, uma situação diferente. A constância com que freqüento sua casa, conversando com ela sem reservas, cria no meio um compromisso tácito.

Quando a cortejei, conhecia-lhe o pai. Isso não foi impedimento. Eu vinha de fora, é verdade, mas tinha o dever de pedir informações. Não olhei para nada disso, porque via somente aqueles olhos grandes e profundos, aqueles braços, aquela voz. Disse-lhe do meu amor, da minha paixão, da minha loucura.

De um momento para outro, começo a ficar calado e misterioso, vendo sempre por trás dela a figura do dentista, com o bigode ralo e chamuscado, com o baralho sempre na mão. Minha fisionomia me denuncia. Mas ela ainda não vê tudo, não percebe a causa mais profunda.

Até que um dia a verdade cruel é revelada com todas as suas cores.

Maria Pacatonha ouve minha conversa com meu pai, corre e conta tudo. Sim, não tenho dúvidas de que foi ela.

Sem saber de nada, vou procurar a moça. Ela não me aparece. Uma vez, duas, três. Até as aulas são dadas lá para dentro, na sala de jantar. Inquieto-me, escrevo. Ela está magoada, nenhuma resposta me dá. É o resumo da situação.

Sexta-feira, 21

Eis o que acabo de receber:

"Dr. Paulo Márcio: Meus cumprimentos.

Entendo que devo tratá-lo assim, porque a estas horas nada mais pode existir entre nós.

Soube de toda a discussão havida entre o senhor e o capitão Cazuza Mamede, a propósito de meu pai e de mim mesma.

Quem se envergonha de meu pai, também se envergonha de mim. Ele é uma criatura boa e simples, vítima do destino e da injustiça dos homens. Tem o seu vício, reconheço, mas esse vício só prejudica a ele próprio.

E o respeitável capitão Cazuza Mamede, com toda a sua pureza, como vai explicar a morte de sua digníssima esposa, mãe do Dr. Paulo Márcio? Não saberá o senhor porventura que sua saudosa mãe morreu de desgosto, porque, com poucos dias de resguardo, encontrou o marido beijando uma mulata na cozinha?

Junto a esta devolvo a pequena lembrança que o senhor teve a bondade de dar-me. Felizmente, não havia tocado nela. Vão também alguns bilhetes seus.

Receba minhas despedidas e seja feliz como merece.

Maria Augusta Noronha"

Bem se pode avaliar o meu choque. Esta carta estúpida, monstruosa, é capaz de aniquilar qualquer homem.

Nada na conduta dessa moça me autorizava a prever ou sequer admitir uma explosão tão grave, tão cruel, tão desnorteante. Para proceder assim, certas criaturas não deveriam sequer vir ao mundo. Isso está fora de qualquer cálculo, de qualquer previsão.

Chego quase a pensar que um caso deste nos tira até o gosto de existir. Valerá a pena, se é para isso?

Afinal, desisto da indagação. Não adianta perguntar se a vida é boa ou má, quando estamos, de qualquer modo, dispostos a viver.

Nunca pensei que o amor fosse assim. Será que todo ele vem, de modo tão brutal, carregado de amarguras? Talvez não. Deve haver tantas espécies de amor quantas as criaturas que amam. Como tudo o que me toca neste mundo, também o amor para mim devia ser da pior qualidade. Tinha que trazer todas as sombras e golpes que a vida reserva para este pobre espírito enfermo.

Nem sei o que diga. Tento trabalhar, caminhar, fazer qualquer coisa. Inútil. Gosto de ler, como outros gostam de beber ou jogar. É uma forma diferente de embriaguez. Mas agora não consigo vencer duas linhas. Para notar a dificuldade com que estou registrando estas impressões, ninguém precisaria de outro esforço que não fosse o de olhar esta página. Nem parece a minha letra. Até tenho medo de que me desapareça para sempre a relativa firmeza das mãos.

Não, meu Deus, não é possível!

Horas depois

Mesmo dentro de minha mágoa, não posso deixar de achar graça no velho Cazuza. Afinal, depois de tanto barulho, o homem me sai um conquistador barato de mulatas. Sim, senhor! Por isso, o Velho nunca fala em minha mãe. Evita o assunto de todo modo. Vou apertá-lo, na primeira oportunidade. Eu perco a minha amada, mas tenho de quem me vingar.

Noite

Só agora vou voltando à realidade.

Não, Maria Augusta não precisava acusar tão gravemente meu pai. Poderia ter manifestado sua mágoa ou mesmo romper comigo. Mas, sem cavar um abismo. Seja ou não verdade o que ela diz, o certo é que disse demais.

Nunca ouvi falar naquela história, nem através de referências vagas. Tendo morrido minha mãe há tantos anos, posso dizer que sempre conheci meu pai viúvo. E nunca lhe vi aventuras ou atitudes menos respeitosas. É verdade que demorei maior parte do tempo no colégio e na faculdade. Mas, antigamente, sempre passava longas férias em casa. Só nos últimos anos é que me deixei ficar por lá, visitando usinas de colegas, conhecendo outras terras.

De qualquer modo, porém, a dúvida ficou. Maria Augusta cavou um abismo à três. Até mesmo a conduta regular do Velho, que acabo

de salientar, por vezes me parece apenas uma conseqüência de seus remorsos, pelo que fez à minha mãe.

Tenho vontade de conversar com o chefe, com o Dr. Gouveia. Com Adriano, não. Este vive muito distante do mundo para compreender uma crise como a minha. Haveria de sair-se logo com exemplos de santos, que sufocaram a curiosidade e perdoaram, antes de conhecer a verdade.

Mas também desisto de ouvir os outros. Afinal, eles são amigos de meu pai e não meus. Como tocar no assunto, sem o Velho saber? Saberia por terceiros, o que seria humilhante para mim. Entre nós nunca houve intermediários.

Pode parecer que me esteja impressionando demasiadamente com coisas insignificantes. Dentro de meu espírito, no entanto, tem a maior importância o que acaba de ser revelado. Sinto necessidade de me esclarecer, pelo amor mesmo que tenho a meu pai. Como poderei continuar estimando o assassino de minha mãe? Por outro lado, não é justo julgar um homem - mais do que um homem, um pai - firmado somente numa acusação apaixonada, de uma moça em crise de desespero.

Não posso imaginar que Maria Augusta tenha cometido uma infâmia. Tenho conversado longamente com ela, a propósito de vários assuntos e de muitas pessoas. Nunca percebi nela sequer uma sombra de maledicência. Comenta, como todo mundo, os fatos conhecidos. Analisa-os com graça, por vezes até com ironia. Mas, nada que demonstrasse uma capacidade tão forte para a injúria, ou mesmo para a calúnia.

Sei que o fato pode ter outra explicação. A injúria não seria dela. Seria uma dessas versões que costumam correr mundo, conhecidas de quase toda a gente, mas ignoradas, por estranho que pareça, pelas pessoas mais próximas ou ligadas aos fatos. Nesse caso, quem seria o autor? A quem procurar, no insondável do tempo, como responsável pela torpe mentira?

Mentira? E se fosse verdade?

Meu pensamento é todo ele, agora, um círculo vicioso. Volto sempre para a mesma indignação, depois de percorrer todas as explicações possíveis. Como fuga, procuro afastar o problema, negar-lhe importância maior. Fuga impossível. As perguntas ressurgem com maior insistência, agora agravadas por outra interrogação mais difícil de responder. E é saber se Maria Augusta devia ter levantado a acusação, mesmo que fosse verdadeira, que lhe tivesse chegado ao conhecimento por qualquer meio.

Esta última dúvida é a que mais fortemente me fere o coração. Procuro desvencilhar-me dela e não vejo como. A reação de minha amada foi desproporcional, fora de qualquer medida, em relação ao que houvera da parte de meu pai. Mesmo que Pacatonha tivesse carregado

as cores da conversa que ouvira, Maria Augusta já devia conhecer bem Pacatonha.

Pacatonha! Outra idéia agora me assalta. Deve ter sido ela que forjou a história da criadinha. É meu propósito retirá-la de casa, mas agora não posso fazê-lo, enquanto não esclarecer a verdade. Já era tempo de me ver livre dessa maluca. Agora, tenho que esperar.

Seja qual for a explicação de tudo isso, meu julgamento sobre Maria Augusta está afetado. Meu desapontamento é grande. E somente isso me impede de correr até a casa do dentista e cair aos pés de minha amada. Ah, se no seu desabafo não tivesse surgido aquela acusação contra o velho Cazuza!

Pobre velho Cazuza. Como apareces agora, diante de meus olhos, como um criminoso ridículo. Era o que faltava, esse animal de quase dois metros, com cento e poucos quilos, vermelho e afobado, beijando mulatas na cozinha, matando com isso a sua mulher, a mãe de seu filho.

Todos os meus julgamentos são agora contraditórios. Mal acabo de formular um juízo, logo o revogo, em benefício de outro, que também não dura muito. Assim, modifico a severidade com que acabo de julgar o velho Cazuza. Não, não pode ter procedido tão mal o meu bom gigante gritador.

De qualquer modo, porém, um ressaibo de ridículo ficou. Por mais que procure lavar, o cheirinho ruim não desaparece. Eis o que Maria Augusta conseguiu. Além do fel, essa gotinha de ridículo.

Sábado, 22

A situação não se modificou. Como poderá modificar-se? - é o que penso a cada instante. A iniciativa de reconciliação não pode ser minha, que fui o ofendido, juntamente com meu pai. Só poderia ser da parte dela.

O problema não consiste apenas em destruir a acusação formulada contra meu pai, para continuidade de minhas boas relações com ele. Trata-se também de uma reconciliação honrosa com Maria Augusta. Uma espécie de esponja providencial, que apague tudo, como se não passasse de pesadelo. Foi o que descobri hoje no meu espírito, essa ânsia de acomodação e apaziguamento. Cheguei até a sonhar que não houvera nada, que a realidade era um sonho e vice-versa.

Tantos pesadelos que tenho, por que não tive aquele?

Antes dessa crise tão forte, o que havia era a oposição do velho Cazuza. Ora, essa eu iria vencendo aos poucos, ajeitando o velho até convencê-lo. Sei que o capitão é louco por mim, tanto quanto eu... quero voltar a ser por ele.

E se eu esquecesse Maria Augusta, desse tudo por terminado, como ela propôs em sua carta?

Seria muito bom, se estivesse ao alcance de minhas forças. Mas a paixão é a mesma, talvez até mais violenta, diante dos ataques que

recebeu. As razões de minha conciência são umas; as de meu coração, outras bem diferentes. Não quer isso dizer que eu pretenda sacrificar umas diante das outras. Se tivesse resolvido isso, do pensamento à ação seria um pulo. A verdade é que não resolvi nada. Estou esperando o auxílio dos deuses, ou do acaso, que tantas vezes é o instrumento de seus desígnios.

O pior é que não tenho com quem conversar. Falta-me um colega, um amigo capaz de me compreender e aconselhar. Sei que não podemos esperar muito dos outros. Somos nós mesmos que resolvemos os nossos problemas. Mas, às vezes, uma palavra, uma sugestão mostra o caminho que está à nossa frente e não podemos ver.

Não adianta pensar, marcar prazo para resolver. Nestas situações, em geral não meditamos coisa nenhuma. O que fazemos é nos afligir e atormentar, para afinal sairmos com uma solução improvisada, ao sabor das impressões do último momento.

Poderia falar com Cláudio Maia. Mas, que sabe Cláudio de amores? É bastante moço e estouvado, para ter qualquer coisa útil a dizer-me. Anda muito preocupado com discussões de religião.

Como seria bom, num caso como este, se pudéssemos separar as situações! Primeiro resolveríamos um caso, depois o outro. Mas a vida não espera. O mundo marcha todo de uma vez. Além da moléstia principal, tenho de haver-me também com as suas complicações.

É assim que me encontro, mergulhado na paixão, na revolta e na dúvida.

Onde a saída?

Tarde

Na cidade já se começa a falar no rompimento da moça comigo. Dizem que tivemos uma discussão violenta por motivos de ciúme. Não esclarecem se os ciúmes eram meus ou dela.

O boato é confirmado, de certo modo, pela minha ausência da casa do dentista, notada por todos.

Tenho de procurar uma saída urgente. Sim ou não. Confirmar ou desmentir. Não posso continuar nesta situação equívoca, dando desculpas infantis. Sim, tenho de dar desculpas, e muitas. Um caso de amor, nesta terra, como creio já haver escrito antes, não interessa apenas aos dois namorados. É interesse geral. Faz parte da vida da cidade, cujos habitantes se julgam com direito de indagar, insinuar, aconselhar, como se se tratasse de questões suas.

Deve chegar amanhã o velho Cazuza. Meu grande esforço é no sentido de preparar-me para recebê-lo naturalmente, como se nada houvesse acontecido.

Uma coisa já está assentada. Não sou juiz nomeado para descobrir amores passados de ninguém. Meus direitos ou meus deveres de filho não me levam a isso. Decididamente, não vou apurar nada, senão até quanto interesse as minhas relações com Maria Augusta. Quanto ao Velho, nada a indagar ou esclarecer.

O diabo é a gotinha de ridículo, que continua fazendo cócegas.

Domingo, 23

Quase nunca acontecem as coisas que tememos. Acontecem, sim, outras bem diferentes, fora de qualquer previsão de nossa parte.

Foi o que se deu hoje. O que mais eu receava era enfrentar o velho Cazuza, precisamente depois da carta de Maria Augusta, em conseqüência da qual me ficara no espírito, quanto à conduta de meu pai, uma dúvida incômoda e persistente.

Mas ocorreram fatos bem diferentes, que mudaram a fisionomia daquele temido encontro.

Ontem à noite, depois de haver escrito ligeira nota neste caderno, fui deitar-me, bastante cansado do estudo de papéis referentes à ação de divisão e demarcação, que deverei mover dentro de pouco tempo. A divisão da data envolve também questão de limites com outro Estado, e isso complica mais a situação. Tenho de pedir a citação de confinantes daquele Estado; não há remédio.

Estava, pois, cansado, embora insone. Não haviam decorrido 15 minutos do momento em que me deitara, quando notei na calçada desusado movimento. E, no meio da conversa, algumas palavras me pareceram bastante claras: "Acho que não escapa. Mas também, coitada, leva a vida da cama para a cadeira, da cadeira para a cama".

Abri a janela. Eram pessoas conhecidas que passavam. Logo me informaram que Dona Eulália, esposa de Fábio Noronha, estava muito mal. O Dr. Gouveia já se encontrava lá.

A casa do dentista fica na mesma rua da minha, mas lá muito adiante, depois da igreja. Nossa rua é a mais comprida da cidade.

Fiquei à janela, olhando o movimento. Aquilo era, senão uma festa, pelo menos uma novidade para a terra. As distrações, aqui, são os casos reais e não os representados pelos recursos da arte, que estes não existem. Rarissimamente aparece um circo ou se inventa uma cavalhada. Temos de nos distrair com a realidade, venha ela sob a forma do riso ou da dor.

Eu também me distraía, mas de longe. Tinha razões especiais para lá não ir. Já me preparava, pois, para fechar a janela, quando se aproxima o escrivão Florêncio de Albuquerque.

- Doutor Márcio, não sabe o que há na cada do Dr. Fábio?

- Soube agora, seu Florêncio.

- E não vai até lá, Doutor Márcio?

Fiquei um tanto perturbado. Não podia esperar uma interpelação assim. Respondi gaguejando.

- Irei depois. Deixe passar mais a confusão.

- Não há confusão nenhuma, Doutor - disse o homem, com gravidade. - Vá se vestir que eu espero pelo senhor.

Vesti-me, como um autômato. Naquele momento, fosse uma criança que me desse a ordem, eu a cumpriria sem hesitações. Não direi que estava louco pela oportunidade. Seria uma infidelidade contra mim mesmo. Mas é que, na circunstância, a carga que me pesava no espírito tinha de aliviar-se, mesmo sem qualquer deliberação de minha parte, através da primeira válvula que surgisse. Creio conhecer um pouco o meu temperamento. Eu não provocaria um pretexto para rever Maria Augusta, mesmo porque nada tinha a dizer-lhe. Acredito até que repeliria qualquer situação criada e que me parecesse artificial. É meu dever proclamar a honestidade do meu espírito. Mas, diante de uma situação real, senti-me impelido para o mistério e a aventura.

Vesti-me às pressas e acompanhei o escrivão.

Fábio Noronha conversava calmamente, na sala de visitas, com o major Gabriel, o promotor e a senhora deste que, por sinal, falava mais alto do que o momento comportava. O Dr. Gouveia tomava o pulso da doente, no quarto que dava para a sala. De vez em quando lhe fazia ligeira pressão nos olhos. Depois de alguns minutos, levantou-se tranqüilamente e veio com dificuldade até a sala, pois era grande o número de pessoas que se comprimiam no quarto.

- Não tem perigo - disse o Doutor. - Foi uma crise nervosa. O pulso está bom, o coração é forte.

E, dirigindo-se para o dentista:

- O senhor mande sair aquele povo de dentro do quarto. Não se pode nem respirar. Levo minha vida a explicar isto aqui e ninguém quer compreender.

Fábio Noronha foi ao quarto e, com a voz quase sumida, conseguiu afastar algumas pessoas. Mas, dentro de poucos instantes, voltava a aglomeração. Foi então que o médico não se conteve:

- Tudo para fora! Só fica aqui seu João da Farmácia, porque está me ajudando. Fora, já, todo mundo!

Não ficou ninguém. Dispersaram-se os curiosos entre a sala de visitas, o corredor e a sala de jantar.

O Dr. Gouveia é o melhor dos homens, mas, quando "se espalha", não há quem o junte. Isso é sabido na terra. Possui um ouvido milagroso. Em moléstias infecciosas, tem levantado da cama pessoas

tidas como mortas. "Em febre - diz o povo da cidade - ele é um condenado".

Por toda a casa do dentista espalhava-se agora um cheiro de éter, óleo canforado e suor humano.

Eu fiquei a um canto, agora conversando com o dono da casa. Em certo momento, notei que a filha mais velha de Florêncio queria falar comigo. Aproximei-me e ela disse:

- Lá dentro estão lhe chamando.

Senti um sobressalto. Confesso lealmente que, embora, em última análise, atraído por Maria Augusta, até então não me havia lembrado dela. A própria doença, o esbregue do Dr. Gouveia, o cheiro de éter, óleo e suor humano - tudo isso me absorvera a atenção.

Entrei no quarto onde ela se encontrava, sentada numa rede. O rosto estava coberto com um pano branco e parece que chorava. No quarto estavam a senhora do Dr. Gouveia, as filhas do escrivão e a empregada da casa, que servia café.

Aproximei-me da rede. Não sabia o que dizer. Adélia, a filha mais moça do escrivão, disse com alvoroço:

- Pronto, Maria Augusta, Dr. Márcio está aqui.

Maria Augusta estirou-me a mão em silêncio. Também apertei a sua, sem articular uma palavra. Trouxeram uma cadeira, sentei-me.

Depois de alguns instantes a moça falou:

- Márcio, pelo amor de Deus, me perdoe.

Novamente afogou o rosto no lençol branco.

As palavras, naquele momento, não tinham poder nenhum. A única voz que eu percebia era a sua mão, apertando a minha.

Há coisas na vida que a gente não sabe bem explicar. Mas confesso que, ao deixar a casa do dentista, já quase meia noite, eu levava a impressão de que a doente não era Dona Eulália, mas a filha, professora de bordados e pintura, Dona do meu coração.

Segunda-feira, 24

Meu encontro com Cazuza Mamede careceu de qualquer importância. O Velho veio ontem ligeiramente, à cidade, comprar arame e outras mercadorias de que estava necessitando na fazenda. Não quer perder tempo. Está cercando o seu Alto Pelado, enquanto Paulino Correia não se pode mexer.

Apesar dos afazeres, talvez o Capitão volte, para a missa do galo.

Meu espírito também estava bastante cheio. Se quisesse fazer uma comparação, diria que meu coração passou por uma lavagem, mas a limpeza não foi completa. Existe ainda algum resíduo que está incomodando. Mas não faço comparação nenhuma. Elas às vezes complicam demais as situações.

De qualquer modo, um propósito já tomei. Vou atirar-me ao trabalho, com vigor. Quando liquidar estes casos mais importantes, irei até o Recife. Estou precisando de ares novos. Ou de meus velhos ares, que de certo modo para mim já passam a ser novos. Tudo depende do modo de encarar os fatos.

Não devo esquecer que o Capitão Cazuza, mesmo atarefado como estava, deu o seu pulinho lá na casa do dentista. O Velho para isso é correto. Deu-me notícia também do automóvel, que chegará nos primeiros dias de janeiro, devendo descer a Viração num carro de boi. De tudo isso soube Cazuza Mamede, que poucas horas passou na cidade.

Soube também - mas essa quem lhe disse fui eu - que o inquérito de Tourão seguira para o juiz, com o pedido de prisão preventiva. Gabriel Soares foi quem fez o relatório, que o delegado Francisco Justino assinou. Bom relatório, sereno, porém enérgico; simples, mas jurídico. Belo chefe, está-me saindo o Gabriel.

E agora creio que vou passar alguns dias sem sair. Enquanto não preparar a petição inicial de minha demarcação, não quero mais conversa com ninguém.

É claro, porém, que irei à missa do galo.

Quarta-feira, 26

A noite de Natal de ante-ontem foi a mais pitoresca a que já assisti no sertão. Logo cedo, ainda com sol, começavam a chegar as pessoas do mato, os "babecos", como costumam chamar-lhes os habitantes da cidade, que na verdade são apenas um pouco menos babecos.

Uns ficavam em casa de parentes ou pessoas amigas. Outros guardavam seus troços nas bodegas onde faziam compras. E uma parte, também numerosa, arranjava-se mesmo pelo meio da rua, passeando, acocorando-se pelas calçadas, até a hora da missa.

A cidade ficou cheia de pequenas barracas de folhagem ou empanadas de algodãozinho, de tabuleiros e vendedores ambulantes. O doce seco, os sequilhos de goma e o aluá de milho andavam por toda parte, para não falar na cachaça, que é o complemento indispensável desses ajuntamentos.

Logo à boca da noite a polícia começou a ter trabalho com os bêbedos, que eram levados para a cadeia, onde permaneceram, durante o resto da noite, os que não tiveram braço forte para tirá-los.

A cidade parecia uma grande feira noturna. O prefeito mandou acender a iluminação a carbureto, que funcionou com dificuldade, depois de uma explosão, que queimou a cara do fiscal da prefeitura.

No centro da rua da Matriz a banda de música do major Gabriel tocava num coreto improvisado.

Lá para as oito horas, a senhora do telegrafista começou a ensinar as famílias da elite a fazer retreta, passeando ao longo da rua, por um lado e outro do coreto. O ensaio teve qualquer coisa de ridículo - perdoem-me as respeitáveis figuras que dele participaram.

A senhora do telegrafista é elegante e simpática. Para aumentar seu prestígio, trouxe da Capital, onde residia, um piano em que executa as músicas da época e lá uma ou outra valsa que já vai ficando esquecida.

Não posso esquecer a cara com que o chefe Gabriel Soares, o Dr. Gouveia, Adriano Pereira e outros figurões da terra ensaiaram as primeiras caminhadas da retreta, de braço com as respectivas consortes. O velho Cazuza, que veio também à missa, recusou-se valentemente a participar da folia. Não o fez por sentimento de ridículo. Alegou que era viúvo e aquilo era diversão para casais. Nem o chefe conseguiu demovê-lo desta vez. Eu ainda pensei com os meus botões - "Não tem mulher porque não quer. Quem o mandou andar às voltas com criadinhas?" Mas logo afastei o pensamento importuno. A senhora do telegrafista ainda tentou trazer a filha mais velha do escrivão, para dar o braço a Cazuza Mamede. Mas Josefina correu para o interior da primeira casa que encontrou aberta e não apareceu mais, até o fim da festa. O Velho, por sua vez, viu naquilo uma insinuação de mau gosto e largou-se para a casa do vigário, em cuja calçada ficou conversando até a hora da missa.

De todos os "retretistas" pareceu-me que Gabriel era o que tinha mais noção do ridículo. O riso com que ironizava a si mesmo e aos outros foi suficiente para salvá-lo.

O juiz cansou logo na primeira volta. Começou a respirar profundamente pela boca e a queixar-se do coração e do estômago. A mulher ainda insistiu para que ele prosseguisse. Mas era inútil. Ali não se tratava de uma resolução, e sim de uma impossibilidade.

Muito simploriamente, Adriano Pereira aproveitou um tamborete desocupado no coreto, subiu com dificuldade e aí ficou longo tempo, ao lado dos músicos, apreciando a grande novidade da terra. A senhora do telegrafista, como Dona da festa, não deixou que Dona Nana ficasse triste. Deu o braço à mulher do magistrado e continuou animando a sua invenção.

Os rapazes e as moças, a princípio, só faziam olhar, desejosos e tímidos. Ninguém os convidara. Era certamente um divertimento apenas para os "papéis queimados". Mas, lá para as tantas, vendo que o elemento velho fraquejava, a senhora do telegrafista foi chamando a mocidade. Alguns rapazes mais atirados procuraram dar o braço a moças que cercavam o coreto. A gargalhada foi geral. Aquilo não era baile. Quem não tivesse mulher ou noiva, que passeasse sozinho, ou em grupo do mesmo sexo. O convite ao velho Cazuza, para dar o braço a Josefina, fora uma deferência toda especial. Ou uma fina peça da mulher do telegrafista...

Ao tocar a última chamada da missa, a retreta estava generalizada. A brincadeira parece que pegara.

Eu, de minha parte, não tendo mulher nem noiva, fiquei sem passear. Como previra, minha amada não apareceu na cidade. Desde o incidente da carta, nunca mais saiu. Pretexta o estado de saúde da mãe e muito trabalho com as aulas.

Por muito tempo hesitei, se devia ir lá ou não. Afinal, ela desculpou-se, pediu perdão com o rosto molhado de lágrimas. Eu perdoei. Pelo silêncio e por um aperto de mão, mas perdoei, sem indagar nada, sem procurar razões. Só ainda não tivera coragem de voltar até lá.

Finalmente, fui. Fui precisamente quando começava a tocar a última chamada da missa. Na calçada havia várias pessoas. Recordo-me bem do escrivão Florêncio e de sua filha mais moça. Não tive com minha amada qualquer conversa em particular. Não direi que estava alegre, mas ficou satisfeita com a minha presença. Satisfeita e tranqüila. Saímos todos para a igreja, que fica bem pertinho. Ela entrou, eu fiquei na porta, donde pude assistir ao ato mais comodamente.

Não a vi mais. Creio que essas reaproximações devem ser mesmo assim. Exigem uma readaptação entre as pessoas, para que os efeitos da crise não voltem a perturbar. É como se tivéssemos de começar de novo.

Noite

O velho Cazuza pediu-me que passasse uns dias na fazenda, se meus trabalhos o permitirem. Os trabalhos permitem, e os amores também. O foro está em férias, se a expressão cabível é esta. As férias estão legalizadas, desta vez. E o amor está em descanso. Diz a Bíblia que depois da tempestade vem a bonança. Será que depois da bonança vem nova tempestade? É o que não sei. Sei apenas que vou atender ao apelo do Velho. Daqui mesmo ele segue para outra fazenda, que fica ao norte do município. Tem providências urgentes a tomar, sobre o gado e o algodão empaiolado.

Talvez o campo me faça bem. Apesar da época, em que a vegetação está toda escura e os cursos dágua estão calados, ainda conto com um bom açude para tomar banho e pescar.

Gonçalo ficou na cidade para ir comigo a Timbaúba. O Velho seguiu com Zé André. De acordo com os nossos destinos, ele precisa de um bagageiro; eu, de um guarda-costas. É o que deve pensar o Capitão.

Cumpramos a sua vontade, se esta for a vontade de Deus.

Timbaúba, domingo, 6 de janeiro.

Nunca houve seca que pegasse Timbaúba desprevenida. Seus moradores, geralmente, não arribam para o brejo, nos anos de calamidade.

Almas invejosas se queixam de que até da seca o velho Cazuza tem aviso.

A eterna história da cigarra e da formiga. Só reparam nos armazéns da fazenda, entupidos de cereais até a telha, quando surge o rebentão. Será difícil adivinhar desse modo?

Além disso, o Velho tem pouca agricultura. O seu forte está nos rebanhos, e estes não ocupam muita gente. Com os açudes e as provisões, consegue salvar o seu povinho.

Quem o faria apartar-se de Manoel Josias, praticamente aposentado, e de Gonçalo, com a sua risota e suas inocentes cavilações?

"Negro potoqueiro, conhece o teu lugar!", costuma dizer Manoel Josias, quando Gonçalo começa a estirar-se, na narrativa de seus rastejamentos.

Gonçalo então responde que, se os rastejadores mentem, aprenderam com os vaqueiros. Manoel Josias não gosta e o chama de atrevido.

E eu mesmo, quando os ouço nessa eterna disputa, fico a matutar, indagando se Gonçalo fez mesmo aquele rastejamento perfeito, no encalço de Tourão, ou se saiu a obter informações, até alcançá-lo. Quem sabe lá!

Segunda-feira, 7

Estou na fazenda, entre a voz opressiva dos animais e o silêncio opressivo das pessoas.

Ao longe o boqueirão da serra troa, como um grande búzio, reavivando as esperanças de chuva dos moradores de Timbaúba.

- Dentro de poucos dias teremos um aguaceiro danado - disse o velho Cazuza, que chegou ontem.

Mas a verdade é que a preocupação é grande, e geral. Todos esperam as chuvas com os corações aflitos.

Terça-feira, 8

Hoje, quando acordei a janela estava aberta, inexplicavelmente.

Brilhavam - não sei se aquilo se pode chamar brilho - restos de lua, punhados de estrelas, começos de sol. Era uma luz incaracterística. Um condomínio no firmamento.

Quase que tive, desta vez acordado, um de meus pesadelos mortais.

O certo é que agora o sol reina único, indiferente, como um estróina esbanjador de calor e de luz. Como um displicente distribuidor das horas.

Quarta-feira, 9

Meio dia. As sombras em trapos entraram nas árvores nuas. Pelo telhado, debaixo dos pés, em toda parte há sombras escondidas. E a terra fumegando, entregando ao sol as últimas reservas de umidade de que dispõe, na esperança de vê-las restituídas com juros.

Tarde

Dei uma volta pelas fruteiras e pelo canavial. Um verde manso, de plantas regadas com sacrifício. Nada daquela exuberância dos invernos, que até parece um incêndio de clorofila.

Noite

Saí passeando, varando a escuridão.

Só ouvia a voz velhinha dos pássaros, que cantam desde as noites de minha infância. Até parece que as aves são as mesmas. A mãe-da-lua - mas aquilo não é voz de mãe! - a coruja agourenta. O carão. Até o caboré cantava a sua feiúra.

De volta, senti um arrepio de medo. Era ali, naquela oiticica grande, que se reuniam as almas penadas das redondezas.

Fui por um atalho, mas novo receio me assaltou. Precisamente naquele lugar a alma do vaqueiro Adelino costumava aparecer ao cavalo Chá Preto. O pobre animal, quando via o amigo, até parecia gente.

Morrendo de uma queda, na pega de um boi brabo, Adelino vinha sempre dizer ao companheiro que perdoava o tropeço que o vitimara. E Chá Preto, aposentado pelo dono, como pedira o vaqueiro nos últimos momentos, ficava parado, horas e horas, escutando aquele choro de cortar coração.

História antiga, de quase cem anos, mas ainda hoje repetida.

Quinta-feira, 10

Nova caminhada, a pé, pelos matos.

Quando regressei, era noite.

As estrelas tentavam inutilmente incendiar o açude. Sempre as mesmas.

Pensei cá com as minhas cismas: há muitos séculos que os homens tentam deformar os astros, e os astros ainda resistem.

Domingo, 13

Só pretendia voltar à cidade no dia 15, quando recomeçam os trabalhos do foro. Mas o velho Cazuza recebeu ontem um bilhete do major Gabriel, avisando que o automóvel chegaria hoje, e que ele não faltasse, "juntamente com o Doutor".

Aqui estamos, o capitão e eu, para presenciarmos o grande acontecimento.

O aspecto da cidade é festivo. Não que haja enfeites pelas ruas, nem qualquer arrumação nas coisas, propriamente ditas. O ar de festa é nas pessoas. De festa e curiosidade. Ninguém faz uma idéia exata do que seja um automóvel. Há quem pergunte até se é redondo, se sai fogo pelos olhos, etc.

Maria Pacatonha está acuada no seu quarto, de vela acesa. Procurei falar-lhe, mostrar que o automóvel é um carro como outro qualquer, apenas anda por si mesmo. Foi inútil. Fechou a porta com violência. Violência não é bem o termo. Fechou-a com pavor. Não sei em que vai dar isso. Será que enlouquece, a pobre velha? Espero que não. Há de acostumar-se, como todo mundo. Agora é que não posso despedi-la, como desejei há poucos dias.

A chegada está marcada para as quatro horas da tarde. Ainda não é meio dia, há tempo de passar em casa do dentista. É o que vou fazer, agora mesmo.

Duas horas

Fui à casa do dentista, e lá conversei com a filha. Com o seu vestido branco transparente, de sombra cor de rosa, veio reavivar minha admiração antiga ou, para ser mais exato, meus antigos enlevos. Aquele traje era a melhor palavra para o nosso entendimento. Mesmo assim, a sua tranqüilidade reservada não permitiu maiores efusões.

Perguntei se ia ver a chegada do automóvel, respondeu que não. Haveria de vê-lo, quando passasse em frente à sua casa. Tinha aulas a dar, e Dona Eulália também não estava passando muito bem.

Quanto às alunas, creio que nenhuma vai perder a novidade, para receber lições, por mais amável e competente que seja a professora. Resta Dona Eulália. Esta, sim, sempre doente, é uma desculpa permanente para qualquer dificuldade.

Agora, vou descansar um pouco, na minha alva rede de varandas, que Maria Pacatonha lavou na minha ausência. Ainda há tempo para uma soneca.

* * *

Pernas cruzadas na rede, posição que lhe é característica, Cazuza Mamede consultou o sol pela janela. Mas o sol desde a manhã andava esquivo no nevoeiro, repontando aqui e se encobrindo adiante, num difícil problema de localização.

O Capitão puxou do bolso do peito o relógio grosso, mas o relógio também não o socorreu. Estava parado, quem sabe há quanto tempo? Só então lembrou-se de olhar para a parede. Pulou bruscamente da rede e disse para mim:

- Quatro horas. Vamos chegando, que o automóvel não tarda.

Enterrou na cabeça o chapéu do Chile, já bastante surrado, vestiu a casemira grossa, a das festas maiores.

Acompanhei o Velho. Grande já era o movimento na cidade. Das varandas do sobrado velho, no largo da Rua do Comércio, dos telhados de outras casas comerciais, só se viam cabeças estiradas para o lado do nascente. Mas a estrada de areia - uma fita branca na paisagem verde das vazantes - ainda não atendia aos apelos.

Parece que as casas foram espremidas, de tanta gente na rua.

No patamar da igreja velha, metro e meio acima do nível comum da rua, uma fila de cadeiras aguardava o vigário, o chefe, o juiz, o prefeito - toda essa gente grande das cidades pequenas.

Ao poente - mas, quem queria ver o poente? - o céu era um tumor enorme e encarnado. E o sol era o furúnculo, que vinha a furo indeciso, em dois ou três pontos diferentes. De repente, rasgou as carnes vermelhas, e um sangue grosso escorreu pelas alturas. Talvez fosse eu o único que me preocupasse com o espetáculo celeste.

- Ainda há tempo de se tomar um cafezinho, compadre - disse o velho Cazuza ao major Gabriel, que se aproximava com a sua mansidão e a sua curiosidade.

- É verdade, compadre, o carro só chega de quatro e meia em diante. - E, virando-se para mim, perguntou: - E aqui o nosso amigo, como é que vai lá com as suas encrencas?

Respondi que não tinha encrenca nenhuma; estava apenas lutando, no exercício da profissão.

Gabriel quis fazer-me novas perguntas, mas eu tomei a iniciativa, pedindo-lhe notícias da política. O chefe fez que não ouvia, chamando o sacristão, que passava por perto, para tomar também uma xícara de café. O sacristão é um eterno sorriso em forma de gente.

O Café Brasil estava cheio. Os escassos tamboretes de sola foram encostados e os fregueses, logo que enguliam sua xícara de café

fumaçando, deixavam lugar aos outros, que já esperavam. Na mesa comprida, uma toalha de quadros, encarnada e branca.

- Um dinheirão está fazendo hoje, hem, sinhá Chica? disse o velho Cazuza, com a sua voz de trovão.

- Esse café é uma honra para nossa terra - respondeu um sujeito ao lado, mais para mostrar um dente de ouro na frente do que para confirmar as palavras de meu pai.

O sacristão também quis responder, mas o sorriso não cedeu o lugar às palavras.

Outro freguês insistiu:

- Olhe, capitão, tenho andado em muitos lugares desta redondeza, mas ainda não vi uma coisa tão direita. E limpeza, chegou aqui, parou.

Uma voz na rua fez esvaziar o café:

- O automóvel já vem!

Eu quis apressar os passos, mas não pude, pois estava em companhia do Velho e do chefe, e estes parecia não terem pressa.

Ao subirmos o patamar da igreja velha, Gabriel Soares voltou-se para mim e disse:

- O senhor viu como seu pai se impressionou com o lucro de Chica Brasil? O velho Cazuza não pode ver ninguém ganhar dinheiro. Qualquer dia ele está querendo botar também um café na cidade.

Olhei para a cara do Velho. Ele não ia dizer nada, mas, diante de meu olhar, virou-se para o chefe e respondeu:

- Conversa besta, compadre. Você quer que eu lhe faça umas cinco ou seis perguntas, para você desacuar daqui?

O chefe agora era quem não queria ouvir e voltava-se para o vigário.

De vez em quando uma pessoa gritava: já vem! Mas não vinha nada.

Todos parados, a respiração por vezes também parava. Poucas pessoas, das que se encontravam ali, já tinham visto um automóvel. Ninguém escapava à tirania dos minutos.

Na ânsia de cada um, de ser o primeiro a ver, todos os olhares se voltavam para o lado do rio.

E o automóvel afinal veio surgindo. A princípio, na imaginação. Depois, como um ponto negro que aumenta, avoluma-se, quadreja-se. Um carro, afinal. Ora se mostrando, ora se escondendo na estrada, desceu a barreira do rio e desapareceu, para estourar em cima da rua. A multidão que fora encontrá-lo, com vivas a Walfredo Feitosa e outras expansões de alegria, fazia maior barulho do que o ruído do motor.

O sol ia-se pondo, mas estava novamente encarcerado. Ainda assim, conseguiu abrir nas nuvens uma brecha muito fina e ficou olhando pelo caracol, como um relâmpago parado.

O automóvel deu uma volta pelas ruas principais e parou em frente à residência de Walfredo Feitosa, onde a cervejada foi grossa.

À noite o prefeito mandou acender a iluminação de carbureto, em louvor do acontecimento. Mas, às tantas, o vigário velho pediu que se apagasse tudo, para ver a luz elétrica do carro, que ia dar em Lagoa o seu primeiro passeio noturno.

E, protegidos pela meia escuridão, surgiram os primeiros "morcegos".

Segunda-feira, 14

Pacatonha continua acuada. E agora sou eu, numa alteração provisória das obrigações caseiras, que vou levar sua comida no quarto.

O gato Mourisco olha espantado, parece que quer perguntar qualquer coisa. Mas não pergunta nada; cheira e rejeita a comida que lhe deito no lugar do costume; sobe no muro e fica meditando sobre o destino dos homens.

Pacatonha também não aceita o seu prato. Nem sequer abre a porta. Por desencargo de consciência, deixo o almoço lá em cima de um tamborete, enquanto digo algumas palavras de tranqüilização. Sinto que ela escuta. Existe uma voz no silêncio humano. No silêncio consciente, de quem está ouvindo e deseja ouvir mais. Noto o interesse, prossigo mais do que pretendia inicialmente. As palavras estão sendo acolhidas, estão entrando, senão pela inteligência, ao menos pelos mesmos caminhos do medo.

Retiro-me cá para fora, mas, antes de chegar à sala da frente ouço um ruído de louça que se quebra. Volto-me apressado. Não é possível. Nesse caso, já se trata de loucura, e eu perdi as palavras que, ingenuamente, supunha estarem sendo acolhidas.

Não, não foi a pobre velha, amendrontada e talvez certamente agradecida à minha dedicação. Foi o gato que, depois de recusar a comida que era sua, entendeu de subir no tamborete, para abocanhar o alimento alheio.

Que fazer? Nada. Deixar que ele coma o que ganhou com o suor do seu pulo. É o que já está fazendo, depois de refeito do susto da queda do prato e do meu olhar perquiridor.

Ainda bem que nem só os homens cometem incoerências.

Felizmente, somos nós os juízes, investidos pelo milagre da palavra.

Momentos depois

Santo Deus! Parece mentira o que acabo de ver. Pacatonha está comento os restos que o gato deixou!

Duvidem ainda da natureza humana.

Quarta-feira, 16

Estou agora inteiramente entregue ao trabalho da inicial da divisão e demarcação. Como já tenho escrito neste caderno, venho estudando o caso há tempos - consultando inúmeras escrituras, a situação de condôminos e confrontantes, etc. Mas a petição, propriamente, só agora comecei a elaborar. Vai ser, do ponto de vista jurídico e econômico, meu trabalho de maior responsabilidade. Estão em jogo interesses vultosos, grandes propriedades de terras férteis e posseiros desavindos.

Fui hoje à casa do juiz "o magnânimo", como o chamam o chefe Gabriel e as pessoas de sua roda de conversa. E é mesmo.

Minha intenção, ao procurá-lo, era de certo modo preveni-lo de que, dentro de dois ou três dias, deveria entregar-lhe a petição. Ele sabe que estou estudando esse caso. Mas alimentava, creio, a esperança de que as dificuldades terminassem por me desanimar. Quantos advogados já falaram em mover essa mesma ação e esbarraram ante os obstáculos surgidos: imprecisão das escrituras, excesso de condônimos, confusão de limites com outro Estado, etc.

Ao contrário do que eu esperava, o juiz não se inquietou. Disse que estava tudo muito bem, tratava-se de uma ação importante, que só poderia dar nome à comarca. O que me reforça a convicção de que o bom homem tem desejo de trabalhar, por vezes até se alegra com a idéias de fazê-lo. O que lhe falta é vontade, capacidade física para se entregar realmente ao trabalho. E daí os atrasos, os adiamentos, o sono eterno, em suma, que desce sobre os feitos da comarca.

Quinta-feira, 17

O chefe manda chamar-me. O juiz está aflito, com a possibilidade de uma ação trabalhosíssima, como a que vou propor. Não me dissera nada, no momento, porque não se apercebera bem do caso, e mesmo não quisera desgostar-me. Agora, porém, que voltara à realidade, mandava fazer-me um apelo: que eu aguardasse um pouco, até ele tirar uma licença. E então o substituto, juiz municipal do termo vizinho, acompanharia o feito, na sua fase preparatória.

Perguntei ao major Gabriel se Adriano já encaminhara o pedido de licença.

- Não, meu amigo, ele precisa primeiro botar o serviço em dia, para depois tratar disso.

- Botar o serviço em dia, major? Ora, nesse caso vai levar anos, e eu não posso esperar.

Notei que o chefe não gostou. Adriano para ele é um santo. Também o é para mim. Para mim e para todos, que admiram sua grande inteligência, sua palavra fluente e evangélica, seu coração extraordinário. Mas, infelizmente, não era de nada disso que se tratava.

Veio o café. Acendi o cigarro e transmiti a Gabriel a idéia que me ocorreu.

- Major Gabriel, a única coisa que o juiz tem a fazer agora é despachar a petição, ordenando as citações. Quanto tempo não vamos levar somente aguardando a devolução das precatórias e o prazo do edital! Durante esse tempo ele poderá regularizar o que quiser, e, quando começar a fase litigiosa da ação, com as contestações, então entrará em licença.

O chefe riu, com indisfarçável ironia. Já agora parecia mais satisfeito.

- O senhor pensa que Adriano tira essa licença nunca? Para onde ir? Ele não sai daqui nunca, nem deixa o cargo. Só quando morrer ou for aposentado. E quanto à ação, vai levando devagarinho. A questão é o senhor saber apertá-lo, com delicadeza, cobrando os despachos. Coisas mais difíceis ele já tem feito aqui. Esses feitos que ficam aí encostados, é também por falta de interesse das partes.

Gabriel levantou-se, colocou os óculos na testa e prosseguiu:

- A sua idéia está muito boa, para tranqüilizar Adriano, no momento. Eu nem me lembrava disso. Mas haveremos de arranjar as coisas. Feliz da terra que tem como juiz um Adriano Pereira. Ali só falta saúde para trabalhar.

Concordei, e de coração. Desde que eu tinha o direito de mover minha ação, nada oporia aos merecimentos reais do juiz.

Senti que o assunto estava terminado. O próprio Gabriel me tomava pelo braço e dizia:

- Agora, vamos caminhando até lá, à casa dele.

Era claro que eu não iria, como não fui. Mas compreendi o modo delicado que o chefe encontrava de despachar-me. Quem é que se zanga com ele?

Segunda-feira, 21

Continua a preocupação dos sertanejos, pela demora do inverno. As notícias do Piauí são animadoras, e isso já constitui uma grande esperança para nós. Mas a verdade é que as nossas chuvas ainda não chegaram.

Terça-feira, 22

Trabalhei intensamente, durante os últimos dias. Mas, afinal, terminei o trabalho. Mandei tirar cópia de tudo. Petição, documentos, tudo.

Na segunda ou terça-feira, feita a última revisão, entregarei o trabalho ao juiz.

Não o mostrei a ninguém. O Dr. Portela quis vê-lo, mas dei uma desculpa qualquer. Vai nisso um pouco de orgulho, confesso. O Portela é homem simples e bom, mas os parentes têm o costume de espalhar que todo mundo lhe vai fazer consultas e pedir pareceres. Bastava que ele visse minha petição, para a cidade se encher de pabulagens. Não dele, repito, mas da família.

Fiz tudo de minha cabeça; se errar, a responsabilidade também é minha. Reconheço que nisto me está faltando humildade, mas é a verdade.

Sexta-feira, 25

Somente hoje entreguei a petição, na qual o magistrado, sem ler uma linha sequer, após o clássico despacho: "D.A., à conclusão".

Outro não poderia ser o despacho, pois vários são os pedidos feitos - citação por mandado, precatória e edital, nomeações de curadores, etc., etc.

Voltei com a papelada para o distribuidor. Coube ao escrivão Florêncio. O outro vai ficar danado, mas confesso que meu dedo andou nisso. Procurei ver de quem era a vez, antes de entregar a petição. Como não era de Florêncio, aproveitei outra açãozinha de menor importância, que foi distribuída ao companheiro. A divisão é da maior responsabilidade; com Florêncio ela fica melhor.

Sábado, 26

"Em termos, como requerem. Façam-se as citações".

Esse, o despacho do juiz, que me alarmou pela presteza com que foi proferido. Certamente Adriano se deixou empolgar pelas diversas questões de direito que tem de decidir. Reivindicações, reintegrações - de tudo isso existe ali dentro. E as teses jurídicas, depois dos assuntos religiosos, são talvez a única coisa que ainda faz brilhar aqueles olhos tão precocemente cansados.

- E agora, seu Florêncio?

- Agora, meu Doutor, é conversar com o homem, para ver esse "em termos" a que se refere. É preciso verificar a formalidade que está faltando aqui. Nesses casos, eu costumo ir conversar com ele, o que é muito mais prático. Vou ver o que tenho a fazer ou deixar de fazer.

- Mais uma - saio dizendo entre os dentes - mais uma que eu não sabia. "Morrendo e aprendendo".

Domingo, 27

Pacatonha já se vai acostumando com o automóvel. Ainda fica um pouco sobressaltada, quando ouve o barulho do motor. Mas ousa

olhar, pela fresta da janela, para ver certamente se é mesmo o cavalo dos infernos. Deixei de me incomodar com os seus temores, e isso está ajudando a cura. Parece que já havia nela um pouco de manha, como em mim, no caso das antigas cólicas.

Terça-feira, 29

Afinal, tudo vai marchando bem. O juiz orientou o escrivão. Enquanto este prepara os mandados, precatórias e editais, aquele está estudando quais os curadores que vai nomear. Uma onda de animação sacode Adriano, Florêncio, os oficiais de justiça. A mim, nem se fala, embora, no meu caso, haja sempre a desconfiança de que venha a parar aquele motor, tão repentinamente em movimento.

Vamos para a frente, é o que cabe fazer.

Quinta-feira, 31

Depois da reconciliação, voltei para Maria Augusta com maior ardor.

Não sei se foi o perigo de perdê-la, que somente agora avaliei em toda a sua extensão, ou a preocupação, da parte de minha amada, de me prender por todos os modos, tudo fazendo para não me contrariar, no mais leve dos meus desejos. Às vezes isso também tem as suas desvantagens. Não toleraríamos diante de nós, por toda a vida, uma pessoa que concordasse sempre conosco, que não tivesse jamais uma réplica, uma advertência ou uma interrogação aos nossos pontos de vista. No caso atual, não chego a entediar-me porque não estamos juntos a todo instante. Dificilmente surgiriam esses momentos de saturação, porque temos a certeza da separação próxima.

Vou todas as noites conversar com ela. Tudo voltou, nesse ponto, ao que era antes do rompimento. A figura do dentista, que me surgia, na imaginação, ao lado da filha, naqueles momentos de maior ternura, deixou de inquietar-me. Não sei se estou curado ou apenas aliviado desse mal. Mas tenho a impressão de que o desfecho da crise foi superior às suas causas aparentes. É que os defeitos dos homens se tornam maiores pelas proporções que lhes dá nossa imaginação. Pensando melhor, em que o vício de Fábio Noronha pode afetar, de modo tão catastrófico, a pessoa de sua filha? Sou levado, pois, a acreditar que seja minha fantasia, trabalhada por todos os acontecimentos que me vêm enchendo o espírito de preocupações, o maior responsável pelo meu julgamento exagerado, a propósito dessa situação.

Essa luta quase ineficaz contra o crime; as frustações de minha vida profissional - frustações, não no sentido material, é necessário insistir, porque nesse ponto não me posso queixar; a impossibilidade de

separar o sentimento, da instituição do casamento, nos termos em que a sociedade o coloca, como um problema seu, mais do que dos noivos - tudo isso, surgindo de uma vez, tumultuariamente, não podia deixar de afetar a minha organização nervosa. Afetou-a, pois, como já vimos. Veio o rompimento. Rompimento que não foi desfechado por mim, mas em que tive grande parcela de participação. Quando duas pessoas se amam, cada uma participa, mais do que pensa, dos atos da outra, ainda que esses atos tenham muito de pessoal e característico de seu autor. Existe como que uma combustão comum, nos dois sistemas nervosos, cujas redes se entrelaçam e confundem.

Tenho sentido muitas vezes que Maria Augusta diz o que eu ia dizer, ou faz o que eu ia pedir que ela fizesse. Do mesmo modo, ela se retrai e se ausenta quando eu também já sentia a necessidade de retrair-me ou ausentar-me. É claro que nem sempre acontece assim. Mas ocorre muitas vezes, o bastante para confirmar a minha impressão. Naturalmente não formulo nenhuma teoria a respeito. Não procuro demonstrar nada. Já bastam as demonstrações e os silogismos armados dentro dos autos, com uma precisão e um rigorismo que por vezes surpreendem a mim mesmo. Ah! Se os juízes pudessem perceber quanto acredito pouco no que digo, ainda quando seja a melhor verdade e a melhor doutrina, creio que perderia todas as minhas causas. Perdê-las-ia, sem nenhuma dúvida, porque o próprio Direito e a própria Justiça me parecem contaminados, quando arrastados, por força da argumentação, para servir ao caso particular de um demandista.

Essa idéia exigiria considerações muito mais amplas do que as que cabem nos limites deste diário. Mas não quero deixar obscura a parte fundamental de meu pensamento. Não é que eu abrace, conscientemente pelo menos, a causa mais ingrata. Pelo contrário, tenho até o privilégio de escolher a melhor situação, pela razão mesma de ser, embora iniciante, o advogado mais procurado da comarca. É verdade que os outros são poucos, apenas um sendo titulado. Esclareço este detalhe para não parecer que me esteja vangloriando de um triunfo prematuro e fora do comum. O certo, porém, é que escolho as questões, tão bem quanto posso. Pois bem, mesmo assim, é necessário, quase sempre, torcer esta ou aquela parte de um dispositivo, de uma doutrina ou de um julgado, pela simples razão, que qualquer pessoa lúcida pode verificar, de que nunca o Direito está inteiramente ao lado de uma das partes.

A digressão foi longa, mas inevitável. Não direi necessária; inevitável é a expressão que cabe.

Devo ser fiel em minhas confissões, embora não me tenha proposto uma tarefa tão completa quanto a do mestre Rousseau, quando diz:

"Tomo uma resolução de que jamais houve exemplo e que não terá imitador. Quero mostrar aos meus semelhantes um homem em toda a verdade de sua natureza, e esse homem sou eu".

Não; se pudesse aspirar a algum elogio, seria pela sinceridade com que agora me esclareço definitivamente: só digo o que posso. É claro que não minto, não disfarço o pensamento, não digo o contrário do que sinto. Mas silencio o que não posso confessar.

Ora bem. Posso afirmar que meus sentimentos em relação à filha do dentista, depois das pazes que vieram como um bálsamo, tomaram caráter um tanto diverso do que tinham antes. E, ainda desta vez, agimos os dois como se nos tivéssemos consertado para uma acão comum. As combinações tácitas ajudam muito. Se tudo fosse necessário estabelecer expressamente, o entendimento seria impossível entre os homens.

Não estou aqui para contar vantagens de amor. Nada mais vulgar do que as conquistas que não mergulham inteiramente no coração. Mas meu amor é hoje metade de minha vida.

Direi, pois, sem mais rebuços, que esse amor tomou agora a sua feição mais violentamente material. Como que a lembrança do rompimento nos deu um aviso da transitoriedade desses momentos de ternura. A natureza tem seus desígnios secretos. Quando voltamos à pessoa amada, depois do perigo de perdê-la, procuramos agarrar-nos a ela com todo o vigor de quem pretende, não apenas reconquistar o tempo perdido, mas segurar o presente, para que não fuja mais. Isto - é natural - quando se trata realmente de sentimentos profundos, e não de aventuras que não mereçam o suspiro de uma recordação.

Nosso amor, portanto - e aí vão todas as letras - é principalmente, no estado em que se encontra, um amor carnal. Não chegou à consumação, é provável mesmo que não chegue. Falta-nos a irreflexão ou o amadurecimento necessário para isso. Por mais contraditório que pareça, são os dois caminhos diferentes que levam ao mesmo destino.

Às vezes, depois de certas concessões, ela parece despertar de um torpor e pergunta:

- Márcio, por que foi que você ficou assim? Terá perdido o respeito, depois que me humilhei e lhe pedi perdão? Você está diferente, depois "daquilo".

"Aquilo" é a acusação contra meu pai, é a carta.

Mas logo ela se esquece da pergunta e se atira a meus braços com maior ardor, como se quisesse penitenciar-se da interpelação. Beija-me então com redobrado carinho e me pede que jure que não hei de abandoná-la nunca.

Há momentos em que me amedronta. Fica possuída de tal excitação que até parece que vai desfalecer em meus braços.

No canto da sala, onde conversamos a sós, tenho a certeza de que ninguém nos ouve nem vê. Mas, apesar disso, sei que na cidade se fala muito mal de nós. Somos o escândalo da terra, o prato para todos os paladares.

O velho Cazuza nunca mais falou no assunto. Pode parecer absurdo, mas está dentro de sua lógica e de sua formação moral. Nesta

altura dos acontecimentos, ele não considera mais possível o casamento. Seria inconcebível, para ele, que um homem digno pudesse estar se aproveitando da moça com quem quisesse casar.

Não sabe ele que a lógica nada entende da natureza e da vida.

Enquanto os outros raciocinam e falam mal de nós, continuamos absorvidos pelo abismo de nossa paixão. E a verdade é que, a não ser em rápidos instantes, nos deixamos levar sem olhar para os lados, como se pudéssemos confiar no impulso que nos arrasta. Como se a natureza fosse incapaz de uma cilada e uma traição.

FEVEREIRO

Sábado, 2

Anda pelo sertão, com a incumbência de prender criminosos, uma volante comandada pelo capitão Aurélio Lima. Parece que é pior do que um grupo de cangaceiros. Onde chega, é surrando o povo, invadindo as casas, desrespeitando as famílias. Já foram expedidos vários telegramas ao Presidente do Estado, reclamando contra esses processos de banditismo, mas nenhuma providência se tomou até agora.

O major Gabriel está descontente. A volante deverá chegar aqui dentro de dois ou três dias, e o bom chefe já teme as suas conseqüências. Dizem que Aurélio Lima conseguiu impressionar o Governo, junto de quem tem costa quente. Não há quem convença o Presidente e o Chefe de Polícia de que essa volante é uma praga, maior do que a dos cangaceiros, pior do que a peste.

Nossa pacata terra - pacata apesar das escaramuças de Paulino Correia - sente-se justamente alarmada e insegura.

Peçamos a Deus que nada aconteça.

Segunda-feira, 4

Chegou a volante. Como era de esperar, já começou a varejar fazendas, dar surras e efetuar prisões. O chefe reclamou, mas não foi atendido. "São ordens do Governo", acrescentou o capitão. Gabriel não se conformou e telegrafou ao Presidente e ao Chefe de Polícia.

Afinal, que pretende a polícia? Prender criminosos - diz o capitão. Prender todos os réus sujeitos a detenção, por força de decisão judicial. Mas, como não tem encontrado esses criminosos, o comandante da força vai, por sua vez, praticando crimes contra pacatos fazendeiros, a fim de que esses desacoitem os supostos bandidos. Sim, digo supostos, porque aqui, pelo menos, não consta que eles existam. Salvo se for Paulino Correia que, embora não tendo prisão decretada contra si, é o mais merecedor das sanções legais.

Vamos ver em que dá tudo isso.

A feira, hoje, terminou cedo. Muita gente, apavorada, voltou para as fazendas sem fazer suas compras.

Quarta-feira, 6

Novas prisões, novos espancamentos. Estão detidas cerca de dez pessoas, inclusive dois fazendeiros. Há um mal-estar generalizado na cidade. A autoridade do chefe está abalada, pois não chega qualquer resposta aos seus telegramas. Já foi enviado outro, exigindo a retirada imediata do capitão Aurélio, com a sua volante.

Quanto a mim, não me vou oferecer a ninguém, mas, se for procurado, requererei "habeas-corpus", pois as prisões são evidentemente ilegais. Requererei, é claro, por um desencargo de consciência e por um dever profissional, pois não acredito no efeito da Justiça contra semelhante situação. Não é que descreia da retidão do juiz. De tudo quanto tenho visto e observado em Adriano Pereira, nada me autoriza a duvidar de sua integridade. O problema não é este. O que eu ponho em dúvida é a eficácia da própria Justiça, mesmo que o bom magistrado venha a conceder qualquer medida em favor dos detidos, que não são, afinal, acusados de coisa nenhuma.

Fico a olhar para os meus instrumentos de trabalho - as armas com que tenho de combater a força e o crime. Livros, papel e pena.

Felizmente - e isso até me tranqüiliza, por mais que pareça, a meus próprios olhos, uma atitude de comodismo ou fantasia - felizmente não fui convidado para nada.

Sexta-feira, 8

Os dois fazendeiros mandaram procurar o Dr. Portela, o velho juiz aposentado e chefe da oposição, para requerer a "soltura". Foi essa a palavra empregada.

Portela é um homem de bem. Espírito um tanto infantil, embora culto. Parece-me mais esforçado que inteligente. Muito mais atirado do que Adriano, manda trabalhos para a "Revista do Foro", onde demonstra sua boa dosagem de erudição. Tem, não direi propriamente bravura moral, mas uma certa inconsciência do perigo. Considera que os outros, como ele, não são capazes de procedimento menos correto. Creio até que jamais se desiludiu, mesmo diante dos desmentidos mais flagrantes à sua boa fé.

Foi esse o herói que aceitou a incumbência de requerer a "soltura" dos prisioneiros sem culpa.

Meu estado de espírito é ao mesmo tempo de alívio e de frustação. Não saberei dizer a mim mesmo o por quê dessa sensação de

alívio. Porventura eu teria medo de requerer "habeas-corpus" contra as violências de Aurélio Lima? É possível que tivesse, mas requereria, mesmo coberto de medo. Sobre este ponto, creio poder depor a respeito de meu caráter. Por maior que seja o receio, ou mesmo o pavor, jamais tenho deixado de praticar o que considero do meu dever. Sou bem filho do velho Cazuza. Mas, por outro lado, sinto-me aliviado, sempre que não surge essa necessidade.

Logo a seguir, porém, por trás desse alívio, volta a insatisfação. Não pelo fato de ter sido confiada a outro a missão de desagravar a sociedade ferida e a glória de afrontar o perigo. Sinto-me traído, neste passo, pela minha própria sensação de tranqüilidade, por ter desejado não intervir nesta luta. Uma espécie de círculo vicioso.

A naturalidade com que o Portela está agindo merece de minha parte uma legenda. Se fosse eu o advogado da causa, toda a minha organização nervosa estaria mobilizada. Cada um dos atos a praticar - a procura de certidões em cartório, a redação do pedido, a entrega da petição ao juiz - cada um desses atos constituiria uma batalha à parte. É provável que, depois de tudo, em virtude mesmo de certa tendência para a especulação, eu viesse a saborear, retrospectivamente, o meu próprio drama. Mas primeiro eu o sofreria, sofreria intensamente. Haveria, depois, de gozar, se assim posso dizer, mas gozar a minha própria dor.

Esse sofrimento, aliás, não se manifesta somente em face do perigo. Quando se trata de outra espécie de demanda, como esta divisão e demarcação em que estou empenhado, e em que tudo me parece promissor, a expectativa do êxito também me enche de apreensões e me arrebata ao mesmo drama, embora com alguns aspectos diferentes. Pago sempre, antecipadamente, em preocupações, o que a vida me oferece de alegria.

O Dr. Portela parece não ser assim, se nos é possível penetrar um milímetro na alma dos outros. Vi a naturalidade - direi quase a indiferença - com que foi ao cartório pedir certidões. Aquilo parece um "habeas-corpus" igual aos outros, um expediente normal, na rotina da vida forense. Aliás, no caso de Paulino Correia, notei-lhe a mesma indiferença. Não indiferença profissional, no sentido de displicência, pois ele cuida com zelo dos casos que lhe são confiados. Quero falar da indiferença emocional.

Ele passou aqui em casa e levou dois livros. O velho gosta de ilustrar seus trabalhos. Tem uma paixão quase carnal pelas citações. Dir-se-ia uma forma diferente de sensualismo. Mais de uma vez, em outras ocasiões, leu para mim arrazoados e artigos doutrinários. Sua expressão é demorada e sem brilho, falando ou escrevendo. Mas notei o fulgor do seu olhar - dois olhos amarelados sobre um rosto pardo - toda vez que arrastava uma boa citação. Era como se valorizasse mais os seus dons de caçador do que o seu merecimento de criador. Tenho conhecido, aliás, outras almas assim. Elas hão de continuar, até a

morte, fiéis às citações. Eis uma sugestão para os ficcionistas - a alma dos citadores.

Sábado, 9

Portela entregou a petição. Adriano, que não esperava por essa maçada, correu à casa do chefe. Foi pedir a este que fizesse Aurélio soltar os presos. Podiam resolver o caso sem essa trabalheira infernal. Gabriel negou-se. Disse que nada pediria ao insolente militar. Ele que dizimasse a cidade, se o entendesse. Estava com cinquenta praças, nada a população podia fazer. Mas ele, Gabriel, não se humilharia a fazer qualquer pedido. Foi o que me disse o chefe, a quem encontrei há pouco.

Diante disso, Adriano despachou a petição e mandou pedir ao capitão as informações de direito. É grande a expectativa da cidade. Alguns comerciantes se sentem sem garantias e pensam em fechar suas casas. Gabriel aconselhou que não o fizessem, pois isso seria um pretexto para a polícia abri-las violentamente e saqueá-las. Está, pois, a cidade em pé de guerra. Uma guerra desigual - pois apenas uma das partes está armada.

Tarde

Fui à casa do Dr. Adriano. Nada tinha a dizer, mas senti-me impelido a manifestar, com a minha presença, solidariedade ao homem que encarna, no momento, a única reação possível à brutalidade e à violência.

Coisa curiosa: Adriano não está dando a menor importância ao caso. Na vaga referência que lhe fez, só aludiu à trabalheira, à maçada de processar aquele "habeas-corpus".

Tinha um livro à mão, o bom juiz. Supus que fosse um código, não era. Era a "Imitação de Cristo". Em certo momento, continuou a ler, como se não estivesse tomando conhecimento de minha presença.

Dona Nana veio até a sala de visitas e reclamou:

- Adriano, o que é isto? O Dr. Márcio vem lhe visitar e você fica lendo esse livro, sem dar atenção ao homem!

A Dona da casa trazia uma bandeja com duas xícaras de café.

- Hem, hem? - disse o magistrado - Oh, Doutor Márcio, desculpe. Estava tão absorvido... desculpe...

Desculpei, bebi o café e saí. Mas ainda ouvi a voz cansada do juiz:

- Que cachorros!

A mim certamente não se dirigia, porque não era eu, desta vez, quem lhe estava dando trabalho.

Domingo, 10

O capitão ainda não respondeu ao ofício do juiz. Dizem que deu esturros dos diabos, ao recebê-lo. Por pouco não prendeu o oficial de justiça. Enquanto isso, uma parte dos soldados, comandada por um sargento, percorre recantos do município, para efetuar novas prisões.

Já se suspeita que essa volante esteja procurando determinada pessoa, algum criminoso importante. Não é possível tanto espalhafato, tanta violência, em busca de criminosos incertos.

Segunda-feira, 11

Encontrei Portela, com seu passinho miúdo e apressado. Disse-me que, expiradas as 72 horas da entrega da petição ao juiz, vai cobrar-lhe o julgamento do pedido. Não sei por que o venerando juiz aposentado me pareceu nesse momento um relógio. Procuro a razão e não a encontro.

Sinto-me inteiramente absorvido pelo caso do "habeas-corpus".

O Chefe de Polícia telegrafou a Gabriel, comunicando que pedira informações ao capitão Aurélio, sobre as queixas apresentadas. Acrescenta que o oficial tem ordens para agir moderadamente, mas de modo enérgico, na captura dos criminosos que infestam o sertão.

Confirmam-se, assim, os rumores de que Gabriel não está nas graças do Presidente. Este não respondeu diretamente à reclamação do chefe político, sendo a resposta do Chefe de Polícia também em nome do Governo.

Dizem que o Presidente prepara-se para romper com o Senador, que o elegeu. Gabriel é fiel ao Senador, e daí o desprestígio em que se encontra, juntamente com outros chefes políticos, solidários com o orientador supremo do partido.

Nossa terra está pagando, assim, na carne e na liberdade de seus cidadãos, por um episódio político que ainda se desenrola nos bastidores.

Eis o sentido mais profundo dessas prisões. Querem desautorar, desmoralizar os chefes mais prestigiosos, fiéis ao Senador.

Enquanto isso, o capitão Aurélio responde ao juiz, em ofício desabusado. Alega que está agindo em nome do Governo e por ordem deste são feitas as prisões.

Nesta altura, Portela perdeu um pouco do seu equilíbrio. Quis ir à casa de Adriano, porém Gabriel não consentiu. Na emergência, estão unidos os dois chefes antagonistas. É possível que Portela não tenha percebido, em toda a sua extensão, a teia política formada por trás das prisões. Mas, que o tivesse. É bastante nobre, no exercício da profissão, para cumprir o seu dever até o fim. Além disso, a cidade é toda ela uma

só indignação contra o vandalismo policial. Uma indignação muda, mas nem por isso menos forte.

Gabriel disse a Portela, que me acaba de reproduzir as suas palavras:

- Não vá à casa do Adriano, compadre. Temos o dever de confiar nele. Vamos aguardar o resultado. Você sabe que ele não age sob a influência de ninguém. Só de seus códigos e seus santos. Vamos esperar.

Eu também o espero, mas sem maior confiança. Principalmente agora que, transferida a responsabilidade das prisões ao Chefe de Polícia, parece também deslocada a competência do feito para o Tribunal de Justiça.

A verdade é que a cidade continua a viver o seu drama.

Terça-feira, 12

Adriano oficiou novamente ao capitão, exigindo que exiba, dentro de três horas, a ordem escrita do Chefe de Polícia, com os nomes dos acusados.

Disse-me Florêncio que o homem está "botando sangue pela boca". E, realmente, apressar-se, para o nosso juiz, é o maior sacrifício da vida. Acrescentou o escrivão que o magistrado já está fazendo um rascunho da sentença. Não conseguiu pescar uma palavra, mas sabe que ele está trabalhando a peça.

Portela, depois do último ofício do juiz, voltou à sua tranqüilidade, ou melhor, à sua rotina.

Como custam a passar estas três horas! Parece que uma já se foi.

Já se começa a recear pela sorte da cidade, se o "habeas-corpus" for concedido. Há quem deseje até a sua denegação. Também me passou pelo pensamento essa idéia, mas logo a repeli.

No meio de tudo isto, sinto novamente um certo alívio. Embora solidário com a consciência unânime de minha terra, na repulsa ao banditismo fardado, não me posso culpar a mim mesmo de ter concorrido, de modo sequer indireto, para aquela situação. Para falar em outros termos, não foi uma intervenção minha, perante a Justiça, que desencadeou aquela tempestade. Também não era possível que tudo acontecesse através de mim, que ofensa fizera a Deus?

Momentos depois

Chegou o velho Cazuza. Soubera da agitação da cidade e entendera que seu dever era ficar do lado dos amigos e do filho. Louvo-lhe o gesto, principalmente nele, que não é dado a brigas.

Parece que trazia a ingênua esperança de dissuadir o militar, a quem conhece desde muitos anos, chegando mesmo a obsequiá-lo certa vez. Mas, logo inteirou-se da situação, desistiu de seu plano. A cidade é um corpo só, uma alma só, unida no mesmo sentimento de revolta silenciosa contra as arbitrariedades do capitão. Por onde ele passou, com os sicários fardados que o acompanham, deixou um rastro de sangue e miséria, sob as vistas complacentes do governo.

Assim é a mentalidade de alguns oficiais de polícia. Como não são capazes de prender os cangaceiros que andam por aí, vingam-se nos cidadãos pacatos e nas cidades indefesas.

Nossa vida, nossa dignidade - tudo quanto possuímos de precioso, está agora depositado nas mãos de Adriano Pereira. Não é possível que se sacrifique, em nome de sutilezas jurídicas e a pretexto de informações capciosas, a liberdade dos cidadãos.

As horas passam. Faltam cinco minutos para expirar o prazo concedido pelo juiz, para as informações solicitadas.

Suspendo a pena, espero pelo relógio. Um minuto... dois... três...

Esgotada a hora.

Não é possível ficar em casa. Vou à casa de Gabriel Soares, onde deve estar o velho Cazuza.

Noite

Somente agora posso narrar o resto dos sucessos do dia.

Quando me preparava, hoje à tarde, para ir à casa do major Gabriel, passou pela minha porta o oficial de justiça. Perguntei o que havia e o homem repondeu, com uma fisionomia que me pareceu de confidência e satisfação:

-Parece que foi negado...

- O que, o "habeas-corpus"?!

O homem perturbou-se e consertou:

- Eu não sei de nada, Doutor, é o que penso, pelo jeito das coisas. Vou chamar o Dr. Portela, a mandado do juiz. Penso que êle que dar uma satisfação ao colega.

Dirigi-me, então, à casa de Gabriel Soares. Lá estavam o velho Cazuza, o vigário, o prefeito, além de outros amigos. Não consigo ver em Gouveia, nestas horas, a figura do médico, e sim a do prefeito.

- O caso já foi julgado - disse-me ele. - O juiz mandou chamar o Dr. Portela, para tomar conhecimento pessoalmente da decisão.

- Já sei que foi negado - respondi com descrença.

- Aqui ninguém sabe de nada - interveio Cazuza Mamede. - Estamos todos aguardando.

Olhei para Gabriel, como se procurasse a última palavra.

- É verdade, Doutor Márcio, não sabemos de nada. O pessoal aqui está desanimado, mas eu confio no Adriano.

Dentro de poucos instantes, passava o Dr. Portela, todo espigadinho, cuspindo em sêco e falando só, rumo à casa do juiz.

Contei então ao gabriel o que me dissera o oficial de justiça.

- Aquilo é uma besta - diz o chefe. - Está acovardado, com medo do capitão Aurélio. Pensa que vai tomar também uma surra, se o "habeas-corpus" for concedido.

Com a conversa e o bom café, o tempo passou depressa.

Poucos minutos depois vòltava o Dr. Portela, com um papel na mão.

- É o alvará - disse o prefeito, que minutos antes era o mais desanimado.

Portela voltava como seguira antes. A mesma fisionomia, os mesmos gestos. pela sua aparência, tanto podia ter sido concedido como negado o "habeas-cospus"

Vendo-se à porta, parou e informou:

- Foi concedido, foi concedido. Já levo aqui o alvará.

Disse e saiu, cuspindo em seco e puxando a barba. Não perguntou mais nada a ninguém, não convidou pessoa alguma para acompanhá-lo. Largou-se sozinho para a cadeia.

Na casa de Gabriel, onde continuáramos conversando, faziam-se as mais diversas conjecturas sobre o desfecho do caso. Entendiam uns que o capitão Aurélio respeitaria imediatamente a ordem do juiz. Outros adiantavam que não, e o município todo podia preparar-se para maiores arbitrariedades.

O chefe era reticente:

- Eu não sei... eu não sei...

Não havia decorrido uma hora, quando o oficial de justiça, tremendo como uma vara verde, trazia ao chefe a sua informação:

- Major Gabriel, o homem está impossível. Rasgou o alvará nas barbas do Dr. Portela, e está lá na cadeia aos berros. Quer ver quém solta os bandidos. Tem é fuzil e baioneta para todo mundo. É o que ele diz.

Gabriel Soares chupou profundamente o seu cachimbo e disse, com certa ironia, para o velho Cazuza:

- Está vendo, compadre, onde você veio se meter? Podia estar lá na Timbaúba, dormindo no seu alpendre.

- Bobagem, compadre, você parece que é quem está com medo.

Com medo, de um certo modo, estava todo mundo: como poderíamos enfrentar uma tropa bem armada, comandada por um irresponsável?

Além do mais, a questão era outra. Não nos cabia, a nós, os particulares, fazer cumprir uma decisão da Justiça. Embora estivesse em causa o destino da cidade, o problema não era nosso. Era do juiz. O mais que podíamos fazer era ficar solidários com ele. Essa reflexão, se acalmava meus nervos, mortificava minha consciência.

A casa do chefe político enchia-se cada vez mais de gente. A cidade estava toda mobilizada, pelo menos em suas emoções.

Não notei qualquer movimento que me autorizasse a crer numa resistência armada, da parte de Gabriel e seus amigos. Eu mesmo sou um desses amigos e não fora informado de nada. parece que Gabriel não tem nem armas.

Saí para a rua. Fui até o comércio, que fica num plano mais alto. Lá em baixo, onde a rua se alarga, fazendo uma espécie de praça, ficam a Cadeia e a Casa da Câmara. Na calçada da Cadeia passeava, arrogante, o capitão Aurélio, lenço encarnado no pescoço e chapéu grande de cangaceiro, arreado para as costas.

Tive então a lembrança de ir à casa do Portela. Afinal, o que eu não podia fazer era ficar parado. Fui.

O velho é um exemplo de polidez e elegância. mesmo ocupado como estava, mandou-me entrar e sentar.

- Já soube do que houve, meu jovem colega? Já soube do que houve?

- Já soube, Doutor, e aqui estou às suas ordens, para o que precisar de mim.

- Muito obrigado - disse o velhinho, sempre cuspindo em seco - muito obrigado. Nesses momentos temos que estar solidários uns com os outros, porque afinal é a própria Justiça que estamos prestigiando. É o Direito, é o Direito.

Não encontrando o que dizer, perguntei ao venerando colega:

- E agora, Doutor, que é.que vai fazer?

- Estou redigindo uma enérgica reclamação ao juiz. Falta-me apenas consultar um livro que não encontrei. E vou telegrafar ao Tribunal, vou telegrafar.

Tive vontade de dizer ao Portela que não perdesse mais tempo em consultas. A reclamação teria de ser rápida, simples, incisiva. Mas não tive coragem de dizer nada. Separava-nos a sua idade, o seu saber.

Despedi-me e saí.

Mal chegava ao meio da rua, vi que um grupo de pessoas se dirigia para a Cadeia. E, à frente, já um pouco distante, ia o juiz Adriano Pereira.

Apressei o passo e me incorporei à "comitiva".

- Adriano parece que vai soltar os homens - disse o prefeito. - Estamos todos solidários com ele; ainda que seja para sermos fuzilados.

Iam quase todas as pessoas que estavam em casa de Gabriel Soares, menos este e Cazuza Mamede. O próprio juiz, ao passar, se opusera:

- Não precisa, compadre, não precisa. É melhor mesmo que não venha ninguém. Vou convencer o homem de que deve obedecer à lei. Ele está cometendo um crime e um pecado.

Era o que me contava o prefeito, reproduzindo as palavras do juiz.

Quando chegamos à calçada da Cadeia, já o juiz estava lá dentro, conversando com o capitão. Em poucos minutos voltavam.

- É inútil. Doutor, é inútil. O seu "habeas-corpus" é ilegal, desde que as prisões são feitas de ordem do Chefe de Polícia, do Governo. Não insista, que eu não solto.

O capitão apertou o nó do lenço que trazia ao pescoço e, olhando para o grupo que estava na calçada, perguntou, irritado:

- E os senhores, o que é que estão fazendo? Isso aqui não é feira nem espetáculo.

- Estão aqui para ser fuzilados pelo senhor - disse Adriano Pereira, com firmeza e tranqüilidade. É só o que falta o senhor fazer nesta terra.

Notei que o capitão perdera um pouco o equilíbrio. Não do equilíbrio físico, mas do todo moral, da própria energia interior.

O juiz não lhe deu tempo a refazer-se. Voltou-se para o carcereiro e disse:

- Carcereiro, solte os homens.

O carcereiro hesitou, o capitão empalideceu.

- Solte os homens! - insistiu Adriano, agora num tom de voz que me pareceu trazer inspirações estranhas.

O carcereiro marchou para a grande porta de ferro do xadrez.

- Se der um passo à frente, arrebento-lhe a cabeça com o fuzil - gritou o capitão, levantando a arma.

Por todos os cantos, soldados preparavam suas carabinas. Era inevitável a hecatombe, se o juiz não recuasse.

Adriano Pereira marchou firme.

Tomou a chave da mão do carcereiro e, fitando o capitão com um olhar que só poderia vir de Deus e dos anjos, foi dizendo:

- Capitão Aurélio, se o senhor tem de arrebentar uma cabeça, não há de ser a do carcereiro. Será a minha. Pode mandar os seus bandidos disparar as armas. Eu vou soltar os homens.

- Doutor , não me obrigue a cometer uma loucura! - bradou o capitão.

Adriano não deu atenção. Virou-lhe as costas e abriu a porta:

- Saiam! Podem sair!

Os presos olhavam espantados e indecisos.

- Se não têm coragem de sair, não são dignos da proteção de Deus e da Justiça.

Sinto não ter força para descrever aquele momento.

A um gesto do capitão, os soldados ergueram as carabinas.

Adriano enterrou a mão no bolso. Todos os olhares estavam fixos nele.

Deu o braço ao preso que estava à frente dos outros. Tirou a mão do bolso, e só então eu vi qual era a sua arma: um enorme rosário de São Francisco.

- Padre nosso, que estais no céu, santificado seja o vosso nome...

Disse e marchou. Os presos o acompanharam. Passaram pelo capitão, passaram pelos soldados.

-... assim na terra, como no céu.

A voz de Jesus Cristo não devia ser diferente.

As armas continuavam suspensas. O capitão, com ar aparvalhado, baixou o seu fuzil. Os soldados, um a um, também foram baixando as carabinas, enquanto o séquito ia longe.

- Ave Maria, cheia de graça...

Quarta-feira, 13

Um acontecimento como o de ontem não comporta comentários. Ele vale por sua própria grandeza, pelo sentido abismal de que se reveste.

Não voltarei, pois, a falar dele. Mas há conseqüências e detalhes que precisam ser mencionados. Do contrário eu não estava sendo fiel a mim mesmo, nestas impressões de minha vida.

Hoje, logo que saí à cidade fui à casa de Gabriel. Não poderia ir à casa de Adriano. Que tinha a dizer ao juiz? Não há palavras de exaltação bastante fortes para um ato cheio de energia e pureza como aquele.

Fui, pois à casa do chefe. E lá estava reservada uma surpresa.

- Sabe que Tourão fugiu da cadeia, Doutor? perguntou o major.

- Quem?! - indaguei, como se tratasse de um assunto ante-diluviano.

- Tourão, homem, o assassino de Honório, a sua testemunha.

Só então voltei à realidade. E vi, num relance, como toda essa história de Caboclos, Tourões, Honórios, passaram no meu espírito para um lugar secundário.

- Não, major - esclareceu o escrivão Florêncio, que estava ao lado - o homem não fugiu propriamente. Ele saiu com os outros, acompanhando a procissão do juiz.

- Será possível que o senhor não tenha visto, Doutor, estando lá na cadeia como estava? - disse Gabriel.

- Não vi nada, major. Eu só vi o juiz transfigurado como se estivesse ouvindo o canto dos anjos.

- Pois vinha, Doutor, vinha também Tourão, por sinal o último. Passou aqui na minha porta, rezando com o juiz e os outros presos.

- E depois? - perguntei sem compreender.

- Depois, o quê? - indagou por sua vez o chefe. Insisti:

- Depois que se dispersaram, para onde foi ele? .

- Ora, quem sabe lá! Na casa do juiz, Adriano disse a todos que fossem em paz para seus lares, não guardassem mágoa do capitão, nem de ninguém. Pedissem a Deus para abrandar o coração do militar e dar-lhe mais juízo.

Gabriel estendeu-me a xícara de café, que acabava de chegar, e perguntou, com a sua ironia, já tão minha conhecida:

- O senhor queria que Tourão desobedesse às ordens do juiz? E acha também que Adriano podia reconhecer o homem naquela hora?

Não achei nada e calei-me. Tourão passara novamente, no meu espírito, para um lugar secundário. Para mim só existia a presença de Adriano.

Noite

Só agora tenho tempo de esclarecer o resto do que me parece de interesse, nestes últimos acontecimentos. O velho Cazuza, já de volta à fazenda, teve necessidade de conversar comigo, e por isso interrompi minha narração.

Contou-me o promotor, achando muita graça, que, quando o juiz já ia longe, com o estranho séquito, o Dr. Portela saía de casa, com o seu requerimento de reclamação. E, ao lhe narrarem a façanha do juiz, soltando ele próprio os presos, Portela comentou:

- Adriano fez isso?! Então enloqueceu, enloqueceu.

Cuspiu em seco, guardou a petição no bolso e voltou para casa, de onde somente sai por necessidades extremas.

Finalmente, fui informado, com segurança, de que o capitão está embalando a tropa para voltar à capital. Diz qua a polícia está desmoralizada pelo ato ilegal do juiz e portanto não se sente com autoridade para prender mais ninguém. Os bandidos que tomem conta do sertão. Que não faltam juízes malucos para soltá-los. Deus o leve, para bem longe daqui.

Sábado, 16

Começam a cair as primeiras chuvas, fortes, carregadas de relâmpagos e trovões.

Na cidade, é enorme o movimento de venda de enxadas e cereais para plantar. Uma grande alegria se estampa na fisionomia de todos.

A vida aqui é assim, gira em torno destes dois polos: seca e inverno. Graças a Deus, desta vez é o lado bom que está dominando.

Quarta-feira, 20

Escurece.

As nuvens já estão entricheiradas na serra, ao nascente.

Momentos depois

Noite fechada. As sombras se esticaram tanto que se juntaram numa sombra única.

Estrelas ameaçadas meditam.

Paro de escrever. Medito com as estrelas ameaçadas.

Depois de algum tempo, não sei quanto

Poderosos nimbos acabam de apagar as estrelas e calar as meditações de seus namorados obscuros.

Reino das trevas. A escuridão mede montanhas e micróbios com uma trena comum.

Só a voz dos cantores noturnos, porque é som e não cor, permanece do seu próprio tamanho.

Novamente me detenho, sem saber por quê, como se aquele encontro da natureza fosse marcado comigo.

Já agora os relâmpagos fazem piruetas no ar. Substituem, e até superam, no céu móvel que desceu, que está bem pertinho de nós, as pobres estrelas destruídas.

Só não fazem meditar. Ah, isso não! É coisa muito alta para a versatilidade de mortais e trêfegos relâmpagos. Eles mal se detêm, para dar lugar aos trovões, que vêm logo atrás, como se as ações precisassem ser acompanhadas das palavras.

Trêfegos, sim. Trêfegos e mortais.

Benditas as estrelas, que não precisam de ressonâncias.

Sábado, 23

O sertão está inundado.

Os trabalhadores até já se queixam desta ostentação da natureza:

- Este ano, não se morre de seca, mas se morre de chuva.

E toda fome é fome, venha de onde vier.

O major Gabriel, ainda há poucos dias, comentava:

- Quanto verde sobrando! Ah, se a gente pudesse guardá-lo para outros anos!

Mas é sempre assim. Aqui, ou se nega tudo ou se dá demais. E as sobras não são nas colheitas, são nas águas, que anulam, pelo excesso, o esfôrço dos homens.

Manhã

Choveu a noite toda. Ainda agora permanece uma neblina hesitante, entrecortada, a espaços, pelos raios do sol. Fica sem saber se deva descer ou desmanchar-se lá por cima.

Quase noite

Um nevoeiro denso e escuro, um enorme barco aéreo, veio-se aproximando lentamente. Soltou uma corda, dez, centenas de tendões escuros, como se fossem cabos encharcados.

Noite

O grande barco está tão ligado à terra que só os relâmpagos conseguem atravesssá-lo.

E chove, chove, na terra e nos corações.

Terça-feira, 26

Sinto que a situação não pode continuar. Ou esta mulher será minha ou enlouqueço. Mas, minha como? Isso está contra a minha formação moral. Seria um escândalo para a sociedade, a ruína do meu nome. Às vezes chego a duvidar da integridade de sua conduta, a pensar que ela é uma leviana, acostumada a fazer dessas concessões aos namorados. Mas não tenho razão, e levo esta dúvida à conta de fraqueza do meu caráter. O homem é assim. Quando o seu amor é correspondido com maior intensidade, quando a mulher se entrega, também por amor - e é esta a única hipótese que merece respeito - ele começa a duvidar.

No meu caso, insisto em que não tenho razão. A conduta dessa moça, em Lagoa, desde que chegou, sempre foi irrepreensível. É o que atesta todo mundo. Mora aqui há cerca de dois anos e nunca se levantou contra ela a mais leve censura. Eu, sim, é que sou apontado como seu corruptor. Ninguém mo diz, mas noto na fisionomia de todos. Sei que os outros rapazes misturam sua condenação com uma parte maior de inveja. No íntimo, acham-me um felizardo que, com o auxílio do título de bacharel, do dinheiro e, portanto, da posição social, estou desfrutando de uma moça bonita e elegante, as mais belas pernas, os mais lindos olhos e os braços mais bem feitos da cidade.

Acrescentam alguns - disso fui informado por indiretas - que levo a vantagem de minha namorada não ter um irmão que a proteja, nem

um pai que saiba cumprir o seu dever. Paciência. Não é possível que até disso me culpem. Não fui eu quem lhe prendeu o irmão na Bahia, nem lhe atirou o pai nos braços do vício.

Deus é testemunha de minhas intenções, já não direi de agora, porque me sinto perturbado e não sei o que quero, mas de minhas intenções primitivas, quando a procurei com todo o calor de minha ternura.

Sei que é difícil explicar-me. Eu mesmo, somente através de alguns flagrantes, consigo por vezes penetrar mais fundo na minha situação psicológica e na minha posição moral. Mas esses instantes de maior clareza são relâmpagos que não perduram. Corro muitas vezes para este caderno, a ver se consigo registrar aquela impressão. É tarde, porém. Se a idéia fica, a expressão falha.

Isto não me exime do dever de insistir, exigindo de minha inteligência - não direi do meu coração, porque este é que precisa ser interpretado - o máximo de esforços, ainda que esses esforços me custem lágrimas. É a dignidade do meu espírito que exige esse jato de luz.

Sempre tive horror à obscuridade, mas, quando não posso removê-la, prefiro deixá-la como se encontra, à espera de um desses momentos caprichosos, que a desfazem como por milagre. É melhor que forçar a penetração de uma luz suspeita e artificial.

Para paz do meu espírito, que só se tranqüiliza com a sinceridade, mesmo para reconhecer as quedas do próprio caráter, repetirei que meu amor agora é violentamente carnal. Que não seja só isso - é desnecessário acrescentar. Não se trata de uma aventura da matéria, embora esta lhe seja agora a feição predominante. É o sentimento, em última análise, nas camadas profundas, que lhe nutre as raízes. Não fora isto e não mereceria, pelo menos para mim, mais de duas linhas para defini-lo ou descrevê-lo. Poderia dizer, se quisesse insisitir no que já me parece bastante claro, neste detalhe, que essas manifestações materiais dos últimos tempos, embora furiosas e absorventes, foram convocadas por forças mais poderosas e delicadas. Em outros termos: todo o meu ser está convocado.

De qualquer modo, a situação é insustentável. O espírito está contrariado e a matéria insatisfeita. Há de aparecer a prática de outras excitações e conheço o sabor de outras aventuras. Seria necessário, porém, uma seráfica simplicidade para confundir com esta de agora aquelas experiências bastardas.

Sentir-me-ia degradado se voltasse a proceder assim. Se saísse dessa união, incompleta mas profunda, para aliviar, em fontes menos puras, a sede da matéria.

E, no entanto, também não posso mais conceber a idéia de casar com Maria Augusta. Não pelo que está acontecendo. Isto, ao contrário, é uma consequência. É que foi abalada, com a crise da carta, a minha

confiança no equilíbrio do seu espírito. Se a ela voltei com maior paixão, também voltei com menor confiança.

Ainda ontem, como ela me dissesse que não iam muito bem as relações de certo casal, bastante conhecido na cidade, perguntei de modo enérgico, quase hostil:

- Quem foi que lhe disse isso?

Ela mencionou a informante e eu insisti:

- Onde foi que ela lhe disse? Quem estava presente?

A moça caiu em pranto:

- Oh, Márcio, você pensa que eu sou uma caluniadora? Quantas vezes quer que eu lhe peça perdão por uma só falta?

O momento era propício para eu lhe pedir que esclarecesse quem dera a informação sobre a conduta do velho Cazuza, lançada na sua carta. Talvez sua resposta nos pudesse salvar definitivamente. Mas minha reação fora muito violenta, e a consciência disto me tirou a coragem de formular a pergunta importante e talvez salvadora.

Procurei consertar minhas palavras. Mas foi pior. Sou um desastrado para isso. Quase sempre minhas desculpas agravam minhas faltas ou me tornam mais culpado perante pessoas a quem pouco ou nada houvera ofendido. Por isso, tenho tomado o propósito de não me desculpar muito. Mesmo porque aqueles, perante quem nos desculpamos, costumam tomar-se de energia e direitos, na proporção da humildade de nossas recusas. É verdade que esses propósitos muitas vezes não prevalecem. Terminamos por nos esquecer e incidir no mesmo erro, desculpando-nos sempre.

O remédio era silenciar. Silenciei.

Só depois de muito tempo, prestes a nos despedirmos, trocamos algumas palavras. Mas essas palavras eram antes atitude de defesa recíproca, instintivo cuidado para não aprofundarmos a crise que renascia.

Não nos beijamos. Seria um gesto demasiadamente convencional, direi mesmo hipócrita, que nenhum de nós merecia.

Por mais violenta que seja a corrente que nos arrasta para rumos incertos, nós somos afinal, um perante o outro, dois namorados sinceros.

Estou cansado. Vou encerrar estas impressões. Não posso fazê-lo, porém, sem repetir a exclamação da moça, que me ficou martelando o espírito: - "Oh, Márcio, você pensa que eu sou uma caluniadora?!"

MARÇO

Terça-feira, 4

Este ano não tomei conhecimento da existência do Carnaval. Fui chamado para requerer um "habeas-corpus" numa cidade vizinha. O

caso era urgente, tive de atender sem demora. Também não ando interessado em carnavais. Já ia escrevendo que basta o carnaval de minha vida; mas a fase é de mau gosto, fica o quase dito por não dito.

Ao regressar, soube que houve fracas exibições pela rua e, na última noite, um baile na Casa da Câmara.

Pelo menos para isso serve o salão do Conselho que se não reúne e do júri que não se realiza.

O "habeas-corpus" de que falei é da competência do Tribunal, e não do juiz, como indicavam as informações primitivas. Preparei tudo e remeti à Egrégia Corte.

Quarta-feira, 5

Minha vida agora é formar projetos para resolver essa situação. E, na impossibilidade de uma solução rápida e definitiva para o caso, tentei um recurso que no momento que me pareceu indicado: ir-me afastando aos poucos.

Só a minha louca fantasia, o desconhecimento de minha própria natureza, poderia levar-me a esses expedientes inócuos.

É verdade que antes ensaiei processos mais astuciosos. Mas, ao tentar mencioná-los aqui, recuei.

Quem tiver dúvida, experimente e verá. Sempre que alguém quiser praticar um ato cuja dignidade ou sensatez lhe pareça duvidosa, tome da pena e escreva. Se não estiver ainda inteiramente corrompido, hesitará ao registrar o procedimento insensato e tremerá ao anotar a ação indigna.

Pois bem, foi precisamente esse processo de verificação que excluiu inúmeras fórmulas, truques os mais diversos - inclusive uma viagem ao Recife - no sentido de afastar-me de Maria Augusta.

A última solução encontrada foi essa de que falei, ao começar as anotações de hoje: ir-me afastando aos poucos.

Ora, aconteceu o que eu menos esperava. Cada vez que voltava à presença dela, depois de haver espaçado a visita, tinha de desmanchar-me em explicações e mentiras, sentia necessidade de justificar-me. É que me faltava coragem bastante para permanecer firme na situação que me traçara, e deixar que Maria Augusta se fosse desiludindo por si mesma.

Depois de algum tempo, verifiquei que essas longas explicações, insinceras nas primeiras palavras, iam ganhando calor e veemência, à proporção que eu mesmo sentia necessidade de convencer a minha amada. De modo que havia no meu espírito e na minha conduta dois campos de batalha nitidamente distintos. Em um deles, eu me batia pelo plano que me traçara, e realmente empregava toda a astúcia, todos os recursos a meu alcance, para sair daquela situação, afastando-me da moça paulatinamente. Mas, quando me encontrava diante dela, depois

daquelas ausências mais prolongadas, o que eu procurava, com os esclarecimentos mentirosos, a princípio, e com a defesa apaixonada, logo depois, era recomquistar o terreno perdido. Era beijá-la e amá-la, o mais que pudesse. Nesses momentos, então, eu procurava iludir a mim mesmo, dizendo-me que era necessário proceder assim, para maior êxito da campanha, mas que, em verdade, eu estava era do outro lado.

Essa situação foi-se prolongando, até que me surpreendi fazendo a mesma confissão de fidelidade ao partido contrário, ao outro Paulo Márcio, que amava sem freios e se entregava inteiramente à ternura de sua amada.

Confesso lealmente que não foi necessária nenhuma ação consciente, nenhuma deliberação da vontade para pôr termo a esse falso expediente, destinado a resolver a minha situação.

De tal modo um dos territórios se foi alargando, conquistando o outro, que meu único trabalho consistiu em verificar que esse outro era apenas um cenário de papel.

Desmoralizada, a farsa morreu, por si mesma.

Que poderia ela valer, diante da realidade de carne e osso, que estava do outro lado?

Compreendo agora que esses recursos dão resultado apenas quando a chama do amor está morta, e o que se procura é uma saída mais cômoda ou menos chocante. Quando, porém, o nosso coração arde na fogueira, só há uma alternativa: deixá-lo sucumbir ou arrancá-lo de uma vez.

Vou recorrer a inspirações mais sensatas, para sair-me disto. Planos não me faltam, o que me falta é coragem.

Às vezes também noto que o amor, quando não se sente bastante forte, toma cavilosamente a forma da compaixão. Expedientes do amor, que os tem em quantidade.

Sábado, 8

Estamos com alguns dias de verão.

Era necessário, para segurança do esforço humano e para sobrevivência dos rebanhos, que o sol recobrasse o seu prestígio. Do contrário, nem a pastagem se salvaria. A terra até parecia decidida a entregar-se, a dissolver-se.

O rio também se acalmou, descendo dos altos e das árvores, brincando com as pedras redondas, lavando as areias morenas.

Fui vê-lo, mais uma vez. É assim que gosto dele.

Ainda ontem, fiquei a mirá-lo muito tempo. Corria devagarinho, levantando escamas líquidas na pedra miúda, como se fosse um grande peixe na desova.

Domingo, 9

Continuam falhando todos os meus projetos de afastar-me de Maria Augusta.

São projetos formulados pela inteligência, sem audiência do coração. Este, não consultado, sente-se desobrigado; aquela, decidinho sozinha, permanece sem forças para executar as suas deliberações. E, desse modo, a tempestade continua.

Poderia escrever aqui, com toda a força de minha convicção, que é inútil essa insistência do sentimento, poque definitivamente não casarei com a filha do dentista. Mas afinal, que valor têm tido as minhas afirmações, os meus propósitos, os meus murros na mesa?

Repito: o coração nada resolveu. Quem tem forças para resolver por ele?

Nem adianta resolver. Todos os meus atos, neste assunto, tem dado resultado contrário às minhas resoluções.

Como já tive oportunidade de anotar, a última tentativa fora no sentido de ir-me esquivando, esquivando, até conseguir o afastamento definitivo. Isso não deu resultado, redundando numa farça involuntária, o que é pior.

É que esqueci que o amor é uma dança a dois. Todos os nossos passos tendem a despertar, em nosso par, os passos correspondentes, embora de certo modo contrários, para a própria harmonia dos movimentos. Quando um dos dois erra, se o outro não tiver bastante perícia, já se sabe o resultado qual é. No mínimo, pisa-se o parceiro. E então, ou se pede desculpa e se continua, ou se desiste de vez.

Desatento a isso, forcei movimentos unilaterais, pisei, pedi desculpas e... continuei. Continuei e continuo.

Julguei necessário este adminículo ao que havia dito antes, sobre os meus frustados designios de separação.

Segunda-feria, 10

Já se reclama contra o prolongamento da estiada. Se não chover logo, tudo estará perdido. Mas chove. Está fazendo um calor característico, próprio das vésperas de chuva. O sol desmancha-se em borboletas.

Quinta-feira, 13

Voltaram as chuvas.

O inverno está firme. Parece até que vai passar da conta.

As nuvens levam o dia passeando, espiando, como se escolhessem terreno para cair. À noite, despejam o que tem.

Às vezes, já madrugada, ainda riscam fósforos no firmamento, para ver se existem lugares a molhar. Não existem. Mas as chuvas caem sempre, porque não têm onde ficar. Lá em cima é que não se agüentam mais.

O rio não cabe mais água. Troncos de oiticica, de mulungu, de aroeira, sobrenadam a correnteza, prendendo-se aqui, partindo-se adiante, com medo de seguirem para o mar. Quando não conseguem ficar pelo caminho, chegam aos pedaços. Sacrificam-se, assim, à terra de suas raízes, já que a ninguém podem dar mais a sua sombra.

Domingo, 16

Maria Augusta gosta de insistir em certas idéias e perguntas.

Ainda há poucos dias, diante de minhas manifestações mais fortes de ternura, ela parou, como viajante que pretendesse desandar o caminho, e perguntou:

- Diga, Márcio, não é verdade que depois "daquilo" voce perdeu o respeito que me tinha?

Respondi que não, que deixasse de tolices. Mas a sua reação continuou. E pareceu-me de tal modo decidida, que me recolhi ao meu canto, humilhado e abatido.

Grande, entretanto, é a minha surpresa, ao verificar que ela mesma retoma a iniciativa, segurando-me as mãos e dizendo com mágoa:

- Eu sei que você não gosta mais de mim. Eu sei. Se gostasse, não se incomodava com essas coisas que eu digo. Você não sabe que eu sou maluca?

E, atirando-se a meus braços, beija-me com ardor.

- Diga, diga que não gosta mais de mim! Por que voce nunca tem coragem de dizer a verdade?

Eu estava evidentemente sem jeito. O imprevisto de sua ação me arrebatara qualquer energia.

Ela ficou nervosa. Achou que era uma infeliz, só merecia morrer.

E, logo depois convida-me, baixinho:

- Márcio, vamos morrer nós dois juntos?

- Você está louca!

Agora eram lágrimas que corriam e lavavam tudo.

- Eu sei, Márcio, que você não vai morrer comigo. Você não tem obrigação de morrer por mim. O que é que voce me deve? Nada. Eu sei disso.

No dia seguinte, não me apareceu. Deixou uma desculpa com Dona Eulália: estava com muita dor de dente. Voltei para casa, de certo modo aliviado e satisfeito. Não se haviam passado 15 minutos quando recebi este bilhete:

"Venha urgente. Tenho muito o que lhe dizer. Ou o vejo hoje ou morro. Sua infeliz

M.A.

Fui. Abraçou-me com um vigor nunca visto. Tinha muito o que dizer, mas não disse nada. Trazia na boca um cheiro de remédio ou álcool, que bochechara para aliviar o dente.

Conversamos pouco, porque o tempo foi curto para suas efusões. digo suas efusões, porque realmente, naquela noite, eu ainda estava pertubado e confuso. E não é só por isso. Devo explicar melhor a minha natureza. Eu não gosto que a mulher tome a iniciativa. Isso provoca de minha parte uma inibição invencível.

Sou forçado a fazer uma nova comparação com um baile. Não a procuro, ela é que se apresenta e se impõe. É como se eu estivesse num baile e, em lugar de convidar a dama para dançar, esta me tirasse e saisse arrastando-me pelo meio do salão. Assim estava eu, naquele momento.

Mas, minutos depois, como lhe suspeitasse intenção de desistir, abracei-a com energia. Foi ela então que me deteve:

- Escute, Márcio, se eu lhe pedir uma coisa, você faz?

- Faço, se... se for possível.

- Ora, quem diz assim não quer fazer.

- Eu quero, mas não sei o que é. Você às vezes tem umas idéias muito extravagantes.

- Não tenha medo, que eu não vou lhe pedir para morrer comigo, nem nenhuma coisa impossível.

Eu já estava impaciente, não só pela conversa incômoda, como pelo cheiro de remédio na boca. Por isso insisti:

- Deixe dessas coisas. diga logo o que quer pedir.

- Voce jura que faz?

- Ora, que adianta jurar?

- Não jura porque não quer cumprir. Porque não confia em mim. Não confia mais em mim para nada.

Terminou não dizendo o que era, por mais que eu insisitisse. Já era eu quem estava interessado no mistério do seu pedido.

Vejo, assim, que a moça atravessa uma crise nervosa, que não sei nem tentarei definir agora.

Prestes a retirar-me, ela disse:

- Márcio, eu vou lhe pedir agora uma coisa mais simples. Eu me sentiria muito feliz se voce confiasse em mim, ao menos uma vez, e jurasse sem saber o que era.

- Juro - disse eu, não sei bem se para sair daquele jogo desagradável ou se pela curiosidade de conhecer uma parte, pelo menos, do seu problema. Ela então falou;

- Olhe, Márcio, nós vamos embora daqui. Esta situação não pode continuar. Meu pai vai procurar uns parentes que ele tem no Ceará.

Pode ser que lá consiga fazer alguma coisa. É horrível, para mamãe, essa viagem. Mas não há jeito.

Notei que seus olhos estavam vermelhos, mas ela não chorou. Eu quis falar, ela não consentiu:

- Espere. Deixe que eu fale. Você jurou me atender. Pois o meu pedido é somente este: você não me abanDonar, enquanto eu estiver aqui. Eu não posso suportar a vergonha. Eu vou embora, como se tudo entre nós estivesse bem. Depois, com o tempo e a ausência, ninguém se lembrará mais de mim. Nem você mesmo.

Confesso que me esforcei para esconder a comoção. Não estou aqui para contar vantagens, para me engrandecer. Foi com esforço que não chorei, não solucei como um menino.

Jurei mais do que ela me pediu. Jurei que não a abanDonaria, nem enquanto ela estivesse aqui, nem nunca mais.

Desta vez, de tal modo nos abanDonamos, que ela só não foi inteiramente minha porque ouvimos a voz calma de Dona Eulália:

- Maria Augusta! Venha cá, minha filha.

Fiquei com as minhas conjeturas e meu desapontamento. Será que Dona Eulália vira qualquer coisa, ou pressentira tudo, na sua intuição materna? Será que ela velava, aguardando aquele momento abismal?

Não sei bem que tempo levei nessas meditações. Sei apenas que, quando Maria Augusta voltou, o perigo havia passado. A situação não fôra criada por mim. Uma vez interrompida, o melhor de meu equilíbrio e de minha formação moral passou a atuar, evitando as conseqüências derradeiras.

Estava, repito, pelo menos naquela noite, debelado o perigo.

Maria Augusta explicou que a mãe sentia dôres numa perna, precisara de um comprimido e uma fricção.

Qualquer explicação me serve, porque o chamado me salvou do despenhadeiro.

Mas, naquele momento, ficamos desconfiados. Cada um mais desconfiado.

Pelo que ia acontecendo, ou pelo que deixou de acontecer?

Quinta-feira, 27

Tive a necessidade de visitar um vilarejo próximo. Ali o inverno ainda está mais pesado que em Lagoa. Edificado numa região murada de serras, com vegetação abundante a cobrir léguas e léguas de terra, tudo nesse pequeno povoado aumenta os efeitos das águas.

A serra que fica mais próximo, erguendo-se sobre o rio, como se brotasse de dentro dele, passa todo o inverno arremedando os trovões. Cada estrondo vale por dois. Às vêzes, quando a trovoada é contínua, ninguém distingue de seus próprios ecos os trovões verdadeiros.

Felizmente não tive necessidade de atravessar o rio, que fica além da povoação, e pude voltar à cidade sem maiores obstáculos.

Domingo, 30

Faz novo verão.

Começaram ontem as santas missões. O pregador é um frade simples e de pé na alpercata, de fala um tanto difícil, pelo carregado sotaque alemão. Talvez por falta de maior domínio de nossa língua, diz as coisas com certa rudeza que surpreende. Não fôsse ele que falasse, e até se poderia julgar uma irreverência. Assim é que ontem, por mais de uma vez, referiu-se à "barriga de Nossa Senhora crescendo", "Nossa Senhora buchada de muitos meses", etc.

Não são muitos os frades que têm andado nestas paragens, e por isso o povo não se cansa de admirar a sua batina de cor diferente, o longo cordão de São Francisco, as alpercatas e o rosário. Esse missionário tem vencido longas distâncias no sertão, às vêzes num burrico emprestado, outras vêzes até a pé.

A matriz de Lagoa é pequena para abrigar os fiéis que afluem de todos os recantos do município e até de municípios vizinhos. Por isso foi armado um púlpito no meio da rua, no patamar da igreja nova.

A pregação iniciou-se às cinco da tarde, mas, logo depois de meio dia, já se notava desusado movimento na cidade. Os fiéis trazem ramos verdes, velas e imagens, todos esses pequenos símbolos que ajudam a fé a viver.

A pedido de Maria Augusta, levei-a a ouvir o frade. Levei também o estudante Cláudio, que a princípio relutou, mas terminou cedendo.

O rapaz é discutidor. Quando o convidei, ele foi logo dizendo que não tinha tempo a perder, que aquilo não valia nada.

- Que ateísmo é esse, seu Cláudio, que não resiste a um sermão?

- Resiste a mil sermões - retrucou ele - mas é que não estou disposto a ouvir mentiras, sem o direito de refutá-las. Se ao menos pudesse discutir ali mesmo, na vista de todo mundo...

- Pois vamos; depois do sermão você discutirá comigo as idéias do frade.

- Eu sei que o senhor está com ironia, seu Doutor, mas vou em atenção à sua pessoa.

ABRIL

Terça-feira, 1

Continuam animadas as missões. Cada dia é maior o ajuntamento.

Maria Augusta mostra-se realmente interessada nos sermões e diz que vai confessar-se. Insiste para que eu faça o mesmo. Não o farei. Ando numa de minhas crises de fé e, nesse estado, não é possível uma confissão. Mas estou gostando da piedade da moça. Quem sabe se isso não nos pode ajudar muito em nosso sofrimento.

Também tenho apreciado o pregador. O sotaque dá uma certa graça à sua voz. A dificuldade com que procura dominar, embora sem maior êxito, o nosso idioma, ao lado da ingenuidade de certas concepções, traz um encanto especial aos seus sermões. Ouvi dizer hoje, não sei se é verdade, que o vigário velho pediu ao pregador que não usasse certas expressões, como aquela de "barriga crescendo" e outras, em relação a Nossa Senhora. Acredito que seja verdade, porque na pregação de ontem saiu uma palavra horrível, com Santa Maria Madalena. Saiu mesmo uma palavra feia, e muita gente torceu a cara.

Quarta-feira, 2

Não posso deixar de relatar um caso interessante, ocorrido ontem, nas missões. Ficamos, Maria Augusta e eu, numa espécie de travessa existente entre a matriz e a casa paroquial. Havia ali muitas outras pessoas. Embora não pudesse ver o pregador, ouvia-se perfeitamente o que ele dizia.

Eu estava apreciando o esmero com que pessoas simples do campo se vestiam, para mostrar a Deus, ao lado de uma alma, também um corpo limpo e novo. Nisso ouvi uma voz, na porta lateral da igreja, mais dentro desta do que fora. A voz não me era estranha. Era uma conversa baixa, baixa e miúda, misteriosa como os assuntos do sexo. Procurei aproximar-me e ouvi:

- Pois é, minha filha, isso só pode ser espinhela caída.

E vi a mulher, que outra não era senão a nossa Pacatonha, retirar do bolso um cordão e medir os braços e o torax da companheira.

- Eu não disse?! Espinhela caída, sem tirar nem botar. Se não se tratar depressinha, não tira o fim do ano.

A moça assustou-se:

- Por quanto tira, sinhá Maria?

- Baratinho, minha filha, basta me dar dois mil réis.

- Oh, sinhá Maria, onde eu vou arranjar dois mil réis? Só se furtar. O jeito que tem é morrer assim mesmo.

- Oh, minha filha, não diga uma coisa desta. Também não se vai deixar um cristão morrer a míngua. Isso não. Quanto é que pode dar?

- Não, sinhá Maria, eu não posso, não tenho o dinheiro. A senhora pede dois mil réis, eu também não vou oferecer uma micharia.

- Quanto dá minha filha? - insistiu a velha, já impaciente. - Não se apouque. Diga quanto pode dar.

- Só posso dar um cruzado, e com sacrifício. Mas não me deixe morrer, sinhá Maria.

- Está bom, menina. Não hei de deixar um cristão morrer à míngua.

Notei que além de mim, mais duas ou três pessoas presenciavam a cena. Um velho alto e de cavanhaque quis intervir, certamente para enxotar a velha. Mas eu o detive. Era bom ver em que dava aquilo.

Foi então que a Pacatonha começou a sua cerimônia. Estirou horizontalmente as mãos sujas de veias e de fumo fêz uma cruz no rastro da moça, enquanto proferia baixinho as palavras sacramentais. Executou mais alguns gestos complicados, que não sei bem descrever. E depois voltou-se para a doente:

- Está curadinha, minha filha. Agora é só tomar cuidado para não deixar lhe botarem mau olhado. Não faça extravagância, nem coma carne nas sexta-feiras.

Ia Pacatonha recolhendo a moeda de cruzado que a cliente lhe estendia, quando o velho alto de cavanhaque não se conteve:

- Você fazendo bruxaria na porta da igreja, velha safada! Feiticeira sem-vergonha!

A velha rodopiou, procurou apoio no ar, mas terminou caindo, aparentemente sem sentidos. Uma mulher ao lado, certamente mãe ou companheira da moça da espinhela caída, conseguiu amparar a bruxa, se é que esta mesma não procurou cair exatamente por cima da outra. Não sei dizer bem, mas o gesto me pareceu equívoco.

Tive vontade de intervir de modo mais decisivo, dizer ao velho que aquela era uma pessoa de minha casa e eu não permitia que a molestassem. Mas o velho parecia furioso, ferido nos seus sentimentos religiosos.

Tive medo ou vergonha, não sei bem. o que sei é que não disse nada.

- Acuda comadre! Acuda que tem uma pessoa com um passamento - falou a mulher em quem Pacatonha se apoiara. - Tu tem alho aí?

A outra tinha. Tirou do bolso um lenço enorme, assim da cor de terra, desatou uma das pontas e tirou um dente de alho. Depressa o machucou e levou a boca da curandeira.

Foi então que revi a mesma Pacatonha da cena do juramento, que quase nos matou, a mim e ao estudante, de tanta gargalhada. A velha, embora se fingindo de desacordada, abria cautelosamente um dos olhos e apreciava o movimento.

O velho de cavanhaque, que não conhecia Pacatonha, já agora se mostrava nervoso. Seria o diabo para ele - pensou, certamente - causar a morte de uma pessoa, no meio de uma pregação. Tirou do bolso o corrimboque, e meteu nas ventas de pacatonha um bocado de torrado.

A velha estremeceu, tossiu, cuspiu e levantou-se.

- Falso testemunho! Falso testemunho! - exclamou. - Eu estava fazendo uma caridade. mas Deus é grande e está vendo tudo. Nunca ouvi dizer que reza fosse feitiço.

Abaixou-se para apanhar qualquer coisa no chão. Só então eu vi que era a moeda de cruzado.

Fêz uma careta para o velho de cavanhaque e largou-se para casa, enquanto o velho dizia:

- Vai-te, peste do diabo. Pensei que tinha morrido. Mas vaso ruim não se quebra.

Voltei-me para o pregador. Maria Augusta não tirava os olhos dele. E o bom frade dizia:

- Não julgarás, para não seres julgado...

Sábado, 5

As missões encerrar-se-ão amanhã. Tenho ido sempre. Aquilo já se tornou de certo modo um hábito. Quando se aproxima a hora, sinto-me naturalmente arrastado, como se nunca tivesse outra coisa senão assistir a pregações.

Maria Agusta continua insistindo para que me confesse. Será piedade o que realmente sente essa moça, meu Deus? Hoje ela chegou a parar em frente de minha casa. Chamou-me à janela e conversou alguns minutos. O assunto era o mesmo: pedido para que me confessasse. O estudante estava comigo.

Não sei se me enganei, mas me pareceu não haver muita simpatia entre ele e minha amada. Vou observar isso.

Segunda-feira, 7

Está escrito, na lei do meu destino, que não terei alegria completa nesta terra. Deus é testemunha de como meu coração se abriu para acolher as pregações do frade de fala arrevezada. Até os defeitos de sua pronúncia tinham para mim um encanto especial. O alvoroço das ruas, os casamentos mais imprevistos, de amancebados crônicos da terra, a piedade ou o interesse de Maria Augusta pelas missões, tudo isso estava constituindo uma festa para o meu espírito. Durante o dia todo, até a hora de rumar para a igreja, podia entregar-me ao trabalho com disposição. Deixei em dia alguns feitos atrasados. É verdade que me não dispusera a confessar-me, mas, ainda aí, vai uma prova de meu respeito à religião. Não podia ir à mesa da comunhão em crise de fé. Crise que eu próprio tenho procurado combater de boa vontade, mas ainda persiste em alguns pontos.

Nada disso, porém, me valeu. Eu haveria de sofrer também por isso. Tudo quanto acontece nesta terra, desde que aqui cheguei, tem

seu reflexo sobre mim. Enquanto não me atinge, não me fere e maltrata, não está encerrado. Um dos capítulos, e o mais cruel, é sempre o meu.

Se desejo exercer minha profissão, porque para isso me formei e a isso a lei autoriza, sou apontado como um homem sem coração, que exige trabalho de um juiz doente, incapaz de sustentar o peso de serviços da comarca. Se procuro defender as terras de meu pai, contra as investidas de um usurpardor atrevido, daí resulta uma tentativa de morte. Se promovo uma ação, logo o constituinte arranja um acordo, sem me consultar. Se aceito procuração para processar um estrupador, esse esturpador recorre ao homicídio e elimina a testemunha veraz e inocente. Por que, meu Deus, desabam sobre mim tantas tormentas? Será porque não vos engano, não fecho os olhos a minhas próprias dúvidas e não comungo assim mesmo, carregado de incertezas?

Não sei; nem quero entregar-me a estas lamentações. São momentos de fraqueza, de que devo refazer-me. Não desejo comover ninguém, nem a mim mesmo, à parte neutra do meu espírito. Mas a verdade é que nem a razão nem o sentimento me explicam nada.

Também não sei se existe o destino. Para mim, pelo menos, está existindo.

Vou deixar para mais tarde a narração do que ocorreu ontem. Quero falar de espírito mais sereno.

Noite

Estávamos, pois, no último dia de pregação. Já era evidente o cansaço do povo, principalmente das pessoas que vinham de longe, do interior das fazendas e até de outros municípios. Todos cansados, mas ao mesmo tempo com saudades, com pena de que aquilo acabasse.

Cláudio Maia seria a causa do meu primeiro aborrecimento do dia.

Assim é que, estando a ler na mesa que reservei para ele, e vendo que eu me preparava para sair, largou o livro e perguntou:

- O senhor já vai para aquela pinóia?

- Vou às missões, e você também vai comigo. Eu sei que você já está convertido. O mais é conversa sua.

- Estou convertido, pois não, Dr. Paulo Márcio da Silva Lima. Estou convertido e vou me confessar.

- E que vai dizer ao padre?

- Vou dizer que perdi minha namorada no segundo dia das missões e não consegui mais encontrá-la. Ele, como enviado de Deus, certamente sabe onde ela está.

- Menino pedante! Estou que não tolero mais essas suas atitudes ridículas.

- Doutor - retrucou ele, perturbado - não me faça perder o respeito que o senhor me merece.

- Pois perca!

- Perco?
- Já disse.
- É melhor ser pedante do que hipócrita.
Não me contive. Abri a porta e gritei:
- Fora daqui, seu atrevido.
Ele não disse mais nada. Baixou a cabeça e saiu.
Uma explosão imprevisível sem lógica, sem razão, de parte a parte.

Bem se pode imaginar como o incidente me magoou. Eu já tinha por esse rapaz uma grande estima, apesar de conhecê-lo relativamente de pouco tempo. Mas, desde os primeiros encontros, notei que ele também se afeiçoara a mim. Além disso, tem grande amor aos estudos. Luta com dificuladades para se instruir e tirar um curso. Eu já sentia satisfação em encaminhá-lo, pois decididamente quer ser advogado. É pena que ele tenha essa mania boba de discutir religião. Toda pequena cidade tem os seus discutores "oficiais", de religião, português, política internacional, etc. Só errei em tratar esse rapaz propriamente como amigo, e não como criança que ainda é. Estava muito moço para ser o amigo de que eu necessitava.

Logo depois da discussão, corri para casa de Maria Augusta. Já estava quase na hora de seguirmos para as missões. Mas, o que eu queria, antes de tudo, era desabafar, encontrar um meio de me aliviar daquele peso. Tive até vontade de mandar chamar o rapaz. Mas isso também era demais. De qualquer modo, poucos minutos do incidente, eu já reconhecia que me excedera. Pois já não assisitira tantas vêzes àquelas mesmas heresias, àquelas exibições sem maiores conseqüências? E, naquele momento mesmo, não fora eu que provocara, que puxara o assunto?

Foi com estas considerações íntimas que saí para a casa do dentista.

Maria Augusta demorou a sair; eu já estava impaciente. Tudo que falei lá para dentro:
- Venha logo, que tenho muito o que conversar.
A moça apressou-se, eu lhe contei tudo.
- Aquele sujeitinho nunca me entrou - disse ela.
- Você já devia ter notado isso há mais tempo.
- Confesso que nunca notei antes. Somente ontem vi que você o olhava com certa antipatia, ou mesmo com desprezo. Mas, como vivo a me enganar nas minhas impressões, não dei maior importância.

Ora, a conversa de Maria Augusta, em lugar de ajudar-me a resolver a situação, veio complicá-la mais.
- Vamos saindo que está na hora. Já tocou a última chamada.
- Vamos, Maria. Mas eu queria que você me explicasse isso direito. Por que não gosta de Cláudio? Ele lhe fêz alguma coisa?
- Não, não me fêz nada, mas não me entra na natureza. É só isso.
Fêz um gesto de quem queria prosseguir, mas calou-se.

- Diga - insisti eu.

- Meu coração sempre me dizia que ele havia de fazer uma comigo ou com você. Foi mais cedo do que eu esperava. Mas foi melhor assim.

Não adiantava discutir. Não discuti.

A prédica, por ser a última, constituiu uma espécie de despedida, com os conselhos do estilo. O pregador elogiou a terra, o espírito católico de seus habitantes. "Mas - prosseguiu ele, - lamento não sair de Lagoa com coração pleno de alegria. Aqui mesmo existem coisas que desagradam o coração de Nosso Senhor. Já começa a lassidão dos costumes, o sinal dos tempos".

Fêz algumas referências vagas, pelo menos para mim que, aqui vivendo, é como se não vivesse. Nunca me interessei muito pela vida dos outros. Não é por atitude forçada de superioridade. É até por um defeito de minha constituição, que tantas vêzes me causa prejuízo. Sou um desatento, isso é que é. Mas o frade já estava dizendo coisas que comecei a compreender, como se saíssem da treva lentamente, através de uma luz que se acendesse aos pouquinhos.

Ele foi falando: "Mas não é só esse o sinal dos tempos. Também já estava penetrando o costume de moças andarem sozinhas na rua com rapazes, de irem à casa dos namorados e conversarem na janela. E há coisas piores. Eles não respeitam nem os lugares sagrados, os atos religiosos. Tudo isso é o inferno, meus irmãos, é a perdição das almas".

Peguei na mão de Maria Augusta. Estava fria, porém firme.

Olhei para os lados, todas as vistas se voltavam para mim.

Poucas vêzes na vida me senti tão perturbado.

- Vamos embora - consegui balbuciar.

- Não, agora temos de ficar até o fim - respondeu Maria Augusta, com energia.

Confesso que nessa hora comecei a rezar . Foi a única solução que se apresentou ao meu espírito. Eu não via mais nada. Maria Augusta apertava minha mão com o vigor, como se quisesse esmagá-la, como se descontasse em mim a raiva que tinha do frade.

Não sei quanto tempo levamos assim, nem o resto do que disse o missionário. Sei apenas que assistimos a tudo, até o fim, de mãos dadas, indiferentes ao escândalo que provocávamos. E senti também que, a partir daquele momento, Maria Augusta era minha, irremediavelmente minha.

Somente em casa ela desabafou. Foi lá dentro, demorou-se alguns instantes e, ao voltar, bradou:

- Eu não disse que aquele sujeitinho não prestava?!

- Quem, Maria Augusta? Não sei a quem você se refere.

- Porque você é inocente, Márcio, você não presta atenção a nada. Não sei como se lembra de comer. Quem havia de ser, senão aquele sujeito ordinário?!

- Ah, sim o estudante! Mas você acha que ele tem culpa disso, Maria?

- Só você não acha. Pois não está claro que o miserável foi fazer encrenca, logo que saiu de sua casa? Quem era que ia dizer ao frade que eu estive na sua janela ontem? Quem era? Somente ele, que era quem estava lá. Eu sabia. Só não pensava que fosse tão cedo.

Passei a mão na cabeça, que me doía horrivelmente. Maria Augusta continuava falando, falando. Em certo momento virou-se para mim e disse:

- Eu não queria lhe dizer, mas agora digo: aquele desgraçado é seu inimigo há muito tempo. É um aliado do Caboclo contra você e seu pai.

Olhei para ela. As veias do pescoço estavam grossas como se fossem sopradas pela força de uma tempestade. Os olhos, as faces, tudo escaldava.

- Maria Augusta, pelo amor de Deus não fique assim. Raiva também mata.

- É um traidor, um miserável. Eu sei de tudo, mas não digo mais nada. Sei que você não acredita em mim. Desde aquele dia que você não acredita mais em mim

Dona Eulália, que abrira silenciosamente a porta da alcova, interveio:

- Minha filha, o que foi isso? Não se exalte assim. Isso faz mal à sua saúde.

- Foi aquele infeliz - respondeu a filha - Foi o desgraçado daquele estudante, que foi contar histórias ao frade, para ele nos acusar, nos desmoralizar na vista de todo mundo. Ah, miserável, tu hás de me pagar! Ou aqui ou no inferno, mas tu me pagas, infeliz!

E assim continuou, por algum tempo, já agora levando a mão ao queixo e queixando-se do dente. Depois, foi-se acalmando. Então consegui resumir para Dona Eulália o que se passara. A velha, sempre aconselhando, disse afinal, quando eu me despedia:

- Mas é preciso ter calma, ver direito como as coisas se deram. Não convém fazer juízo temerário. Eu já estou muito calejada da vida. Sei essas coisas como são.

E aqui estou eu, mergulhado na minha perplexidade.

Não quero fazer agora nenhuma conjectura. Eu mesmo não sei o que penso de tudo isto. Apenas tinha urgência em confiar ao papel o que aconteceu. Os comentários ficam para depois, se tiverem cabimento.

Mas, desgraçadamente, esta terra não foi feita para mim. Por mais que a ame, ela não me quer.

Mais esta, na carga de meus sofrimentos: Cláudio Maia, o estudante a quem eu começara a ajudar, com desvelos de preceptor ou de irmão mais velho, me sai um intrigante e um traidor.

A parte referente às palavras do frade já não tem maior importância, mesmo que o rapaz tenha feito lá o seu mexerico. Ele fora enxotado de minha casa, estava revoltado comigo, podia muito bem sair falando.

A outra, porém, a alegação de que ele já me vinha traindo, de muito tempo, no caso do Caboclo, essa é de mexer com toda a minha organização nervosa.

É verdade que a palavra de Maria Augusta não tem para mim um crédito muito grande. Pensei nisso, hoje, amadurecidamente. Existe aquela outra história, "aquilo", como ela mesma chama. Seria suficiente para que eu pussesse logo de lado tudo quanto a moça dissesse, contra quem quer que fosse, principalmente em horas de raiva e exaltação.

Mas a verdade é que não me convém encher muito o peito da convicção de que Cazuza Mamede seja inocente, na história da negrinha. Sempre me impressionou a simplicidade, a conformação com que Maria Augusta admitiu, embora de modo não explícito, a inverdade de sua alegação. A sua atitude me parece agora de acomodação, de transigência para não me perder. Não me surge - e não é a primeira vez que penso nisso - como uma confissão sincera e convincente. Não. E neste momento vejo tudo com uma grande lucidez.

Estou, assim, diante de um grave problema, importantíssimo para o meu futuro: apurar, de modo a não deixar sombra de dúvida, a procedência das duas acusações. O primeiro caso é o da mulatinha. Que coisa triste, Cazuza Mamede na cozinha, atrás de crioulas, enquanto minha mãe ainda suportava as conseqüências do parto do filho que ele lhe dera, para fazê-la sofrer! Hei de encontrar meios de proceder a essa investigação. Já que não tenho um processo direto para julgar o caráter daquela moça, já que a minha capacidade crítica se encontra embotada, hei de chegar ao mesmo resultado por outros meios, através das histórias que ela conta. Reconheço agora que fui um imprudente, deixando em aberto questão de tanta importância. Mas, desta vez, não desistirei. Irei até o fim.

O outro caso é a atitude de Cláudio em relação a Paulino Correia. Bem que desconfiei, certa vez que passamos por lá. Enquanto eu ia cauteloso, o rapaz nem se preocupava. Até chegou a dizer: "Isso tudo é pantim, Doutor Márcio. Eu lhe garanto que não existe nada". Como podia ele garantir, se não estivesse ligado lá ao bandido? Haveremos de ver isto. Meu plano está feito. Recorrerei a um espia que o velho Cazuza tem por lá. O Capitão é quem vai me ajudar nisso, pouco importa que, por outro lado, eu esteja fazendo uma investigação contra

ele. Na guerra é assim mesmo, não se pode ser fiel a ninguém. Na guerra, como na guerra - eis o meu grito de luta.

Isto é indispensável à minha felicidade, à decisão definitiva, à mais importante deliberação de minha vida. Podia até acontecer que, dias antes, nada disso tivesse significação; que tudo quanto Maria Augusta dissesse, contra qualquer pessoa, nada representasse para mim. Mas agora as coisas mudaram. Aquelas ofensas do frade, no meio da multidão, criaram entre mim e a minha amada uma situação nova. Foi ela que teve presença de espírito, manteve-se firme, salvando-me do ridículo. Apertou-me a mão com uma firmeza, ordenou-me, pelo olhar, que eu ficasse ali, com tal segurança de seu próprio domínio, que me senti para sempre ligado a ela.

Sei que sou cheio de contradições e incertezas. Mas elas não são gratuitas. Existe sempre um motivo, uma razão mais forte, que me faz mudar de rumo. O que não posso ter é uma idéia fixa, fincar os pés, indiferente à realidade.

Por que a humanidade não se divide logo em pessoas boas e más, em viciados e virtuosos, em santos e demônios? Seria muito mais fácil, para a gente se decidir. Por que essa mistura infernal, essas alternativas dentro de um mesmo caráter?

Sim, seria muito mais simples, se Maria Augusta fosse logo boa ou má. O pior é esse choque de forças contraditórias. É como se fosse uma disputa, dentro da própria pessoa.

Não se trata apenas de pequenos defeitos. Isso não teria maior importância, porque as virtudes afogariam esses deslizes. Não, não é isso. É coisa muito séria. São virtudes extraordinárias, em conflito com defeitos alarmantes - se houver realmente esses defeitos, é claro. Desde que vou fazer uma investigação, não me posso antecipar, senão por hipótese.

Vejo, por um lado, que essa moça trabalha, sustenta a casa. As alunas a adoram, dizem que ela é de uma delicadeza extraordinária. Num momento difícil, como aquele das missões, mostrou-se um caráter firme e enérgico.

Por outro lado, é suspeita de fazer a mãe sofrer, de injuriar meu pai e o estudante. Já não falo dos nossos momentos de ternura, em que ela se entrega toda, sem reservas nem timidez. Isso não tem a menor importância, nos termos em que eu coloco o meu julgamento sobre o seu caráter. Porque ela se entrega por amor. Nunca mostrou ser uma depravada ou uma leviana. O que faz, faz por sentimento. Se eu a acusasse, estaria acusando primeiramente a mim. E isso também seria injusto, porque, quando a amo, é com toda a força do meu ser. Se ela já não é inteiramente minha, isso corre por conta de outros motivos, por falta de oportunidade, que é a grande tecelã do amor.

Falo é de outros pontos, da suspeita de suas mentiras, e creio que me esclareci bastante.

Para não insistir nas mesmas meditações, ou melhor, para não afrouxar a minha decisão de apurar os fatos, vou encerrar esta anotação. E quero encerrá-la repetindo a mim mesmo, para melhor gravar: vou apurar tudo. Preciso sair desta dificuldade.

Noite

Ainda quero acrescentar algumas impressões ao que escrevi antes. Isso constitui, por assim dizer, o ponto central de minha investigação. O que quero saber, em última análise, é se a mentira está mesmo no sangue daquela criatura, como coisa substancial e orgânica, ou se se trata apenas de um acidente, de um mal susceptível de cura. E também se todas as histórias suspeitas são mesmo mentirosas.

Ora, a primeira parte eu não posso investigar pelo simples processo indireto de que falei ontem, para apuração dos fatos. Tenho necessidade de penetrar mais fundo no segredo daquela personalidade. Tenho de voltar a ela, como se nada houvesse acontecido. É o que vou fazer, sem prejuízo das outras providências. De outro modo, eu veria apenas uma face do problema. Estaria apenas registrando um fato, sem qualquer conclusão. Sei que ninguém acreditaria nisso. Todos levariam esta decisão à conta de fraqueza. Pouco importa. Tenho de servir é a mim mesmo.

Quarta-feira, 9

- Já sabe que Cláudio Maia está preso? - perguntou-me Florêncio, logo que cheguei ao seu cartório, hoje pela manhã.

- Como! Preso por que?

- Porque deu umas bofetadas no sacristão novo.

Afinal, pensei com meus botões, que tenho eu com isso? Esse rapaz não tem mais qualquer ligação comigo. Siga lá o seu caminho, que seguirei o meu.

Mas logo reagi contra essa orientação egoísta. O rapaz até as vésperas era meu amigo, frequentava minha casa, estava constantemente comigo. Seria uma miséria deixá-lo assim, inteiramente entregue à própria sorte. Além de tudo, eu não tinha prova satisfatória de minhas suspeitas.

Perguntei ao escrivão pelo motivo da briga, mas ele não soube responder.

Corri à casa do delegado, um alferes reformado, lá da Capital, que o governo mandou para cá. Este me disse que a prisão fora efetuada em flagrante e por isso não podia soltar o rapaz, salvo se fosse prestada fiança. Depositei imediatamente a importância que ele mostrou lá na tabela e voltei para casa. Não me animei a ir à delegacia, ver o estudante. Estava com a consciência do dever cumprido. Nada mais me restava fazer.

Essa história de cumprir o dever é muito curiosa. A gente preestabelece umas tantas regras, que são mais ou menos as regras de todos, e procura estar sempre de acordo com elas. A consciência fica tranqüila, e continuamos a dormir bem e fazer boa digestão. Mas o diabo é que dentro da consciência mesma, lá no fundo, aparecem às vezes umas vozes estranhas, até parecidas com coisa do outro mundo, fazendo reclamações esquisitas. Eu mesmo ouvi essas vozes. Era um rumor longínquo, às vezes até imperceptível, porém repetido, cacete.

"Ora diabo, pensei eu, não cumpri meu dever? Que devia fazer mais?" E a voz a falar, a fazer exigências.

Não gostei daquilo e saí para a rua, sem qualquer destino. Nessas horas, nem a leitura adianta, porque a conversa estranha atrapalha tudo. Mete-se no meio das letras, azucrinando a cabeça da gente.

O que eu devia fazer era largar-me logo para a delegacia, falar ao rapaz, e pronto.

Não fiz isso. Apenas saí para a rua. Saí caminhando à toa, até que vi, lá longe, na porta de sua casa, o major Gabriel Soares. Lembrei-me então de que há dias não aparecia por lá, e o velho já estava reclamando. Fui, pois, à casa do chefe.

A manhã estava bonita, uma larga sombra descia da parede e se estendia até o meio da rua. O chefe compreendeu que eu me aproximava. Quando cheguei, ela já tinha trazido duas cadeiras para a calçada.

- Vamos conversar aqui mesmo - foi-me dizendo, antes mesmo de receber o meu cumprimento. - Está melhor do que lá dentro.

Dei as minhas explicações de mau pagador: que andava muito ocupado, por isso não havia mais aparecido. O velho parece que nem prestou atenção, pois cantarolava, baixinho, com os óculos na testa. Depois voltou-se para mim e perguntou:

- Vem tratar do caso do estudante?

- Não senhor, major, vim apenas visitá-lo, conversar com o senhor. Há muito tempo que eu não aparecia aqui.

- Ah, sim.

- Mas já soube do que houve com o rapaz?

Nesse momento lhe notei um riso irônico, levemente irônico, mas confesso que não compreendi.

- Já soube, major, já fui ao delegado e paguei a fiança.

- Para que fiança? Precisa lá isso! Solta-se o rapaz, e acabou-se. Já mandei chamar o delegado. O pai do rapaz esteve aqui. É um correligionário muito bom. Precisa lá fiança!

- Mas eu já paguei a fiança major. Isso não tem importância.

Veio o café, que já estava tardando. Logo depois chegava o delegado.

- Alferes, devolva o dinheiro aí do Doutor e solte o rapaz que está lá na delegacia. Precisa lá processo por uma bobagem desta. Todo

mundo sabe que eu não gosto de violência, mas, o que está feito, está feito.

- Pois não, major - disse o oficial. - O Dr. Márcio pagou a fiança porque quis. Ele mesmo foi lá se prontificar.

- É - retrucou Gabriel - mas devolva o dinheiro do Doutor e solte o rapaz. Tome o seu café e vá logo. Não demore mais com isso.

- Não senhor, major, eu não gasto café. Vou logo soltar o rapaz.

Antes de retirar-se, voltou-se para mim e disse:

- O dinheiro está depositado lá na delegacia, Doutor. Mais tarde lhe devolvo.

- Mentira, - disse Gabriel, baixinho, quando o alferes já estava mais longe. - Ainda hoje não esteve na delegacia. Aperte o homem, senão o senhor não vê a cor do seu dinheiro.

O chefe bateu o cachimbo na calçada, encheu-o de novo, acendeu-o e falou:

- Aquele sacristão novo há muito tempo que carecia de uma disciplina. Por que não faz como o tio, que nunca se incomodou com a vida dos outros, nem nunca viveu a levar enredos para o padre? Até custou muito...

- Major Gabriel, mas, afinal, por que foi que Cláudio Maia esbofetou o sacristão?

- Como?! - exclamou o velho, com o mesmo riso de ironia que eu antes lhe surpreendera. Com o mesmo, com o riso mais acentuadamente irônico quase sarcástico, e que se seguiu à admiração. - Pois o senhor não sabe que o estudante deu no sacristão por causa daquelas coisas que o frade disse?!

- O frade não disse nada que atingisse o estudante - repliquei.

- Mas disse contra o Dr. Paulo Márcio da Silva Lima, amigo e professor do estudante.

O velho então soltou uma risadinha que me desnorteou.

- Major Gabriel, o senhor acha que eu seria capaz? Esse rapaz estava até afastado de mim, ultimamente.

Agora ficou sério. Sério e paternal:

- Ah, isso não. Eu sei que o senhor não é capaz. Mas não precisa também dizer que estava inimigo do rapaz. O que é que os outros não irão pensar? Que o senhor está procurando desculpa. Ah, isso não.

- Major Gabriel - respondi, com indisfarsável energia - digam o que disserem, pensem o que pensarem, esta é a verdade e eu não a ocultarei. Se quiserem, processem de mim que me defenderei. Mas a verdade é que o estudante estava afastado de mim, desde o dia anterior ao do último sermão do missionário. O que eu nunca poderia pensar era que na minha terra, na terra do meu nascimento... Oh, major Gabriel, até o senhor!

- Doutor Márcio, não exagere as coisas. Lá isso de pensar, o povo pensa. Se não pensasse, o que era que ia fazer, aqui na Lagoa? E essas coisas não estão aparecendo sempre. O povo tem que aproveitar.

- Eu sei, major, que estas coisas não acontecem sempre. Deram para aparecer depois de certo tempo... Mas eu me libertarei. Eu irei embora, para nunca mais. Minha terra não me quer, não serve para mim. Eu já compreendi tudo.

- Meu amigo - insistiu o chefe - eu já lhe disse que não exagere. Isso não vale nada. Até eu, que não admito violência nem protejo crime, achei graça na história. Todo mundo está achando graça. Menos o sacristãozinho, é natural. Olhe, se o senhor soubesse quem achou muita graça, hoje de manhãzinha, na missa...

- Não me interessa, major, que os outros se divirtam, às minhas custas, com acusações injustas.

- Interessa, sim senhor. Se souber quem foi, interessa. Sabe quem foi? Não quer saber? Mas vai ficar sabendo. Foi o compadre Adriano.

- É melhor que o Doutor Adriano vá despachar os papéis dele.

- Lá isso eu não sei, mas que ele divertiu-se com a história, lá isso divertiu-se. Ainda hoje de manhãzinha me disse na igreja: "Viu, compadre, o que aquele filho do Maia fez com o sacristão novo? Menino encapetado, o Cláudio. Vamos ver se agora o sacristão deixa de contar histórias ao padre. O pobre vigário velho se vê doido".

Levantei-me para sair. Mas Gabriel me pegou no ombro e me forçou a sentar-me.

- Não vá dizer que sai de minha casa com raiva de mim. Noto que o senhor leva os casos muito a sério.

- Não, major, não vou sair com raiva do senhor. Mas, que estou profundamente magoado com tudo isso, estou. Nunca pensei que, nem por sonho, pudessem atribuir-me uma violência, um crime. E, além do mais, mandar alguém fazer. Eu nem sabia que o sacristão tinha contado nada ao frade. Nem o estudante era capaz de fazer isso a mandado. Estava afastado de mim, mas esta justiça eu lhe faço. Se fez, e se foi por causa daquilo, fez por conta própria. Eu não tenho nada com isso. Agora, se acham que estou negando por covardia, fugindo da responsabilidade, estão enganados. Não tenho medo e assumo a responsabilidade. Vou defender o rapaz. Vou procurá-lo e torná-lo novamente meu amigo. E acabou-se a história.

- Meu amigo - disse o chefe um tanto desconcertado - não se exalte sem necessidade. O senhor está na casa de um amigo, do maior amigo de seu pai. Quem lhe ofender, nesta terra, ofende também a mim. Nunca pensei que se levasse tão a sério uma coisa insignificante. Não sei não, meu Deus, mas acho que estou ficando caduco. Vá para casa, Dr. Márcio, descansar. O que houver contra ó senhor, quem defende sou eu.

Despedi-me sem saber o que responder. Passada a exaltação do momento, sinto que não estou com raiva do chefe. Ele apenas está incluído na minha revolta contra tudo e contra todos. Pois será possível que se considere normal uma violência? Se ao menos eu a tivesse praticado, mas mandar! E ainda há quem ache graça, a começar pelo

juiz, um homem que vive diariamente a conversar com Deus e os santos. Logo o juiz!

O que sou é um estrangeiro na minha terra. Tenho feito tudo para ser compreendido. Apesar de tantos anos afastado dela, sempre a trouxe no meu coração. Nos meus devaneios, nos meus sonhos de mocidade - sim, falo de mocidade, já hoje, como se tivesse oitenta anos - quando pensava em brilhar, não era outro cenário que eu escolhia. Era a minha Lagoa. Só me interessava ser grande aqui, admirado e amado pelo meu povo. Mas saiu-me tudo às avessas.

Numa terra em que homens como Adriano Pereira e Gabriel Soares, o juiz e o chefe político, símbolos de moderação e bondade, já acham naturais a violência e o crime, e mais natural ainda que um advogado, um homem da lei, os mande praticar (nem sequer teve coragem de praticar, é o que eles pensam) evidentemente não existe mais lugar para mim. Estou sobrando, esta é a verdade. Já sobro desde muito tempo, desde que cheguei. Não tenho mais o que fazer aqui.

Pelo que estou vendo, a cidade toda, a estas horas, é uma imensa gargalhada. Resta esperar que venham à cena o Dr. Gouveia, o Dr. Portela, o capitão Guimarães, o vigário velho. Sim, o vigário velho deixaria até de tremer, com o gosto da gargalhada. Se o frade voltasse, gargalharia também. Gargalharia escondido, longe dos que lhe ouviram as arengas, naquela voz que até parecia vinda das profundas do inferno. Não se pode falar tão bem, descrever tão minuciosamente um lugar que não se conhece. Ele deve ter andado lá, como emissário do Senhor, para dizer aos pecadores o que é que os aguarda.

E Cazuza Mamede, que fará? Será que também vai rir?

- "Ora, ainda tens dúvida disso?" - pergunta o gato Mourisco.

- Quem te chamou aqui, miserável?

Sei que Cazuza Mamede rirá também. Todos rirão. Paulino Caboclo está vingado. Parece-me ouvir: "É, o tal Doutorzinho só falava em lei. Porque a lei isso, porque a lei aquilo. E está aí no que deu. A primeira vez que se viu ofendido, não pestanejou. Chamou um estudantezinho que vive lá com ele e mandou dar um ensino no sacristão. É assim que se faz, Dr. Márcio. Se a gente for esperar pela lei, não se desabafa nunca. É assim que se faz".

E, apesar de tudo, não fiz. Antes o tivesse feito, logo que aqui cheguei. Pelo menos haviam de me respeitar. Em terra de sapo, de cócoras com ele.

Resta o velho Cazuza. Sim, é deste que não me esqueço. Mas ele não rirá, porque lhe jogarei na cara a história da mulatinha. Pensam que ela está esquecida? Pudera! Parece que o estou vendo, apressado e imenso, cercando a bichota na cozinha. E minha mãe, que se levantara antes de tempo, prazenteira, para lhe fazer uma surpresa, para mostrar-lhe que a sua mulher, a mãe de seus filhos, já estava voltando à saúde, a recuar tremendo e pálida, recolher-se ao leito, para nunca mais se

levantar. Vem, Cazuza Mamede, vem, para ajustarmos conta de uma vez por todas.

Mas o pior não é isso. Eles não estão rindo das tapas que o sacristão levou. (Covardes, só acham graça porque o rapaz não tem ninguém por ele, a não ser o tio, o sacristão velho, que não presta mais para nada. Só sabe rir. Não, este, não! Ele apenas sorri, com a sua cara e o seu coração cheios de inocência). A cidade é uma só gargalhada, não pelos bofetões. De bofetões, de tiros e facadas vive o mundo cheio, a começar por aqui mesmo, apesar das palavras mansas de Gabriel Soares: "Não gosto de violências. Meu maior orgulho é este, é meu município viver em sossego, viver sempre na paz". Vai pensando, manhosão, que a gente engole tuas potocas.

Eu sei de que é que estão rindo. Não pensem que me enganam. Estão é mangando de minha cara, na noite das missões. Ficar eu ali, no meio de todo mundo, calado, acovardado, absorto, e o frade a me insultar, a me soltar indiretas. Ah, se eu tivesse reagido. Replicado energicamente, no meio da multidão. A estas horas todo mundo estaria tirando-me o chapéu, fazendo-me reverência. Mas não fiz nada. E depois saí calado, ruminando meu sofrimento, travando dentro de mim, comigo mesmo, a batalha que devia travar lá fora com os outros. Meu mal é este. E esse excesso de vida interior. É porque muita coisa eu nem escrevo aqui, com medo de me tornar enfadonho. Por vezes até forço, finjo uma capacidade de ação que está acima de minhas forças.

Mas, mesmo assim, estão enganados. A primeira pessoa que zombar de mim, exceto o Velho e alguns homens que me merecem respeito nesta terra, eu farei pior do que Cláudio com o sacristão. Querem violência? Pois terão violência. E depois não se queixem, não venham dizer que a obra saiu melhor do que a encomenda.

Só falta rir Melquíades, esse que não acha graça em coisa nenhuma no mundo, vive apenas para os seus cavacos, suas notícias e reclamações. Mas, desta vez, ele mostrará os dentes. Pois vem, desgraçado, e verás o resultado.

A verdade é esta. Todos me acham um fraco, um covarde. E não é só por causa das palavras do frade, não. É por causa da moça também. "Nào sabe nem se livrar de um rabo de saias", é o que pensam certamente. Mas, ponham-se no meu lugar. Venham experimentar se é fácil a gente ver-se livre daquelas saias, daquelas...

Não se atrevam, desgraçados, nem a olhar para ela! Nem a dizer que ela é bonita. Já escrevi que no meu sangue existe uma gota do sangue de todos os santos, mas também uma gota do sangue de todos os criminosos do universo. Disse e sustento. Voces só me conhecem o lado bom. Venham, desgraçados, e verão.

Venham... Venham...

Quinta-feira, 10

Hoje muito cedo fui à casa dos pais de Cláudio. Quase que fui maquinalmente. Quando cuidei de mim, estava lá. Não investigarei as raízes de minha decisão, as forças que me impulsionaram. Talvez ainda procure investigá-las. Agora não. Vou narrar aqui o que ocorreu, embora não tenha sido nada excepcional, capaz de fazer rir ou chorar. Mas não quero que se apaguem as impressões, e por isso as deixo logo aqui.

- Oh, Doutor, muito prazer em recebê-lo em nossa humilde choupana. Ó Joaninha! O Dr. Márcio está aqui. Diga a Cláudio que o Doutor está aqui.

Foi assim, com verdadeiro alvoroço, que o pai do estudante me recebeu.

- Meu amigo - disse eu ao homem, cujo nome não me ocorreu no momento - eu venho assegurar-lhe que não tenho nenhuma responsabilidade com o que o seu filho fez. Isso não quer dizer que não o defenda, até onde for necessário. Mas eu seria incapaz de mandar fazer pelos outros qualquer coisa que devesse fazer pessoalmente. De sacrificar qualquer pessoa para me desagradar. Nem sabia que o sacristão...

- Ora, Doutor Márcio, não gaste as suas palavras. Eu conheço o meu filho,desde antes mesmo dele nascer. Eu sei quem é ele. Não é homem para fazer as coisas a mando de ninguém. Fez por conta própria, e acabou-se. Também o senhor tem sido para ele um segundo pai. Só os livros que empresta e as coisas que ensina...

O homem interrompeu sua própria conversa e chamou novamente:

- Ó Joaninha! Vem falar com o Dr. Márcio. Não já lhe disse que o Doutor está aqui? Vem falar com ele, mulher. Para que tanto preparo?

- Já vou, seu Nô. A gente também não há de aparecer aos homens como uma gata borralheira.

Afinal, saiu. Não me lembro de já tê-la visto antes. Baixinha, de olhos miudos e apertados, ainda passou os dedos nas sobrancelhas úmidas, limpou as mãos na saia.

- Oh, Dr. Márcio, quanta honra em recebê-lo em nossa casa. Nós é que devíamos ter ido lá, agradecer o que fez pelo nosso filho. Quanto foi a fiança, Dr. Márcio? Tu devias ter ido lá, seu Nô, agradecer ao Doutor e perguntar quanto era.

Foi nesse momento, por se falar em dinheiro, que vi como a casa era pobre, mais pobre do que eu supunha.

- Eu fui, Joaninha. Fui duas vezes e não encontrei o Doutor. Ia conversar mesmo sobre isso.

- A fiança não foi nada - respondi. - Ia pagá-la, mas o major

Gabriel disse que não precisava. E mandou soltar o rapaz. O senhor deve agradecer é ao chefe, o que fez pelo seu filho.

- Até nisso o homem é bom - disse Joaninha. - Mas era se o soldado Ananias não tivesse dito à gente que viu quando o senhor deu o dinheiro ao alferes.

- Eu tinha dado, Dona Joaninha, mas o chefe mandou que ele devolvesse, que não precisava de fiança. E ordenou que o rapaz fosse solto. Esta é a verdade. Pode agradecer ao chefe.

- Mesmo assim - insistiu a mãe de Cláudio - nós não sabemos como agradecer ao senhor. O certo é que foi lá e puxou pelo dinheiro. Se depois não precisou, isso é diferente. Mas a ação, o senhor fez. E não se podia esperar outra coisa.

- Meus amigos, eu apenas cumpri o meu dever de... de um amigo. Não se fala mais nisso. Agora, quero saber onde está Cláudio. Desejo falar com ele.

- Ainda agorinha estava ali dentro, na sala de jantar, lendo um livro. O menino só pensa nos livros. Creio que pegou com o senhor. Porque livro, aqui em casa, só entrava mesmo a caderneta da padaria.

- O que é isso, Joaninha? - reclamou seu Nô. - Também não somos tão analfabetos assim. Bem que tinha aí uns livros. Voce é que andou jogando fora, dizendo que entulhava tudo e juntava barata.

- Também aquilo! - replicou a mulher, com certo desprezo - verso de cantador de feira! Tinha a história de Carlos magno, mas já tinha sido emprestada a tanta gente, que fazia até nojo, de tão sebenta.

Seu Nô ficou meio desconfiado, mas eu desviei o assunto:

- Vejam se Cláudio está aí.

Um menino da cara rajada de sujo foi quem respondeu:

- Assim que o senhor chegou ele saiu pelo portão. Disse que só voltava de noite.

- Você não está vendo uma coisa desta, menino, que Cláudio não havia de sair sabendo que o Doutor estava em nossa casa!

- Pois saiu, mãe.

- O que tem isso, Joaninha? Ele não saiu por desprezo. Por certo está acanhado do Doutor. Nunca tinha sido preso.

- Seu Nô - disse eu, dando por encerrada a conversa e a visita - diga a Cláudio que eu preciso falar com ele. Não há movito para acanhamento. Ele vá lá em casa, que eu preciso muito conversar com ele.

- Ele vai, Doutor Márcio - respondeu Dona Joaninha. - Isso de acanhamento é bobagem. Cadeia se fez foi para homem mesmo. O que ele fez, fez por gosto, e o que é de gosto regala o peito. Não tenha cuidado que ele vai. Se não for, eu levo.

- Não é preciso levar, Dona Joaninha. Basta dizer que ele vá. A senhora não precisa se incomodar.

Despedi-me e saí. Saí com um sentimento misto de alegria e tristeza. De alegria, por notar que o estudante nada falara, em casa, do

incidente de que resultou ter sido enxotado por mim. De tristeza, por observar minha visita e, até onde posso penetrar no coração alheio, feliz, por ter o filho cometido um crime para desafrontar-me . Para desagravar o amigo que, dias antes, o havia escorraçado e, pior do que isso, o estava julgando um mexeriqueiro e traidor.

Sábado, 12

Meu Deus, quanta barbaridade escrevi no dia 9! Será possível que seja eu mesmo o autor de tudo aquilo?

Domingo,13

Bem se pode avaliar a dificuldade que sinto em ir à casa de Maria Augusta, depois do que fiz pelo estudante. É verdade que ainda não o vi, não me reconciliei com ele. Mas a culpa cabe a ele e não a mim. De minha parte, realizei tudo quanto estava ao meu alcance. Tomei providências para soltá-lo, fui pessoalmente procurá-lo em casa. Ele saiu, evidentemente de propósito; ainda deixei recado. Se não somos novamente amigos, é por culpa dele, e não minha.

Essa situação, por si mesma, não tem no momento maior importância. A sua significação resulta apenas da posição difícil em que me coloca, diante de Maria Augusta. Ela acha que o rapaz é um mexeriqueiro e um traidor. Eu mesmo me havia traçado um plano para apurar a procedência dessa acusação. E eis que a conduta do estudante, esbofeteando o sacristão que me agravara, joga por terra muitas acusações. Evidentemente, ele não teria aquele gesto, se fosse um traidor. Nem posso admitir que, mesmo traidor, fizesse aquilo para me agradar, para provocar uma reconciliação e desfazer uma impressão. Porque, se tivesse esse propósito, correria pressuroso, ao meu primeiro gesto. E fez precisamente o contrário. Os traidores, os pérfidos, os bajuladores, não andam por caminhos tão difíceis e pedregosos.

É verdade que a natureza humana é ilógica; mas não quero nem deter-me na possiblidade de Cláudio fazer tudo isso e ser no final um traidor. Não devo deixar uma estrada clara e larga, para entrar em desvios estreitos e sinuosos. Tenho de seguir o rumo da razão, até prova em contrário.

Admito, pois, como verdade deste momento, que o estudante seja leal e correto. É o que todos os fatos indicam. E isso me deixa em antagonismo diante de Maria Augusta. É esta a situação que tenho de enfrentar. Tenho de travar esta discussão. Quaisquer que sejam as conseqüências, irei até lá. Não posso é ficar com isso trancado. Tudo quanto fiz pelo rapaz, era de meu dever. E falo de dever aqui, no seu sentido menos convencional e formal. Falo de dever perante minha própria consciência, como coisa de meu agrado, de minha satisfação mais íntima e profunda.

Noite

Quem já viu o mar depois da tempestade?

Pois bem, era como estava hoje o espírito de minha amada. Não direi que era um lago. Os lagos não se revoltam, não rugem, não destroem. O mar, sim. E depois fica muito calmo, como se estivesse farto ou esquecido.

É a idéia que me ocorre.

Em vão tentei entrar no assunto, explicar por que procurara o estudante e providenciara a sua libertação.

- Não fale mais nisso. Já passou - disse ela, com absoluta tranqüilidade. - Você fez o que devia fazer.

E mais não disse, sobre este ou qualquer outro assunto. Por mais de uma vez apertou minha mão e seus olhos se encheram de um brilho estranho. Tenho a impressão de que esteve perto de chorar, mas não chorou. Eu quis beijá-la, ela não permitiu. Evitou-me de modo delicado, porém firme.

Compreendam agora o sentido desta natureza estranha. Compreendam e me digam, que eu não tenho forças para auscultá-la.

De certo modo, ela até me pareceu uma desmemoriada. Não, não era precisamente esse o seu estado. Era como se não tivesse praticado, anteriormente, nada proibido, não tivesse mentido nem injuriado ninguém. Dava a impressão de haver praticado um ato legítimo, um direito. Uma vez avaliada, pouco importam as conseqüências, para ela ou para outros.

O animal que mata outro para se alimentar, vai porventura deter-se em meditações sobre o direito que sua vítima também tinha à vida?

O fruto, quando cai da árvore, vai investigar a lei que o arrasta ?

O vulcão, que explode...

Pois assim parecia ela.

As conseqüências, se existem, são para outros.

O pára-raios, este que esteja bem ajustado e firme, se quer manter-se íntegro. A corrente elétrica apenas cai, e nada mais.

E, depois de colocar-me, terei forças para sair?

Os deuses que respondam.

Quinta-feira, 17

Encontrei hoje Chica Brasil impressionada, porque soube que havia recenseamento. Não foi essa palavra que ela disse. Foi outra, parecida e deturpada, mas logo lhe percebi o sentido.

- Vi dizer que este *listamento* - ocorreu-me agora a expressão de minha hoteleira é para nova guerra que vem aí. Sei mesmo que endoideço, se meu menino for brigar na Alemanha.

- Quem lhe contou essa história, sinhá Chica?

- Foi seu Melquíades. O diabo daquele velho sabe de tudo, seu Doutor. Ele explicou mais que o culpado de tudo é o major Gabriel.

É, mas desta vez ele errou. O governo quer apenas conhecer a população, contar as pessoas, para saber quantas existem no Brasil. Fique descansada, sinhá Chica, que não vem nenhuma guerra nova.

"Velho perverso", saí dizendo comigo mesmo, depois de tranqüilizar a pobre mãe sobressaltada.

Sexta-feira, 18

Longa conversa com Fábio Noronha.

Eu estava à janela, quando o vi aproximar-se, com o surrado paletó de alpaca preta sempre aberto, e o toco de cigarro no canto da boca.

Discretamente entrei e fechei a janela, mas fiquei olhando pela veneziana. O homem parou, hesitou. Afinal bateu na porta. Não tive outro remédio, senão abri-la.

Que viria dizer-me, nesta altura dos acontecimentos, o pai de Maria Augusta? Que negócio teria, para justificar aquela visita? Não era possível que viesse falar sobre a moça. E depois - isto é o mais importante - que lhe iria eu responder? Decerto não podia dizer tudo o que penso de sua filha, do seu caráter difícil e da sua conduta incongruente.

Eram estas as reflexões que eu fazia, enquanto ia a outra sala, sob o pretexto de trazer uma cadeira melhor para o visitante.

- Doutor Márcio, eu sei perfeitamente que a minha visita é uma visita incômoda. Não tenho propriamente nenhum negócio a tratar.

Parou, tirou outro cigarro do bolso, quebrou-o ao meio. Vi que o pobre homem estava ganhando tempo e tomando fôlego, pois foi muito a vagar que guardou metade do cigarro no bolso e acendeu a outra metade.

- O senhor era de certo modo a última pessoa, nesta terra a quem eu devia procurar, para desabafar as minha mágoas. Sim, porque poderia parecer que eu tinha a intenção de interfirir num assunto que não é meu, mas apenas do senhor. Do senhor e de minha filha.

Eu me limitava a ouvir. A fumaça do cigarro começou a incomodar-me, tão próximo estava o dentista. Afastei-me um pouco, ele prossegiu:

- Se o procuro é porque conheço o seu caráter e não quero que o senhor faça um juízo errado do meu.

- Pois não, Doutor Fábio - tive de dizer, porque vi que o homem esperava qualquer reação de minha parte. - Terei muito prazer em ouvi-lo.

- Pois saiba o senhor - continuou ele - que eu sou um homem honesto, tanto como o senhor ou qualquer outro. Se às vezes me atraso nos meus compromissos, não é por desonestidade, nem por falta de noção do que seja o dever. Estejam descansados todos os meus credores, que não darei prejuízo a ninguém. Hei de saldar as minhas dívidas todas. Para isso tenho coragem de trabalhar graças a Deus. E conto ainda com uma herançazinha, bem regular, que não me há de faltar.

Levantou-se e jogou fora a ponta do cigarro. Sentou-se e continuou:

- Sim, senhor, asseguro-lhe que sou um homem honesto, embora de nada tenha valido a minha honestidade, no momento decisivo. Vou lhe contar toda a minha história. E o senhor verá então que sou uma vítima do destino.

Nesta altura eu quis dissuadi-lo. Não tinha dúvida sobre a sua honestidade. Ele nada me devia, e portanto eram desnecessárias estas explicações. Se precisasse de dinheiro, eu teria até muito prazer em emprestar-lho.

Mas isso ficou apenas no meu pensamento. Embora me enfadasse ter de ouvir a história de sua vida, lembrei-me a tempo de que poderiam vir também esclarecimentos úteis sobre a vida da filha. "Quem sabe se ela também é uma vítima do destino?" - Pensei. Mas logo repeli a concessão.

Já agora era impossível deter o dentista, que fumava o terceiro pedaço de cigarro:

- Não começarei de minha infância, porque então não terminarei nunca. Direi apenas que estudei e formei-me com as maiores dificuldades. Fiquei órfão de pai e mãe logo muito pequeno. Criei-me em casa de uns tios, que não eram maus, porém não tinham energia para coibir a maldade dos filhos. Sofri horrores. Horrores, meu Doutor! mas afinal formei-me. Tinha eu, então, um pequeno emprego na Alfândega do Rio de Janeiro. De posse do diploma de dentista, não quis logo desfazer-me do outro encosto, enquanto não me firmasse na nova profissão. Pelo contrário, a formatura me facilitou até uma pequena promoção. Ao mesmo tempo, eu cuidava, em casa, de uma clinicazinha. Trabalhava à noite, aos domingos e feriados. O trabalho na Alfândega não era lá muito pesado, de modo que eu suportava bem a sobrecarga. Com pouco tempo, me casei. Passavam-se os tempos e, com eles, eu ia melhorando. Só que não tinha coragem de deixar o emprego. Era sempre um alicerce mais seguro para a família.

A sala já era, nesse momento, um ambiente irrespirável, porque tanto fumava o dentista quanto eu. Abri uma janela, a que menos permitia nos verem, do meio da rua. Fábio Noronha olhou-me desta vez com firmeza. Levantou-se, como se precisasse convocar todas as energias, e disse:

- Quando menos esperava, vi-me envolvido num desfalque, na repartição.

Sentou-se, novamente. Não precisava mais de tanta coragem para prosseguir. Já soltara a nota culminante de sua confidência.

- Era inocente, senhor Doutor, mas ninguém acreditou. Até amigos e colegas, conhecedores de minha inocência, e cujos depoimentos seriam a minha melhor defesa, negaram-se a dizer a verdade. Eu estava perdido. Aconselharam-me a pedir demissão, pois com isso se daria o caso por encerrado, sem nenhum processo. Fui fraco, acedi. Disseram-me ainda - eles, os verdadeiros culpados - que eu deveria retirar-me do Rio, ir tentar a vida em outra parte. Só hoje compreendo como a minha covardia acobertou os legítimos responsáveis. Deveria ter ficado, mesmo para ser condenado inocente. E não seria. A embrulhada era grande. Eu era quem não tinha nada com ela. Apenas tivera medo de reagir contra eles, de denunciá-los. Com a minha saída, abafaram tudo, entraram com o dinheiro, por piedade a Fábio Noronha...

Fez uma pausa e continuou:

- Fui para o interior de São Paulo. Comecei a trabalhar, mas a sorte não me ajudou. Um dia, sentei-me num bar e embriaguei-me. Quase morri da ressaca. Tentei embriagar-me outra vez, não consegui. O organismo repeliu o álcool com uma energia definitiva. Em verdade, não era aquela a minha "vocação". Sentei-me numa banca de jogo. Era necessário ser mau, desde que haviam lavrado a sentença de minha maldade. Gostei, tenho voltado outras vezes. Mas não pense que não posso deixar. É só querer.

O dentista levantou-se, aproximou-se de mim e colocou a mão no meu ombro. Só então notei que, não apenas o bigode ralo e aloirado, mas também os lábios, eram queimados pelos pedaços de cigarro que ele costumava fumar. Foi com esforço que reprimi um gesto de repulsa. Pigarreei, fiz que me sufocava com a fumaça que o homem me atirava na cara.

- Desculpe - disse Fábio.

E, em tom de confidência, acrescentou:

- Doutor, o senhor não sabe o que é o jogo. Em cada parada a gente tem a impressão de que disputa uma partida com a vida. Um general, em plena guerra, não sente emoções mais fortes, com a derrota ou a vitória, do que um homem sentado numa mesa de jogo. Que diversão, que nada, Doutor! Dizer que aquilo diverte, é abusar demais das palavras. O que aquilo faz é aniquilar, matar aos pouquinhos. E o pior é que a gente termina amando a própria morte, o veneno que nos destrói. Amando e odiando ao mesmo tempo. Não senhor, Doutor, não existem palavras capazes de definir o que seja o jogo. Mas, ainda assim, tenho um resto de força de vontade guardada, para o momento oportuno. Graças a Deus, tenho.

Tentei dizer algumas palavras de compreensão ou consolo. Creio que não disse nada, porque o dentista insistiu:

- Nem tente falar Doutor Márcio, que o senhor não entende disso. E Deus o livre de saber. É dez vezes pior do que o álcool, do que tentação de mulher.

Fábio Noronha puxou o lenço, enxugou o rosto. Não chegou a chorar. Ou chorou sem lágrimas, sofrendo ainda mais. Apenas os olhos ficaram brilhantes. Sim, apesar de tudo, ainda brilharam os seus olhos.

- Nesse tempo - disse o dentista, referindo-se talvez à época em que começaram a jogar - meu filho tinha cinco anos de idade e minha filha três. Meu único crime na vida foi praticado contra eles, contra o seu futuro.Meus filhos não deviam partilhar do meu destino. Foi uma injustiça dos céus. Para mim e Eulália, o mundo havia terminado. Ela, com a paralisia física, eu, com a paralisia moral.

Desta vez, as duas lágrimas correram, grossas e demoradas.

- Desculpe, Doutor Márcio. Não tenho intenção de comovê-lo e muito menos de fazer frases. Foi um momento de fraqueza. Desculpe.

Ainda desta vez não as encontrei. Disse simplesmente:

- Não tem importância. Pode falar à vontade.

- Pouco mais eu tenho a dizer, Doutor Márcio. E lhe agradeço a bondade com que me ouve. Nem eu mesmo sei por que vim procurá-lo. Estou tão confuso...

- Não tenha constrangimento, Dr. Fábio. Diga tudo quanto sente.

- Com os maiores sacrifícios, mantive por alguns tempos os meninos no colégio. O rapaz não aprendeu grandes coisas. Logo com quinze anos, entendeu de empregar-se, mas não tinha perseverança em nenhum emprego. De vez em quando caía na farra, embora não tenha ficado inteiramente viciado. A menina, esta não. Teve aproveitamento extraordinário, tanto nos estudos como nos trabalhos. Pintura, bordado, música, não há nada que ela não saiba, bem. Mas, de que serve? Ela participa da mesma condenação que caiu sobre a nossa casa. Ah! meu Deus!

Era evidente, a esta altura, a delicadeza do assunto para mim e para ele. Mas o homem parecia colocar-me num plano inteiramente diverso, abstraindo a minha condição de namorado de sua filha. Parecia atuado, isto é que é. Enquanto não disesse realmente o que tinha a dizer, decerto não silenciaria.

Acabaram-se os seus cigarros, entrou nos meus. E, depois de alguns momentos de silêncio, insistiu:

- Dr. Márcio, a minha filha para mim é tudo na vida. Não se sinta constrangido, que eu não vou dizer nada que coloque o senhor em situação difícil. Sei que do modo como estão as coisas, o senhor não pode casar com ela. A oposição do senhor seu pai é muito grande. Era um sonho grande demais, para que pudesse realizar-se. Não por ela, que tudo merece de bom nesse mundo. Mas por mim, que estou marcado pelo destino, e arrasto os outros nas minhas águas negras.

Mas não pense o senhor, pelo que tem acontecido, que minha filha seja moça de mau caráter. Ah, isto não! É só o que lhe peço: não faça dela juízo que ela não merece. Tenha paciência e escute o que eu vou lhe dizer.

E aqui interrompo a narrativa da conversa de Fábio Noronha. Estou muito cansado, receio alinhavar os acontecimentos, suprimindo dessa conversa o calor e o interesse que ela realmente teve para mim.

Noite

Vejamos o resto do que me disse o dentista.

- É a segunda vez que ela ama na vida. A primeira foi na Bahia. Como a vida não estivesse boa em São Paulo, resolvi tentar a sorte em outra parte. Vim primeiro para o Espírito Santo, depois para a Bahia. Consegui uma trégua na jogatina e, em Salvador, eu já ia me aprumando. Foi nesse tempo que ela gostou de um dentista, meu colega. O rapaz era bom e simpático, pode-se dizer bonito. Era filho de uma das principais famílias da terra. Na Bahia, como o senhor sabe, não se apura muito essa questão de cor. Mas, mesmo assim, devo dizer que o rapaz era branco, porque esta é a verdade. Sei que se apaixonaram um pelo outro . Foi aí que a família do rapaz encrencou. Não consentiu o casamento de modo algum. Eu não tinha o que fazer. Era assunto que não cabia a mim resolver. Tinha apenas de proteger minha filha, e isto eu fiz como pude. O rapaz freqüentava minha casa toda hora. Até me ajudava nos serviços embora não tivesse gosto pela profissão. Parece que se formava apenas para ter um título, para satisfazer a família. Foi-se passando o tempo, eu cada vez com maior cuidado. O rapaz era direito e a menina, apesar de mocinha, sempre foi ajuizada. Mas, o senhor sabe, mocidade é mocidade. Todo desvelo é pouco. E por isso nós tínhamos, tanto eu como a mãe e o irmão, o maior cuidado.

Mourisco pulou na janela, olhou para o dentista, como se estranhasse e perguntasse quem era. Daí passou para o sofá, derrubando um livro com estrondo, assustando-se e assustando Fábio Noronha. Mas este logo se refez da surpresa. Tinha o que dizer, não havia cerimônia:

- Um dia veio à nossa casa a mãe do rapaz. Falou nervosa, quase violenta. Não consentiria o casamento, de modo algum. Não nos conhecia, não sabia de nossa origem. Além disso, o filho era muito moço, nada conhecia da vida. Tinha ainda que dar um passeio à Europa, e mais isso e mais aquilo. Falou, e retirou-se. Mas não se retirou sem nos prevenir que o filho não viria mais à nossa casa. Nós só fizemos ouvir. Passou-se um dia, dois, três. E nada de voltar o rapaz. Aí começou uma situação de constrangimento geral em nossa casa. A menina sempre em cochichos com o irmão. Ocultavam tudo de mim. Apenas uma vez ouvi o rapaz dizer: "Aquele cachorro está enganado".

Se eu o pegar difamando de minha irmã, ele me paga". A moça estava nervosa. E sempre dizendo coisas ao irmão.

Fábio Noronha levantou-se e, mais uma vez, colocou a mão no meu ombro. Desta vez, porém, não senti qualquer constrangimento. A sua história realmente me absorvia a atenção.

- Até que um dia - conclui ele - aconteceu a desgraça. Eu estava no consultório, quando recebi a notícia, já vinda da delegacia de polícia. Meu filho ferira o rapaz, de navalha, e este estava passando muito mal. Veja agora o senhor a minha situação. Em casa, a menina a chorar e gritar, ao mesmo tempo, contra o irmão e contra si mesma: "Ele andou falando mal de mim, mas não era preciso isso. Malvado! Meu Deus, como eu sou infeliz!" Passaram-se os dias, numa expectativa medonha, com o rapaz morre, não morre. Afinal, escapou. Mas meu filho foi condenado pelo ferimento grave, a quatro anos e tanto de cadeia. Quase cinco anos. Já tirou metade da pena. Está findando o tempo, mas eu receio que, quando sair, será um homem inutilizado. Quanto a ela, depois que passou o desespero dos primeiros tempos, em que se julgava culpada, e tanto lamentava a sorte do irmão quanto a do ex-namorado, começou a trabalhar. Estivemos no Recife, depois no interior de Pernambuco. Até que viemos para aqui. E a nossa vida em Lagoa, esta o senhor já sabe muito bem. Não é preciso que lhe diga.

O homem parou, como se chegasse à parte mais importante e delicada de sua conversa. Foi à janela, cuspiu ou fez que cuspiu. Voltou ao meio da sala e disse:

- Pois é, meu amigo, é a tal coisa. Eu ainda tinha muito o que lhe dizer, mas já está tarde, e agora me lembrei que tenho um compromisso. Depois conversaremos melhor. Voltarei outro dia ...

- Pois não, Dr. Fábio, estou às ordens. Sua história é muito curiosa.

Foi só o que me ocorreu dizer, enquanto o dentista me estendia sua mão suja de nicotina, de unhas crescidas e mal tratadas.

Mas ele retirou-se, fiquei revoltado comigo mesmo. Se eu tivesse mais presença de espírito, certamente ficaria sabendo logo de tudo. Pois é evidente que Fábio Noronha tem mais alguma coisa a dizer. Ele quer falar a respeito da filha, da situação em que nos encontramos.

Mas, que fazer contra minha própria natureza?

Sábado, 19

Não me sai da cabeça a conversa de Fábio Noronha. Já não estou tão intrigado com o desfecho, com o final, a que ele não chegou e talvez não chegue mais. Fico, porém, meditando em alguns detalhes. E, entre estes, o mais importante é o crime do filho, na Bahia.

Teria sido Maria Augusta que levantou calúnias contra o rapaz, jogando o irmão no sacrifício? Parece que estou a vê-la, mais moça e

inexperiente, porém mais sangüínea e agitada, com a carótida inchando, os olhos tresloucados, a dizer ao pobre rapaz: "Aquele atrevido procurou me desonrar. Ah!, miserável! Anda falando mal de nossa casa!".

Mas não. Pode não ter acontecido nada disso. As palavras do dentista não me autorizam a tanto. O rapaz pode muito bem ter sabido da história pela rua, pode ter sido insultado pelo outro.

Ah, meu Deus! Por que os fatos nunca se esclarecem direito? Que fiz eu para viver assim?

A história do desfalque da Alfândiga também não me sai da cabeça. Não acredito que Fábio fosse inocente. Deve ter dado o desfalque e perdido no jogo. Sua vida de hoje não me autoriza a acreditar na sua história de ontem. E pode ser até tudo mentira tudo quanto disse. Quem sabe se não queria comover-me?

Mas, comover-me para quê? Certamente ele não viera com o intuito de me pedir que casasse com a sua filha.Também seria demais. Seria necessário que ele conhecesse a fraqueza real de minha vontade, as minhas indecisões, a minha... quase direi covardia. Não digo porque é injusto, porque o caso não é precisamente este.

Não sei por que, vem-me agora a lembrança um dos caderninhos anteriores, em que eu fazia também uma espécie de diário. Já falei nisto, no começo desta nova encadernação. Os outros tinham dois grandes defeitos. Primeiro, eram constantemente interrompidos, tanto pelos estudos como pelas brincadeiras. Parece até que eu procurava pretexto para evitá-los. E depois, estavam muito cheios de anotações de estudos, de máximas e sentenças, inclusive as minhas próprias. E minhas sentenças previam todas as situações da vida. Eu podia atirar-me a grandes aventuras, do espírito ou da matéria, certo de que, para qualquer dificuldade, teria sempre uma conduta preestabelecida, como específico infalível. "Sou um homem experiente", pensava eu.

Até tenho vontade de rir.

Não falarei de todas as minhas regrinhas. Já disse que me não propus uma tarefa heróica, a de repetir o feito de Rousseau. Escrevo apenas o que posso, e quando posso. Afinal, estou fazendo apenas um diário íntimo. Mas por mais íntima que seja uma obra dessa natureza, existe sempre um olho para uma possível posterioridade, para um leitor indiscreto, para um filho mais extremado, que deseje um dia revelar as excelências do estilo ou do caráter de seu pai. Lá isso existe. No meu caso, mesmo perante mim mesmo e perante esse leitor possível, não tenho coragem de reproduzir as regrinhas de antanho. São rígidas, tão solenes e tão ingenuamente pretensiosas, que eu coraria de vergonha ao reproduzi-las. Falarei apenas de uma.

Pois essa regra - a terceira da série de regras de amor - dizia isto: "Mulheres, existem muitas. Não te prendas a nenhuma. E, ao primeiro sinal de perigo, corta logo o mal pela raiz". Tinha eu então meus quinze anos.

Hoje, não apenas ao primeiro sinal de perigo, mas dentro da própria tempestade, fico sem coragem e sem rumo. E minha dúvida maior, neste momento, é saber se realmente ainda amo a criatura que me está fazendo sofrer, ou apenas me compadeço dela. Mais do que isso, fico sem saber se ela é realmente um mau caráter, perverso e irrefletivo, ou se passa apenas por um período de crise, de certo desequilíbrio emocional, facilemente corrigível. Até me arrependo de não havê-la possuido inteiramente. Devia ser essa a experiência decisiva. Talvez seja eu próprio a causa desses distúrbios, pelas excitações a que a arrastei.

Confesso que saí de casa, algumas vezes, com o propósito de possuí-la. Qualquer coisa me falava à natureza, me dizia que aquela prova era indispensável à minha felicidade. Ou ela, feita mulher, se corrigiria desses defeitos, e então eu poderia tomá-la como esposa, ou permaneceria o mesmo caráter difícil e contraditório, e nesse caso não haveria outro remédio senão abandoná-la.

Mas essas idéias, só são fáceis de pensar. Era necessário que uma moça fosse uma cobaia e o mundo um laboratório, para nos darmos ao luxo dessas experimentações. Temos de resolver o problema é mesmo no escuro, sem dados precisos, como um navegante sem bússola.

E depois, quando eu pensava em possui-la, abstraía tudo que não dependia de minha vontade, a começar por ela. Esquecia-me das circunstâncias, da oportunidade em sua mais vasta e complexa significação. Esta, sim, é a grande tecelã do amor. Do amor e de todos os mistérios da vida.

De qualquer modo, escrever é tomar um compromisso. Tenho o dever de dizer ao papel, que acolhe as minhas emoções, qual a minha decisão e o meu rumo.

Creio não ser infiel a mim mesmo dizendo que estou confuso.

Para que antecipar juízo a respeito de minha conduta futura? O que devia fazer, de um ponto de vista cômodo e conveniente para mim, isso bem o sei. A minha presunçosa regrinha, por mais estranho que pareça, é que está certa. Eu devia obedecer-lhe. Mas onde se encontram, não apenas as energias morais, mas sobretudo os meios de visão e discernimento, que afastem a possibilidade de uma injustiça?

Ou não existe qualquer possibilidade de injustiça, sendo os obstáculos apenas criados pelo meu coração fraco e minha natureza sensível? Não sei. E não sabendo, nada resolvo.

Domingo, 20

Ela hoje perguntou-me, com doçura e fingida indiferença:

- Que foi que papai esteve conversando com você, em sua casa?

- Nada, Maria Augusta, apenas uma conversa comum, sem maior importância.

- Não, Márcio, eu sei que não foi isso. Ele deve ter contado toda a vida da gente. Ele tem essa mania.

- Bem, seu pai narrou alguns episódios da vida dele, e portanto da família também.

Ela olhou-me com descrença e contestou:

- Eu sei perfeitamente que não foi só isso. Todo mundo pensa que eu sou culpada de uma coisa, mas eu não sou. Juro que não sou.

Eu quis perguntar que coisa era essa, mas lembrei-me do crime da Bahia, e resolvi silenciar. Não tenho dúvidas de que Maria Augusta, talvez mesmo sem essa intenção, precipitou, com as suas histórias, o irmão contra o ex-namorado.

Julguei que estava encerrada a interpelação, quando ela insistiu, já agora suplicante:

- Diga, Márcio, por favor, o que foi que papai contou de mim.

- Não disse nada de importante. Já lhe afirmei. Você não acredita em mim?

Ela olhou-me, com um misto de crença e desconfiança. Seus olhos dançaram, em busca de uma convicção que não encontraram.

Ficou entre nós um espécie de zona confusa.

A sinceridade nos impedia de prosseguir, com receio das mistificações recíprocas.

Segunda-feira, 21

O inverno agora marcha firme, seguro, sem violências.

Ah! se meu coração pudesse acompanhar esse ritmo!

Quinta-feira, 24

A mesma tranqüilidade. Só me chegam à lembrança os defeitos de Maria Augusta e minhas próprias fraquezas. Até parece um turbilhão.

Vejam a que está reduzido este homem cheio de sonhos. A um trapo humano. Sim, perante mim mesmo, perante minha consciência - a outra consciência, a que fica fora dos conflitos e não se deixa contaminar - eu não passo de um trapo.

Se tivesse coragem e firmeza para resolver esta situação, não me encontraria neste estado. Tudo isso só acontece porque não tenho caráter - eis a verdade em todas as letras.

Ainda agora, no momento em que escrevo, sou eu, de todos os mortais, o que menos sabe o que vai fazer do seu destino.

Este amor era a minha vida. Começara quase como uma brincadeira, como uma diversão do espírito. Minha amada me impressionara, não somente pela beleza física, como pela severidade da conduta, pela compostura e a linha moral. Filha de Fábio Noronha, o pobre diabo fracassado, o jogador, o mau pagador inveterado, ela me parecia uma flor no pântano. Desconfiei das flores do pântano, amigos!

Depois, veio de queda em queda. Quantas coisinhas, quantas mentirinhas insignificantes, desnecessárias, eu suspeito nela. Não as queria confiar sequer a este diário. Mas agora não posso mais. Minhas confissões têm de chegar a um grau de fidelidade completa, não por uma deliberação de minha vontade, mas pela violência dos fatos, por força de uma sobrecarga emocional que não posso conter. É pena que eu não tenha jeito nem persistência para investigar os fatos, para saber em que circunstâncias ela mente.

Mesmo assim, não dramatizo. Não procuro dar aos acontecimentos cores de tragédia que superem a vida.

Quem porventura lesse este diário, a partir das primeiras páginas, logo veria que eu nunca soube o que quis. Nunca tive um rumo. A vida para mim era um ribalta, em que eu figurava ao mesmo tempo como ator e espectador.

Mas não é necessário ter extraordinária intuição psicológica para ver que este caso sentimental realmente me foi dominando, tomando conta de minha vida. Minha vontade, que buscava a aventura, passou então a lugar secundário. E uma força me arrastou e envolveu.

Bem que devia ter suspeitado mais, corrido ao primeiro sinal de perigo, que foi carta cruel - cruel e ridícula - que ainda hoje não me permite olhar inteiramente de frente meu pai, o meu amigo, talvez o meu único amigo na vida.

Sim, eu devia ter suspeitado logo. E nem precisava suspeitar, bastava ver. Eram tantos os fatos! O crime do irmão, na Bahia, certamente resultara de uma intrigalhada, provocada por ela. Eu bem que entrevi, na primeira conversa, quando ela me consultou. A doença de Dona Eulália, naquela noite fatal de nossa reconciliação também fora provocada por ela. Até se falou na cidade, no outro dia. E a carta, a infâmia contra meu pai? Era necessário prova maior?

E como lhe incham as veias do pescoço, quando ela calunia! Uma serpente não deve engrossar mais, ao dar o bote sobre a sua presa.

A última vitima foi o Cláudio. A última, para não falar em mim, a vítima permanente do seu poder. Pouco importa que depois fique calma e tranqüila, numa espécie de arrependimento. O mar também fica assim, e depois volta mais furioso.

E o mais grave é que não sei o que vou fazer. Sei o que devo fazer - o que devia fazer, se tivesse fibra. Era correr e procurar novamente o rapaz, pedir-lhe desculpas e dar-lhe satisfações. Por que não o faço? Porque, para isso, é necessário ter caráter, e essa mulher arruinou o meu caráter.

Se ao menos tivesse a certeza de que não voltaria para ela! Mas, porventura, não já voltei? Tenho de preparar uma retirada.

Eis a que estou reduzido, eis o último ponto de minha degradação.

Culpado de tudo foi meu pai. Bem que eu queria ter ficado no Recife. Arranjaria encosto num escritório de advocacia qualquer, e

depois ir-me-ia fazendo aos poucos. Outros não se fazem? Por que eu não havia de fazer-me?

Agora é tarde. Tenho de enfrentar a situação, com todas as... fraquezas de que disponho.

Sexta-feira,25

Sinto-me envergonhado de tudo quanto escrevi ontem. Não sou aquele ser tão vil e pusilânime que retratei com minhas próprias mãos. Não. Deus me livre!

Tenho de separar-me de Maria Augusta. Tudo haverá de acabar-se entre nós. O que posso fazer é ajudar o dentista a ir embora, dar-lhe meio de deixar a cidade. para assentar em outras terras a tenda de suas traficâncias.

Sinto-me envergonhado, repito, do que escrevi. Mas não me sinto arrependido. Foi bom que me visse assim mesmo, degradado a meus próprios olhos. Isto vale como um grito de alarma, que revigoro nesta hora de reflexão.

Sábado, 26

Em frente ao Café Brasil, converso um pouco com sinhá Chica.

O automóvel passou roncando, e ela aproveitou a oportunidade para dar notícias de que, dentro de poucos dias, chegaria outro, para a cidade próxima de Santa Lúcia. O sertão estava melhorando, era progresso muito, adiantou a Dona do café.

Um mendigo pediu sua esmola com as palavras do estilo. Recolhida a moeda, prosseguiu na caminhada, Deus nos lábios e ódio no coração.

Domingo, 27

A culpa de tudo isso cabe à minha solidão. Solidão, não apenas de agora, deste momento, mas de toda a minha vida. Se eu tivesse mãe, uma simples irmã que me fizesse companhia, talvez não me houvesse atirado nessa aventura. Todos os meus planos eram diferentes. Minha vida deveria girar em torno dos livros e da profissão. Nem por ser bela a filha do dentista, eu teria caído nesse laço.

Aquilo começou como nada, quase como uma brincadeira, como uma flor que eu tivesse colhido para perfumar e enfeitar este diário. E eis que depois me absorve a existência, deixa tudo para trás, como se eu vivesse apenas para uma aventura de amor. E que aventura!

Ainda ontem uma pessoa que posso dizer estranha, como estranhos são, de um ponto de vista mais íntimo, todos os habitantes desta terra, a começar por meu próprio pai, reavivou o sentimento de

minha solidão. Foi a senhora do Dr. Gouveia, o bom médico que mais de uma vez me salvou a vida.

Eu passava distraidamente, mas me lembra que toquei o chapéu, num cumprimento leve e despretencioso. Foi Dona Marina - esse é o seu nome - quem puxou a conversa. Ela é franca e simpática.

- Oh, Dr. Márcio, como vai? Por que anda tão preocupado? A coisa acabou-se mesmo de uma vez, não foi? Fez muito bem, dr,. Márcio, aquilo não servia para o senhor.

Ora, fazia poucos minutos que eu voltava da casa de Maria Augusta, onde consumira mais um bocado de minhas energias, numa luta sem sentido, que não sei bem contra quem é que travada, porque parece até que é contra mim mesmo, contra outra parte do meu ser. Não sei de onde Dona Marina tirou essa história de rompimento.

- É isso mesmo, Dona Marina. Esta vida é cheia de surpresas e aborrecimentos. Mas, que é que se vai fazer?

Dona Marina falava do alto da varanda antiga e eu escutava cá de baixo. Animada com a minha resposta, ela prosseguiu:

- O senhor não sabe onde estava pisando, Dr. Márcio. Mas também, a culpa é somente do senhor, e mais de ninguém. Quem manda o senhor viver na sua terra como um estrangeiro, sem convivência de ninguém, a não ser lá do pessoal da justiça? Eu não me conformo com isso, Dr. Márcio, em o senhor ser para nós como um estranho.

- Não diga isso, Dona Marina. O Dr. Gouveia é um dos homens a quem mais eu prezo nesta terra. A senhora me faz uma grande injustiça.

- Injustiça, não. Quantas vezes o senhor já veio em nossa casa? Pagou a visita de Gouveia, não demorou nem cinco minutos. Quando eu cheguei na sala de visita, o senhor já tinha saído. Não, sr. Márcio, não me conformo com isso. Morro e não me conformo. Olhe que fui uma das maiores amigas de sua mãe. Quando ela vinha à cidade, a primeira casa que procurava era a minha. Nem esperava pela minha visita. E o senhor mesmo, muitas vezes eu carreguei nestes braços, que o senhor está vendo. Hoje até parece um estranho. Não, não posso me conformar.

O Doutor Gouveia vinha chegando:

O Dr. márcio, a que devo a grande honra? Há quanto tempo o senhor não vinha à nossa casa. Por que não entra logo? Marina, por que não manda o Dr. Márcio entrar?

- Ah, Gouveia, você pensa que ele nos deu a honra de uma visita? Qual nada! Ia passando, eu fui quem puxei conversa. Tive pena do homem, que anda triste que só uma ovelha fora do rebanho. Ele ia passando, e mal me cumprimentou. Eu já disse a ele que não me conformo. Morro e não me conformo com isso.

- Marina, não ataque o rapaz desse jeito. Isso não são modos.

- Eu estou lhe ofendendo em alguma coisa Dr. Márcio? Diga com franqueza. Estou?

- Não senhora, Dona Marina. Eu é que lhe agradeço a honra de me chamar para conversar. Realmente, vivo tão isolado...

- Vive porque quer - insistiu a senhora do médico. - Aqui todas as casas são suas. A minha, por exemplo, é uma delas. No dia que quiser, é só chegar e vir cear aqui em casa. Não precisa nem avisar. Todo dia temos leite, pão e café. Não sou dessas que fazem cerimônias. Boto na mesa o que tenho.

O Dr. Gouveia insistiu:

- Entre, Dr. Márcio, não faça cerimônia. Venha tomar um cafezinho.

- Muito obrigado, Doutor, agora eu não posso. Fica para outra vez.

- Pois então fique aí conversando com Marina. Eu preciso ir lá dentro. Vou buscar uma seringa de injeção.

Procurei despedir-me, mas não pude. Dona Marina retomou o fio da primeira conversa.

- Pois é, Dr. Márcio, o senhor não sabe onde estava pisando. Aquela moça tem um gênio difícil. O senhor não se lembra daquela noite, em que Dona Eulália esteve bem doente? Sim, esteve muito mal. Só não morreu porque Gouveia chegou a tempo e não se descuidou nem um minuto. Pois bem: tudo aquilo foi aperreio da filha. Uma discussão medonha. Dizem que ameaçou até de dar na velha. Numa aleijada, coitada! Não sei se é verdade, mas Deus é testemunha de que não estou mentindo. Conto apenas o que ouvi.

Descansou um pouco. Tive vontade de perguntar pela história da mulatinha, pela morte de minha mãe. Não tive coragem, porém.

- Fora da veia dela, parece que é u'a uma moça boa. Dizem que muito caridosa. Mas quem é que vai casar com uma pessoa assim, sem saber qual o dia bom e o dia ruim?

Nesse momento o Dr. Gouveia vinha descendo as escadas. Era a hora de me libertar. Por mais simpática que seja Dona Marina, o meu estado de espírito não me permite muita conversa. Talvez seja um mal. A comunicação com outras pessoas talvez me ajudasse a defender-me, a ver outros aspectos da vida, que estão obscuros para mim. Sei disso, mas sinto uma inibição terrível.

- Eu vou com o senhor, Dr. Gouveia. A senhora me dá licença, Dona Marina? Qualquer dia destes virei cear com a senhora e o Dr. Gouveia. Mas agora preciso sair.

- Mas venha mesmo, viu? Não fique só em promessa, não.

E assim é a vida. A conversa de Dona Marina, se por um lado me serviu, reavivando a certeza de que o isolamento foi, em grande parte, a causa de meu drama, por outro lado trouxe uma complicação nova ao meu grande problema.

Bem que eu notara, naquela noite, que a doente parecia ser mais Maria Augusta do que Dona Eulália. Mas, como é de meu feitio, não

dou muita importância aos fatos. Só agora, diante de tantos sofrimentos morais, é que procuro abrir mais os olhos para certas passagens.

Sim senhora! Então não era por mim que estava sofrendo, mas pela mãe, pelo que lhe fizera!

Não, creio que estou sendo injusto. Dona Marina nada afirmou. Deu apenas uma versão que ouvira, sem assumir responsabilidade de nada. E, mesmo que tivesse havido qualquer briga entre mãe e filha, todos nós sabemos como o povo exagera. Basta a velha ser doente, para darem logo razão a ela, sem mais indagações da verdade.

Além disso, por que não podiam ser sinceras as duas emoções - uma, resultante da doença da mãe, outra, da presença do namorado? Evidentemente, estou cheio de exigências. Por que não podia ela unir os dois sentimentos em um só, e chorar copiosas lágrimas? E o fato de ter remorsos, de arrepender-se, porventura já não será uma prova de bons sentimentos, de vergonha e caráter?

Não, não exageremos o sentido da conversa da mulher do médico. Não acrescentemos um dado novo a um problema já tão complexo.

O que Dona Marina quis certamente foi ajudar-me, já que me vê isolado e perdido.

Terça-feira, 29

Ficam riscadas as considerações da nota anterior, que se seguiram à conversa de Dona Marina. Elas resultam de minha mortal fraqueza. Como posso suprimir o dado novo do problema, trazido pela informação da senhora do médico? Porventura já não havia eu mesmo notado que uma relação profunda havia entre a doença de Dona Eulália e a prostração em que se encontrava a filha? É evidente que não posso acomodar os fatos, ao capricho de minha vontade. Houve qualquer incidente, e bastante grave, entre mãe e filha.

Os comentários anteriores, repito, constituem mais uma prova da fraqueza do meu caráter.

MAIO

Sexta-feira, 2

Hoje apareceu-me novo conselheiro. Até parece que o povo todo começa a ver-me por dentro, no íntimo do meu pensamento. Não posso passar pela rua que não sinta, na fisionomia de todo mundo, gestos de

comiseração ou de ironia. "Ali vai um Doutorzão apaixonado e fraco", é o que me parece ouvir.

Agora foi Gabriel Soares. Eu estava no cartório de Florêncio, indagando de umas precatórias que ainda não foram devolvidas, quando chegou o chefe.

- Olá, meu amigo, onde tem se encantado, que ninguém o vê?

- Por aqui mesmo, major. Sempre com os meus livros e as minhas questões.

- É verdade, meu amigo, estudar é muito bom, mas, para isso não é preciso abanDonar os amigos.

- Qualquer dia apareço lá, major, para dar uma prosinha.

- Qualquer dia, não, o senhor vai agora, tomar café comigo. Acabe de ver o que quer aí nesses autos, que eu espero aqui fora. Não tenho pressa.

Vi que tinha de ir de qualquer modo, e o melhor era fazer o homem esperar. Entreguei os autos ao escrivão, pedi mais duas informações, sobre feitos em andamento, e prontifiquei-me a sair.

- Nesse caso vamos logo, major. Se é para ir preso, por que dar maçada?

- Preso, propriamente, não é, mas é debaixo de ordem.

Saímos calados. Eu, porque nada tinha a dizer. O chefe, porque certamente não encontrava começo para o que queria dizer.

Ao longe passava o dentista Fábio Noronha, com o paletó de alpaca já da cor de raposa, sempre apressado, em busca do bilhar de Gasparino.

Há impressões que não sabemos bem explicar. Mas senti que Gabriel encontrou ali a chave da conversa que queria puxar. Ou foi porventura o meu receio, a minha reação fisionômica diante da presença do dentista, que provocou a sua curiosidade? Não é possível esclarecer. Sei apenas que Gabriel não perdeu a deixa daquela figura triste:

- Pobre diabo - disse o chefe. - Tenho muita pena dele. Dele e da família. Dizem que vão embora, dentro de pouco tempo. Nem sei como vão poder viajar. Cada dia o homem joga mais e se endivida. O que a moça ganha lá nas aulas não pode chegar para as despesas de casa e mais para o pai perder no jogo. Dizem que até as aulas ela suspendeu ou vai suspender. Não sei como vai ser aquilo.

Procurei palavras para dizer e não encontrei. Senti que o sangue me fugia das faces, que até o coração parava.

- Sente-se, meu amigo. Sei que este assunto não lhe agrada, mas eu tenho o dever de tratá-lo. Seu pai me pediu para lhe falar.

- Como, meu pai!?...

- Sim, seu pai, o compadre Cazuza. Ele tem sofrido muito com essa história. Disse que tentou lhe falar uma vez, mas não foi bem recebido. Não queria provocar desgosto e por isso me pedia para lhe

falar. É o que estou fazendo. O senhor não repare. Sou velho amigo de sua família, tenho idade de ser seu pai.

- Major Gabriel, o senhor tem sempre o direito de falar comigo sobre qualquer assunto. Mas esse caso, queira me desculpar, creio que só é meu.

O chefe não se perturbou. Estendeu-me a xícara de café, que eu não ouvira quando ele pediu, nem vira quando chegou, e insistiu:

- É e não é. Noto que o senhor está perturbado. E um homem perturbado não pode resolver uma situação dessa. Tenha confiança em mim. Abra o seu coração, para ver se eu posso ajudar em alguma coisa.

Tomei o café lentamente, o mais lentamente que pude, enquanto o chefe já engolira o seu, assim mesmo de pelar a língua. Por fim, tive de falar, porque os olhos empapuçados e inquiridores do velho não me davam tréguas.

Disse-lhe, resumidamente, todo o meu drama, minhas resoluções e minhas incertezas. Lavei o peito, como se diz, afrouxando, assim, minha decisão de não admitir interferência de terceiros. Gabriel prosseguiu:

- Mas, Doutor, e o senhor não vê que o que acaba de me contar já era bastante para se afastar?

- Ora, major, o senhor também não vê que não me afastei porque não pude?

- Mas tem de ser. Isso não pode continuar. O senhor arruina a sua vida. Temos de arranjar um jeito de tirar esse dentista daqui, ainda que seja preciso dar-lhe dinheiro para a viagem.

- Não! Agora não! - respondi. - Deixe-me pensar um pouco. Dentro de dois ou três dias, se eu nada houver resolvido, então o senhor e meu pai poderão tratar do assunto.

- Está bom - disse Gabriel, encerrando a conversa. - Mas olhe lá, não vá dar nenhuma cabeçada. Confio na sua palavra.

Saí, por um lado, aliviado com o meu desabafo, porque afinal encontrara um amigo, um homem sério a quem confiar minhas mágoas. Mas, por outro lado, incomodava-me aquele compromisso, que irrefletidamente assumira. Afinal de contas, que é que eu ia resolver dentro de dois ou três dias? Ir à casa de Maria Augusta, para estudar a situação, é o que me parece mais acertado. E é o que farei hoje.

Domingo, 4

Há dois dias que fujo do chefe. Nada tenho a dizer-lhe. Se falasse, seria para mandar que ele cuidasse de sua vida. Do seu partido, de suas fazendas, que vivem aí abanDonadas, porque o homem não cuida de outra coisa que não seja política.

Quanto a mim, resolvi deixar que o barco corra. O meu amor, pela segunda vez, voltou aquela feição violentamente carnal, de que já

falei em páginas anteriores. Foi em que deu o meu plano, a minha preparação de terreno.

Não é que tenha esquecido toda a complexidade do meu problema, olvidado as interrogações que formulei a mim mesmo, e de que estão cheias estas páginas. Nada disso. É que comecei a descrer do efeito das reflexões. Se minha inteligência nada me adiantou na solução desta crise, o melhor é deixar a sorte entregue aos deuses e permitir que a matéria, pelo menos esta, tenha os seus momentos de excitação e prazer.

Ainda hoje Maria Augusta me perguntou:

- Márcio, voce ainda está gostando de mim como gostava?

- Voce não sabe, Maria?

- Sei não. O que eu sei é que quando voce fica assim, é porque não está gostando muito, não me quer mais para sua mulher. Só quer mesmo se aproveitar de mim, de minhas fraquezas.

- Pois, se você pensa assim, eu vou embora agora mesmo.

- Não, Márcio, pelo amor de Deus não faça isso. Eu não podia resistir. Faça de mim o que quiser. Venha, me abrace e me beije.

É assim essa natureza estranha. Aliás, não forcemos o sentido das coisas. Cada um de nós é uma natureza estranha. Depende do ponto de vista por que seja encarado, e também da pessoa que faça a observação.

Para mim, porém, a pessoa estranha é Maria Augusta. É o segredo de sua personalidade que prende minhas atenções.

Volto ao velho pensamento de que, se a possuisse, encontraria uma solução para o caso. Mas volto também à convicção de que isso não depende apenas da resolução que eu tomasse friamente nas páginas deste caderno. Sim, falo agora neste caderno muito de propósito. Ha momentos em que acredito que ele esteja atrapalhando a minha vida. Isto não deixa de ser uma representação. Por mais espontâneo que eu procure ser, tanto na vida como nestas notas, uma coisa está prejudicando a outra. Os atos chegam às vezes a perder a naturalidade, pela necessidade mesma que sinto de retratá-los com a possível fidelidade. Para não ser infiel depois, restrinjo-me e contenho-me antes.

Os espíritos que me cercam, e que sei de olhos fitos nestas páginas, a começar pelo gato, que é o único visível, podem atestar que não forço a nota do sentimento, além dos limites razoáveis. Mas, mesmo assim, estou sentindo perfeitamente que procuro resolver os problemas, ou o problema central da minha vida, não de acordo com as solicitações da própria natureza deste diário. Foi uma coisa sutil que se insinuou, sorrateira, quase imperceptível.

O pensamento não é muito fácil de definir, mas, admitindo que este diário fosse uma obra de arte, é como se eu quisesse que a vida imitasse a arte.

Seja como for, a posse de Maria Augusta seria a grande solução. Mas, para isso - insisto, sem piedade de magoar a mim mesmo - seria

necessário que eu tivesse mais caráter, para quebrar até a corrente contrária das oportunidades e das circunstâncias.

Mourisco aproxima-se, esfrega-se nas minhas pernas e pergunta:

- "Está muito bem, mas admita que você fizesse isso. E as consequências?"

- Ora, rapaz, as consequências a gente examina depois.

Mourisco não gostou da resposta e saiu desconfiado para sua almofada.

Segunda-feira, 5

Se tivesse de dar a ler a alguém este diário, certamente procuraria esclarecer melhor a anotação anterior, senão riscar tudo. Neste momento, quero acrescentar apenas que não posso mais deixar de escrevê-lo. É ele, talvez, com todos os defeitos, a única coisa que tem sentido na minha vida. Ao contrário do que disse antes, ele é talvez a única força capaz de salvar o meu caráter.

Por ora, escrevo apenas isto. Sinto-me atraído para o meu abismo. Tenho que ir lá. Os deuses que me ajudem, se puderem.

- "Não podem" - diz Mourisco, que já deu até para adivinhar meu pensamento.

Pego uma chinela e atiro no gato, que sai em disparada.

Terça-feira, 6

O velho Cazuza esteve dois dias na cidade. Tem vindo pouco aqui. Tenho a impressão de que me evita. Deve andar envergonhado com a figura de papelão do filho. Durante as missões, veio apenas uma vez. Foi melhor assim. Se ficasse até o fim, teria também assistido às catilinárias do frade.

Acho que meu pai tem procedido com inteligência, não falando comigo sobre Maria Augusta. Minha organização nervosa, em certos momentos, fica tão tensa, que seria talvez inevitável o rompimento, principalmente se o velho viesse no seu tom de carão, com a trovoada de sua voz.

E no entanto,seria uma injustiça, quase direi um crime, se eu rompesse com ele. Sempre que o vejo, modifico todas as impressões injustas das horas de exaltação. Como pude sequer imaginar uma ação incorreta do meu bom gigante gritador?

Neste momento sofro um sofrimento diferente daquele outro, de que falei em páginas anteriores. Minha batalha com Maria Augusta - sim, eu chamo aquilo uma batalha - encontra-se agora numa espécie de trégua. É a tal tranquilidade do mar, depois da temprestade. Não tenho razões para acreditar na duração dessa tranquilidade.

A mágoa de agora é toda ela relacionada com o meu pai. Sinto remorsos do que pensei a respeito dele. Mas não é só isso. O que mais

me dói é ver interrompida aquela confiança, aquela intimidade que já se ia formando entre nós dois. Eu já não me incomodava muito com os seus gritos, porque bem sabia que, enquanto a boca bradava, o coração sorria. E depois, como era engraçado vê-lo aproximar-se, puxar uma conversa afetuosa, oferecer uma comida qualquer, logo que passava a crise dos gritos. Até com os vaqueiros e trabalhadores ele às vezes faz assim. Já o ouvi dizer mais de uma vez: "Eu grito, é verdade, mas também sei agradar". Tive vontade de responder que ele só sabe agradar depois dos gritos, mas não respondi nada.

Passou estes dois dias em confabulações com Gabriel Soares. Não sei o que conspiraram contra mim. Mas o jeitão do velho, quando entrava em casa, não me enganava. Era eu o objeto de suas atividades.

Apesar do grande bem que lhe quero, de toda a profundeza do meu amor filial, sinto que não me submeterei a ser tratado como uma criança. O que tiverem combinado sobre a minha situação será inteiramente nulo, desde que não fui ouvido.

Comédia, drama, farsa ou tragédia, o principal personagem da peça sou eu.

Não haverão de arrumar as coisas como se eu não existisse. Contra isso explodirão todas as minhas energias adormecidas. Ah, meus velhos, vocês não me conhecem!

Sinto qualquer conspiração no ar. A conversa do chefe não me sai da cabeça. Mas, se pensam que é somente arranjar dinheiro e mandar o dentista embora, estão equivocados. Até me comovo com a simplicidade dos dois.

Ninguém mais do que eu conhece a situação em que me encontro. Eu mesmo não sei o que vou fazer, o que está para vir. Mas tenho de resolver o caso de acordo com as circunstâncias, com os fatos que forem surgindo. No momento em que necessitar do auxílio de terceiros, saberei procurá-lo. Não se metam, porém, a deliberar à minha revelia. Posso ser uma criança grande, mas apenas diante de mim mesmo. Nas minhas atitudes perante os outros, exijo o respeito e a consideração que mereço. Não sou um incapaz. Creio já haver demonstrado que não sou um incapaz.

Às vezes quero pensar que tudo isso seja fantasia, criação do meu espírito suspicaz. Mas não, as palavras de Gabriel foram muito claras: "Temos de arranjar um jeito de tirar esse dentista daqui, ainda que seja necessário dar-lhe dinheiro para a viagem".

Não tenho dúvidas, os dois velhos devem estar de língua passada.

Mas estão redondamente enganados, repito. Se a questão é de dinheiro, também tenho bastante. Cobrirei o lance, e o dentista não irá. Vai ver dinheiro como nunca viu na vida. E aí poderá jogar como quiser. Voltará às rodas melhores, deixará os companheiros dos últimos tempos, soldados de polícia, oficiais de justiça e bodegueiros.

Esperei que o velho Cazuza, depois de todas as confabulações, dissesse alguma coisa. Não disse nada. Perguntou pelos meus trabalhos

de advocacia. Respondi que tudo ia marchando bem. Mas não vai. O juiz volta à sonolência antiga e eu estou sem força para despertá-lo. Apenas faço o suficiente para não perder os prazos e não sacrificar os direitos alheios. Mas quase tudo está parado. Ainda faltam muitas precatórias da ação de demarcação.

- "E os processos do Caboclo?" - pergunta o atrevido do gato, esfregando-se numa almofada velha que Pacatonha lhe arranjou.

- Estão parados também. Mas o Caboclo está à morte. Pode ser que a tísica desta vez possa com ele.

- "Pode nada! Cuide da Justiça".

Desta vez não me zanguei. Fui agradar o meu confidente, pedir-lhe que cuidasse de dar combate aos ratos, que estavam voltando com ímpeto maior.

Mas o Mourisco, agora, era quem não estava de bom humor, e fez o que fazem todos os gatos em circunstâncias idênticas: deu-me uma unhada e escondeu a unha. Parece que não gostou da conversa de voltar ao trabalho. Se vive agora de barriga cheia... Ah, tratante!

Não quero fechar estes rabiscos sem anotar uma impressão que me deixou há poucos dias o nosso magnânimo juiz. Percebi-lhe no rosto, no vago ar risonho e feliz que lhe surpreendi na fisionomia, que o bom homem julga ter-me vencido. Quero dizer, ele parece considerar que já amorteceu a chama do meu interesse pelo trabalho.

Estávamos na audiência, ouvindo umas testemunhas. Faltavam ainda duas para ser inquiridas. O magnânimo voltou-se para o escrivão e disse:

- Olha, Florêncio, já está tarde, vamos deixar isso para outro dia. Depois marcaremos.

Baixou os olhos, esperando minha reação.

Ora, quando isso acontecia antes, eu insistia logo pela designação do novo dia para a audiência. Não deixava passar nada. Desta vez, porém, deixei escapar a mesma expressão preguiçosa do juiz:

- É deixemos para depois.

Notei o ar de felicidade do magistrado. Parece que as minhas palavras lhe ecoaram bem fundo, como uma promessa de tempos melhores.

Posso ter-me enganado, mas senti que o velho ficou feliz.

Deixa estar, porém, meu bom amigo. Não há mal que não se acabe, nem bem que sempre dure, diz lá o ditado. Quando passar a batalha nova, haveremos de voltar à antiga, com redobrado vigor.

Quinta-feira, 8

Afinal, Gabriel conseguiu pegar-me hoje.

Há muito tempo eu o evitava, cortava caminho de todos os modos. Mas a cidade é pequena, não havia remédio.

Encontramo-nos na farmácia, aonde eu tinha ido procurar um remédio para Pacatonha. A velha anda atacada de reumatismo. O marido, que cedo a abanDonara, legara-lhe uma dosagem de porcaria que, encurralada pelo pega-pinto e a cabeça-de-negro, vinga-se agora das velhas juntas enferrujadas.

Não quer nem ouvir falar em médico ou injeção. Estava passando um óleo qualquer, creio que de piqui. Achei que aquilo não adiantava e fui à farmácia em busca de outros recursos. O farmacêutico deu-me umas cápsulas que o Dr. Gouveia costuma receitar e mais um bálsamo para aplicação local. Acredito que a velha nem tomará as cápsulas nem aplicará a pomada, porque fez uma careta quando lhas dei. Mas entendi que devia tentar essa providência.

Creio que o chefe não fora comprar coisa nenhuma, porque de fato não comprou. Deve ter visto quando entrei e foi procurar-me. Mesmo assim, fingiu um encontro casual, e foi-me arrastando de mansinho. Desta vez, não me levou para a casa dele, e sim para a minha.

A conversa não foi longa. Voltou a falar-me das contrariedades do velho Cazuza. Repetiu que meu pai estava sofrendo muito com essa história do meu namoro, mas não me queria dizer nada. Houvesse o que houvesse, não me falaria no assunto, se eu não o provocasse.

- E que resolveram afinal? - perguntei, de modo provocante.

- Não resolvemos nada. Não podíamos resolver coisa nenhuma, sem a cooperação do senhor. Eu fiquei de lhe falar novamente e é o que estou fazendo. Há dias que o senhor me devia uma resposta.

- Só poderei responder, se souber o que é que os senhores querem.

- Ora, Dr. Márcio, o senhor não se lembra que eu lhe sugeri a retirada do dentista? Arranjava-se um meio..

- Eu já sei: comprava-se o homem, é que o senhor quer dizer. Pois saiba que me oponho.

- Não se afobe, meu amigo. O senhor está uma pilha de nervos.

E, depois de refletir um pouco, insistiu Gabriel, sempre com a sua fala branda:

- E se o senhor fosse passar uma temporada fora? Havíamos de encontrar um meio de cuidar aqui de suas questões.

- Eu sei, major Gabriel, que para tudo se arranja um jeito. Que é que o senhor quer fazer nesta terra e não faz? Nada. Faz até chover, se quiser. Mas o problema é muito diferente. Não estou mais me incomodando com as questões. Não faltava advogado a quem entregá-las. Mandaria até chamar um de fora, se fosse necessário. Para isso tenho noção de responsabilidade. Mas o caso, o senhor sabe que não é este.

- Eu sei que não é só este. Mas, então o senhor não acha que seria uma saída boa o afastamento do dentista?

- Major Gabriel, eu nada sei lhe responder agora. Peço que não me force uma decisão que não estou em condições de proferir. Se eu tivesse de resolver agora, talvez fosse contra os interesses dos senhores. Do senhor e do meu pai.

- Interesse meu - replicou com vivacidade o chefe - até um certo ponto, como amigo de seu pai e seu. Interesse no seu bem e do compadre Cazuza. Fora disso, não tenho nada com a questão.

- Se o caso é esse, major, nem o senhor, nem o meu pai, nem eu mesmo sabemos onde está o meu interesse.

Gabriel não gosta de muita discussão, como não gosta de que lhe façam muitas perguntas. Parece que, de tanto ser obedecido, não quer mais perder tempo em longas explicações.

Foi-se levantando e dizendo:

- Não vamos teimar por isso. Talvez o senhor não esteja de cabeça bastante fria para saber onde se encontra o seu interesse. Mas nós, meu amigo, sabemos.

Tive vontade de dizer-lhe umas verdades, mas não disse. Gosto do velho, e ele estava na minha casa. Além disso, deve ser até um sacrifício para ele, estar se envolvendo nisto. É o seu dever de compadre, de amigo, de solucionador de todas as crises desta terra. Acrescentei:

- Já lhe disse que ainda hoje nada posso resolver. Mas acho que isto demora muito. De um modo ou de outro, tenho de sair desta situação.

- Só existe uma saída, Dr. Márcio, não seja criança. Parece que o senhor não quer abrir os olhos e ver as coisas.

- Ver o que?

- O que todo mundo está vendo, menos o senhor. Que essa moça não serve para o senhor. Não é a mulher que lhe convém. O senhor está num precipício e não quer sair dele.

- Não saio porque não posso. Se pudesse, há muito tempo que teria saído.

- Mas creio que o senhor não deve nada...

- Não, major Gabriel, não é isso que o senhor está pensando. Não é só isso que tem importância no mundo. Eu já lhe disse que não estou em condições de resolver nada. Estou confuso, pertubado. Somente por uma consideração especial ao senhor e ao meu pai é que estou lhe permitindo entrar neste assunto. Mas este problema é meu, major Gabriel.

- É seu, mas o senhor não está em condições de resolvê-lo. Se ao menos não se incomodasse que eu e o compadre Cazuza...

- Não se atrevam. Há uma coisa que os senhores precisam saber. Aquela moça também tem personalidade. E a dificuldade maior está nisso. Se ela fosse como um bolão de barro, há muito que eu teria amassado ao meu jeito. Não haveria problema. Não pensem que é somente dar dinheiro ao dentista e mandá-lo embora. Se a moça fincar

o pé e disser que não vai, acabou-se. Não é tão simples como o senhor e meu pai estão pensando. O senhor é chefe político, pode muito, mas não pode fazer tudo o que quer. As outras pessoas também existem.

O chefe saiu desanimado. O resto de suas palavras não teve maior importância, e por isso não as transcrevo.

Segunda-feira, 12

Esteve aqui hoje o Gonçalo. Trouxe umas frutas para mim e outras para o major Gabriel. Interroguei o negro com jeito e ele confessou que conduziu também um bilhete para o chefe.

- Onde está o bilhete? - perguntei.

- Já entreguei ao major, seu Doutor.

- E que foi que ele respondeu, Gonçalo?

- Disse que na hora da saída eu fosse buscar a resposta. Parece que é uma carta, que o chefe vai mandar. Mas disse que era da minha mão para a do capitão Cazuza. Parece que vai até haver eleição, seu Doutor. Quando eu vejo esse pantim...

Foi bom que Gonçalo já houvesse entregue o bilhete ou carta a Gabriel Soares. No estado em que me encontro, sinto que seria capaz de abri-la, para saber o que dizia de mim. Agora, porém, o impulso já passou. Pode Gonçalo levar descansado a resposta do major. Embora sabido, é ele um homem decente. Só poderá dizer a verdade. Que nada resolveu. Que a situação continua a mesma.

Domingo, 18

O reumatismo de Pacatonha agravou-se. Chamei o Dr. Gouveia, não sem antes esconder os remédios que já havia comprado. O médico receitou a mesma coisa. Só tive o trabalho de tirar novamente os medicamentos da gaveta. Mas, desta vez, obriguei a velha a tomar uma cápsula e aplicar o ungüento. Ameacei-a de injeção, e então ela submeteu-se.

Parece que Pacatonha já se vai esquecendo do cavalo preto. Pensei que aquilo desse em loucura, mas não.

Mandei chamar hoje uma sobrinha da velha para cuidar dela. Pacatonha, a princípio, fez um barulho medonho, falou, resmungou, mas terminou se conformando. Do contrário, morreria de fome e sujeira. Está que não dá uma passada. Mas diz o Dr. Gouveia que aquilo passa. É uma crise sem maior gravidade, devida ao tempo, que andou esfriando de repente.

Aproveitei a presença do médico para perguntar-lhe por Paulino Correia.

- De acordo com a lógica - disse Gouveia - já devia ter morrido há muito tempo. Ainda na semana passada estiva lá. O homem estava

numa crise tremenda. Esperei que não botasse no outro dia. Mas dizem que já está andando. É um organismo dos siescentos diabos.

- E é mesmo tuberculose, Doutor?

- Se é! O senhor ainda duvida? É tísica e das piores. E, por falar nisso, como vão os processos dele, aí na justiça?

- Vão muito bem... para ele. Se estão dormindo e ninguém os incomoda!

- É, mas não se precipite, Dr. Márcio. Aquilo também está no fim. Qualquer remédio ali é apenas paliativo. Se eu pudesse salvá-lo, salvaria, que esse é o meu dever. Mas não adianta qualquer esforço.

Enfim, vai poder a doença o que não puderam os homens, pensei comigo, enquanto o médico se retirava. O foco dos pulmões vai extinguir o foco do crime. Dessas compensações é que resulta o equilíbrio do mundo.

Noite

Carta de Cláudio Maia:

"Ilmo. Dr. Paulo Márcio. Saudações.

Tendo o senhor me procurado em minha casa para me visitar e tomado providências para me soltar, naquele dia em que dizem que dei uma lição ao sacristãozinho, sinto-me no dever de escrever-lhe estas linhas, no momento em que sigo para a Capital.

Quando o senhor receber esta carta, eu já estarei a algumas léguas daqui.

Não tive coragem de me despedir do senhor, não pelo modo violento pelo qual me expulsou de sua casa, pois isto foi de certo modo apagado pelos seus gestos posteriores. É certo que eu não o procuraria nunca mais, se não ficasse a dever-lhe novas atenções pela sua consideração e delicadeza.

Se não o procurei pessoalmente, é porque existem coisas que eu não poderia deixar de dizer-lhe, no momento em que vejo o senhor, meu mestre e orientador, trilhar um caminho errado, como se estivesse cego ou não quisesse ver o que todo mundo está vendo.

Como não sou um hipócrita, prefiro retirar-me, obediente à maxima que afasta os incomodados de onde se encontrem.

Não sei como osenhor receberia uma opinião franca e leal como esta, dita de viva voz.

Assim, prefiro cumprir o meu dever, sem provocar brigas ou discussões.

Em qualquer parte onde eu estiver, cumprirei suas ordens e farei sempre as referências que o senhor merece. Não esquecerei nunca o

muito que aprendi com a sua convivência, quer intelectualmente, quer moralmente.

Adeus, Dr. Márcio. Pode acreditar na gratidão do seu menor amigo.

Cláudio Maia".

Bobagem desse menino. Não precisava escrever-me, nem procurar-me pessoalmente. Não me interessam as suas opiniões sobre a minha vida. Fez bem em retirar-se calado. Se me viesse dizer o que escreveu na carta, talvez fosse muito pior. Eu não toleraria a sua arrogância. Foi melhor assim.

Tinha graça eu ouvir lições até de um fedelho daquele. Já bastam Gabriel Soares e a mulher do médico.

Reconheço que me encontro numa crise. Muitas e muitas vezes tenho lançado ferro em brasa contra mim mesmo. Mas isso é diferente, porque eu mesmo posso corrigir depois os excessos de meu próprio julgamento. E, pensando bem, este meu caso não teria maiores conseqüências, se não estivesse todo mundo com os olhos em cima de mim, para ver o que eu vou fazer. Até compromissos tenho de assumir, pedindo para resolver. Vejam a quanto vai o poder de um chefe político nestas paragens. Ou a indecisão de um rapaz de vinte e poucos anos, lançado na vida sem experiência e sem rumo.

O que não posso tolerar de ninguém, nem mesmo de meu pai, é que falem como esse estudante desejou falar. Um menino que não tem dezoito anos! A sua carta apenas levantou o véu do que ele próprio diria pessoalmente. Fez muito bem em não vir, e seguir caladinho a sua estrada.

Refletindo bem sobre os termos da carta, vejo que ele exagera os defeitos de Maria Augusta. Só pelo que disse, é claro que exagera. Aliás, não é ele somente. São todas as pessoas que falam ou tentam falar comigo sobre o assunto. O próprio escrivão Florêncio, há muito que vive assim com um ar de quem quer dizer verdades, "falar com franqueza".

Que é que todo mundo está vendo e eu não quero ou não posso ver? A situação de Fábio Noronha? Ora, essa até os cegos conheceriam, porque não precisa ser vista. Toda gente sabe que o pobre diabo fracassou inteiramente, e nem mais se levanta da mesa de jogo. Dizem até que muitas vezes fica sem jogar, por falta de tostão, e permanece aperuando as cartadas alheias.

Será às alterações de humor da filha, que se refere o estudante? Mas isso também não é um abismo, embora eu mesmo o considere como tal, em momentos de exaltação. E o rapaz não tem elementos para um julgamento mais justo. Só eu tenho presenciado esses extravasamentos.

Se essa moça tivesse um defeito mais grave, um vício que a comprometesse, desde muito se ouviria falar nele. Pois, se é certo que

agora ninguém se atreve a acusá-la em termos claros, em minha presença, pelo conhecimento mesmo do nosso namoro, a verdade é que passei muito tempo aqui sem ter nada com ela. Todas as informações eram boas, como foram desfavoráveis os comentários sobre o dentista.

Que poderia ter surgido depois que eu não visse, não sentisse, nem sequer suspeitasse? Então, eu não passaria de um imbecil.

Sei que sou desatento. Mas, desatento, como já escrevi neste diário, para o que não tem maior repercussão dentro do meu espírito, embora seja importante para os outros. Num caso deste, porém, da existência de qualquer nota mais grave na vida de minha amada, acredito que pelo menos suspeitaria.

É possível, meu Deus, que eu seja tão inocente?

Há muito noto um ar de confidência em todas as pessoas que me falam. Mas não é somente confidência, é também uma espécie de comiseração. É como se cada pessoa que se aproxima de mim viesse dizendo: "Coitado, está num precipício e não sabe de nada".

E o pior é que não existe nesta terra uma só pessoa a quem eu me animasse de recorrer para tirar essa dúvida. Para perguntar-lhe francamente: "Olhe aqui, seja franco, diga-me tudo o que você sabe sobre a vida de Maria Augusta. Não oculte nada". Mas não tenho essa coragem. Desejo saber a verdade e ao mesmo tempo fico a temer a sua revelação.

Que será? Talvez nem seja nada, senão o trabalho de minha fantasia. Examinando melhor, a carta do estudante não dá margem a estas conjeturas. Só a circunstância de ser Maria Augusta filha de Fábio Noronha e ter certas explosões de temperamento, de gênio, como se diz, é suficiente para que todos a considerem indigna de casar comigo. Depois de bem analisado, o caso não passa disso.

Mas, e isso porventura será pouco?

É porque a gente se acostuma com tudo neste mundo. Eu mesmo estou aqui a falar como se já não tivesse sofrido tanto com a situação do dentista. Bastaria recordar que minhas primeiras crises não tiveram outra causa. Agora revejo toda a situação. Nos momentos de maior ternura, parecia-me sentir, ao lado da moça, a figura triste do pai, com o toco de cigarro, o bigode chamuscado, o paletó de alpaca preta, sempre com uma desculpa na boca, para acalmar o padeiro, o marchante ou o proprietário da casa onde mora.

No começo foi assim, lembra-me bem. Somente depois é que surgiu o outro caso, a primeira crise resultante de uma atitude da moça. Como o velho Cazuza me reclamasse aquele namoro, Maria Augusta viera a saber disso e explodira, com uma carta ofensiva e injusta contra meu pai. Injusta? Não sei. Mas não quero perturbar agora o meu raciocínio com um caso que está em suspenso e, portanto, não deve pesar no momento.

Depois, foram surgindo outros desentendimentos. Ela começou, diante dos obstáculos surgidos, a mostrar o seu temperamento. E então

cheguei a esquecer o dentista, como se não bastasse a sua simples situação pessoal para justificar todas as restrições que atingem a filha.

Mas, já que falei no temperamento da moça, não posso deixar de dar ao problema toda a importância que ele tem.

Não se trata apenas dessa exaltação vulgar, de uma irritação que, embora desagradável, não deixasse rastros mais duráveis. Não é só isso. Trata-se de uma encolerização que se manifesta pela ânsia incontida de mentir, de injuriar, de caluniar. E como se transforma, aquela criatura! Eu quisera ter bastante serenidade para analisá-la friamente, para não perder um só detalhe de suas reações. Não é que eu desejasse fazer qualquer diagnóstico clínico. A tanto não chega minha pretensão. Apenas gostaria de tirar conclusões para meu próprio governo, ver até onde pode chegar a gravidade do mal que me ameaça.

O que mais me perturba, neste momento, é relembrar o ar de bonança que às vezes se segue. Não direi que seja como se nada houvera acontecido, porque a situação não é precisamente essa. Há uma espécie de remorso mudo, que evita comentários, mas admite, nos monossílabos, nos apertos de mão carinhosos e, algumas vezes, até nos beijos, a existência da própria culpa.

Nunca me foi possível, depois de uma dessas crises, conversar francamente com ela, esclarecer a origem das versões que ela me transmite. Poderia dizer simplesmente: "Eu estava exaltada e inventei aquela história". Ou então: "Eu ouvi de Fulano. Não sei se é verdade. Mas estava com raiva e disse". Nada disso. O que faz simplesmente é me apertar com maior vigor, como se estivesse desamparada e encontrasse em mim o seu único apoio. Foi assim na primeira crise, quando a mãe esteve doente; foi assim na segunda, em relação a Cláudio Maia, e em outras menores.

Desta última vez, chegou a dizer que eu fiz bem em visitar e defender o rapaz. O mesmo rapaz a quem na véspera chamara traidor e mexeriqueiro. A quem apontara como aliado de Paulino Caboclo, o meu maior inimigo.

Às vezes quero pensar, pelo ar misterioso de certas pessoas, e agora por essa carta de Cláudio, que exista qualquer ato de traição contra mim. Quer dizer, que Maria Augusta me esteja traindo. Mas, reconstituindo toda a situação, todos os incidentes que datam do nosso conhecimento, não vejo um sinal, uma sombra sequer de infidelidade. E logo me convenço de que não é disso que se trata.

Recomeço a minha análise. Volto à situação do pai, às explosões do temperamento da moça. Novamente busco uma infidelidade. E logo me convenço de que não existe nada, tudo é efeito de minha fantasia. E nesse eterno círculo vicioso consumo dias e noites.

Até me sentia tranqüilo, antes de receber essa carta.

Examino tudo, até detalhes de letra, para ver se encontro a revelação do que as palavras não dizem claramente.

Depois de todos esses esforços é que me apercebo de como eram pequenas as cogitações que antes me impressionavam. Vencer, brilhar, criar um renome de advogado, Esses problemas me parecem agora criações artificiais. É como se, ao pensar em instalar uma casa, nos preocupássemos primeiro com os enfeites. E as paredes, o teto, o piso? Isto, sim, é que deve ser a primeira preocupação.

Vejo agora que toda aquela luta interior que eu travava, quando estudante e principalmente depois que aqui cheguei, era uma luta contra fantasmas, contra moinhos de vento.

Agora, não. Por mais que a imaginação participe do debate, é indubitável que existe um alvo concreto, um objeto tangível. Procuro salientar o papel que a fantasia exerce nessa luta, mas isso não resolve nada. Porque, qualquer que seja aquela influência, a verdade é que a fantasia existe e eu não posso suprimi-la. Todo e qualquer problema que me preocupe há de ser atacado, entre outros elementos, também por ela. Pretender eliminá-la seria o mesmo que alguém querer descontar, do peso do corpo, alguns quilogramas das pernas, por serem muito longas.

E no entanto - meu pensamento novamente se volta para Maria Augusta - fui eu que a procurei, provoquei-a com insistência. Cavei com as próprias mãos o meu abismo. Jamais suspeitei que tivesse forças para cavá-lo tão fundo.

Eu vivia numa espécie de ociosidade. Os trabalhos do foro, embora me tomassem o tempo, não me enchiam o coração. Talvez por falta de vocação, talvez pelo caráter prosaico das demandas, que não chegaram a encher-me a imaginação, ávida de aventuras.

Não, não foi só isso. Porventura não houve a luta contra o Caboclo?!

É possível que eu prossiga assim, até o resto da vida. Não tendo encontrado minha verdadeira vocação, sinto-me ocioso, dentro das maiores ocupações. É que o trabalho, até agora, se consegue até me cansar e esgotar, jamais me satisfez inteiramente. Nunca senti a satisfação íntima de uma obra realizada. Não direi perfeita, que esse é outro problema. Pelo menos realizada. Nunca. Por quê? Porque não encontrei a espécie de trabalho condizente com a minha natureza. Talvez não a encontre nunca. O defeito será meu, e não das coisas que me cercam.

Ao ser humano não é possível nascer apenas com deformações físicas. Existem muitas outras espécies de deformações físicas. E estas outras poderão passar despercebidas de muita gente, mas não daqueles que, para cúmulo de suas aflições, tiveram hipertrofiada a ânsia de se analisar, que é um castigo de Deus.

Poderia silenciar muitas destas impressões. Nem por isso deixaria de viver bem, comer, dormir e engordar. Desde que não tenho uma preocupação confessional exagerada, muitas e muitas reflexões poderiam permanecer na sombra. Mas aqui é que cumpre distinguir

entre o desejo masoquista de expor as próprias vísceras e o impulso generoso de contribuir com uma nota, com uma sequer, para essa imensa orquestração do universo. Ah, se eu pudesse transmitir essa nota!

Por mais oculto que escreva, ninguém escreve só para si. Isto seria até uma negação da natureza. As paredes de um diário não são indevassáveis. Se não forem destruídas a tempo, estas minhas páginas poderão ser vistas, por uma pessoa ao menos. Pois bem, a essa única pessoa eu devo tanto respeito quanto a mim mesmo. Perante ela, é meu dever tentar, quanto possa, transmitir aquela nota que o universo, no seu esbanjamento de sons, confiou ao meu ser. E quem tenha sensibilidade bem pode saber que nem sempre é pelo volume que essas vozes íntimas se fazem ouvir e entender.

Mas... sinto que estou me tornando nebuloso, à força de pretender ser claro, e por isso vou descansar.

Reconheço que, embora escritas estas anotações na ordem em que aqui se encontram, dia após dia, não têm muitas vezes encadeamento lógico. Quero dizer, algumas passagens chegam a parecer anacrônicas. Mas, quem abrir um pouco os olhos, logo verá que é o meu próprio espírito que muda. As impressões são todas sinceras, por mais que se choquem e contradigam.

Em alguns casos, a opinião contrária surge na mesma página, na mesma hora, no mesmo minuto.

Sacudo os ombros. Afinal, não estou escrevendo um tratado nem construindo um sistema.

Meu diário há de retratar a minha vida.

Quarta-feira, 21

Estou atravessando alguns dias de tranqüilidade. Quase diria felicidade, se pudesse confiar muito nos fados que me acompanham.

Parece até que as outras pessoas, que antes me chocavam com seu ar de mistério e compaixão, foram compelidas por forças estranhas a respeitar a paz do meu espírito.

Maria Augusta tem sido de uma serenidade adorável. Mas não é aquela serenidade do mar, depois da tempestade; de forças esgotadas ou instinto satisfeito, de que falei em páginas anteriores. Desta vez, é mesmo uma calma de lago, que nos tem permitido voltar às mais doces expansões de ternura.

Tem sido tal a delicadeza de sua conduta, que nem me sinto arrastado por aquela onda de carinhos carnais, que nos envolvia de outras vezes. Nossas manifestações de afeto têm sido puras, tão puras quanto possam existir entre um homem e uma mulher que se amam.

Por vezes chego a me indagar por que essa felicidade não pode durar. Por que as pessoas, como já perguntei anteriormente, não são logo boas ou más, simplificando assim o processo de nossas

deliberações? O que atormenta, o que confunde e aniquila, é precisamente isso - são esses traços de bondade e carinho ao lado das manifestações mais violentas de maldade e grosseria.

Mas, pesando bem, com esta mesma serenidade que ora nos enleva, eu poderia afirmar que até os atos mais desagradáveis, praticados por essa moça, não revelam propriamente perversidade. Nem por isso eles deixam de ser terrivelmente cruéis para quem os suporta. Mas esse é outro problema. O que desejo retificar é que não existe um fundo de maldade naquelas explosões, que se traduzem pela mais chocante forma de injúria.

Em verdade, porém, nunca lhe surpreendi uma mentira gratuita, uma historinha ferina contra ninguém. Sei que já escrevi o contrário disso neste mesmo diário. Falei de suspeitas de mentirinhas. Não é necessário repetir que escrevo com sinceridade, de acordo com as impressões do momento vivido. Quando eu disse que supeitara uma série de historinhas, de pequenas mentiras, procurei os exemplos, me minha própria memória, e não os encontrei. Encontro, sempre, grandes mentiras, injúrias e até calúnias, naqueles momentos de cólera. Fique feita, pois, a retificação. Só existem as grandes, não as pequenas mentiras. Pelo menos, estas não estão provadas.

Perguntar-se-á se isso não é muito pior. Responderei que não estou comprando nem medindo, mas apenas interpretando e distinguindo. E mesmo assim, se fosse obrigado a comprar, diria que não, que isso não é pior, embora não me queira deter muito, no momento, neste aspecto do problema. Saliento apenas que ela não mente gratuitamente, pelo prazer de mentir.

O que mais me seduz a curiosidade, em certas ocasiões, é averiguar se aquele traço do seu caráter é constitucional, inerente à sua própria natureza. Já pensei nisso muitas vezes, embora pouco tenha anotado aqui. É que certas interrogações muitas vezes me aparecem formuladas sem a necessária nitidez, e eu prefiro mastigá-las em silêncio, antes de confiá-las ao papel. Desta vez, acontece que a pe gunta, mal se aclara, já recebe a resposta adequada. E infelizmente a resposta é afirmativa. Sim, aquilo me parece um defeito constitucional, congênito.

Faço questão de assinalar que esta resposta, de mim para mim, não tem qualquer veleidade científica, nem arrasta a pretensão de ser uma sentença irrevogável. Ela é, no momento, a conclusão a que chego, por uma série de deduções que fujo ao esforço de reproduzir. Apresento apenas o resultado.

Mas, parecendo-me congênito aquele defeito, não se esgotam aí as suas sugestões, Sinto necessidade de indagar até que ponto ele está condicionado e quais as causas que o condicionam.

Movido pelos princípios ou preconceitos científicos que orientam a minha formação humanística - humanística no seu sentido mais humilde e elementar - acho-me colocado, desta vez, sim, numa situação

de quem quer ver, para prever e prover. Talvez a força da decisão se encontre apenas na frase, na comodidade de se encontrar a fórmula feita. Mas, ainda aqui, não me quero deter na digressão. O que desejo é investigar essas causas e examinar até que ponto poderia eliminá-las.

Sem que usufruisse alguns dias dessa tranqüilidade que mencionei no começo desta nota, éu não poderia sequer sonhar com o desafogo destas meditações. Porque, solicitado por fatos e impressões mais violentos, meu pensamento tem ardido em febre. E eu mesmo sinto que não me porto, na apreciação das circunstâncias, como um analista inteligente.

Porto-me como um fator de perturbação. Pouco importam alguns momentos de maior compreensão e clareza. Se eu tivesse de pintar um quadro, o que me interessava era a obra prima, e não pedaços de obra prima.

Que causas, pois - insistamos - são aquelas, e quais as possibilidades de eliminá-las ou pelo menos reduzi-las?

Não tenho a pretensão de ser dialético, mas é claro que duas respostas se impõem.

A calúnia, naquela natureza, é um ato de defesa contra os ataques do inimigo. Do inimigo, sim, porque, naqueles momentos de crise, quem discute com ela, ou a contraria, ou incide nas suas suspeitas, é um inimigo. A cólera lhe rouba qualquer possibilidade de raciocínio. E então ela procura na imaginação o que de mais ferino possa encontrar. Como a imaginação é viva e fresca, oferece quase sempre sugestões verossímeis. Esta, a primeria resposta.

A segunda me parece mais fácil: não vejo meio de eliminar ou reduzir essas causas. A vida é eterna luta. A própria vida conjugal - e aqui falo por instinto, desde que não tenho experiência, nem mesmo como testemunha - parece-me a maior batalha dessa luta. Uma batalha que, muitas vezes, não é travada inicialmente entre marido e mulher, mas entre um destes e o mundo, principalmente entre o homem e a vida, com as suas dificuldades de toda natureza. Ora, como os adversários, mal ferem, logo se distanciam, é a criatura próxima, tangível, quem toma a pele do inimigo. Só muito amor, muita inteligência e compreensão evitam a deflagração da crise.

Como suprimir os ataques do mundo, a perversidade do mundo? E, sem suprimi-los, onde o remédio para que aquela natureza ardente, acostumada àquele meio único de defesa, reaja de modo diferente?

"A educação!" Sim, ouço a palavra, como réplica.

Eu bem poderia propor-me a missão de educador. Mas, para isso seria necessário que o casamento não fosse um laço indissolúvel e eterno. A verdade é que o é. E não me cabe discutir aqui os argumentos, pró e contra, que ainda há poucos anos empolgaram os nossos juristas, quando da elaboração do Código Civil. Não estou discutindo o problema do divórcio, nos termos clássicos. Tento apenas esboçar a minha posição mais íntima, em face de um problema

sentimental e psicológico. E isso para mim importa mais do que as grandes forças que governam o mundo.

Por que não é permitido a gente viver com uma pessoa, verificar se dá certo, para depois se unir de uma vez e, ainda assim, com possibilidade de separação?

Mas, não nos desviemos. Este não é o nosso problema .

O que eu pretendia, nesta fase de calmaria que estou atravessando e não sei quanto há de durar, era dar o mais claro de meu pensamento e de minha meditação em torno deste episódio, que me absorve todas as energias.

Por mais particular que seja o meu caso, ele participa da natureza geral do universo. Um raio de luz que eu traga, um sequer, ficará pertencendo ao patrimônio do mundo. Esse raio de luz é aquela mesma nota musical de que falei antes. Apenas aparece agora sob outra forma.

Se não a dominei, sinto-a em volta de mim. As suas vibrações parecem dizer-me que não há remédio para certos males.

O que me falta é coragem para praticar o gesto heróico.

Herói ou mártir - eis o dilema.

Domingo, 25

Nenhuma alteração na calmaria.

Não pensem, os seres que me ouvem no espaço, que eu esteja ocultando nada, prolongando o sabor do silêncio, para melhor armar o efeito da tempestade. Ah, se eu próprio soubesse o que vai aocntecer no momento seguinte! Então daria o passo decisivo. Praticaria o gesto que deixaria de ser heróico, ou recuaria de vez. Mas não posso. Quem tem experiência dessas situações sabe que não posso prever minha própria decisão.

Repito, portanto, que prossegue a paz de nossa convivência. Houve apenas uma pequena perturbação. Quase não chegou a ser uma perturbação. Foi só uma ameaça. Preciso explicar-me bem.

Como o espírito me andasse desafogado e lépido, entendeu de dar para perquiridor. E certa manhã lhe ocorreu que o segredo daquela alma talvez fosse desvendado pelos caminhos da matéria. Vejam que jogo perigoso.

Da inspiração à execução foi um pulo, como se diz vulgarmente.

Creio já ter dito, numa das últimas observações deste diário, que o nosso amor, tanto por mim quanto por ela, havia tomado, nesta fase tranqüila, a sua forma menos material. Mas, eis que a imaginação vadia se arvorou em experimentadora. Não sei por que sugestão dos demônios, eu me convencera de que, se possuisse aquela mulher, se dominasse inteiramente a sua carne com a minha carne, de modo a não me restar mais nenhum segredo no seu corpo, estaria decifrado o enigma da esfinge.

Ah, meus amigos, eu mesmo esquecera o que já sabia antes: o ser humano nem sempre quer ser cobaia. Ao meu primeiro gesto, o olhar de reprovação que ela me lançou vinha revestido de toda a força dos elementos.

- Maria Augusta, me perdoe. Há momentos em que eu penso que sou um louco.

Ela nada respondeu. Segurou-me a cabeça e beijou-me a face. Mas era um beijo inequívoco, puro, quase direi maternal. Desta vez me pareceu que o doente era eu, e a enfermeira, ela.

Pouco me demorei nessa noite. Saí humilhado e ferido.

E digam agora que é fácil conhecer a natureza humana.

Noite

Hoje ela me perguntou:

- Porque é que a gente não vive sempre assim?

Eu lhe havia falado da saída do estudante, sem se despedir de mim. Não mencionei a carta. Ela podia pedir para vê-la e eu não lha podia mostrar. Ela teve palavras de compreensão, quase de simpatia, em relação ao rapaz. Falou bem de meu pai, de Gabriel Soares, de todas as pessoas, inclusive das que a consideram um abismo para mim. Comovi-me profundamente. Ela notou e perguntou:

- O que é, Márcio, que você tem? Parece que você não gosta de me ver feliz?

- Não diga isso, Maria Augusta. É... é por isso mesmo que estou comovido.

Mas não era. O que me comovia era vê-la ignorando a sua própria tragédia, chegando quase a amar as pessoas a quem mais devia odiar, as que desejam a todo custo afastá-la de mim, como a desgraça de minha vida.

E também, como ela desconhece as forças inimigas que dormem ocultas na profundeza do seu temperamento!

- Deus queira que essas coisas não aconteçam mais, não é, Márcio?

Respondi com a cabeça. Ela ficou pensativa e depois perguntou:

- Você parece que não acredita?

- Não acredita o quê, Maria?

- Nada...

Sábado, 31

Eu bem devia compreender que o mundo não haveria de parar inteiramente para que eu desfrutasse alguns dias de felicidade. Foi uma ilusão que logo se desfez. Não é que tenha havido qualquer incidente novo entre mim e Maria Augusta. Nada disso. As preocupações, desta vez, foram de natureza diferente.

Surgiu um forte desentendimento entre dois proprietários vizinhos, por questões de limites. Um deles tentou abrir um roço, o outro veio e interrompeu o serviço. O primeiro insistiu, o segundo fez novo desforço.

Fui convidado por um deles, o que protesta contra a picada, porque julga invadidas as suas terras. Aceitei a causa. Recebi as escrituras do constituinte, tomei os apontamentos necessários para redigir a petição inicial.

Confesso que senti certa dificuldade em fazer o trabalho. Não é que minha "máquina" tivesse parado de vez. Mas, quase sem que eu o percebesse, ela estava sendo lentamente dominada pela inércia, muito ao gosto e à feição do magnânimo juiz da comarca. O certo, porém, é que depois de algum esforço consegui movimentá-la.

Fui à casa de Adriano, com a presteza que a situação exige. Essas questões possessórias envolvem quase sempre caprichos tremendos. Os proprietários defendem seus limites - muitas vezes os limites que sua ambição imagina - como se fossem questões de honra. No fundo, entretanto, não se trata disso. O que eles querem realmente é alargar seus domínios.

O meu constituinte me pedira, pois, a maior urgência possível. E foi com essa preocupação que procurei o Dr. Adriano Pereira.

O magistrado estava deitado na rede, lendo um jornal. A folha ficava apoiada no seu ventre volumoso. No chão, dois montes de jornais, um de cada lado. Era sempre a velha divisão, entre os lidos e os não lidos. Ah, se eu pudesse misturar e queimar tudo!

Depois dos cumprimentos e das palavras convencionais sobre o tempo, entreguei a petição ao juiz.

- Deixe aí em cima da mesa, Dr. Márcio. Também isso não tem urgência, não é?

- Como, Dr. Adriano! O senhor sabe de que se trata?

- Hem? - perguntou ele. - Que foi que eu disse, que nem me lembro?

- O senhor disse que o caso não tem pressa e eu lhe perguntei se o senhor já o conhece. Parece que o senhor falou distraidamente.

- Ah, sim. Eu estava pensando cá em outra coisa.

Afastou um pouco o jornal, tirou os óculos e disse:

- Doutor Márcio, se não estou enganado, nós havíamos combinado deixar esses casos para depois, não foi?

Não pude deixar de rir. Mas logo me refiz e respondi:

- Não, Doutor, Adriano, nós combinamos adiar algumas audiências, a inquirição de testemunhas em dois ou três processos criminais de menor importância. Mas agora se trata de um caso novo, uma ação possessória urgente.

- Como?! Mas o senhor ainda tem ação possessória para mover este ano?

- *Como* não, Doutor Adriano? Poderei ter muitas, tantas apareçam.

O juiz levantou-se e chamou:

- Ó Nana! Nana!

- O que é, Adriano?

- Vem cá, Nana.

Nana veio.

- Bom dia, Dr. Márcio. Desculpe sair assim, de chinela e vestido sujo. Estava lá dentro ocupada.

- Não tem importância, Dona Nana. A senhora está na sua casa.

- Ó Nana - perguntou o magistrado - você não se lembra que se tinha feito aqui um acordo para adiar esses feitos novos até o fim do ano, para eu botar o serviço atrasado em dia?

- Eu não me lembro disso não, Adriano. Também, desse jeito, você não bota serviço em dia não. Cada correio que chega, traz um dilúvio de jornal. E enquanto você não lê até os reclames, não sossega. Quando larga os jornais, é para pegar nos livros religiosos. Como é que pode botar serviço em dia, desse jeito?

- Ó Nana, mande chamar Florêncio. Ele assistiu a essa combinação. Eu acho que não estou enganado, não.

Resolvi intervir com maior energia, embora com delicadeza:

- Doutor Adriano, o senhor me desculpe, mas não adianta mandar chamar o escrivão. Se fizeram essa combinação, eu não participei dela, e portanto não me sinto obrigado. Pelo menos as minhas petições, o senhor tenha paciência, mas eu quero que despache.

- Era só para isso, Adriano? - perguntou Dona Nana.

- Só, Nana.

- Pois então eu vou voltar lá para dentro, que tenho muito o que fazer. Doutor Márcio, o senhor me dê licença.

- Pois não, minha senhora.

Adriano pegou então no papel. Procurou a caneta e o tinteiro. Depois de muito esforço, encontrou a primeira, mas não encontrou o segundo. Novamente chamou Dona Nana. Ela veio reclamando, mas em tom amável. Depois de saber o que era que o magistrado queria, trouxe um tinteiro:

- Está aqui, outro tinteiro. Eu já sei que tantos apareçam como ele perde, Dr. Márcio, e tenho logo um bocado de vidrinhos cheios, para quando ele precisa. Aqui tem um tinteiro grande, que já se perdeu umas cem vezes. Às vezes passa mais de ano escondido. Quando menos se espera, aparece dentro de um bocado de jornais, ou de uns autos velhos.

- Pode ir, Nana. Doutor Márcio não quer saber dessas bobagens, não. Ele tem muito o que fazer.

Dona Nana pegou o fio da meada:

- Pelo que vejo, tem muito mesmo. Só o tempo que gasta com o coração...

- Tudo isso é conversa do povo, Dona Nana.

- Ora, conversa! Então todo mundo não vê que o senhor é morto e vivo na casa do dentista? Mas afinal, casa ou não casa?

- O que é isso, Nana! Isso não são modos. Doutor Márcio, o senhor desculpe. Mulher é bicho sem juízo.

- Não, juízo graças a Deus eu tenho. Nunca dei prova de doida, graças a Deus.

- Doutor Adriano - disse eu, já agora mais para procurar uma saída - despache logo a petição, que eu preciso levá-la ao cartório.

O juiz escreveu o clássico despacho - "D.A., à conclusão".

- Está aqui, Dr. Márcio, está despachada sua petição. Mas vamos ver se deixamos a audiência para mais adiante.

Ora, o que eu queria agora era ver-me livre das perguntas da mulher do juiz. Por isso, respondi:

- Depois combinaremos isso, Dr. Adriano.

- Veja bem, Dr. Márcio. Depois, não se esqueça da combinação e não chegue aqui com as suas pressas.

Notei que a felicidade corria no rosto do magistrado. Foi tão grande que ele fechou os olhos.

Tomei o chapéu e fui-me despedindo.

- Como é, quer sair sem responder minha pergunta? Casa ou não casa?

- Dona Nana, eu não sei o que é que vou fazer. Quando resolver, a primeira pessoa a saber será a senhora. Virei aqui especialmente comunicar-lhe.

A minha resposta envolvia um pouco de agastamento e um pouco de ironia. Pensei que a senhora do magistrado não insistisse. Mas ela não se deu por achada.

- Eu sei de tudo, Dr. Márcio. Dizem que o senhor só ainda não se decidiu por causa do gênio da moça. Por causa de compadre Cazuza, não, que filho hoje não está ligando pai para nada. Felizmente, eu não tenho filhos. Desejei muito, mas hoje até dou graças a Deus. Mas dizem isso, que a moça tem um gênio medonho. Fora da pancada dela, dizem que parece uma santa, mas, quando se zanga, não respeita nem a mãe. No pai, nem se fala, que aquilo não regula nada. A moça é quem sustenta a família. Não sei não, Dr. Márcio, isso não é da minha conta, e eu só me incomodo com o que me pertence. Mas lhe digo uma coisa: tenha cuidado no passo que vai dar. Esse povinho que vai mostrando a unha antes de casar, avalie o que não faz depois...

- Não tenha cuidado, Dona Nana. Qualquer novidade que houver, a senhora será a primeira a saber.

E assim consegui sair da casa do juiz, que já adormecera na rede, e fui levar ao escrivão a inicial de minha nova ação possessória.

Entreguei os papéis e vim para casa.

No caminho, encontrei Melquíades, que quis puxar conversa.

Tinha *muito o que* me dizer. Prometi procurá-lo depois; agora, eu vinha muito ocupado.

E corri para escrever isto. Que os fatos, para mim, mesmo os que acontecem, só estão acabados depois de traduzidos neste caderno. Que dizer das coisas imaginadas, as que trabalham sozinhas, por si próprias? Já afirmei que este diário é hoje uma parte de minha vida. Afirmei e repito agora.

Agora, no meu silêncio, fico a pensar naquele casal de vida praticamente extinta. Tendo passado vinte anos noivos, quando eles casaram já eram duas flores murchas.

JUNHO

Domingo, 1º

Os pequenos acontecimentos de ontem me trouxeram uma grande lição. E por isso que digo sempre: só tem importância o que acontece dentro de mim. Não é que eu mesmo procure mastigar os fatos, forçar interpretações. Estas é que se impõem, com uma energia que não tem, pelo menos na aparência, qualquer relação com a importância dos fatos em si mesmos.

Pois assim foi ontem. Somente por haver atrasado, a partir de certo tempo, os meus trabalhos profissionais, senti uma dificuldade estranha, quando surgiu a necessidade de agir com presteza. Comparando, então, minha situação psicológica com a de Adriano Pereira, compreendi de relance o que todas as explicações de Cazuza Mamede, de Gabriel Soares ou do próprio Adriano, não teriam força para me meter na cabeça.

O nosso bom juiz sofre uma espécie de moléstia a que se poderia chamar "ânsia de adiamento". Logo que aparece qualquer necessidade de esforço, de trabalho objetivo, sua reação é sempre uma, invariavelmente uma: deixar para depois.

Não era outro o mal que começava a me assaltar, embora no meu caso houvesse uma causa, enorme e visível, que me consome todas as energias. Mas, do ponto de vista dos efeitos, a diferença consistia apenas nisto: que a ferrugem, no meu espírito, datava de pouco tempo e, no espírito do juiz, data de muitos anos. A distinção é apenas esta.

Fato aparentemente insignificante, todavia me alarmou. Não, Deus me livre de ficar assim. Qualquer que seja a trama de meus amores, ou, para melhor classificá-los, de meus sofrimentos morais, eles terão de constituir uma linha paralela, uma segunda batalha, que não poderá mais interferir nas ocupações profissionais.

Não, Deus me livre! Quando vi ontem Adriano Pereira dormir, no meio de uma conversa, senti-me aterrado. Fugi dali como quem corresse de uma moléstia contagiosa. Até já sentia dentro de mim o micróbio devorador, a preguiça me enlaçando, me amolecendo o corpo, me destruindo assustadoramente.

Vou voltar aos cartórios, verificar tudo quando esteja em atraso. Tenho mais medo daquela doença do que da morte.

Até mesmo a auréola de santidade que me habituei a ver em torno do juiz, desde aquela cena inapagável da cadeia, até isso desapareceu ontem de meus olhos, quando o encontrei afogado entre dois montes de jornais, sem saber onde estavam o tinteiro e a pena. Parece que estou a rever as colunas de folhas impressas, de um lado e outro, como se fossem forças inimigas que o acossassem, da direita e da esquerda. Nas gazetas que ficavam à esquerda, havia sempre escrita, à margem, esta palavra: "lido". Pelo que pude bem ver quanto se aflige o bom juiz para saber quais os jornais que foram lidos. É a voz de Dona Nana a repetir: "Tem um tinteiro grande que passa meses, às vezes até anos, sem a gente saber onde anda. Até que um dia, sem se saber como, ele aparece, dentro de uns jornais velhos ou de uns autos".

Houve momentos de crise sentimental em que pensei que nada existiria no mundo capaz de me absorver e impressionar, se não fosse relacionado com Maria Augusta. Pura ilusão, agora vejo. Sinto com entusiamo que me continua vivo o instinto da integridade moral. Ora, dessa integridade moral faz parte a capacidade para o trabalho, que defendo com uma intransigência feroz.

É possível, mesmo provável, que no espírito do nosso bom e amado juiz não trabalhem dúvidas semelhantes. Ele apenas se aflige quando o despertam de sua letargia, quando procuram tirá-lo de sua quietude. Devia aposentar-se, o santo homem. Já basta a bondade que tem derramado na terra. Não era necessário senão o gesto, tanto mais elevado quanto espontâneo e sem alardes, da libertação dos presos. Pouco importa que um criminoso, conservado na cadeia pelo próprio Adriano, também tenha acompanhado a "procissão". Isso é o que dá mais humanidade e beleza ao quadro. É o que mostra a linha de separação da santidade.

Apesar de tudo, a doença de Adriano me apavora. Ele, depois de ter renunciado definitivamente a qualquer ambição de trabalho, refugiou-se na vida de seus santos e na leitura dos jornais, em que vê certamente os fatos transfigurados numa realidade diferente da que o cerca. (Devia ler era romance. Até nisso lhe faltou uma advertência oportuna. O romance, sim, era o gênero de leitura indicado para aquela espécie de homem). Mas eu, meu Deus, não sei a que desatinos me levaria a louca imaginação, se me visse assim perdido, sem energias e sem ambições. O quadro de ontem foi um grito de alarma, que quero reproduzir sempre na retina, como guarda de minha integridade física e moral. Até bendigo a demanda nova que me vejo despertar. Se a princípio quase chego a incomodar-me, agora me ressoa como um brado de redenção.

Hosanas, muitas hosanas, aos proprietários desavindos!

Quase nem teria ânimo de agir contra a parte contrária, que

também foi um instrumento de minha vocação, se não sentisse em mim próprio uma necessidade orgânica e invencível de lutar.

Meu grande e venerando Adriano Pereira! Como desejaria ver-te agora na mesma altitude aonde subiste, sob as vistas embasbacadas do capitão Aurélio! Mas não posso. Só consigo ver-te na tua rede, um jornal empoeirado sobre o ventre enorme, um tinteiro perdido, Dona Nana falando.

Tu nem sabes, no teu alheamento do mundo, que os atos de grandeza também precisam reproduzir-se. Ou eles, ou o nada...

Quarta-feira, 4

Nos cartórios, os escrivães admiram-se do meu esforço, para eles sem sentido.

- Por que tanta pressa em dar andamento a estes feitos, Dr. Márcio? Será que o senhor tem alguma viagem em vista? - foi a pergunta que Florêncio me fêz hoje.

- Não, Florêncio, não tenho pressa nenhuma, nem vou fazer viagem. É que a gente, sem se sentir, vai deixando os processos se atrasarem.

- Eu estava até admirado - respondeu o escrivão. - Tanta energia no começo, para depois esfriar. Também o coração parece que não anda bom, não é, Dr. Márcio?

Não respondi. Simulei atenção maior a um processo e deixei o serventuário sem resposta. Ele também não insistiu. É das pessoas mais discretas que existem na cidade.

Sábado, 7

O Capitão Cazuza mandou-me ontem um bilhete alarmado. O tal espião que ele tem na fazenda do Caboclo avisou que este prepara gente para um assalto a Timbaúba. Já está com muitos capangas em armas e diz que arrasará tudo, desta vez.

O velho escreveu também a Gabriel Soares. Adiantava que tinha elemento para resistir algumas horas, porém pedia reforço urgente.

Meu primeiro impulso foi seguir imediatamente para junto do Velho. Poderia contornar a fazenda do Caboclo, por uma estrada que dá uma volta de mais de légua. Mas o chefe não consentiu. Disse que está agora com meia dúzia de soldados de confiança e pode dar ao compadre a assistência de que necessita.

- Eu não acredito nessa história - acrescentou Gabriel Soares - mas vou mandar o cabo Rebolo com quatro praças ver o que é que há.

- Major Gabriel, o senhor não acha que meu dever é ir também para lá? - insisti na pergunta.

- Se houver necessidade o senhor vai depois. E não vai sozinho. Junta-se aqui até cem homens, se for preciso.

Eu então me lembrei de um fato recente e não pude conter um riso. O chefe notou e perguntou o que era.

- Nada - disse eu. - Bobagem.

- Doutor Márcio, faça o favor de me dizer o que está pensando. Será que duvida de minhas providências, de minha dedicação ao compadre Cazuza?

Notei que o chefe se preocupava e tive de me esclarecer:

- Não é isso, major Gabriel. Achei graça porque o senhor falou em juntar cem homens. Mas a verdade é que, quando o capitão Aurélio praticou aqui toda sorte de arbitrariedades, não me consta que tivesse aparecido nenhum para nos defender.

- Isso é muito diferente. O senhor queria que eu juntasse gente para brigar com o governo, com a força legal, mesmo que ela estivesse praticando arbitrariedades? Isso é muito diferente. Mas apareça um civil, um desordeiro qualquer, para perturbar a ordem, e o senhor verá. O que é preciso, Doutor Márcio, é não confundir a nossa prudência e tolerância com covardia.

- Tem razão, major Gabriel. Aquilo era outra coisa - respondi afinal, para não desgostar o bom amigo, embora o tal risozinho continuasse a morder cá por dentro, doido para sair.

Algumas horas depois

Ainda não chegaram notícias de Rebolo.

Fui novamente à casa do major.

- Não se preocupe - disse o chefe - o cabo sabe o que está fazendo. Eu lhe garanto que ele faz o serviço melhor do que a encomenda.

Volto para casa.

Só me resta esperar.

Sinto-me de certo modo culpado pelo que está acontecendo. Se eu tivesse sido mais diligente, forçando essa Justiça a andar, talvez aquele criminoso não se atrevesse mais a desafiar a lei. É verdade que, aos primeiros movimentos da máquina judiciária, ele respondeu com a prática de novos crimes. Mas, depois, serenou. Eis que agora se retempera, para novas investidas.

Só não posso é conciliar estas últimas notícias com as informações, que ainda há poucos dias me dava o Dr. Gouveia, segundo as quais Paulino Correia estava se ultimando. Como é que agora se levanta e prepara elementos para atacar a nossa fazenda? Não, francamente, não compreendo. Mesmo porque ele nunca agiu assim. Não é de seus hábitos, não é de seu feitio.

Mas eu bem podia suspeitar que aquele caso não estava encerrado. Não era possível que um homem afeito ao desrespeito da lei, mesmo corroído pela tuberculose, desistisse tão facilmente de seus

intentos. Não estava na lógica daquele temperamento permitir que Cazuza Mamede cercasse, como cercou, brocasse e cultivasse o terreno, sem qualquer reação nova do antagonista. É verdade que as terras são nossas, sem qualquer possibilidade de contestação. Trata-se de uma das poucas datas de sesmaria demarcadas neste município. Os documentos não deixam margem a qualquer dúvida. Mas isso para o Caboclo não tem a menor importância. O direito alheio constitui até uma inspiração para que ele o desrespeite, emboscando, incendiando às ocultas. Isso, sim, é de seu hábito e de seu feitio.

Batem à porta. Vou atender.

Noite

Foi um portador de Gabriel Soares que me chamou, há poucas horas. O chefe queria falar-me com urgência.

- Olhe aqui um bilhete do cabo Rebolo. Eu não disse que o homem sabia fazer o serviço direito?

O bilhete, escrito em letra ruim, porém legível, era o seguinte:

"Major Gabriel, saudações. Tudo bem. O Caboclo tomou um porre muito grande, ficou completamente bêbado, e então começou a gritar pelos moradores para atacar a fazenda do capitão Cazuza. No começo os moradores levaram a coisa a sério e alguns até principiaram a azeitar os rifles, mas depois viram que tudo era cachaça. Um deles correu e avisou o Capitão Cazuza, mas já mandei um soldado lá avisar que não havia nada.

Não posso sair daqui agora porque o homem está passando mal, muito mal mesmo, depois do efeito da carraspana. Está tresvariando, dizendo muita asneira. Não quero sair porque desconfio que o homem desta vez vai embora e não quero que digam depois que a polícia fez nada com ele.

O pessoal da casa manda pedir para Vossa Senhoria mandar urgente o Doutor Gouveia, Vossa Senhoria veja como melhor resolve, fico aguardando suas ordens.

Sim, antes que faça encrenca, aviso-lhe que dei umas lambadas em dois moradores que estavam levando a capricho a conversa do homem e não queriam entregar as armas. Mas não fiz sangue não, já mandei botar água de sal. O mais tudo bem. Criado de Vossa Senhoria - Cabo José de Souza".

- Então, o que é que acha? - perguntou o major.

- Felizmente não houve nada. Mas eu pensava que o cabo tinha ido para Timbaúba e não para Desterro.

- Eu também. Mas, na hora da saída, Rebolo me disse: "Seu major, estou pronto a cumprir as ordens de Vossa Senhoria, mas cobra

se mata logo é na cabeça". E então eu disse que ele fizesse como achasse mais certo, embora agindo como muita cautela, sem violência.

- É, mas parece que já houve uma violenciazinha - insinuei maliciosamente.

- Ah, lá isso tem que haver. Quem luta com soldado, já sabe como é. A gente recomenda, porque, se soltar a rédea, é o diabo. Mas tem que haver sempre alguma coisa. Soldado fazendo uma diligência desta e não dando umas cipoadas, é mesmo que perder a viagem. Se a gente castigar, de outra vez eles se escoram, não querem ir mais. Tem-se que suportar. Eu vou sempre reclamar a Rebolo, porém, moderadamente. Senão, meu amigo, fico sozinho. Agora, se tivesse havido morte, ou violência maior, aí não, tinha que botar tudo para fora.

Guardei a lição de sabedoria de Gabriel Soares. Com este realmente ninguém pode.

- E o médico, vai ou não?

- Já deve ter seguido. nessas coisas a gente não dorme. Pedi a ele que não demorasse. E mandei dizer a Rebolo que logo que e o médico chegasse e visse que nenhuma violência tinha sido feita ao Caboclo, podia se retirar. Mas, em lugar de vir para cá, seguisse para Timbaúba e dormisse lá.

Gabriel acendeu o cachimbo e disse, com a sua ironia, que eu já conheço bem:

- Deixe o compadre Cazuza passar lá uma noite com a tropa, para mostrar ao povo que tem força na terra.

Antes que eu me levantasse para sair, Gabriel mesmo me convidou:

- Vamos dar um girozinho na rua. Ver se o Gouveia já saiu. Mandei dizer ao compadre Cazuza que viesse cá. Precisava aparecer. Enterra-se lá naquela fazenda, que até parece um bicho.

Separamo-nos. Vim para casa e, se não me engano, Gabriel foi para a dele. O velho costuma fazer destas. Quando quer despachar uma visita, chama para sair. Logo que se vê livre, volta para casa. Todo mundo conhece o truque, mas acha graça.E com isso ele se vai livrando das chateações.

Domingo, 8

- Soube quem morreu ontem à noite? - perguntou-me hoje bem cedo o velho Melquíades.

- Não, quem foi?

- Paulino Caboclo. Dessa cobra o senhor está livre.

- Entre, seu Melquíades. Venha contar direito como foi.

- Não tenho tempo. Só sei dizer isso. Tomou um porre danado e não resistiu. Morreu bêbado, como queria. Morreu de cachaça, se não foi o médico que acabou de matá-lo. Dizem que antes de se prostrar de

tudo *ainda disse muita* tolice, ameaçando o capitão Cazuza e o senhor. Tanto que a polícia foi até lá e andou surrando os moradores. Para que isso? O homem já morto, e os soldados espancando o povo. É por isso que dizem que eu sou falador. Mas não sou não. O que eu não gosto é de violência, de safadeza. É por isso que eu estou contra essa gente, contra o seu chefe.

Procurei explicar a Melquíades, do melhor modo que pude, o que havia acontecido. Mas o velho não aceitou as minhas razões:

- Não, Dr. Márcio, eu conheço os homens. Sei que Gabriel não manda, mas tolera. Não quer desgostar o cabo Rebolo, que é o homem da confiança dele. O cabo faz o que quer. Mas, comigo não se metam, porque eu toco telegrama para esse mundo todo.

- Ora, seu Melquíades, quem é que vai ofender o senhor? O senhor é estimado aqui por todo mundo, a começar pelo chefe.

- Ele gosta de mim como o diabo da cruz. Não me engole, porque não pode, porque eu abro os braços. Eu ainda quis prender o velho, mas ele resistiu:

- Tenho muito o que fazer, Doutor Márcio. Não posso não.

E foi-se. Não tem outra coisa a fazer, senão dar notícias. Dar e comentar. É a sua ocupação. Bate os quatro cantos da cidade, sempre que aparece uma novidade. Parou mais com a conversa de ser conselheiro. Ou desistiu mesmo da idéia, ou aguarda época oportuna.

Vou sair para ver se o dr Gouveia já chegou. Quero saber direito o que aconteceu.

Noite

Regressaram todos: o médico, o coadjutor, que já o temos na freguesia, o cabo com os soldados. Horas depois chegava o cadáver do Caboclo, numa rêde conduzida pelos moradores.

Durante o trajeto do corpo - informa o tal espia do meu pai que, embora sem mais necessidade, ficou com o hábito do ofício - houve ameaça de desavença entre os componentes do séquito, pois alguns faziam pilhérias contra o cadáver, enquanto outros defendiam o patrão, que acabava de finar-se. E, como traziam garrafas de aguardentes , certamente das que sobraram do morto, os ânimos se exaltaram. A felicidade foi haver o cabo deixando lá um soldado, para manter a ordem até o fim e só se retirar com o cadáver. E a praça, embora houvesse provado também uma bicada da boa aguardente do finado, teve equilíbrio bastante para acalmar os exaltados.

É verdade que um pequeno acidente contribuiu também para pôr termo aos desentendimentos. É que um dos brigões, exatamente o que defendia com maior energia o patrão desaparecido, partindo furioso para o insolente que lhe profanava a memória, esqueceu que estava segurando a rede, do lado da cabeça do morto. Uma queda seca - paf! - provocou exclamações gerais. Foi aí que o soldado rematou:

- Eu não disse que acabassem com a brincadeira? Está aí em que deu. Não sabem nem respeitar um cadáver.

Daí até a cidade, segundo me informa o auxiliar secreto do Capitão Cazuza, não mais se abriram, nem as bocas nem as garrafas.

Levaram o cadáver para a Cadeia. Mas a Cadeia, nesses atos, não representa um presídio. Quem se lembraria de aprisionar defuntos? É um prédio público, uma casa do governo, para onde se encaminham todos, vivos e mortos, que têm melhor pouso na cidade. Na sua sala livre costumam dormir pessoas sem abrigo, e esperar a hora do enterro os defuntos sem choro. É velho uso da terra.

No caso do caboclo, porém, aquilo me pareceu um certo capricho do destino. Ele havia de passar pela cadeia, ainda que depois de morto. É certo que procurei logo enxotar essa conclusão pouco cristã, mas não hei de negar que tenha admitido. Do mesmo modo, a queda que não vi e o ruído que não ouvi - paf! - também me pareceram uma punição póstuma, a única possível, contra o maior desrespeitador da lei em nossa terra.

O chefe Gabriel Soares, que deve ter sentido, sob ângulo diferente, a crueldade do destino contra a memória do Caboclo, mandou retirar o cadáver da Cadeia e colocá-lo na igreja velha, com o consentimento do vigário. E tomou todas as providências para que o sepultamento não fosse de todo indigno. Mas não agiu, eu bem compreendi, como amigo, e sim como chefe da terra, como espírito cristão.

Coisa medonha. Um homem abastado que em certos momentos trouxe abalado o município com o terror de seus crimes; um homem que se tornara, embora por instantes, maior do que a lei, fina-se assim, melancolicamente, sem o calor de uma amizade que o acompanhe até a sepultura. Não tem um descendente. A mulher, que não o suportara, certamente espreita, do ponto longínquo onde se encontra. Mas, enquanto não aparece, o juiz tem que nomear com urgência curador, que administra os bens abanDonados.

- Não podia deixar de fazer isso - disse-me depois Gabriel Soares, referindo-se às providências para o enterro. - Ele causou-me aborrecimentos, principalmente depois dessas desavenças com o compadre Cazuza. Mas a morte acabou tudo . Tenho que cumprir o meu dever. Sou o responsável por tudo isto aqui, tenho de dar o bom exemplo - concluiu o chefe, fazendo no ar, com o indicador, uma espécie de circunferência, que abrangia, na sua imaginação, todo o nosso município.

Tive a curiosidade de ouvir o Dr. Gouveia.

- A grande quantidade de bebida que ingeriu - disse o médico - apenas apressou a morte. Foi uma intoxicação tremenda, e o organismo, já fraco não resistiu. De qualquer modo, não podia durar muito. Estava mesmo no fim.

- E sobre a tal tentativa de atacar o velho Cazuza, Doutor, que é que o senhor sabe?

- Cachaça, meu amigo, somente cachaça. Ninguém levou aquilo a sério. Os moradores mesmo fizeram que obedeciam, pegaram nas armas para enganar o homem, que estava bêbado. Mas iam lá fazer coisa nenhuma. O Capitão Cazuza foi quem andou se assombrando. Dizem que pagava a um morador do caboclo para espiar as coisas lá. O patrão já estava desconfiado. Se não morre, parece que o cabrocha entrava na macaca. Foi a conversa que ouvi por lá. Mas, que ataque, que nada. Tudo pantim, meu amigo. O homem estava tratando era de morrer. Até não gostei do cabo haver espancado dois rapazes. Para que isso? Já disse ao Gabriel que ele está tolerando muito esses abusos. Não manda, não aprova, mas também não toma providência. Sabe o que o homem respondeu? Que soldado é isso mesmo, tem-se que tolerar alguma coisa deles, senão ficam sem interêsse no serviço, quando não passam para o outro lado. E que, se sair Rebolo, vem outro pior. Foi a resposta que me deu. Também, depois que ganhou fama de experiente, de conhecedor dos homens, o nosso chefe parce que não ouve mais opinião de ninguém. A gente diz as coisas, ele faz um risozinho de ironia, bota a mãos para trás e sai cantarolando.

Nunca eu tinha visto o Dr. Gouveia tão disposto a conversar. Ainda fez outros comentários sôbre a morte do caboclo e sobre o seu amigo Gabriel Soares. Eu não disse nada. Sei que são inseparáveis e aquelas observações têm caráter mais de colaboração do que de censura

A versão do cabo Rebolo é outra. Entende que os moradores levaram a sério o delírio de Paulino Correia. Isso mesmo já dissera na sua carta ao chefe. E, como notasse que eu já estava dando maior importância ao incidente, passou a falar na sujeira existente no interior da casa do Caboclo.

- Nunca vi tanta porcaria na minha vida, seu Doutor. Olhe que sou um simples cabo de polícia, mas Deus me livre de viver num chiqueiro daquele. Nossa Senhora me defenda.

O cabo acendeu o cigarro de palha de milho e acrescentou:

- Outra coisa que me admirou, seu Doutor. Eu pensava que o homem tinha muita arma. Mas qual! Quatro ou cinco rifles. Três são bons, o resto não vale nada.

- Não confie nisso não, cabo Rebolo. Ouvi dizer que a grande quantidade de armas estava enterrada, para o momento necessário.

- Que enterrada que nada! Estou muito acostumado com isso. Aquilo era um cabra de peia. Faz até vergonha a gente ver de que era que os senhores viviam aqui com receio. Faz vergonha Dr. Márcio.

E assim é a morte. Se traz, por um lado, os seus mistérios próprios, desfaz, por sua vez, certos mistérios da vida. Agora é muito fácil dizer que o Caboclo não valia nada, que não tinha coragem, não tinha armas. Que era um cabra de peia. Falta-lhe o essencial, que é o

mistério da vida. Mas nós só queremos ver o mistério da morte. Só falamos no mistério da morte.

Segunda-feira, 9

Chegou o velho Cazuza. Vem assim como o animal que fareja, que quer sondar o terreno. Pergunta o que há de novo. Digo que não há nada, tudo está no mesmo. Até que o velho não domina a curiosidade e pergunta:

- É verdade que o compadre Gabriel deu ao caboclo um enterro de gente grande? É que até o juiz foi ao cemitério e rezou por aquele bandido?

- Meu pai, não fale assim. O homem já morreu, e até por espírito de piedade devemos respeitar o seu nome.

- Que respeitar que nada! Na véspera de morrer ainda quis me assaltar, me assassinar.

- O senhor apure essa história direito. Converse com o dr Gouveia. O Caboclo estava embriagado.E morreu mais de intoxicação alcoólica.

- Isso é conversa lá do Dr. Gouveia, que só acredita no que vê. Sempre foi assim. Mas, então, o senhor acha mesmo que o desgraçado não queria me atacar?!

- Acho que ele estava embriagado.

- Já se embriagou para isso. Sempre foi assim, só tinha coragem de fazer ou mandar fazer, quando estava bêbado. Mas não é por isso que vou perdoá-lo.

- Meu pai, lá isso de perdoar ou deixar de perdoar, é com o senhor. Eu sou até um homem de pouca fé. O senhor sabe disso, e já tem reclamado mais de uma vez. Mas, o senhor, que é um católico praticante, acho que devia pensar de outro modo.

Senti o velho abalado, mas não rendido.

- É - disse ele - mas o compadre Gabriel andou muito mal, tomando as dores do Caboclo e fazendo um enterro pomposo.

- Também isso é lá com ele, meu pai. Quem é amigo dele, há muitos anos, quem o conhece bem, é o senhor. Eu não me meto nisso.

O Capitão não respondeu nada. Somente quando acabou de preparar-se, quando colocou na cabeça o grande chapéu do Chile, foi que disse:

- É, vou dizer isso a ele mesmo. Não gostei, nem podia gostar. Acho que já é tempo mesmo de ir deixando a política. Quer-se ver o amigo é nessas horas. Senão nem valia a pena.

Não sei lá o que vão conversar os dois amigos, mas desta vez parece que o Capitão está mesmo aborrecido.

Eu é que já não posso alimentar contra o morto a mesma prevenção. Não é que seja mais nobre. Nada disso. Meu sentimento

talvez *seja até mais* egoísta e utilitário, embora eu mesmo não tenha conseguido penetrar inteiramente no segredo de suas origens. Mas sinto assim uma espécie de gratidão a Paulino Caboclo, por se ter finado quase involuntariamente, por haver bebido tanto, apressando assim o trabalho da morte.

É verdade que ultimamente não me vinha preocupando com esse caso. Aquelas outras preocupações, que me têm assaltado o espírito e esmagado o coração, relegaram certamente para lugar secundário as atividades do foro. O próprio caso do Caboclo ficara assim numa espécie de penumbra.

Mas não tenho o direito de suprimir as circunstâncias que me cercam, e muito menos de desconhecer a minha própria natureza. Cedo ou tarde haveriam de invadir-me, talvez com ímpeto maior, as provocações do Caboclo. E talvez então, já sem o mesmo entusiasmo de outros tempos, já ferido pelos efeitos dessa outra batalha, a batalha sentimental, que nem sei que desfecho terá, eu ficasse definitivamente aniquilado.

Eis porque me sinto, de um modo até certo ponto original e estranho, devedor de gratidão a Paulino Correia. Foi um obstáculo - e falo principalmente do obstáculo moral - que saiu do meu caminho. Pouco importa não tivesse ele, ao retirar-se, o intuito de servir-me. As intenções muitas vezes de nada servem. O que me valeu agora foi o efeito, por mais diversas que fossem as intenções. Aliás, não deve ter havido objetivo nenhum. Ele bebeu certamente pelo simples prazer de beber, por solicitação orgânica do espírito. Sim, solicitação orgânica do espírito. Tenho bem noção do que escrevo.

Seja como for, Paulino Correia, bem haja atua inspiração! Podes não ter recebido ainda o meu perdão, no seu sentido mais cristão e total. Mas mereces a minha gratidão. Se esta te pode servir como título, no julgamento a que te vais submeter, não sejas intransigente na morte como foste na vida. Usa-a, sem constrangimento, como documento teu, que sòmente tu podias conquistar.

Já não amargarei pela ineficácia da lei, pelo desprestígio da Justiça, pelas minhas próprias incapacidades. Pelo menos neste caso, não sofrerei mais.

Minha gratidão não é um prêmio, é um pagamento.

E a gratidão, por ser tão vasta e sincera, arrasta outros sentimentos poderosos. Escuta lá, Paulino Correia, nesta hora de exaltação, eu também te perdôo.

Terça-feira, 10

Perdoei Paulino Correia, numa hora de exaltação. Venho confirmar meu ato, num momento de serenidade.

Quem sabe lá as razões que existem dentro do coração alheio? Nenhum ato é gratuito neste mundo. Os desregramentos do Caboclo

eram solicitados certamente por uma atração irreprimível. Tudo para ele era provocado por uma sensação - a sensação de posse. Possuir a terra ou possuir a mulher, eis a corrente que o arrastava. Talvez ele nem pressentisse as origens informes, o campo longínquo onde trabalhavam essas duas forças, obscuras e poderosas. Certamente não conseguiria delinear sequer o fio misterioso que as enlaçava. Nada. Seu espírito inculto não tinha essa janela aberta para o próprio abismo.

Mas, que importa? Ninguém é culpado pela cruz que a natureza lhe joga nos ombros. Defende-se, e com todos os direitos, porque é mais forte, porque está organizada. Ela precisa sobreviver. O que ela condena constitui a média do que todos condenamos. Pouco importa que tantas vezes o pratiquemos às escondidas. Esse simples gesto já demonstra a ilicitude do procedimento.

Que a sociedade se defenda, pois, está certo. É direito seu, e Deus nos livre de que não fosse. Mas, no ponto elevado em que coloco o problema da responsabilidade, vejo que ninguém é culpado no mundo. Não que eu acredite numa predestinação. Isso seria vulgar. Mas, porque todos ouvem, dentro de si próprios, chamados profundos e invencíveis. Sim, mesmo deixando de parte as razões artificiosas, as que nós criamos para servir aos nossos atos, temos as outras, violentas e instintivas, que nos colocam quase sempre, mesmo no crime, em situação psicológica de defesa legítima. Quase todo criminoso pratica, no momento do crime, um ato de legítima defesa putativa. Pode ser uma deformação emocional, mas nem por isso deixa de ser sincera. Não legalizamos essa sinceridade com a absolvição do culpado, mas não é possível deixar de reconhecê-la.

É este um aspecto da natureza humana que ninguém ainda estudou.

É por isso, Paulino Correia, que confirmo o meu perdão, embora dele talvez nem venhas a precisar. Por que tu é que te julgavas a vítima. O que o instinto te pedia, consideravas justo e legítimo. Quem te ensinou o contrário?

Estás por mim perdoado, neste plano espiritual, com a mesma pureza de sentimento, com a mesma inocência que envolveria o meu coração, se pudesses voltar ao mundo e eu, como juiz, tivesse de condenar-te a trinta anos de prisão.

Sim, não tenhas dúvida de que te condenaria, para depois te perdoar.

Quinta-feira, 12

Maria Augusta não fez um só comentário à morte de Paulino Correia. Apenas, no primeiro dia, quando chegou a notícia das ameaças contra o velho Cazuza, ela se mostrara um tanto aflita, com receio de que eu rumasse para lá. Mas, logo que a tranqüilizei, assegurando não

ser necessária a minha presença ali, desanuviou-se o seu semblante. Quase que lhe notei um traço de alegria.

No dia seguinte, quando se esclareceu que o Caboclo estava mal, e sua ameaça de assalto não passava de exaltação, ela ficou apreensiva e distante. Em certo momento perguntou:

- Então ele não ataca mais a fazenda?...

-Você está louca, Maria Augusta! Você queria que ele atacasse?

Como se voltasse de um sonho à realidadde, ela respondeu:

- Eu... eu não queria. Mas, se atacasse, estou certa de que ele morria, e você estava livre.

- E se o morto fôsse meu pai?

-Ah, é verdade, eu nem tinha pensado nisso...

Passou longos minutos em silêncio, desenhando qualquer coisa na capa de uma revista. Movimentei-me para sair.

- Você está preocupada hoje, Maria Augusta, e eu também tenho o que fazer. Preciso saber notícias de Timbaúba.

- Não, Márcio por favor, não vá agora.

Demorei um pouco, mas era evidente que nada havia entre nós a dizer. Uma nuvem, um mal-estar nos separava. Era inútil qualquer tentativa de aproximação.

No caminho de casa, aquelas palavras não me saíam do ouvido "Então ele não ataca mais a fazenda?"

Mas não pude admitir o que me insinuava uma voz insistente e longínqua, martelando, martelando.

Sábado, 14

Só hoje voltei lá. Ela, como já disse, não comentou a morte de Caboclo. Continuou na sua crise de silêncio, numa dessas crises que já conheço e temo, porque prenuncia coisas piores. Como eu insistisse em dar detalhes, para encher o tempo e tornar possível a minha permanência ali, ela me perguntou:

-Mas, Márcio, e cachaça mata assim?

- Deve matar. Pelo menos neste caso, matou.

- Certamente porque ele já era doente?

- Talvez

- Que coisa horrível, Márcio. Por que as pessoas não se dominam? Será que não existe um remédio?...

- Lá isso não sei. Também nunca precisei. Por que você pergunta isso?

Ela tomou-me as mãos e apertou-me com energia. Lembrei-me então de que Fábio Noronha me falara do filho, preso na Bahia, que às vezes se dava à bebedeira.

- É por causa do seu irmão? - perguntei.

Ela firmou com a cabeça, nos olhos uma alegria infantil, como se a minha pergunta viesse salvá-la de um grande embaraço.

E logo voltou a seu silêncio, mas não me largou mais as mãos.

A certa altura, perguntei:

- Que é que você tem, Maria Augusta?

- Nada. Eu tenho medo que você me deixe. Eu sei que você há de me deixar.

Eu não tinha uma resposta firme para dar, porque eu mesmo não sei qual será o desfecho de tudo isso.

- No mundo só acontece o que tem de acontecer - foram as palavras que me saíram.

- É por isso mesmo que eu sei que você me deixará. Porque só acontece o que tem de acontecer. Bem que você tem boa vontade, bem que parece gostar. Os seus olhos não me enganam. Mas você só é fraco, é como menino.

E então me abraçou, como nos seus melhores dias de carinho. Beijei-lhe os olhos, as faces, a boca. Minhas mãos percorreram-lhe os braços longos e rijos, os seios túmidos e febris. A boca era uma fornalha úmida. Sem que eu nada lhe pedisse, ela nada me negou. Nada, nada.

Dona Eulália, que parecia dormir, lá dentro na alcova, chamou a filha com uma voz tão magoada, tão ferida, que até parecia uma súplica de perdão pela demora do chamado.

Realmente desta vez, despertara tarde a sua vigilância materna...

Domingo, 15

Estamos, pois, diante de um fato que anula todas as especulações anteriores. Que importa agora que Fábio Noronha seja caloteiro e jogador, que o filho esteja condenado na Bahia, que Maria Augusta minta e calunie? Tudo isso é secundário, diante do que aconteceu. Nem vamos investigar culpas, nem chorar arrependimentos.

Pela primeira vez na minha vida, sinto-me firme e resoluto, mesmo que seja para enfrentar um abismo. Foram-se as minhas incertezas, os meus desfalecimentos. Nem Cazuza Mamede, nem Gabriel Soares, nem Dona Marina - ninguém pode mais intervir na minha vida. Tenho a impressão de que, até ontem, o meu caso não passava de uma brincadeira, de um namoro de menino, em que todo mundo se julgava com direito de opinar. Agora, não. Nem se trata de meninos, nem de um simples namoro.

Sim, ela é mulher, eu a fiz mulher. A alegria íntima, o grito de triunfo que vibra dentro de mim talvez seja mais alto do que arrebatamento daquela hora. É como se o outro momento fosse apenas o primeiro tempo de um ato que só se completa com a ruminação espiritual, com a recapitulação consciente, gota a gota, molécula a molécula.

Nem um instante sequer me atormentou o receio das conseqüências. Nada do que possa acontecer de mau poderá comparar-se com a situação anterior. Era um sentimento de frustação, um vaivém sem fim, um aniquilamento. e as impressões crescendo na imaginação, a fantasia dramatizando tudo.

O sol e a terra, o vento e as árvores, as pessoas e até os bichos - tudo quanto me cerca passou a falar agora uma linguagem diferente. Se o chefe Gabriel Soares me aparecesse agora e voltasse à conversa antiga, para saber o que eu havia resolvido, certamente eu lhe responderia: "Ora, major, o senhor não sabe que o mundo inteiro se transformou? Que já decorreram séculos, desde a nossa última conversa?"

Mas, não. Ele nem falará. Ele há de ver também, se não é cego, que a cor do mundo mudou, que o sol está mais claro e a noite menos misteriosa.

Sinto até vontade de sair gritando pelo meio da rua: "Ela é mulher e é minha!".

Não quero nem voltar agora lá. Quero prolongar, o mais que possa, a expectativa desse reencontro. Ela há de estar também risonha e eufórica, com a felicidade cantando em todos os desvãos do seu espírito. Quem se entrega como ela se entregou - espontânea, ardente, silenciosa - não poderá ter nunca um gesto de arrependimento.

Não irei lá hoje.

****

Apesar do que disse fui.

Logo que cheguei, ela apertou-me as mãos, silenciosa e febril. E, como se outra coisa não tivessemos feito até hoje na vida, rumamos para o mesmo local, abraçados, loucos e felizes. Uma vez só, e já tínhamos o hábito!

Em certo momento notei que ela chorava. Tentei então acalmá-la.

- Pelo amor de Deus, Márcio, não diga nada. A palavra nestas horas nada significa. Eu estou chorando é de felicidade.

E novamente nos abraçamos.

Sábado, 21

Oito dias decorreram, sem qualquer alteração em nossa vida.

Nem a voz de Dona Eulália vem perturbar as nossa horas de arrebatamento. Tendo falhado, no momento abismal, a sua vigilância de mãe, resolveu deixar o barco correr, senão conformada, pelo menos vencida. É o que parece dizer-me a voz do seu silêncio, lá por trás das paredes.

Eu é que, passado o deslumbramento das primeiras horas, começo a tirar da situação, no seu sentido mais material, todos os efeitos que ela sugere. Em termos mais claros: em lugar daquela

ruminação espiritual, de que falei há poucos dias, o que sinto é desejo, necessidade de tirar da carne, da matéria, a maior dose de prazer que ela me possa dar. Já que não tenho, pelo menos agora, uma crise moral a debelar nem uma situação psicológica a resolver, posso entregar-me sem reservas às solicitações do instinto, em toda a sua violência. E minha amada tem sabido acompanhar-me nesse dueto. Os meus desejos são os seus desejos. Até parece que sempre vivemos assim, que a outra parte de nossa vida foi um sonho e uma mentira.

Noite

Como me parecem ridículas, hoje, as preocupações que antes me afligiam! As palavras do frade, por exemplo. Parece que só nos preocupamos, quando realmente não há nada. Se fosse hoje, talvez até eu gritasse, para todo mundo ouvir: "Ora, meu amigo, isso não tem a menor importância. É verdade tudo quanto você está pensando. E há nada demais nisso?"

Na cidade, tudo é silêncio. Nenhuma pergunta, nenhuma indireta, nenhuma referência ao meu coração. Ou não sabem nada, ou acham natural, naturalíssimo, o que aconteceu. Sim, é mais provável que não saibam, mas não é impossível. "Quem iria dizer?", pergunta o espírito de contradição que por vezes me acompanha. Ora, meu amigo, certas coisas não precisam ser ditas. Elas falam através das paredes, da placidez da atmosfera, da tranqüilidade e satisfação das fisionomias. Quem não via antes, através do meu rosto, que todo o meu ser era um território varrido pela tempestade? Quem não via? Só os cegos. Pois olhem-me agora!

Domingo, 22

Às vezes a gente se sente inclinada a ligar fatos que na aparência não têm qualquer relação.

Em que poderia, por exemplo, a morte de Paulino Correia influenciar o curso de minha vida ou, para ser mais preciso, o destino de meus amores? Sou tentado, no entanto, a admitir que influenciou, por mais inconsciente que tenha sido a minha interferência nessa repercussão.

Sinto que o desaparecimento do Caboclo me trouxe uma sensação de desafogo. Era como se um grande compromisso de minha vida se desfizesse, deixando-me livres as energias para a aplicação que fosse necessária, em benefício de minha felicidade. Pouco importa que ultimamente eu não viesse pensando muito nos processos do caprino de Desterro. Era de qualquer modo uma ameaça em suspenso, um perigo adormecido, mas não eliminado. A qualquer momento eu teria de ser chamado para as mesmas lutas, tanto mais ingratas pela natureza dos

instrumentos inócuos que manejava. Mais do que eu pudesse perceber, aquele caso me trazia uma inibição, quase uma impossiblidade. Tendo o desfecho que teve - a morte, em torno da qual me não podia assaltar qualquer sombra de remorso, pois para ela eu não contribuíra de modo sequer longínquo e indireto - era natural que se abrissem todas as comportas do meu ser. A sensação de alívio, de libertação, cantava em todos os recantos de minha natureza. Isso, sem prejuízo do modo espontâneo e de resto desnecessário, com que o perdoei.

E não foi só isso. Para certos resultados não contribui apenas um fator. A morte do Caboclo, ao lado desse alívio, trouxe também, por mais contraditório que pareça, uma espécie de angústia, de saudade de alguma coisa que se findava. Era como se eu estivesse no dia de Ano Bom, festejando a era que nascia, mas, ao mesmo tempo, penalizado da que se transformava em cinzas. E então apertou-me o peito uma sensação de tempo perdido. Meu coração cantava e chorava ao mesmo tempo. Aquela morte levava minhas últimas esperanças de conciliação com a profissão que abraçara. Só a morte tivera força para corrigir a falta da Justiça, se é que a morte corrige alguma coisa no mundo.

Pois foi a um ser assim, exuberante na contradição dos sentimentos que o assaltavam, ávido de uma surpresa, de uma novidade que lhe marcasse os novos dias, que se entregou - logo quem! - a criatura estranha, tantas vezes julgada com rigor, mas sempre desejada, com toda a fúria dos instintos.

Dos efeitos que o mesmo fato - a morte de Caboclo - possa ter produzido em minha amada, pouco ou nada eu poderia dizer. Não me sinto obrigado a adivinhar, por maior que seja a minha ânsia de compreender.

Sei apenas que ela se entregou com uma vibração, uma satisfação de quem estivesse, com esse abandono, vencendo o próprio destino. Creio não me enganar, dizendo ter notado que ali também cantava um dia de Ano Bom.

E, até hoje, nem uma palavra de amargura, sequer um gesto de arrependimento. Não se lamentou, não disse que era uma desgraçada, como acontece em tais situações. Não me perguntou o que eu ia fazer. Nada, nada, absolutamente, de tudo quanto se possa pensar nessas emergências.

Não tenho a inocência de pensar que estou tratando com uma pessoa diferente do resto das mulheres, desumanizada ou artificial. Nada disso. Receio mesmo que as crises comuns a situações idênticas ainda possam surgir. Mas, até agora, não surgiram. Nem estavam na lógica do seu gesto, de abandono espontâneo e caloroso.

Estou aqui para dizer verdades, tanto quanto possa. Quando não posso, silencio. Mas não sou homem para contrafações.

Maria Augusta, nada reclamando, está sendo fiel a si própria, àquele momento, que foi talvez, até hoje, o mais característico de sua personalidade.

Terça-feira, 24

- Doutor Márcio, o senhor esqueceu hoje a audiência? Ainda há poucos dias estava tão interessado em movimentar os seus feitos, e agora já se esquece das audiências? Pois olhe que o juiz esteve lá e esperou bem uma hora. Mandou chamar o senhor. O oficial de justiça procurou-o em toda parte. Quando o Dr. Adriano se desenganou, inquiriu a testemunha e foi embora. Felizmente, era um caso sem maior importância. Mas não vá se esquecer da audiência cível. Tem aquela possessória, para o senhor acusar a citação. As partes já estão citadas.

Era o escrivão Florêncio que me falava. Avaliem como se inverteram os papéis. Adriano esperando por mim! Desculpei-me como pude. Aleguei que estava ocupadíssimo. E mesmo sabia que se tratava de ouvir a última testemunha, num processo criminal sem maior importância, em que estou funcionando como assistente.

Mentira. Eu não me lembrava de nada. Estava apenas enlevado com a minha amada. A vida agora é esta: quando não estou amando, estou pensando no amor. Já armamos até o nosso ninho, num recanto do consultório abanDonado. E parece que aquela parede de pano, separando, do resto da sala, o gabinete dentário, não fora feita com outro fim. Bem hajam a tua preguiça, o teu jogo, a tua desorganização, ó imaginoso Fábio Noronha!

Dona Eulália nunca mais me apareceu. Não mais lhe ouvi sequer o fio de voz, doce e distante. Como desejaria saber o que sente aquele coração materno! Desgosto? Resignação? Esperança de que agora, diante do mal irremediável, eu venha a casar com a filha? Quem sabe! Sei apenas que não a vejo, não a ouço, não sinto sequer sinais de sua presença.

- Mamãe está dormindo agora lá dentro - disse-me há poucos dias Maria Augusta. - Neste quarto aqui de fora estava correndo muito ar, ela teve medo de resfriar.

- Ela sabe que aqui fora está correndo tempestade - disse eu, numa tentativa de gracejo, por sinal a primeira, em torno de nossa última situação.

- Não brinque, Márcio. Isso não é assunto para brincadeira. Você não tente nunca gracejar com isso. É só o que lhe peço.

Maria Augusta disse isso e ficou distante. Só a muito custo consegui que ela me concedesse alguns carinhos. Mas não foi o mesmo abandono, a mesma ternura das outras vezes. Em dado momento, ela acrescentou, como se estivesse concluindo as palavras anteriores:

- Olhe, Márcio, você faça tudo para não perder o respeito que me tem. Se você um dia fizesse isso, eu o deixava e me matava. Agora já sei de um bom remédio para a gente se matar...

Estas últimas palavras foram proferidas já em tom de troça, mas uma troça que trazia certo travo de amargura.

Expliquei então que nada tinha dito demais. Apenas quisera esclarecer que Dona Eulália não podia sentir-se bem, pressentindo o que estaria acontecendo entre nós, e por isso se mudara.

- Não insista! - disse Maria Augusta, com a firmeza que já lhe conheço. - Isso é um assunto que você não pode compreender. Talvez um dia até compreenda. Agora, não. Mas não brinque com essas coisas. Nem pense mal de minha mãe.

- Mas eu disse apenas...

- Não foi pelas palavras, foi pelo risozinho, pelo ar quase canalha que você fez.

- Maria Augusta!

- Não estou chamando você de canalha. Estou dizendo que você esboçou um arzinho de canalha. Isso é bem diferente. Se você fosse um canalha, não chegava nem perto de mim.

Pouco mais tínhamos a dizer, nessa noite.

Ao sair, notei lá por trás, pelos fundos da casa, que um vulto se esfregava na parede, como se quisesse entrar sem ser visto. Apurei a vista, segurei o revólver - o revólver que não usei na luta contra Paulino Caboclo, mas estou usando agora, não sei contra quem. O amor constrói enormidades! O vulto esgueirou-se ainda mais, cobriu o rosto com uma das mãos. E então o paletó aberto alargou-se, num gesto que no momento me pareceu uma súplica de caridade. Foi por ele que eu reconheci o vulto. Era Fábio Noronha, que entrava em casa sorrateiramente, como se ele é que fosse o ladrão. Tirei a mão do revólver e prossegui caminho. Mas eu mesmo não sei se ia orgulhoso ou humilhado do meu poder.

Quinta-feira, 26

Recebi hoje a primeira alusão à minha nova situação. No momento, o fato surpreendeu-me. Eu estava numa espécie de enlevo. Não é que às vezes não me admirasse do silêncio que me cercava. Dona Marina, Gabriel Soares, ninguém mais falou. "Mas, pensava comigo, se notaram alguma coisa, não querem dizer por delicadeza. E estão aceitando até a situação como natural, uma vez que não causa prejuízo a ninguém. Não me querem desagradar".

Pura ilusão. Que ser privilegiado era eu, para ser tratado assim? Notavam tudo, viam tudo. O cego era eu. Cego e surdo.

Vejo agora que o comentário até tardou.

Eu passava em frente à igreja, quando dela saía a senhora do médico, de terço e livro de orações.

- Bom dia, Dona Marina.

- Bom dia, Dr. Márcio.

- Ainda não pude ir lá, cear, como prometi. Tenho estado muito ocupado.

- Quando quiser, estamos às ordens, Dr. Márcio. Mas, para os conselhos que eu queria lhe dar, parece que é tarde. Agora, vai tomar carão de verdade. Eu vou puxar-lhe as orelhas. Tenho rezado muito pelo senhor. Tenho fé em Deus que serei ouvida. Não condene sua alma, meu filho. Permita que lhe chame assim. Tenho rezado muito, para tirá-lo do caminho do inferno. Já nem falo do escândalo. Falo da ofensa a Deus. Credo!

Aproximava-se o tal sacristãozinho do coadjutor. "Como deve estar feliz esta alma", pensei comigo.

- Está bem, Dona Marina. Qualquer dia irei tomar o seu café - respondi um tanto desajeitado, e saí sem mais conversa.

Sexta-feira, 27

Em lugar de estar profundamente chocado, desta vez me sinto compreensivo. Não podia esperar outra coisa. Até tardou um comentário dessa natureza. Seria possível que eu recebesse parabéns pelo que está acontecendo? Não, isso também é esperar muito da generosidade de uma cidade inteira.

Mas há um ponto que quero deixar aqui bem esclarecido. Vivendo como estou com Maria Augusta, que por sinal agora revela um verdadeiro milagre de equilíbrio, não me considero um canalha. O modo como ela se entregou, que só eu mesmo tenho elementos para julgar - espontâneo, natural, feliz - deixa-me livre de qualquer remorso ou aflição.

Sei que a muita gente pareceria artificial este estado de espírito. Haveriam de considerar que o que aconteceu era bastante para desencadear uma tempestade. As reações de família, os comentários do meio, o retraimento de amigos, tudo isso criaria uma atmosfera asfixiante.

Mas é que os outros não haveriam de ter esgotado, como eu e minha amada, todas as sugestões, todas as tentativas de solução que não fosse aquela. Não haveriam de ter-se debatido contra uma série sem fim de obstáculos, aparentemente imponderáveis, invisíveis, porém poderosos como gases envenenados. De modo que o que aconteceu, veio por assim dizer como uma redenção, como o único ato capaz de restabelecer um equilíbrio de espírito, de conceder um pouco da felicidade que a vida lá fora não queria dar.

Nunca falamos sobre isso, nem são comentários que possam ser forçados. Mas a gente sente, através dos olhos, dos contatos, dos suspiros, o que palavra nenhuma seria capaz de dizer.

Se ela não fez uma recriminação; se não se considera uma vítima nem uma desgraçada, quem teria o direito de vir criar um drama que não existe? Entre nós dois, a estas horas, já não cabe ninguém.

Somente um ato praticado por ela - ato perverso, consciente, ofensivo - poderia hoje separar-nos. Mas esse procedimento não estaria na lógica dessa criatura feliz, amando com todo o vigor que a natureza depositou nas suas veias.

Não, ela não fará isso nunca mais!

JULHO

Terça-feira, 1

Começam a surgir as complicações de natureza social. E agravam-se outras. As alunas de Maria Augusta, que já escasseavam, desapareceram agora de vez. O dentista, há muito, não trabalha. Morava na mesa de jogo. Digo morava, porque até disso vem-se retraindo. Disse-me hoje a filha, com um cuidado e uma delicadeza moral que me enterneceram, que os companheiros de jogo já começaram a fazer pilhérias alusivas ao nosso caso.

Fábio Noronha foge de mim como um cão espancado. Dá-me sempre a mesma impressão daquela noite. É como se o criminoso fosse ele - se no caso pode haver criminoso. Eu não me considero tal. Não é porque a moça seja de maioridade. É porque a nossa situação psicológica, a teia que nos enlaça, afasta qualquer idéia de crime.

Mas há um problema que me preocupa. Ele está aberto diante de meus olhos. E não tenho uma sugestão para resolvê-lo. É a situação financeira da família. O pai sem clientes e a filha sem alunas. O dentista nem sequer jogar pode mais. As pilhérias, as invectivas não lho permitem. Ultimamente, atravessara até uma fase feliz. Sabia-se na cidade que estava ganhando. Comprara calças novas, para usar com o paletó de alpaca, já da cor de raposa.

Vejo bem o drama da família. Só não encontro meio razoável de amenizá-lo. Maria Augusta resistiria a qualquer tentativa de minha parte, no sentido de ajudá-los. Disso tenho certeza. Ela é escrupulosa. Mas aquela situação não pode continuar.

Procuro fazer um exame de consciência rigoroso, para ver se esta minha preocupação não resulta de uma fraqueza do meu caráter. Se o meu desejo de ajudar não é uma cavilação do espírito para enganar a consciência. Mas, até onde possa conhecer a minha própria natureza, acredito que não. Já não é de hoje que me aflijo com as dificuldades financeiras dessa família.

Mais de uma vez cheguei a ajudar o dentista. Tenho que deixar isso aqui registrado, por mais que me constranja. Mas é necessário, para calar as vozes suspicazes que me rodeiam. Sim, ajudei-o, e mais de uma vez. E naquele tempo nada devia à sua filha.

Eis uma complicação com que eu não contava. Querer agora cooperar e não poder. E não concebo como eles consigam viver assim.

Ao abrir a janela, hoje, a primeira pessoa que vi foi Melquíades. Vinha apressado como sempre, no seu empenho de transmitir e colher notícias. Deu-me uma vontade mórbida de brincar com o perigo:

- Que temos de novo, Melquíades?

- Nada, Dr. Márcio. Nesta terra não acontece mais nada. E o que acontece, dentro de pouco tempo ninguém quer mais. O povo só quer novidades.

- Dizem que o senhor é dono das novidades da terra...

- Isso é mentira desses cachorros. Eu só falo de quem merece. Só digo o que acontece.

- É isso mesmo, seu Melquíades, sei que o senhor é um homem de verdade - disse eu, dando por encerrada a conversa, porque senti o caminho perigoso que estava trilhando.

Já me arrependia de minha imprudência e procurava descartar-me, quando o velho, coçando o cavanhaque, como se a memória morasse ali, jogou a sua seta:

- E por falar nisso, até já estão esquecendo o nome do senhor. Esse povo daqui se acostuma com tudo, meu amigo.

- É isso mesmo, seu Melquíades, é isso mesmo. Estão me chamando aqui dentro, com licença.

- Quem havia de estar lhe chamando, Dr. Márcio? Só se fosse a maluca da Pacatonha. O capitão Cazuza esse dizem que não põe mais os pés na cidade. Anda morto de vergonha.

- Não acredite nessas coisas, seu Melquíades, isso tudo é história do povo.

Senti a fisionomia do velho iluminar-se. Era como se viesse guardando um fruto viçoso, cultivando-o, à espera do momento propício para colhê-lo.

Foi com verdadeira felicidade que ele disse:

- Mentira o quê, Dr. Márcio! Então o senhor ainda quer negar que está amigado com a filha do dentista?! Que o capitão Cazuza, envergonhado, não põe mais os pés na cidade? E Dona Eulália está como morta, não quer nem beber água? Ora, Dr. Márcio, eu estou muito grande para comer papa.

Despejou as palavras, gozou quanto pôde o seu prazer, esperou uma resposta. Como eu ficasse embasbacado, sem saber o que responder, ele largou-se para a rua. Era como se me desprezasse, não me julgasse um adversário à altura dos seus lances.

Fiquei-me só a meditar. Como sempre, venho a me aperceber de tudo pelos outros. Até parece que meus olhos, meus ouvidos, meus sentidos não funcionam.

Nunca pressentira que Cazuza Mamede soubesse de tudo e estivesse envergonhado. Não compreendera que Dona Eulália se finasse, silenciosa e omissa. Nem que, na cidade, se pudesse comentar abertamente o caso. Quem viu? Quem ouviu? Como os olhos do mundo são grandes! Como os ouvidos do mundo são sensíveis! Eu

mesmo já admitira que toda a cidade adivinhasse o que acontecera, mas, pelo lado bom, pela face de minha felicidade. Assim, não.

O que começa agora a me surpreender é o equilíbrio em que se mantém Maria Augusta. Já pensei nele, mas, sem descer mais fundo ao mistério de sua grandeza. Ela procede como se nada houvera acontecido, como se estivesse fazendo a coisa mais natural deste mundo. Amando e sendo amada.

Ao observar isso, notei uma cavilação do meu espírito. A minha admiração por minha amada, pela superioridade com que se porta nesta emergência, não é só admiração pura e simples. É também uma satisfação do meu comodismo. Uma expansão do meu egoísmo. Isso é que é.

Gosto às vezes de surpreender os meus próprios sofismas, desmascarar as minhas acomodações artificiosas. Isso faz bem, porque mostra à parte mais pura do ser que a inteligência ainda não se aniquilou e o caráter se esforça por não desaparecer de todo.

Mas... lógo me vem uma insinuação sibilina. É que esse narcisismo - essa contemplação da inteligência e do caráter - talvez seja, de certo modo, uma fraqueza, ou a negação de uma coisa e outra.

Não insisto. Cada homem, nestes momentos, é um juiz parcial contra si mesmo. O melhor é calar. Quando foi que o silêncio já fez mal?

Noite

Fiquei a meditar na força das palavras de Melquíades. Elas me deixaram tonto. Eu mesmo estava considerando natural a minha situação. "Um homem e uma mulher se gostam, se juntam e acabou-se". Era o que pensava - o raciocínio a serviço de minha comodidade. Há duas maneiras de ver os fatos. Uma coisa é ser parte, outra é observar. Principalmente quando o observador é um Melquíades. Sua palavra é dura, direta, sem rodeios. "O senhor quer negar que está amigado com a filha do dentista?". Eu bem que queria, ora bolas! Queria o ato; o que não queria era a palavra. A palavra é que dói, machuca, mostra o lado prosaico da realidade - da outra realidade, que a gente costuma abstrair, para desfrutar um pouco desta pobre vida. Bem que eu queria negar, sim. Não nego porque não posso.

Como é que essas coisas se sabem? Não é preciso ver o ato, ouvir os estalos dos beijos, o rumor dos corpos em êxtase. Parece que carregamos depois a satisfação estampada nos olhos. Deve ser o olhar de posse que lançamos sobre o corpo da amada. Devem ser os gestos, as palavras, o próprio jeito de sentar-se de um possuidor.

Ah, se a terra também pudesse falar, como se portaria diante dos olhares de seus possuidores? Diante da arrogância, das veleidades do senhor e dominador? Mas a terra fica muito alto, embora esteja debaixo de nossos pés. Não toma conhecimento da fatuidade de nossas

ambições. Dá-nos o pão, e acabou-se. O resto é conosco. Com a nossa imaginação, com as nossas loucuras, que são por outro lado a única força que nos salva da indiferença da terra, da tirania da terra.

Mas, voltemos às primeiras considerações. A palavra é que ficou doendo. "Amigado". Amigado, não! Isso cabe às ligações vulgares, sem a violência das paixões, sem os conflitos que me queimam até a alma. Amigado, amancebado, são estados por demais prosaicos, grosseiros, indelicados, para o fogo diferente que me consome. Considero até um insulto, um labéu, esse que minha terra me atira, pela boca de Melquíades. Tenha ou não recebido votos, Melquíades é um representante desta terra. Representante de uma das faces de sua mentalidade - face real, visível, eloqüente. Dessa parte do espírito que torna as coisas prosaicas, sórdidas, mesquinhas.

Não, eu não sou isso que se diz. Deus me livre! Nem quero mais repetir a palavra. Aquilo de que falam, tem cheiro de crime, de proibição, de traição a alguém. É baixo e asqueroso. É um crime de terceira classe. O meu, se porventura fosse crime, seria um crime intrépido, generoso, renovador.

Vai-te, Melquíades, para a casa dos diabos! A parte que representas nesta terra é realmente a mais suja.

Quarta-feira, 2

Já resolvi a situação financeira de Fábio Noronha. Resolvi-a na minha imaginação, é claro. Eu agora estou assim. Posso não ter capacidade de ação para dirigir os acontecimentos, mas transformo, cá no meu palco interior, as realidades humanas em fantoches, e haja poder! É o poder do senhor dos cordões. Já se pensou bastante na felicidade de ser o senhor dos cordões? É talvez o único poder no mundo que pertence a todos - ao senhor e ao escravo, ao soldado e ao general. Não custa dinheiro, não exige qualquer sacrifício. É só fechar os olhos e abrir a imaginação. Se, depois, ao voltarmos ao outro mundo, os bonecos estiverem rebelados, não lhes demos crédito. É mentira. A realidade é a outra, a que fica dentro de nós. Vinguemo-nos deles. Demo-lhes trabalho. Se o trabalho não bastar, demo-lhes o amor. Não haverá, então, um sequer que não chegue afinal vencido e humilhado. "Basta, pelo amor de Deus!" E a força de nossa vingança será tão forte que, no outro dia, até mesmo cá fora, no outro mundo mentiroso, no chamado mundo real, eles estarão diferentes.

Pois foi assim. Resolvi cá dentro todos os problemas. Dei dinheiro a Fábio Noronha, sem que a filha soubesse. Calei o povo todo da cidade, mandei Melquíades caçar votos, os votos de que não precisa mais, para ser um autêntico representante da cidade. Mas é bom que ele se vá, pensando que ainda precisa.

Como?! Que foi que escrevi? "Dei dinheiro a Fábio Noronha, sem que a filha soubesse". Eis a chave do problema! Vamos ver agora como a vida imita a arte. É assim que vou remover a dificuldade.

Hoje mesmo chamarei o dentista e dar-lhe-ei dinheiro.

Ou seria melhor mandar-lhe o pacote, discretamente?

Lá vêm as indecisões. É só o diabo desta cabeça pensar que está no mundo da mentira (o tal mundo real) e começa a negacear. Ora bolas! Que é que posso conseguir nele, que não venha cá de dentro? Um emprego para Fábio Noronha? Isso Gabriel Soares não dá. Ele é amigo de Cazuza Mamede, e não meu. Não sou político, não tenho prestígio próprio para arranjar nada. Que é que se faz nesta terra sem o major resolver? O chefe só não é ruim porque não quer. Poder não lhe falta. Mas nem precisa ser ruim. Só se fosse mesmo mau de verdade. Nada lhe falta, tem tudo quanto quer para mandar. O aborrecimento maior que teve até hoje foi aquele do capitão Aurélio. Mas aquilo não é nada. Onde está o rosário de Adriano Pereira, para desfazer tudo?

Mas... nada de digressões, nada de confusões. Vou dar dinheiro a Fábio Noronha. De um modo ou de outro, vou. Não muito, da primeira vez. Faço-lhe um bilhete delicado e dou o dinheiro. E se Maria Augusta vir?

- "Vê nada! Deixa de ser covarde" - diz o Mourisco aqui ao lado.

Desta vez eu lhe manifestei gratidão, com um pedaço de queijo. Mas ele não se dignou sequer de olhar para o presente.

Noite

Não posso deixar de descrever o que ocorreu hoje, não entre pessoas, mas entre bichos.

As horas se acumulavam no meio do céu, enquanto os estômagos soletravam a lição de todos os dias.

Um ruído me chamou a atenção para os lados da estante. Era Mourisco, que já trazia nos dentes, bem vivinho, o seu almoço.

Sem maior imaginação, o gato repetia a brincadeira da espécie: soltava o pobre ratinho e, mal este tinha a ilusão da liberdade, aquele, em novo salto, se precipitava sobre ele.

Era, para um, o suplício lento; para o outro, a diversão aperitiva.

Motivo para um quadro, se eu fosse pintor.

Ou para uma valsa, se fosse compositor.

Ou para... E assim por diante, artistas do universo.

Segunda-feira, 7

Resolvi não me incomodar com ninguém e deixar rolar a minha vida.

Estou normalizando as atividades forenses. Na ação de divisão e demarcação, estão chegando as últimas precatórias. O prazo dos editais também se esgotará em breve.

Se a cidade se conformar com os meus amores, muito bem; se não, pior para ela. Ela que se mude, a terra...

O mais grave seria o velho Cazuza. Mas esse fica lá na fazenda. Gosta do mato. Julga que estou naquela posição feia, de que fala o Melquíades. E não quer aparecer. Não pode estar zangado, o meu bom gigante gritador. Apenas se finge. Deve estar com vergonha. Mas isso passa. Tudo passa sobre a terra... é o que me ocorre de toda a minha literatura, com a reticência e tudo.

O diabo é aquele ninho mal instalado, no recanto do consultório. Mas, já que se chama ninho, tem o dever de ser rústico, sob pena de não ser poético.

Reconheço que estou hoje um tanto ou quanto cínico.

Mas é um cinismo natural, espontâneo como a gravidade de oturas horas.

Quarta-feira, 19

Mandei a encomenda a Fábio Noronha, o mais discreta, o mais delicadamente que pude. "O senhor está precisando. Não me leve a mal". Sei que aceitou, porque já hoje, vencendo todos os perigos, foi ao bilhar. Mas não faz mal. Dadas assim aos poucos, as rações não serão inteiramente perdidas.

Sábado, 12

O gesto que pratiquei, dando dinheiro a Fábio Noronha, não me acalmou a consciência. É como se eu lhe estivesse comprando a filha, sem que ela soubesse. Maria Augusta não merece esse tratamento. Era necessário falar-lhe sobre a situação financeira da família. Em termos delicados, mas falar. E foi o que fiz hoje. Pedi-lhe que me dissesse francamente como estavam vivendo, depois que ela perdeu as alunas. Ela me disse que começa a bordar e pintar para fora. Leva o dia nisso, não lhe faltam trabalhos.

- Mas isso não dá para viver, Maria Augusta.

- Dá de sobra. É o que você pensa. Já tenho encomendas de dois enxovais de casamento e diversos quadros. Não vou dar vencimento aos pedidos.

Aproveitei a doçura em que ela se encontrava para perguntar:

- Maria Augusta, você não acha que tenho obrigação de ajudar? Por que você não aceita?

- Aceito, se você tiver coragem de me botar em casa, de viver comigo publicamente. Mesmo assim, eu fico com o direito de trabalhar, de juntar minhas economias.

- Por que você diz que não tenho coragem?

- Porque não tem.

- Só não posso levá-la para a casa de meu pai. É dele, não tenho o direito. Mas vou alugar outra hoje mesmo.

- Pois alugue hoje, que eu me passo para lá amanhã.

- Não, Maria Augusta, aqui, não. Mas, se você quiser ir embora para Recife, nós vamos viver juntos. E um dia eu posso até casar com você.

Ela então me abraçou e chorou.

- Você casa nada! Você tem vergonha do meu pai. Você não confia em mim. Pensa que eu vou levar a vida mentindo, caluniando. Eu digo as coisas quando estou com raiva, quando me ofendem. Quando foi que eu já disse nada sem estar com raiva? Quando foi? Diga!

Já era um grande progresso, ela admitir, mesmo sem uma confissão direta, que inventava aquelas histórias, quando estava com raiva. Cá nas minhas veleidades de autor, fiquei a pensar que tudo era obra minha, de minha coragem de torná-la mulher, dar-lhe a plenitude dos prazeres do sexo.

Quinta-feira, 17

Coisa curiosa: repetiu-se hoje, quase inteiramente, a conversa de ontem. A mesma serenidade, o mesmo ar de confiança. Apenas, quando Maria Augusta falava de suas crises de exaltação, acrescentou:

- Você sabe que eu só faço isso quando estou ferida ou quando...

Nesse momento, como se recordasse uma coisa terrível, tapou a boca, recuou aterrada. Era uma criança surpreendida, descuidadamente, na confissão de uma traquinada. O seu pavor foi um pavor infantil. Tanto que misturou, na fisionomia, o ar de medo com um vago riso - quase um sorriso - em que esperava perdão.

- Que foi, Maria Augusta?

- Nada, eu ia dizendo uma bobagem. Mas já passou.

Sexta-feira, 18

Gabriel Soares esteve hoje aqui em casa. Sua conversa foi direta, porém polida. Recebera carta do velho Cazuza, pedindo que me chamasse e falasse claramente comigo sobre o que corria na cidade inteira. Ele, o Capitão, não tinha coragem, não queria magoar-me. Mas queria saber a verdade dita por mim mesmo, e quais as providências que eu pretendia tomar. Enfim, confiava, da sabedoria de Gabriel e do meu amor filial, do meu caráter, que tudo se resolvesse sem maiores danos. Que o patrimônio dele estava à minha disposição, sem limites, etc., etc.

- O senhor compreende a minha dificuldade, Dr. Márcio, em lhe falar neste assunto. Dele já tratamos há tempos, mas a situação era

diferente. Era muito mais simples... ao que parece. O senhor acaba de ouvir as palavras de seu pai. Peço-lhe que me diga alguma coisa.

- É verdade, major Gabriel, tudo quanto se diz na cidade.

- E que pretende o senhor fazer?

- Nada.

- Nada!?

- Nada, Que é que vou fazer?

- Eu é que lhe pergunto. Se o senhor prosseguir como está, será um homem arruinado na sua terra.

- É engano do senhor. Cada dia sou mais procurado pelos clientes. Não dou vencimento aos serviços que me oferecem.

- Não estou falando em advocacia, em ganhar dinheiro. Disso eu sei melhor do que o senhor. Sei que o senhor é um grande advogado. Não é maior ainda porque não quer, justamente por causa dessa situação. Mas falo em o senhor se arruinar socialmente, na sua posição, na sua... desculpe a franqueza, na sua moral.

- Isso de moral é coisa muito relativa, major Gabriel.

- É relativa lá nos livros. "Varia no tempo e no espaço", diz lá não sei que filósofo. Também já li isso. Já li Garofalo, Doutor. Mas eu falo é das coisas aqui de baixo, onde nós vivemos.

Eu não quis discutir. Pacatonha trouxe o café, forte e quente.

Eu já pressentira que a velha rondava por perto. Ia observar, quando ela surgiu com a bandeja. Gabriel prosseguiu:

- Doutor Márcio, pense bem no que conversamos. Vou escrever ao compadre Cazuza, dizendo que lhe falei. O senhor, querendo, pode dar a resposta diretamente a ele. Diga qualquer coisa ao Velho. Ele merece uma satisfação. Pense bem, Doutor Márcio. O compadre, como diz aí na carta, está à sua disposição, para o que precisar. Seja o que for. Até logo, Doutor.

- Até logo, major.

Sinto vontade de ir até a fazenda, conversar francamente com o Velho. Mas tenho receio de extremar o caso. Que iria dizer-lhe? Que não tenho meio de sair desta situação, que não quero sair dela? Seria magoá-lo demais. Que vou estudar um remédio? Seria uma hipocrisia.

Não esperava por esta complicação agora. Acreditei que ela tardasse mais um pouco. No meu próprio espírito, adiei-a quanto pude. Mas, já que surgiu, tenho que dar uma satisfação a meu pai.

Decididamente, vou fazer-lhe algumas linhas.

Noite

Eis a carta que fiz ao Velho.

"Meu pai: abençoe-me.

É com muito pesar que lhe comunico ser verdade tudo qunato se diz na cidade e a que se refere o senhor em sua carta ao major Gabriel.

Sinto profundamente que minha conduta lhe cause tanto aborrecimento. Mas peço que tenha um pouco de paciência, para ver se encontramos uma saída honrosa.

Acho que o senhor não deve privar-se de vir à cidade por isso. Dá uma impressão até pior. Vamos aguardar os acontecimentos.

Seu filho muito obediente, etc."

Sei que essa carta nada resolve. Mas anima, ajuda a atravessar a crise. Se não aparecer solução, como acredito que não apareça, senão para pior, do ponto de vista do Velho, ele termina se acostumando. Afinal, sou um homem, e não se vai morrer por isso.

Domingo, 20

Que posso fazer, senão pensar? É em que tenho levado o meu tempo.

Examino e reexamino os vários aspectos do problema, as diversas hipóteses de solução. Mas volto sempre ao ponto de partida, a mesma insistente, rebelde interrogação.

Começo admitindo a hipótese de casar com Maria Augusta. E sob esse aspecto examino os prós e os contras. Os prós se resumem num só: é que eu a amo, desejo-a violentamente. Cada dia com maior ardor. Tudo o mais são contras: as explosões do seu temperamento, a desmoralização de Fábio Noronha, o desgosto que causaria a meu pai. Contra todas estas últimas razões luta sozinho o meu sentimento. Luta e perde. Mas, logo depois se refaz, para travar nova e desesperada batalha.

Surge, então, outra solução. Eu poderia viver com Maria Augusta mesmo sem casar. Abertamente, não me preocupando com a opinião de ninguém. Tomaria casa, chamá-la-ia para dentro, e acabou-se. Mas também existem razões poderosas em contrário. Primeiro, o desgosto de meu pai. Depois, seria uma afronta à minha terra, uma desmoralização. Não sou nenhum renovador, nenhum revolucionário, para tomar a iniciativa dessa subversão de costumes. É verdade que existem muitos outros casais juntos, sem casamento, aqui e no mundo

inteiro. Mas esses são os tais "amigados", de que fala Melquíades. São os amancebados. Dessa forma espúria de viver junto, Deus me livre. A palavra queima como brasa. O meu caso seria diferente. O estado de espírito é outro. Há uma poesia, um lirismo, um halo diferente, perfumando a minha ligação. Mas, exteriormente, ninguém haveria de senti-lo. Seria aquela coisa horrorosa, de que fala o velho de cavanhaque. Seria a ruína do meu nome. Minha mãe choraria, no céu onde se encontra. Já não penso na perdição de minha alma. Isso no momento pouco me preocupa. Penso naquela outra alma, que seria atingida pelo sofrimento, mesmo no Reino de Graças onde deve estar.

Meu espírito procura outra derivante. É a de continuarmos como estamos. Maria Augusta permaneceria em casa dos pais, eu iria lá quando bem entendesse. Essa forma me parece a mais covarde, a mais hipócrita. Admito-a apenas como transitória. Não representa, pois, uma solução.

E então enfrento a solução radical. Deixar Maria Augusta. Arranjar um meio de mandá-la embora, com o pai suficientemente recompensado. Contra essa proposta luta vitoriosamente o meu sentimento. Luta e vence no primeiro embate. Não há necessidade sequer de lucubrações.

Às vezes, procuro juntar elementos de uma das fórmulas com elementos de outra. A combinação não satisfaz, desisto logo.

Ontem, no meio de todas essas considerações, assaltou-me uma tremenda interrogação. Se ela chegar a engravidar?! Por nada neste mundo eu abanDonaria meu filho. Ela haveria de pensar do mesmo modo. E então? " Então, deixa para resolver essa nova dificuldade, quando ela surgir", diz aqui ao lado o meu companheiro invisível, que gosta de intervir nos momentos propícios.

Eu me acalmo e prossigo. Mas volto sempre ao mesmo ponto de partida, para a interrogação insistente, fiel, arrasadora.

Que fazer?

Seganda-feira, 21

- O que foi que resolveram os três conspiradores?

Eis as primeiras palavras que Maria Augusta me dirigiu hoje, logo à minha chegada.

- Não sei de que se trata. Não posso responder.

- Não se faça de inocente. Você sabe que não me engana. É bobo demais para me enganar.

Notei que ela falava seriamente, de assunto importante. Cabia-me encarar com firmeza a sua interpelação. Foi assim que respondi:

- Já lhe disse que não sei de que se trata. Você diga o que é que quer saber.

Só então olhei bem para ela. Seus olhos estavam vermelhos. A voz não tinha completa firmeza. A sua expressão era a de um ser incendiado. Alguma coisa extraordinária havia acontecido. Ela prosseguiu:

- Então você pensa que eu não sei que você reuniu em sua casa o Capitão Cazuza e o Major Gabriel, para estudarem um meio de você me deixar?

- Meu pai há mais de um mês que não vem aqui. Você sabe disso.

- Não vinha, era melhor dizer. Mas veio ontem. Veio, tomou parte na reunião e foi embora. Fez tudo para não ser visto. Mas o que eu quero saber é o resultado da reunião. É o que me interessa. Quero saber o que o egrégio concílio deliberou sobre o meu destino.

- Maria Augusta, eu lhe peço que fale em termos que nos permita um entendimento. Já lhe assegurei que meu pai não esteve aqui. Não discutirei o assunto sem que você antes acredite na minha palavra.

Ela silenciou e eu prossegui:

- Quem esteve na minha casa, ontem, foi Gabriel Soares. Conversamos sobre este nosso caso. Ele é um homem de idade, de responsablidade, e velho amigo de meu pai. Podia falar no assunto. Mas você sabe que eu não permito ninguém - ninguém, nem meu pai - resolver um problema que é meu, exclusivamente meu.

- Então, eu não existo! - disse ela.

- Estou falando pelo lado que me toca. Pela parte da deliberação que me diz respeito.

Não era difícil perceber que aquela criatura, nesse momento, estava inacessível à voz da razão. Eram muito mais altas as vozes que vibravam dentro dela.

- Vocês estão todos enganados. Não pensem que fazem comigo o que fizeram com Paulino Correia. Na tal reunião só faltou o Dr. Gouveinha, com os passos miúdos e a carinha hipócrita. Só faltou ele, para marcar o dia e a hora de me envenenar, como envenenou o Caboclo.

Levantei-me e segurei-a pelos braços.

- Largue-me! - gritou ela, face a face, quase com os olhos dentro dos meus.

- Não é possível! Não acredito! - fui dizendo e ao mesmo tempo me afastando, enquanto ela se amparava na primeira cadeira que encontrara. - Não é possível!

- Não é possível o quê, Dr. Paulo Márcio?

- Maria Augusta, você está embriagada!

- Que tolice! Grande novidade! E a sua honrada mãe, Dona Maria da Silva Lima, fazia outra coisa na vida senão se embriagar?

- Não repita a palavra!

- Está repetida.

- Cadela, tome o que você merece.

Vibrei-lhe várias tapas na cara, de um lado e outro, como pude.

O pai veio correndo de lá de dentro.

- Para o senhor, o que eu tenho é isto - disse eu como um louco, apontando-lhe o revólver.

- Doutor Márcio, pelo amor de Deus, não me mate; não bata na minha filha! Eu não quero lhe ofender. Oh, meu Deus! Como nós somos infelizes!

De lá de dentro também vinha um gemido, trazido por um fio de voz.

Maria Augusta cobrira o rosto com as mãos. Mas não chorava.

- Fiquem-se aí com a sua miséria. O que eu devo a essa cachorra, estou pronto a pagar em dinheiro.

Ela então descobriu o rosto, vermelho das tapas e do ódio. A carótida inchara, como se a houvessem soprado todos os ventos ruins do mundo. Levantou-se da cadeira e disse:

- Bobalhão! Imbecil! Se pensa que foi o primeiro, está muito enganado! Nem isso foi capaz de conhecer. Era honra demais para um sujeito ordinário como tu.

Não tive o que dizer. Hesitei alguns segundos. Não, nem para se bater ela prestava mais. Guardei o revólver, tomei o chapéu e saí.

Fazenda Timbaúba, terça-feira, 22

Ontem, à noite, depois dos acontecimentos que resumi em notação anterior, passei pela casa do chefe e lhe disse:

- Major Gabriel, está tudo acabado entre mim e a filha do dentista. Devo seguir, ainda hoje à noite ou amanhã de madrugada, lá para a fazenda. Se o senhor ainda está disposto a ajudar em alguma coisa, trate da retirada do dentista. Pode gastar o que for necessário. É tudo por minha conta. Posso até adiantar-lhe logo.

- Não, não é preciso. Mas, conte lá como foi isso, menino.

- O senhor me desculpe, mas eu não posso. Talvez, depois. Agora é impossível. O senhor faça o que puder, e, logo que tiverem ido, mande me avisar na fazenda.

Logo depois fui para casa, onde descrevi o rompimento, nos termos que já se conhecem. Fiz todo esforço para retratar fielmente o acontecido, sem comentário de qualquer natureza. Senti uma necessidade profunda, imperiosa, de aliviar logo no papel o peso que me ficara na cabeça, no coração, no corpo inteiro. Mas, sem comentário, sem qualquer acréscimo de minha fantasia.

E aqui me encontro. Saí de madrugada, cheguei igualzinho com o sol. O velho Cazuza vinha voltando do curral:

- O que é isso?! Aqui por estas horas? Ou será visagem?

- Sou eu mesmo, meu pai, em carne e osso.

- Então temos grandes novidades?

- Alguma coisa. Lá dentro lhe contarei

Logo que entrei em casa eu lhe disse:

- Meu pai, está tudo acabado lá com a moça. Pode ficar descansado.

- Eu sabia que cedo ou tarde o senhor havia de voltar à razão. Havia de pensar melhor. Por isso é que resolvi dar tempo ao tempo. Meu filho, aquilo me matava. Era uma coisa que não podia ser. Aquela família...

- Meu pai, não é preciso dizer mais nada. Peço-lhe que não continue. É assunto acabado. Eu até pedi ao major Gabriel para se encarregar de mandar o homem embora, com a família. Disse a ele que podia fazer as despesas por minha conta. é verdade que eu não...

Arrependi-me do que ia dizendo. Nem eu mesmo sei se é verdade ou mentira. Mas, de qualquer modo, isso me humilha. Eu quisera mesmo ser o responsável, certo, indubitável. Correria todos os riscos dessa responsablidade, perante o mundo e perante minha consciência. Mas, nem esta certeza ela me deixou!

O velho Cazuza estava inquieto. Foi ao alpendre, voltou, consultou o relógio grande de parede.

- Sabe de uma coisa? O melhor é eu ir até a cidade.

- Ir à cidade para quê, meu pai?

- Para ver esse caso da saída do homem. O compadre Gabriel pode não resolver lá isso muito bem, e atender a muitas exigências do dentista. O senhor sabe, a vida está difícil...

"Vida difícil, pensei eu, com a fartura que teve este ano? Os bois gordos, os algodoais carregados, já começando a safrejar, muito milho, muito feijão..." Pensei, mas não foi isso o que eu disse. Apenas cortei a cavilação:

- Vá, se quiser, mas o major Gabriel está autorizado a gastar o que for necessário. O que eu quero é que eles vão embora.

- É, mas eu vou de qualquer modo. Não tenha cuidado que eu não perturbarei as providências do compadre. Sei que ele é homem moderado nos gastos.

- Ó meu pai, por que o senhor só pensa em gastos, em dinheiro? Para que serve dinheiro neste mundo?

O velho então perdeu um pouco o equilíbrio. Mas encontrou sempre uma saída:

- Não, não é isso. É que o pessoal pode estar exigindo uma indenização muito alta, e, se o Gabriel aceitasse, era o mesmo que reconhecer a sua culpa... É o lado moral, a tal dignidade...

- Meu pai, por favor. O problema não é esse. Eu me nego a entrar em apreciações detalhadas do caso.Mas, trata-se simplesmente disto: ajudar aqueles infelizes a viajar, se eles estiverem dispostos a ir embora. Eu não sei de nada, rompi, não quero mais falar com eles. É só isso.

- É, mas eu vou sempre até lá - disse o velho, já quase gritando.

- Pode ir, mas deixe o major agir como ele sabe.

Em menos de uma hora o capitão Cazuza estava de viagem, rumo à cidade.

Ao vê-lo afastar-se, sumir-se no caminho, fiquei a curtir o meu remorso, pela facilidade com que acreditei na tal história da mulatinha, como se o meu bom gigante gritador fosse capaz de uma baixeza daquelas.

Mas, ao lembrar-me de sua mesquinharia, do seu medo de despesas, enxotei o remorso e guardei uma pontinha de rancor.

Minha viagem de ontem, da cidade até aqui, foi um só galopar. Uma bandazinha de lua me ajudava a ver o caminho, até que o sol apareceu e ela escondeu-se, humilhada e esquecida.

Poderia escrever aqui que, durante a viagem, repassei na memória toda a minha vida, todas as minhas angústias destes últimos tempos. Seria talvez mais poético, mais adequado ao momento. Mas não seria a verdade. E esta manda dizer que não consegui concatenar uma idéia, articular uma reminiscência. Apenas, ao passar pela porteira do Desterro, notei que a cancela já não dera aquela mesma pancada cheia, vigorosa, de outros tempos. Foi um ruído seco, inexpressivo. Até nisso fazia falta a presença do dono. Rezei um padre-nosso, esqueci o finado.

O galope do cavalo me absorveu, como sensação nova, autônoma, indiferente às outras solicitações do meu espírito. Quis até lamentar, de mim para mim, que houvesse passado tanto tempo privado daquele prazer. Mas logo ouvi a réplica de que a leveza não era da pisada do animal, e sim do coração. E, como não queria empenhar-me em discussões, aceitei o esclarecimento e calei-me.

Meu estado ainda é de sonambulismo.

Quarta-feira, 23

Não é mais possível fugir à dissecação de certos fatos. E, entre eles, o que mais avulta, é esta pergunta: "Mas, então, ela bebe?"

Eu nem sequer suspeitara. Apenas notara que certas exaltações coincidiam sempre com dores de dentes. Quase que chegara a ligar uma coisa com outra. Seria uma auto-sugestão, uma particularidade qualquer do seu temperamento. Mas, não, vejo agora que a dor de dentes nunca existiu. Era uma evasiva, uma desculpa que ela dava, para disfarçar o cheiro de álcool, como se fosse remédio. De uma das vezes, chegara até a dizer: "Bochechei álcool, para ver se passava".

E eu a bobear, a não compreender nada.

Mas, agora, que está tudo acabado, irremediavelmente acabado, posso dizer-lhe também algumas palavras de justiça.

Não afirmarei que ela seja inteiramente má, que seja uma degenerada. Por muitas vezes soube portar-se com uma altivez e uma dignidade extraordinárias. Foi assim, no incidente das missões. Foi assim, na minha tentativa de auxiliá-la em dinheiro. Mas, como as

medalhas, ela tem duas faces. E a outra é insuportável. Calunia, exalta-se, ofende. Fá-lo somente quando está embriagada, ou já se embriaga para isso? Não sei. Não sei nem quero saber. Nem indago se são defeitos fundamentais ou susceptíveis de correção. Ofendido como estou, só me resta retirá-la daqui, e tratar de recomeçar a minha vida. Trabalhar e estudar. De mulher, creio que já estou vacinado. Espero não voltar à loucura de nova experiência.

Remontando agora ao nosso rompimento, quero distinguir duas situações, dois estados de espírito.

Como causa propriamente formal de separação, como razão moral de rompimento, o mais grave foi a ofensa à minha mãe. Isso bastaria para quebrar qualquer elo, por mais forte que ele fosse. Mas, como motivo profundo de mágoa, de despeito, quase direi de desespero, o grande golpe foi o outro. "Bobalhão, imbecil! Se pensa que foi o primeiro, está muito enganado. Nem isso foi capaz de conhecer. Era honra demais para um sujeito como tu".

Sim, para isso não existe perdão. Eu quisera ter aquela certeza. Se há momentos em que o homem deseja ser culpado, este é um. Ela podia explodir, insultar, injuriar até a si própria. Mas, no íntimo, ela saberia que fora eu o autor. Que para isso, pelo menos, eu servira. E então, a seus olhos, eu não seria assim um sujeito ordinário. Mas não tenho essa certeza. Desatento como sou, lembro-me apenas de que tudo foi rápido, espontâneo. Não tenho elementos para esclarecer mais nada. Verdade é que tenho pudor, até perante mim mesmo, de descer a certas indagações. É que os próprios elementos são contraditórios. Eu não poderia adivinhar este desfecho. Agora, é inútil qualquer esforço. Quanto mais mergulho no exame, mais os dados do problema se complicam. Há elementos nos dois sentidos.

Dir-se-ia que isto não tem importância. Tem. Tem importância fundamental. Não só para que eu pudesse medir toda a extensão do desequilíbrio daquele caráter, saber até que ponto seria capaz de injuriar a si próprio, como ainda por uma razão de origem talvez profundamente egoísta. Um egoísmo retrospectivo, mas poderoso. Eu queria ser culpado. Eu desejava ser culpado. A incerteza me traz uma frustração, de que talvez não consiga jamais curar-me.

Sinto-me até tentado - somente na imaginação - a voltar a ela e pedir-lhe que me diga, com a doçura e a sinceridade dos seus momentos de bondade, que aquilo que ela afirmou é mentira, e que o responsável sou eu. Que fui o primeiro, o único! Ela haveria de dizer-me. Nessas horas, é inteiramente boa, sensata, criteriosa. Poderia amanhã desfazer tudo, desdizer-se, em hora de exaltação. Mas, então, já não importava. A parte sadia de sua personalidade teria falado. A parte que não mente, não engana.

Não sendo possível essa reconciliação, terei mesmo de carregar a minha dúvida, de ver castigado o meu egoísmo, destruída a paz do meu

espírito. E, ao mesmo tempo, ficarei sem um dado precioso para conhecer a extensão do mal que devora aquela criatura

Não, não é um egoísmo. É um sentimento puro e saudável

Quinta-feira, 24

Ainda que queira evitar este capítulo de reflexões, não tenho forças bastante para isso. Uma mulher a quem tenhamos amado verdadeiramente, não se afasta assim de uma vez, por mais violenta que tenha sido a separação física. Fica muito de sua presença em nossos sentidos. E então, o que mais nos aflige é não termos a lucidez suficiente para recompor certos traços do seu caráter, certas particularidades de sua organização psíquica. As mesmas interrogações, repetidas, alternadas, contraditórias, ficam a martelar a nossa curiosidade.

Ela é boa? É má? A culpa não teria sido minha? Não era possível a correção?

Veja-se bem: não se trata da mais remota possibilidade de reconciliação. Essa página está virada, definitivamente. Tratar-se-ia, se fosse possível, de penetrar mais profundamente no segredo de sua personalidade. Sei que isso é um artifício da imaginação, que continua toda impregnada dela. Mas, por contraditório que pareça, captar as fragrâncias do seu espírito é o processo mais eficiente de eliminar a sua presença. Relembrar ainda é o melhor meio de esquecê-la.

E vou deixando a pena andar, porque, escreva o que escrever, tenho a certeza de que me vou desentoxicando.

Pouco importam as deficiências de minha observação. Tenho prazer em falar de mim e dos outros. Estou escrevendo apenas um diário, que a princípio me pareceu uma evasão, mas agora me surge como um freio e uma disciplina. Por vezes ele quer até comandar a vida. A dos outros e a minha. E, já que aqueles se rebelam, eu me submeto, para não desestimular a minha própria criação.

Ainda agora, procurando reconstituir o perfil moral daquela que tanto me tem feito sofrer, ou melhor, daquela que tão caro tem cobrado os prazeres que me deu, vejo que procedo como uma criança, em face de brinquedos de armar. Não conseguindo encontrar certas peças, indispensáveis ao seguimento lógico das figuras, fico em dúvida, sem saber se realmente não existem ou se não tenho capacidade de juntá-las. E, como o ato de escrever, segundo já afirmei, constitui para mim um ato de pureza, tenho de contentar-me com o desenho incompleto - uma árvore amputada, um mar sem horizonte.

E a dúvida que primeiro me assalta é esta: as suas explosões serão mesmo condicionadas à embriaguez?

Tenho elementos para dizer sim, porém outros mais fortes para

dizer não. Não os reproduzirei, numa análise minuciosa, mas também não posso deixar de assinalar alguns pontos essenciais.

Quando ela explodiu contra Cláudio, por exemplo, após o incidente das missões, primeiro foi lá dentro, demorou-se algum tempo. E, após a explosão, queixou-se de dor de dentes. Não era a primeira vez. Mas, por outro lado, em ocasiões anteriores, embora alegando essa dor, talvez para justificar o cheiro de álcool, não teve explosão alguma. De uma das vezes ficou até humilde e suplicante.

Lembro-me agora de uma de nossas conversas, em que ela disse, mais ou menos, estas palavras: "Você sabe que eu só faço isso quando estou com raiva ou quando..." E ficou na reticência. De outra vez, comentando a morte de Paulino Correia, perguntou, entre maliciosa e ingênua: "E cachaça mata assim, Márcio? Por que as pessoas não se dominam? Será que não há um remédio?" Ela então me tomou as mãos e apertou de modo bastante expressivo. O remédio a que se referia era para curar o vício. Mas, em outro comentário, ameaçando, em tom de troça, suicidar-se, adiantou, ainda se referidno à morte do Cabloco: "Eu já sei qual o remédio para a gente se matar".

Do conjunto de minhas observações, o que me parece possível avançar é que o álcool talvez seja uma de suas mentiras. Mentira contra si própria. Não é que não beba. Bebe, algumas vezes. Mas isso não explica o que ela faz. A cólera, que a inflama, é superior a tudo, independe daquele incentivo. Mas ela procura iludir-se, convencer-se de que somente se excede quando se encontra naquele estado. E depois se apavora, com medo de ser dominada e morta pelo vício.

Tenho também a impressão de que ela só procura o álcool no meio de suas grandes crises morais. Porque, nos primeiros tempos de nosso amor, sua conduta era exemplar. Só hesitei em desposá-la por causa do pai. Ela me parecia perfeita. E todas as informações de sua conduta, anterior à minha chegada, eram as mais elogiosas.

Quem sabe se, na Bahia, não ocorreu coisa semelhante, se não bebeu pela primeira vez, diante das aflições que sofreu? Quer-me parecer que o irmão é inteiramente viciado. Talvez esteja aí o caminho de tudo.

Lembro-me agora de nossa primeira conversa, em casa de Florêncio. Digo primeira, porque antes ela apenas me consultara, cerimoniosamente, sobre a situação do irmão preso. Em casa do escrivão, porém, começamos a enfrentar a nossa própria situação. Veio então o tal assunto das flores, que Pacatonha trazia e levava. Em certa altura, a moça exaltou-se e disse: "Aquela velha sem..." Ia evidentemente dizer sem-vergonha. Mas dominou-se. Havia um freio, que era o receio de desagradar-me, causar-me má impressão. E a crise também fora pequena. Foi a primeira amostra de ira que me deu. Mas passou-me quase desapercebida. É evidente que não bebia nessa época.

Também sou levado a crer, às vezes, que ela procure associar o álcool à encolerização, para depois, suprimindo aquele, eliminar esta.

E pode ser até que não queira nada, não tenha qualquer rumo ou intenção.

Mas, se entro por este caminho, terminarei por admitir que nada no mundo tem sentido, que somos todos arrastados por motivos insondáveis e contraditórios. E não desejo ir tão longe. Não pretendo afogar com estas explicações simplistas a torrente de interrogações que me inquieta.

Por mais que se anule nossa vontade, nos mistérios de nossa natureza, haverá sempre, em cada movimento pessoal, um traço que pode não ser de consciência e liberdade, mas é um particularismo e uma diferença. E isso basta para torturar a curiosidade dos homens.

É possível que ela beba por fraqueza e desespero. Só isso já seria uma explicação. Mas sei como ela realmente se encontrava.

Quando a acusei de estar embriagada, na última discussão, não se defendeu. Apenas assacou a mesma acusação contra minha mãe. De um certo modo - lembro-me bem - achou até natural que bebesse. O que queria era uma companhia, embora tirada de sua imaginação.

Mais grave do que tudo isso seriam certas palavras que proferiu, quando lhe falei da ameaça de Paulino Correia, contra o velho Cazuza. Ao saber que todas as providências estavam tomadas, e o Caboclo agonizava, ela perguntou: "Então ele não ataca mais a fazenda?" Mas aqui se trata, se assim me posso expressar, de uma maldade ingênua, de quem encontrara, nos recessos do coração, um desejo vago e longínquo de eliminar o obstáculo de seus melhores sonhos. Ora, não sendo ela uma criatura calculada e fria, mas, pelo contrário, um temperamento que só faz o mal através dos caminhos da cólera, aquelas palavras retrataram sem dúvida uma parte inofensiva de sua personalidade.

Tarde

Já agora o pensamento me arrasta para a análise de minhas próprias culpas. Sinto-me envergonhado de haver puxado o revólver para Fábio Noronha. A vergonha é tão grande, que eu estava hesitando em comentar a quixotada. Mas é necessário. Preciso ver-me livre, de vez, deste novo fardo.

Por que fiz isso? Com receio de ser agredido pelo pobre diabo? Pelo desejo de ofendê-lo?

Não, nada disso. Não sei julgar bem o meu próprio ato, que foi quase reflexo, mas tenho agora a impressão de que aquele aparato me pareceu necessário à solenidade do rompimento. À solenidade e à irrevogabilidade. O instinto escolheu este selo bastante bélico para consumar a separação. Confesso, pois, com a maior sinceridade, que não senti medo, não cheguei a considerar-me em perigo. Do mesmo modo que não tive a menor intenção de matar ou ferir.

Por falar no dentista, quero deixar anotado aqui um detalhe do seu perfil, que somente observei naquele momento. O bigode do homem não é estragado apenas pelos pedaços de cigarro que ele fuma. É também estaqueado pelos dentes. Como o desgraçado morde o bigode, em momentos de dificuldade! Deve ser também assim, na mesa do jogo.

E aqui vou parar! Não posso mais. A expectativa pela volta do Velho é tão grande, que sinto necessidade, a cada instante, de alongar os olhos pela estrada. O Alto Vermelho, lá longe, é uma espécie de mostrador dos viajantes que se aproximam. Mas ele até agora não falou, não deu sinal de que o Velho se aproximasse.

Noite

Nada do Velho.

Meu remédio é voltar a estas notas, encher o papel esvaziando o coração.

Sempre pensei que na mulher se perdoasse tudo, menos a infidelidade. Mas, qual! Existem muitas outras faltas que não podemos perdoar. O pior não é uma palavra áspera, um gesto brusco. É esse desequilíbrio permanente do humor, essa insegurança, essa ameaça. Para ela é que não encontro salvação.

Eu seria um hipócrita se dissesse que apaguei completamente aquela imagem no meu espírito. Por mais que procure eliminá-la, a verdade é que existem, fora de minha vontade, aqueles olhos, aqueles braços, aquela voz. É melhor calar. Existem as palavras de dizer e as de mentir.

Não me arrependo de nada. Se tivesse de recomeçar, se pudesse suprimir a razão mais forte, que me sufoca, faria o mesmo, ou pior ainda. Porque agora mesmo o faço, na imaginação. E os atos imaginados como já repeti tantas vezes, são os mais poderosos. Se minha decisão não fosse inabalável, se não houvesse, dentro de minha própria natureza, um obstáculo que nem a minha vontade teria forças de vencer. O casamento seria a menor. O que eu faria era afrontar todo mundo, insultar, provocar. Era amar no meio da rua, para escandalizar os meus conselheiros. Sim, vencestes, mas não pelos vossos motivos.

Sinto, porém, sem possiblidade de erro, que estou curado. Não vai nisso qualquer merecimento do meu caráter. É uma repulsa que vem de dentro, do mais profundo do meu ver. "Bobalhão, imbecil! Se pensa que foi o primeiro, está muito enganado. Era honra demais para um sujeito ordinário como tu." E o ar de desprezo, quase de nojo. Como pode aquela criatura ter desfrutado em meus braços os mais ardentes prazeres?

Pouco importa que não tivesse sido o primeiro, desde que me não iludisse. Mas ela fez o mais cruel, que foi destruir o orgulho íntimo, a satisfação generosa e profunda de havê-la tornado mulher. Esta

decepção - sinto perfeitamente - não tem um fundo egoísta. É uma integração elevada do meu ser no que de mais nobre existe na natureza.

"Nem isso foi capaz de conhecer".

Basta! Ou essa pena pára, ou terminarei destruindo tudo, queimando o esforço de tantos meses.

E isso seria como se queimasse a mim mesmo.

Sexta-feira, 25. Altas horas. Talvez 26

O velho Cazuza chegou ontem à noite. Digo ontem, porque acredito que já seja madrugada.

Eu já estava deitado e fingi que dormia. Mas acompanhava, calado, todos os seus movimentos. Ouvi o tropel dos animais, ao se aproximarem de casa, a voz do Capitão, na calçada, dando ordens a Zé André, a pisada das botas com o tilintar das esporas, tudo.

O quarto onde dorme o Velho fica parede-meia com o meu, mas, sem comunicação direta.

O Capitão pigarreou, suspirou, acendeu o cigarro. Até que se impacientou e disse:

- Parece que já estão dormindo.
- Quem está aí? - perguntei, cavilosamente.
- Sou eu. Cheguei há pedacinho.
- Tudo bem?
- Não senhor. Tudo mal.

Senti um sobressalto. Agora, quem já estava ansioso pela conversa era eu. Queria o resto das informações. Certamente a cidade estaria incendiada pelo escândalo, ou a moça ter-se-ia suicidado.

- Mal por quê? - perguntei aflito.
- Porque a moça se recusa a ir embora. Diz que não é nenhuma estrangeira nem criminosa, para ser deportada. O dentista, esse já estava pronto. Recebeu, até um adiatamentozinho, para tratar da mudança. Mas a moça fastou o pé atrás, e disse que não ia porque não queria. Não havia quem a tirasse dali. Foi à casa do compadre Gabriel e disse o diabo ao homem. Há muito tempo que o nosso chefe não achava quem lhe dissesse tanta coisa na cara.

O Velho parou de falar, como se refletisse. Riscou novamente o fósforo, chupou com força o seu cigarro de palha. Eu queria mais notícias:

- E... sobre o nosso rompimento, que foi que soube na cidade?
- É só em que se fala. A moça mesma disse ao Gabriel que estavam rompidos. Que o senhor a insultou. Ela não suportou o insulto e rompeu. Adiantou que o senhor não devia nada a ela. Que tudo era falação do povo, infâmia e calúnia. Mas que tudo estava acabado, de uma vez para sempre. Agora, sair de Lagoa, não saía, porque não

queria. Moça de gênio. Aquela sabe o que quer. Se fosse um homem, santo Deus. Mas, está bom. Também não se teve quase despesa.

Era evidente que esta certeza de estar tudo acabado, sem nada gastar, compensava, no coração de meu pai, o desapontamento de não conseguir deportar o dentista. Foi com euforia que ele disse que estava tudo acabado, "de uma vez para sempre". Esta expressão é dele, e não da moça.

O Velho atirou num canto de parede a ponta de cigarro. O estalido pareceu a queda de um inseto. Remexendo-se na rede, o Capitão tirou lá a sua conclusão:

- Agora é tocar a vida para diante. Trabalhar e tomar conta do que é seu. Pode-se arranjar um bom casamento, com u'a moça da terra. Até estive falando ao compadre Gabriel...

- Meu pai, por favor. Não admito sequer uma palavra neste sentido. Por que o senhor e o major Gabriel não mostraram seu poder e sua inteligência, conseguindo tirar aquela gente daqui? Se aquele velho quer vê/ como lhe corto até o cumprimento, ele que se meta a fazer casamento para mim!

- Que é isso, rapaz! Para que tanta brabeza! Eu falei por falar.

- Pois lhe peço que não fale mais, nem por falar. É um grande favor que o senhor me faz.

- Está bom, não se fala mais. Acabou-se.

O velho revirou-se na rede e, dentro de alguns minutos, já ressonava como um inocente. Para ele não havia mais problemas. O filho estava livre da ligação proibida. Seus bolsos não foram sangrados. Para que maior felicidade sobre a terra?

Eu é que me fiquei a balançar na rede, cigarro sobre cigarro, as correntes de ferro rangendo nos armadores. Foi tal o ruído, que o velho despertou e disse:

- Vai dormir, rapaz. O mundo não se acaba por isso.

Logo ele voltou a aquietar-se, saí cautelosamente e vim para a sala da frente, descarregar no papel o peso de minhas preocupações.

Que fazer agora?

Manhã

Meu mal foi julgar as coisas tão simples. Esperar que uma criatura como aquela, inteligente, altiva, senhora de seus atos, cheia de defeitos, mas Dona de sua vontade, se deixasse levar como um boneco, para o lugar que eu considerasse mais conveniente à minha comodidade. Mais uma vez, falhei em relação a ela. Pensei conhecê-la, e eis que ela me surpreende com um gesto que, bem examinado, está na lógica de sua personalidade.

"E agora, meu Nabuco?"- é a velha pergunta que se repete. Sujeito pau!

A resposta poderia estar nas palavras do velho Cazuza. É tocar a vida para diante, trabalhar, tomar conta do que é meu. E depois, arranjar um bom casamento com uma moça da terra.

Pode ser muito simples, muito cômodo, mas não é a minha solução. Não sei ainda o que quero, mas sei que não é isso.

Eu poderia estar muito satisfeito. Fui inocentado por ela, primeiro, perante mim mesmo, depois, em presença Gabriel Soares. "Agora é tocar a vida para diante", diz Cazuza Mamede. Mas isso não me satisfaz. O que eu queria era ser culpado, era dever-lhe tudo. Não para voltar a ela. Já estancou a fonte de minha fraquezas. O que eu queria era ter uma certeza, uma convicção. Quando ela cruzasse comigo, na cidade, quem havia de baixar os olhos era ela. Eu não podia esperar uma aventura tão estranha. O homem querer ser o autor, sofrer por isso, e a mulher negar, não admitir essa hipótese, como se fosse uma profanação, uma ofensa à sua dignidade!

Então, não fui eu! Quem seria? O tal namorado da Bahia, que ficou com a cara cortada de navalha? Ora, que ficasse. Isso não é nada, se ele tiver a certeza que eu não tenho. Sim, eu queria estar com a cara cortada de navalha; o que não queria era estar com o coração cortado de despeito.

Ontem, fui até tarde com estes pensamentos. Procurei escrever, escrever, mas logo vi que a inspiração da palavra escrita andava fraca. As idéias só davam mesmo para pensar. Tirei devagarinho a minha rede lá de dentro, para não acordar o Velho, e vim balançar-me cá fora, até de madrugada. Então, parece que dormi.

E agora, enquanto o Capitão dá as suas ordens matinais, faz barulho no curral, reclama o pouco rendimento do leite, volto para este caderno, a ver se do encontro da pena com o papel - desse ruído característico, único - me pode nascer uma idéia aceitável.

Noite

O Capitão está de cara amarrada. Parece que não gostou de minha reação aos seus intuitos casamenteiros. Certamente já trazia a moça no bolso, escolhida pelo compadre Gabriel.

Como não estou zangado com ele, mas apenas cheio de apreensões, resolvo puxar assunto.

- Que é que o senhor tem, meu pai? Algum serviço mal feito aí pela fazenda?

- Não, não tenho nada.

- Ora, quem não conhece a sua cara, quando está zangado?

- Para ser franco, não gostei da sua conversa de ontem à noite.

- Que conversa? Por que não aceito a noiva que Gabriel Soares quer me dar?

- Não, não é isso. Essa moça não vai embora, o senhor não se casa com outra. Não acha que isso é um perigo, que tudo pode recomeçar?

- Meu pai, se o senhor me conhecesse, se soubesse bem o que aconteceu, não teria qualquer receio. Mas, nem o senhor, nem ninguém neste mundo, a não ser eu, pode compreender este caso. É impossível recomeçar. Eu preferia dar um tiro na cabeça.

- Não diga isso, menino! Para que essas palavras?

- Porque o senhor ainda está duvidando.

- Eu estava, não posso negar. Mas, agora, não se duvida mais.

- O que tenho a lhe pedir agora - disse eu, rematando a conversa - é que me deixe pensar e resolver a minha situação.

- Mas não tem mais o que resolver, meu filho. Acabado está, acabado fica. É o senhor mesmo quem diz. Agora é trabalhar, cuidar de entreter-se no serviço, já que... que não pensa noutra moça. Na minha fraca opinião, o remédio era o casamento. Mas, não quer, acabou-se. Não se fala mais nisso.

Domingo, 27

Eu até já estava estranhando. Ainda não tivera um daqueles pesadelos mortais, que me deixam aniquilado, como se fossem a mais dura das realidades. Aliás, nunca é um pesadelo só; são muitos, insistentes, entrelaçados.

A princípio, era como se houvesse uma confusão entre o tempo e o espaço. As horas começavam a depositar-se na minha cabeça, pesadas, impiedosas. Eu reclamava, dizia que ali não havia mais espaço para as horas. Mas um gigante de barbas longas - o mesmo que sempre me aparece nos sonhos, representante do Tempo - abria-me a cabeça a marteladas, e haja lançar horas dentro de meu crânio. Eu não suportava, chegava quase a acordar. Mas, estremunhado, notava cá fora, no mundo real, que o problema era mais sério e angustiante. Era o problema do meu despeito, da minha incerteza, da minha revolta. E resolvia então, como se tudo dependesse de minha vontade, entregar-me ao outro martírio, o de ser campo de batalha, na disputa entre o tempo e o espaço.

Estou procurando dar uma idéia, a mais clara possível, da angústia por que passei. Não há termos bastante apropriados para descrever certos sonhos. A toda e qualquer palavra corresponde sempre uma certa realidade, por mais abstrata que seja essa palavra. Mas os sonhos são feitos de material diverso, inacessível, insondável. Para eles seria necessária uma língua diferente.

Agora, meu corpo todo era recortado de navalha. Mas, das feridas, em lugar de sangue e dor, corriam flores e bálsamos. Eu sorria e cantava. No meio dessa sensação, encontrava-me na Bahia, e eis que um mancebo me arrancava as flores, os bálsamos e as feridas.

- Isso é meu! - dizia ele.

E tirava-me bruscamente tudo. Eu procurava reagir, mas não encontrava recursos. Tentava persegui-lo, mas as pernas se negavam a conduzir-me. Acordava, voltava a dormir.

Eis a terceira e última aflição de que tenho memória mais nítida. O resto é informe, indescritível.

O quarto onde eu dormia era um enorme quadro-negro, onde estavam escritas, como se fossem equações resolvidas, as várias fases de minha vida. Os números eram ao mesmo tempo números e paisagens. Ali estava a cheia do rio, com o rapagão se atirando à correnteza. Adiante, a palmatória de Sobral. As vacas de osso, o Colégio, o Liceu, a Faculdade, Paulino Caboclo, o vermelhinho Honório (Honório ainda sorria!), tudo se encontrava desenhado. Às vezes uma das imagens procurava tomar o lugar de outra, passar para o primeiro plano. E lá vinha a filha do dentista, com ar zombeteiro: "Era honra demais para um sujeito ordinário como tu". De repente, nada disso era paisagem, nem pessoa. Tudo eram números. E eu tomava decididamente de uma esponja, para apagar tudo, começar a vida de novo. Os números resistiam, resistiam, mas afinal cediam. Apenas um ficava, desedenhoso, hostil. "Era honra demais..."

Eu então cerrava os punhos, esmurrava aquele número insolente. Esmurrava-o, até quebrar o quadro-negro, que neste momento era o próprio mundo. E da tábua arrebentada saía-me uma linda paisagem - o Recife. Eu tornava a cerrar os punhos, batia, batia...

Procurava esmagar o passado, recomeçar tudo, e não podia.

- O que é isso, rapaz?! Está esmurrando as paredes?!

Era o Velho que falava, a lamparina acesa diante de meus olhos.

- Um pesadelo horrível, meu pai. Estou com a cabeça ardendo. Os dedos até parece que estão quebrados.

- Vamos lá ver um caché. O senhor precisa é de voltar para a cidade e cuidar de sua vida. O trabalho é a melhor distração.

Foi lá dentro, trouxe o comprimido e água.

Dormi até oito horas, sem novas perturbações.

Logo que despertei, disse ao velho Cazuza:

- Meu pai, eu vou embora para o Recife.

- Como, meu filho! Que resolução maluca é essa? Você tem coragem de me deixar no fim da vida?!

- Não há remédio, meu pai. Sinto profundamente, mas não posso ficar aqui. Vou liquidar todos os meus negócios de advocacia, entregar as causas em andamento a outros advogados. Meu coração me diz que eu não serei feliz na minha terra. Vou apressar todas as providências. Dentro de duas semanas, quero estar longe. Abrirei logo escritório, depois tentarei um concurso para a Faculdade. O senhor vai-me ajudando, nos primeiros tempos.

- Nem é preciso isso, meu filho. Você tem com que viver de

sobra, até sem trabalhar. O que é seu, está guardado e bem conservado. E o que é meu também é seu. Eu não queria era que você fosse...

- É impossível ficar, meu pai. Peço que me perdoe. Eu não sou o filho que o senhor merecia.

Os olhos do Velho estavam cheios de lágrimas. Ele limitou-se a dizer:

- Seja feita a vontade de Deus.

Este livro teve sua impressão concluída em
dezembro de 1994,
ano que assinala o 6° aniversário de criação
desta Fundação;
o 83° aniversário do nascimento e o 8° aniversário do falecimento
do Ministro Ernani Sátyro;
o centenário de nascimento de Sebastião Francisco Fernandes
(★Alagoa Nova (Pb) - †Patos (Pb));
o 162° aniversário da emancipação política dos Patos
e o 91° aniversário de sua elevação à categoria de cidade;
o 40° aniversário do lançamento da 1a. edição do romance
O Quadro-Negro, de autoria de Ernani Sátyro;
o 80° aniversário do aparecimento do
Dicionário Corográfico do Estado da Paraíba,
de Coriolano de Medeiros;
o 60° aniversário do lançamento do romance *Os brutos*
e o 40° aniversário do lançamento do livro de ensaios *Carneiros cinzen*
ambos de autoria do escritor Alírio Meira Wanderley;
o centenário de nascimento de Oswaldo Aranha;
o centenário de nascimento do escritor Aníbal Machado;
o 40° aniversário do desaparecimento do Presidente Getúlio Vargas
(24 de agosto de 1954).